



Tove  
Ditlevsen

# A Trilogia de Copenhaga

Infância • Juventude • Relações Tóxicas

Tradução de João Reis



«Uma crónica para  
os marginalizados  
maravilhosamente  
escrita, resiliente  
e empática.»

**PATTI SMITH**





Tove Ditlevsen



A TRILOGIA DE COPENHAGA

Infância

Juventude

Relações Tóxicas

Traduzido do dinamarquês por

João Reis

# Ficha Técnica

Título: A Trilogia de Copenhaga - Infância; Juventude; Relações Tóxicas

Título original: Barndom; Ungdom; Gift

Autor: Tove Ditlevsen

Edição: Cecília Andrade

Tradução: João Reis

Revisão: Clara Joana Vitorino

ISBN: 9789722075558

Publicações Dom Quixote

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

A publicação desta tradução teve o apoio da Danish Arts Foundation.

Edição portuguesa © Publicações Dom Quixote, 2022

Barndom © Tove Ditlevsen & Hasselbalch, Copenhaga, 1967.

Publicado por acordo com Gyldendal Group Agency.

Ungdom © Tove Ditlevsen & Hasselbalch, Copenhaga, 1967.

Publicado por acordo com Gyldendal Group Agency.

Gift © Tove Ditlevsen & Gyldendal, Copenhaga, 1971.

Publicado por acordo com Gyldendal Group Agency.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

[www.leya.pt](http://www.leya.pt)

# Índice

## Capa

## Ficha Técnica

## INFÂNCIA

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

## JUVENTUDE

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

## **RELAÇÕES TÓXICAS**

### **Primeira Parte**

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

### **Segunda Parte**

1

2

3

4

5

6

7



INFÂNCIA



De manhã, havia esperança. Pousava como um reflexo fugidio no cabelo preto e lustroso da minha mãe, no qual nunca me atrevia a mexer. Pousava também na minha língua, juntamente com o açúcar e as papas de aveia mornas que eu mastigava, com vagar, enquanto observava as mãos esguias e entrelaçadas da minha mãe, imobilizadas no jornal, mãos pesadas que ocultavam as notícias sobre a gripe espanhola e o Tratado de Versalhes. O meu pai saía cedo para trabalhar, o meu irmão estava na escola. A minha mãe ficava a sós, embora eu estivesse lá, e, se eu me conservasse quieta e não dissesse nada, a calma remota resguardada no seu coração inescrutável poderia prolongar-se até ao fim da manhã, e ela poderia sair para fazer compras na Istedgade como uma dona de casa normal.

O sol refulgia sobre a carroça verde como se a luz proviesse do seu interior, e o Hans-Sarnento saía de lá de dentro em tronco nu e com uma bacia de água nas mãos. Depois de verter a água sobre o corpo, estendia a mão em busca da toalha, que a Lili-Linda lhe dava de imediato. Não trocavam uma só palavra entre eles, como se fossem ilustrações dispostas em páginas de um livro que se folheasse muito depressa. Tal como a minha mãe, alterar-se-iam daí a poucas horas. O Hans-Sarnento pertencia ao Exército de Salvação e a Lili-Linda era sua namorada. No verão, enfiavam uma catrefada de criancinhas na carroça verde e lá iam eles para o campo. Os pais pagavam uma coroa por dia para que lhes cuidassem dos filhos durante as férias. Eu também os acompanhara uma vez, tinha eu três anos e o meu irmão sete. Mas, naquela época, já era uma mulherzinha de cinco anos, e dessa viagem ao campo só me lembrava que a Lili-Linda me tinha em certa ocasião tirado da carroça e pousado na areia quente, que eu julgara ser parte de um deserto. Em seguida, a carroça verde tinha-se afastado,

encolhendo cada vez mais – dentro dela estava o meu irmão, e nunca mais o veria, nem a ele nem à minha mãe. Todas as crianças regressavam a casa com sarna. Era por isso que o Hans-Sarnento tinha aquela alcunha. No entanto, a Lili-Linda não era nada linda. Mas a minha mãe era linda, sim, era linda naquelas manhãs estranhas e felizes em que eu a deixava em paz. Linda, intocável, solitária, e guardava dentro dela pensamentos secretos que eu jamais conheceria. Atrás dela, no papel de parede florido – remendado pelo meu pai com fita-cola castanha – estava pendurado o retrato de uma mulher a olhar pela janela. No chão, atrás dela, havia um berço com um bebé. Abaixo da pintura estava escrito o seguinte: *Mulher espera que o marido regresse do mar*. Por vezes, a minha mãe olhava de repente para mim e seguia o meu olhar até ao quadro, que eu considerava terno e triste. Contudo, a minha mãe irrompia então numa gargalhada cujo som mais parecia o de muitos sacos de papel cheios de ar a rebentarem ao mesmo tempo. O meu coração batia de angústia e dor, porque quebráramos o silêncio do nosso mundo, mas ria-me com ela, porque me via aprisionada pela mesma alegria soturna que a minha mãe. Ela arrastava a cadeira para o lado, levantava-se e punha-se à frente do quadro com a sua camisa de noite encorilhada e de mãos nas ancas. Depois, com uma voz cristalina e atrevida de menina que não se lhe adequava tão bem quanto a voz que usaria para se expressar mais tarde, quando começava a regatear preços nas lojas, cantava:

Queres ver que não posso cantar  
o que me dá na gana ao meu rico Tulle?  
*Visselulle, vissehlulle, vissehlulle,*  
afasta-te da janela, meu querido,  
regressa noutra altura, não venhas agora.  
Porque o gelo e o frio trouxeram de volta  
a casa o velho vagabundo malcheiroso.

Não gostava da canção, mas tinha de me rir alto, porque a minha mãe cantava-a para me animar. Mas, em boa verdade, eu é que tinha culpa de passar por tais confrangimentos, porque ela jamais olharia para mim se eu não me perdesse em contemplações ao observar o quadro. Caso me coibisse de o fazer, ela continuaria sentada e de mãos entrelaçadas e calmas e de olhos – implacáveis, belos – postos na terra de ninguém que nos separava.

O meu coração poderia ainda ter sussurrado «mãe» por algum tempo, e eu saberia que ela me ouviria de algum modo, por mais bizarra que tal possibilidade pudesse ser. Tê-la-ia deixado a sós por muito tempo, para que, sem palavras, ela dissesse o meu nome, sabendo assim que estávamos ligadas uma à outra. Um sentimento semelhante ao amor encheria, então, o mundo inteiro, e o Hans-Sarnento e a Lili-Linda aperceber-se-iam desta mudança e continuariam a ser ilustrações coloridas num livro. No entanto, a realidade não era essa, e eles começavam a discutir e a gritar e a puxar o cabelo um do outro logo que a canção terminava. E de imediato se ouviam brados raivosos nas escadas, uma vozeria que entrava à força na sala de estar, e eu prometia a mim mesma que no dia seguinte fingiria que aquele maldito quadro pendurado na parede nem sequer existia.

Quando a esperança se via assim grosseiramente despedaçada, a minha mãe vestia-se com gestos bruscos e irritados, como se cada peça de roupa fosse um insulto à sua dignidade. Eu também tinha de me vestir, e o mundo era frio e perigoso e assustador porque a fúria sinistra da minha mãe levava sempre a que, no fim, me esbofeteasse ou me empurrasse contra o fogão a lenha. Era, a meu ver, uma desconhecida, um ser estranho, e acreditava inclusive que me tinham trocado à nascença e que ela não era a minha verdadeira mãe. Quando acabava de se vestir, olhava-se ao espelho do quarto, e cuspiam num papelinho de seda cor-de-rosa que depois esfregava com força nas faces. Eu transportava as canecas para a cozinha, e dentro de mim palavras compridas e misteriosas começavam a rastejar sobre a minha alma como uma membrana de proteção. Uma canção, um poema, algo reconfortante e rítmico e deveras melancólico, mas nunca perturbador ou triste, pois sabia que o resto do meu dia seria perturbador e triste o suficiente. Quando estas ondas leves de palavras me percorriam, sabia que a minha mãe não mais me poderia magoar, pois perdera toda a importância. A minha mãe também estava ciente disto, e os olhos enchiam-se-lhe de uma hostilidade fria. Nunca me batia quando eu me encontrava nesse estado de espírito, mas também não me dirigia a palavra. A partir desse momento, e até à manhã seguinte, só os nossos corpos se mantinham próximos. E, apesar do pouco espaço disponível, evitavam ao máximo qualquer contacto um com o outro. A mulher do marinheiro pendurada na parede continuava a esperar o marido, mas a minha mãe e eu não precisávamos nem de homens nem de rapazes no nosso mundo. A nossa felicidade, estranha e fragilíssima,

só florescia quando estávamos sozinhas e, quando deixei de ser uma criança, esta felicidade nunca mais reapareceu, exceto em raras ocasiões que, contudo, se me tornaram preciosíssimas, porque a minha mãe já morreu e não resta ninguém que possa contar a sua história.

No fundo da minha infância está o meu pai. A rir-se. É negro e velho como a nossa salamandra, mas não tem nada de assustador. Nada do que sei acerca dele é segredo, e se quiser saber mais, ora, basta-me perguntar-lhe. Nunca me interpela por sua própria iniciativa, porque não sabe o que dizer a meninas pequenas. De vez em quando, dá-me umas palmadinhas na cabeça e ri-se: ah, ah. Nessas ocasiões, a minha mãe torce a boca num esgar de desagrado e ele depressa retrai a mão. O meu pai goza de alguns privilégios porque é homem e sustenta toda a família. A minha mãe vê-se, por conseguinte, obrigada a engolir sapos, mas não é por isso que deixa de protestar. Bem que te podias sentar como uma pessoa normal, diz-lhe ela, recriminando-o, quando o vê deitado no sofá. E quando o apanha a ler um livro, não há vez em que não diga: As pessoas que leem dão em tolinhas. Os livros só têm mentiras dentro. Ao domingo, o meu pai toma uma cervejinha, e a minha mãe diz: Custam 26 centavos cada uma. Se continuares assim, acabamos em Sundholm. Embora saiba que em Sundholm temos de dormir na palha e nos dão a comer arenque fumado três vezes ao dia, o nome passa a formar parte das frases que escrevo quando me assusto ou fico sozinha, porque é tão bonito quanto uma das ilustrações dos livros do meu pai, de que gosto muitíssimo. O livro intitula-se *A Família de Trabalhadores numa Excursão*, e representa um pai e uma mãe com os dois filhos. Riem-se enquanto comem o farnel sentados num relvado bem verdinho. Todos os quatro olham para uma bandeira cravada na relva, junto à cabeça do pai. A bandeira é toda ela vermelha. Vejo sempre a imagem virada ao contrário, porque só o posso fazer quando o meu pai lê o livro. Nessa altura, a minha mãe acende a luz e fecha as cortinas amarelas, embora ainda não tenha escurecido. O meu pai podia ser um pulha e um grande borrachão, diz ela,

mas pelo menos não era socialista. O pai continua a ler imperturbável, porque está um pouco surdo, algo que, de resto, não é segredo para ninguém. O meu irmão Edvin crava pregos numa tábua de madeira, para em seguida os arrancar com uma pinça. Um dia, será um operário qualificado. Não é coisa de somenos. Os operários qualificados põem a mesa com uma toalha a sério, não com jornais velhos, e comem com talheres. Nunca ficam desempregados e não são socialistas. O Edvin é bonito, eu sou feia. O Edvin é esperto, eu sou estúpida. São verdades eternas e imutáveis como as impressas em letras brancas na fachada da padaria mais ao fundo da rua. Dizem o seguinte: «O melhor jornal da Dinamarca? É o *Politiken*, com certeza!» Um dia, perguntei ao meu pai porque, sendo o *Politiken* o melhor jornal da Dinamarca, lia o *Socialdemokraten*, mas ele franziu o cenho e pigarreou. A minha mãe e o Edvin riram-se a bom rir, porque eu era estúpida como um seixo.

A sala de estar é uma ilha de luz e calor nas milhentas noites que ali passamos os quatro, tal como passam os robertos de papel no teatro de marionetas que o meu pai recortou segundo um tutorial publicado no *Familie Journalen*. É sempre inverno e lá fora, no mundo, está tanto frio quanto no quarto e na cozinha. A sala de estar navega por entre o tempo e o espaço, e o fogo ruge e bufa dentro da salamandra. Apesar de o Edvin fazer uma barulheira com o martelo, o ruído causado pelo meu pai a cada virar de página parece ainda mais forte. Quando está há já muito tempo a folhear o livro, o Edvin olha para a mãe com os seus grandes olhos castanhos e pausa o martelo. E se cantasses um cantiga, mãe?, sugere. Sim, boa ideia, responde ela toda sorridente, e o meu pai apoia de imediato o livro à barriga e fita-me como se me quisesse dizer alguma coisa. Contudo, o meu pai e eu nunca diremos um ao outro aquilo que de facto queremos dizer. O Edvin apressa-se a dar à minha mãe o único livro que ela tem e aprecia. Trata-se de um livro de canções marciais. Acerca-se da mãe enquanto ela o folheia e, embora não se toquem, como é óbvio, estão próximos de uma maneira que nos exclui, a mim e ao pai. O meu pai adormece com as mãos entrelaçadas sobre o livro proibido assim que a minha mãe começa a cantar. A minha mãe canta com uma voz forte e estridente, como se se distanciasse das palavras que vai entoando:

Mãe? És tu, mãe?

Parece-me que choraste!

Caminhaste muito, deves estar cansada.

Não chores, mãezinha: eu sou feliz, acredita.

Obrigado por teres vindo, apesar de todo este horror.

Todas as canções da minha mãe têm muitos versos, tantos que ainda não acabou a primeira e já o Edvin pegou de novo no martelo e o meu pai ronca alto. O meu irmão pediu-lhe que cantasse para aplacar a fúria que as leituras do meu pai lhe provocam, a ela. Ele é rapaz, e os rapazes não gostam das cantigas que fazem chorar se as ouvirmos com atenção. Como a minha mãe também não gosta de me ver chorar, fico com um nó na garganta enquanto olho de soslaio para a ilustração do livro, onde, no campo de batalha, o soldado moribundo estende uma mão à aparição radiante da sua mãe, que não sei se está mesmo ali ou não. Todas as canções do livro falam de coisas parecidas e, enquanto a minha mãe as canta, posso fazer o que me apetece, porque se embrenha tanto no seu mundo que nada fora dele a incomoda. Nem sequer ouve a barulheira no andar de baixo, quando os vizinhos começam a discutir e a agredir-se. No andar de baixo, mora a Rapunzel, a rapariga com a comprida trança loira, juntamente com os pais, que ainda não a venderam à bruxa em troca de um ramo de campânulas. O meu irmão é o príncipe e ignora que em breve cairá da torre e ficará cego. Crava pregos na sua tábua de madeira e é o orgulho da família. É para isso que servem os rapazes, ao passo que as raparigas servem apenas para casar e ter filhos. Há que sustentar as meninas, e elas que nem pensem em esperar o que quer que seja da vida. O pai e a mãe da Rapunzel trabalham na Carlsberg, e cada um bebe umas cinquenta cervejas por dia. Também bebem à noite, já em casa, e pouco antes de me deitar começam a gritar e a bater na Rapunzel com um pau dos grandes. Ela aparece sempre na escola com nódoas negras na cara ou nas pernas. Quando se cansam de a sovar, atiram-se um ao outro armados de garrafas e pernas de cadeira partidas, e a polícia vem cá muitas vezes para levar um deles à esquadra – só então temos sossego no prédio. Nem a minha mãe nem o meu pai gostam da polícia. Achem que os pais da Rapunzel têm todo o direito a matar-se em paz, se é isso que querem. Fazem o trabalho sujo aos mandachuvas, diz o meu pai sobre a polícia, e a minha mãe falou-nos muitas vezes do dia em que os guardas levaram o avô para a



cadeia. Nunca o esquecerá. O meu pai não bebe e nunca esteve preso. Os meus pais não andam à pancada, e eu vivo muito melhor do que eles quando tinham a minha idade. Ainda assim, o medo ensombra-me os pensamentos quando por fim se faz silêncio e tenho de me deitar. Boa noite, diz a minha mãe antes de fechar a porta do meu quarto e regressar ao conforto da sala quente. Dispo o vestido, o saiote de lã, o corpete e as meias pretas, compridas, que me oferecem todos os Natais, enfio a camisa de noite pela cabeça e sento-me um bocadinho à janela para ver o pátio escuro bem lá em baixo, e a fachada do prédio da frente, que chora sempre como se tivesse chovido. Raras vezes vejo luzes acesas às janelas, porque o prédio em frente é um dormitório, e nenhuma pessoa de bem dorme com a luz acesa. Entrevejo, entre as fachadas, um quadradinho de céu, no qual brilha, em certas ocasiões, uma estrela solitária. Chamo-lhe estrela da noite e penso nela com todas as minhas forças quando a minha mãe apaga a luz e, deitada na cama, vejo como as pilhas de roupa atrás da porta se transformam em braços compridos e retorcidos que me tentam apertar o pescoço. Tento gritar, mas não consigo soltar mais do que um sussurro débil, e quando, por fim, me sai o grito, eu e a cama estamos empapadas em suor. O meu pai surge à porta e a luz está acesa. Foi só um pesadelo, diz ele, também me acontecia muito em criança. Mas, claro, eram outros tempos. Observa-me, pensativo, parece-me que não considera apropriado que uma menina com uma vida tão facilitada quanto eu tenha pesadelos. Sorrio-lhe com timidez, em jeito de desculpa, como se o grito não houvesse passado de uma parvoíce. Puxo o edredão até ao queixo, porque um homem não deve ver uma menina em camisa de noite. Pronto, diz ele. Apaga a luz e vai-se embora, levando – de algum modo – o medo com ele, porque adormeço tranquilamente e a roupa atrás da porta não é mais do que um monte de trapos velhos. Durmo e sonho que me afasto da noite que passa diante da janela com a sua horda de terror, maldade e perigos vários. Ali ao longe, na Istedgade, tão luminosa e animada durante o dia, ouvem-se as sirenes dos carros da polícia e das ambulâncias enquanto descanso, protegida e escondida, debaixo do edredão. Os bêbedos estão estendidos nos passeios com a cabeça rachada e ensanguentada, e matam-te se entrares no Café Charles. É o que diz o meu irmão, e tudo o que ele diz é verdade.



Já tenho quase seis anos e em breve serei matriculada na escola, porque já sei ler e escrever. A minha mãe conta-o cheia de orgulho a quem a quiser ouvir. Diz assim: Os filhos dos pobres também têm cabecinha. Será que gosta de mim, apesar de tudo? A minha relação com ela é tensa, dolorosa e instável, e tenho de procurar continuamente sinais do seu amor. Tudo o que faço, faço para lhe agradar, para a fazer sorrir, para aplacar a sua fúria. É um trabalho esgotante, porque às vezes tenho de lhe ocultar muitas coisas. Algumas destas coisas, ouço-as à socapa, ao passo que outras as leio nos livros do meu pai, e outras ainda fico a saber pelo meu irmão. Há não muito tempo, a minha mãe esteve internada no hospital, e deixaram-nos aos dois em casa da tia Agnete e do tio Peter. São a irmã da minha mãe e o respetivo marido, que é rico. Disseram-me que a minha mãe estava mal da barriga, mas o Edvin desfez-se a rir e contou-me que a mãe tinha «desabortado». Levava na barriga um bebé morto, e tinham-na aberto junto ao umbigo para lho tirar de dentro. Era um mistério, uma coisa aterradora. Quando a mãe regressou do hospital, o balde da esfregona que guardamos debaixo do lava-loiça aparecia todos os dias cheio de sangue. Ocorre-me uma imagem sempre que penso nisso. Uma ilustração retirada dos contos de Zacharias Nielsen, que representa uma mulher linda com um vestido vermelho comprido. Tem uma mão pálida e delicada abaixo do peito e diz a um cavalheiro vestido com grande elegância: Carrego uma criança debaixo do coração. Nos livros, estas frases soam bonitas e pouco sujas, e isso acalma-me e reconforta-me. O Edvin diz-me que na escola me vão chegar a roupa ao pelo, porque sou muito estranha. Sou estranha porque leio livros, como o meu pai, e porque não sei brincar. No entanto, não tenho medo no dia em que cruzo a porta vermelha da escola da Enghavevej de mão dada com a

minha mãe, porque nos últimos tempos me fez sentir pela primeira vez que sou um ser único. Traz vestido o casaco novo, com lapelas de pele e um cinto. Tem as faces coradas do papel de seda, os lábios também, e pintou os olhos, as pálpebras mais parecem dois peixinhos de cauda apontada para as têmporas. Tenho a certeza de que nenhum outro aluno tem uma mãe tão bonita. Trago vestidas roupas do Edvin reajustadas, mas ninguém o nota, porque quem fez o trabalho de costura foi a tia Rosalia. É costureira, e gosta do meu irmão e de mim como se fôssemos filhos dela. Não tem nenhum.

Quando entramos no edifício, que parece deserto, vem-me logo um cheiro ácido ao nariz. Sinto um aperto no peito assim que o reconheço, porque é o cheiro do medo, que me é tão familiar. A minha mãe também o sente de imediato, porque me solta a mão ao subirmos as escadas. No gabinete da diretora somos recebidas por uma senhora que é tal qual uma bruxa. Traz o cabelo esverdeado preso num puxo no alto da cabeça. Só usa óculos num olho, às tantas a outra lente partiu-se-lhe. Aperta de tal modo os lábios que é quase como se nem tivesse boca, e acima deles tem uma narigueta enorme e porosa com uma ponta de um vermelho-vivo. Ora bem, diz ela sem mais divagações, então chamas-te Tove? Sim, responde a minha mãe, a quem não se digna a lançar um só olhar, e muito menos a oferecer uma cadeira, e já sabe ler e escrever sem dar erros ortográficos. A senhora olha-me como se me tivesse encontrado debaixo de uma pedra. Que pena, diz ela com frieza, aqui temos o nosso próprio método para ensinar as crianças a ler. Coro, como acontece sempre que sou motivo de humilhação para a minha mãe. Lá se foi o meu orgulho, perdi a breve alegria de ser uma menina excecional. A minha mãe afasta-se um pouco de mim e, confusa, diz: Aprendeu sozinha, não temos culpa. Olho para ela e percebo, nesse instante, várias coisas: é mais baixa do que outras mulheres, mais jovem do que outras mães, e há para lá da nossa rua um mundo que a assusta. E quando estamos as duas assustadas, ela ataca-me pelas costas. Diante da bruxa, reparo também que as mãos da minha mãe cheiram a água de lavar a loiça. É um cheiro que odeio e, quando saímos da escola em silêncio absoluto, o coração enche-me daquele caos de fúria, tristeza e compaixão que a minha mãe desperta em mim a partir desse momento e para todo o sempre.



Existem, contudo, certos factos. São rígidos e inamovíveis como os candeeiros públicos na rua, mas esses pelo menos sofrem uma transformação à noite, quando um senhor os acende com a sua varinha mágica. Nessa altura, reluzem como grandes girassóis ternos na fronteira estreita que separa noite e dia, onde as pessoas deambulam tão lentas e silenciosas como se caminhassem no fundo verde do mar. Os factos, por outro lado, nem reluzem nem conseguem inquietar os espíritos lúcidos como o faz a *Ditte Filha-do-Homem*, um dos primeiros livros que leio. É um romance social, explica-me o pai, e embora esta descrição seja, quiçá, um facto, é algo que não me diz nada nem me faz falta nenhuma. Parvoíces, diz a minha mãe, que também não é grande apreciadora de factos, embora lhe seja mais fácil esquecê-los do que a mim. Nas raras vezes em que o meu pai se aborrece a sério com ela, acusa-a de ser uma grande mentirosa, mas eu sei que isso não é bem assim. Sei que cada pessoa tem a sua verdade, tal como cada criança tem a sua infância. A verdade da minha mãe é completamente diferente da do meu pai, mas isso é tão óbvio quanto ele ter os olhos castanhos e ela os ter azuis. Por sorte, o mundo é de tal maneira que podemos calar as verdades do coração, ao passo que os factos, cinzentos e rigorosos, aparecem nos boletins de notas escolares, na História universal, nas leis e nos registos paroquiais. Ninguém os pode alterar e ninguém se atreve a fazê-lo, nem sequer Deus Nosso Senhor, que me custa tanto distinguir do primeiro-ministro Stauning, embora o meu pai me diga que não devo acreditar em Deus, porque os capitalistas o usaram sempre contra os pobres.

Os factos são estes:

Nasci a 14 de dezembro de 1918, num pequeno apartamento do bairro de Vesterbro, em Copenhaga. Morávamos no número 30T da Hedebygade, e este T significa que era um apartamento nas traseiras do prédio. Nas casas que davam para a rua moravam pessoas mais finas, embora os apartamentos fossem iguais ao nosso; o certo é que pagavam mais duas coroas de renda do que nós. Foi no ano em que a Grande Guerra acabou e começaram a aplicar a jornada de oito horas. O meu irmão Edvin nasceu no início da guerra, e nessa altura o meu pai trabalhava dozes horas por dia. Era fogareiro e tinha sempre os olhos avermelhados por causa das fagulhas. Quando nasci, ele tinha trinta e sete anos, e a minha mãe era dez anos mais nova. O meu pai tinha nascido em Nykøbing Mors. Era filho ilegítimo e nunca soube quem era o pai. Quando tinha seis anos, puseram-no a pastorear gado, e por essa altura a mãe dele casou-se com um oleiro chamado Floutrup. Com o oleiro, teve nove filhos, mas nada sei de todos esses meios-irmãos, porque nunca os vi, e o meu pai nunca falou deles. Cortou relações com a família aos dezasseis anos, quando veio para Copenhaga. Tinha o sonho de ser escritor, e no fundo nunca o chegou a perder por inteiro. Arranjou trabalho como aprendiz num jornal qualquer, mas acabou por desistir do emprego por motivos que desconheço. Nada sei, de resto, dos dez anos que passou em Copenhaga até, tinha ele vinte e seis, conhecer a minha mãe numa padaria na Tordenskjoldsgade. Ela tinha dezasseis anos e atendia os clientes ao balcão da padaria, onde o meu pai trabalhava como ajudante de padeiro. Tiveram um noivado que nunca mais acabava, que o meu pai rompeu várias vezes por achar que ela lhe fazia demasiadas trapaças. De minha parte, penso que, na maioria, foram só brincadeiras inofensivas. O problema é que eram duas pessoas tão diferentes uma da outra que mais pareciam vir de realidades paralelas. O meu pai era melancólico, sério e demasiado moralista, e a minha mãe era – pelo menos na juventude – alegre e frívola, desleixada e vaidosa. Trabalhou em várias casas, e despedia-se sem mais nem menos sempre que alguma coisa não lhe agradava tanto; por conseguinte, o meu pai tinha de lhe ir buscar a caderneta de referências e o baú, e transportá-los numa bicicleta com bagageira até ao novo local de trabalho, onde ela não demorava muito a encontrar alguma coisa que não lhe agradava. Uma vez, confessou-me que nunca tinha estado numa casa o tempo suficiente para cozer um ovo.

Eu tinha sete anos quando a desgraça se abateu sobre nós. A minha mãe

acabara de me tricotar uma camisola de malha verde. Experimentei-a e achei-a bonita. Perto das quatro da tarde, saímos para nos encontrarmos com o pai quando ele saísse do trabalho. Ele trabalhava na Riedel & Lindegaard, situada na Kingosgade, desde que eu nascera. Chegámos um pouco adiantadas e comecei a dar pontapés aos montes de neve meio derretida acumulados na borda do passeio, enquanto a minha mãe esperava apoiada à cerca verde. Quando o pai apareceu, o meu coração começou a bater desalmadamente. Trazia uma cara acinzentada, estranha, diferente. A minha mãe correu ao encontro dele. Ditlev, disse ela, o que aconteceu? Ele olhou para o chão. Fui posto no olho da rua, respondeu. Na altura, não percebi o que significava aquela expressão, mas soube de imediato que dava conta de uma desgraça irreparável. O meu pai já não tinha trabalho. Acabava de nos acontecer aquilo que só podia acontecer aos outros. A Riedel & Lindegaard, que até então fora a origem de todos os nossos bens, incluindo os cinco centavos intocáveis que me davam aos domingos, transformara-se num dragão maléfico e tenebroso que atirara o meu pai para a rua numa bola de fogo, sem se importar com o destino dele, connosco, e com a minha nova camisola verde. Fizemos todo o caminho de volta a casa em silêncio.

Tentei dar a mão à minha mãe, mas ela afastou-me o braço com brusquidão. Quando entrámos na sala de estar, o meu pai fitou-a com ar de culpado: Bem, disse ele enquanto cofiava o bigode preto com dois dedos, ainda temos subsídio para bastante tempo. Tinha quarenta e três anos, era demasiado velho para voltar a encontrar um emprego estável. Fosse como fosse, lembro-me de um dia nos acabar a ajuda do sindicato, só nos restando recorrer à beneficência. Discutiram o problema em sussurros quando o meu irmão e eu já estávamos deitados, porque era uma vergonha enorme, comparável a ter piolhos ou estar internado no hospício. As pessoas a cargo da beneficência perdiam o direito ao voto. Não é que passássemos fome e não tivéssemos nada que levar à boca, mas é certo que conheci aquele apetite constante que desperta o cheiro a jantares fartos saído de casas desafogadas depois de sobreviver vários dias à base de café e bolos de creme já secos, daqueles com que dava para encher uma mochila da escola a troco de vinte e cinco centavos.

Era eu quem os ia comprar. Às seis da manhã de domingo, a minha mãe acordava-me e, bem escondida debaixo do edredão da cama de casal, dava-

me as devidas ordens enquanto o meu pai ainda dormia ao seu lado. Com os dedos imobilizados pelo frio ainda antes de descer até ao pátio, pegava na pasta da escola e descia a toda a pressa as escadas, que a essa hora estavam escuras como breu. Abria a porta do pátio e olhava em todas as direcções, incluindo as janelas do prédio em frente, porque ninguém me podia ver em tarefa tão sinistra. Parecia mal comprar pão seco, e também não dava boa fama comer na cantina da escola da Carlsbergsvej, a única instituição de apoio social em Vesterbro na década de trinta. O Edvin e eu estávamos terminantemente proibidos de sequer passar nas proximidades da cantina. De resto, também não era bem visto ter um pai desempregado, embora meio mundo estivesse nessa situação. Por esse motivo, escondíamos a nossa vergonha com os embustes mais estapafúrdios, e a desculpa que dávamos mais amiúde era a de que o pai caíra de um andaime e estava de baixa médica. Na padaria da Tøndergade as crianças formavam uma fila que serpenteava pela rua abaixo. Todas levavam as suas pastas, e não se cansavam de alardear em alto e bom som que o pão daquela padaria é que era bom, sobretudo quando acabado de sair do forno. Quando chegava a minha vez, pousava a pasta em cima do balcão, fazia o pedido num sussurro e acrescentava em voz alta: Se possível, daqueles com natas. A minha mãe dera-me ordens claras para pedir apenas pão branco. Ao regressar a casa, devorava quatro ou cinco pastéis com natas rançosos e limpava bem a boca com a manga do casaco, e a minha mãe nunca me apanhava em falta quando pesquisava o fundo da pasta. Raramente – ou nunca – me castigavam pelas asneiras que fazia. A minha mãe batia-me com frequência, e com muita força, mas em geral de modo aleatório e injusto e, enquanto me aplicava o castigo, sentia uma espécie de vergonha secreta e uma profunda tristeza, que me marejavam os olhos de lágrimas e aumentavam ainda mais a distância dolorosa que nos separava. O meu pai nunca me batia. Era, pelo contrário, bom comigo. Todos os livros que li na infância eram dele, e quando fiz cinco anos deu-me uma edição maravilhosa dos contos dos irmãos Grimm; sem este livro, a minha infância teria sido cinzenta, triste e miserável. Todavia, não despertava em mim nenhum sentimento intenso, facto pelo qual muito me repreendia sempre que ele me observava sentado no sofá, com os seus olhos serenos e perscrutadores, como se quisesse dizer-me ou fazer-me algo, algo que na verdade nunca chegou a dizer ou fazer. Eu era a menina da mãe, e o Edvin o menino do pai – era uma lei

natural e imutável. Uma vez, perguntei-lhe: O que significa mágoa, pai? Encantava-me aquela palavra com que deparara numa obra de Gorki. Refletiu por longo tempo enquanto retorcia as pontas do bigode. É um conceito russo, disse ele por fim. Significa dor profunda, desgosto. Gorki foi um grande poeta. Respondi alegremente: Também quero ser poeta! Ele franziu o cenho de imediato e disse com ar ameaçador: Não te ponhas a magicar coisas, deixa-te de ilusões! As raparigas não podem ser poetas. Ofendida, fechei-me na minha concha enquanto a mãe e o Edvin se riam da minha insensatez. Decidi que nunca mais revelaria a ninguém os meus sonhos, decisão que cumpri com escrúpulo durante toda a infância.





É de noite e, como é costume, estou sentada no parapeito frio da janela do meu quarto, de onde olho para o pátio lá em baixo. É o momento mais feliz do meu dia. A primeira maré de medo já passou. O meu pai desejou-me boa noite e está de volta à sala quente, e a pilha de roupa atrás da porta já não me amedronta. Fito a minha estrela da noite, que é como o olho afável de Deus, que me observa vigilante e está mais próximo de mim do que durante o dia. Um dia, escreverei todas as palavras que fluem dentro de mim. Um dia, outras pessoas lê-las-ão num livro e ficarão estupefactas ao perceber que, apesar de tudo, as meninas também podem ser poetas. Os meus pais terão mais orgulho de mim do que do Edvin, e uma professora perspicaz (que, todavia, ainda não tive) dirá: já imaginava que viesse a ser escritora quando era pequena. Tinha algo de especial! Muito gostaria eu de anotar todas as palavras, mas onde guardaria toda a papelada? Nem os meus pais têm um baú com fechadura! Ando na segunda classe, e quero escrever hinos religiosos, porque são a coisa mais bonita que já ouvi. No primeiro dia de aulas, cantámos *Agradecemos a Nosso Senhor este sono tão reparador*, e, quando chegámos aos versos «ágil como um pássaro no ar, lesto como um peixe no mar, o sol matinal irrompe pela janela», senti-me tão feliz e comovida que comecei a chorar, e todos os meus colegas se riram de mim como a minha mãe e o Edvin se riem quando as minhas «bizarrias» me fazem soltar lágrimas. Os meus colegas acham-me imensa piada, e eu já me habituei ao papel de palhaça, do qual até retiro um prazer triste, porque, aliada à minha estupidez já profusamente confirmada, me protege da estranha maldade que manifestam com tudo o que é diferente.

Uma sombra desliza sobre a arcada do átrio como um rato a sair do esconderijo. Embora esteja escuro, sei que é o tarado. Quando tem a certeza

de ter a via livre, enterra o chapéu na cabeça e corre para os urinóis, deixando a porta aberta. Não chego a ver lá para dentro, mas sei o que está a fazer. Longe vão os tempos em que me assustava, mas a mãe ainda tem medo dele. Há pouco tempo, levou-me com ela à esquadra na Svendsgade e, a tremer de desgosto e indignação, contou a um polícia que o tal homem não deixava as mulheres e as crianças do prédio em paz com as suas javardices. Já pregou um susto de morte à minha filha pequena, disse ela. O polícia perguntou-me se o pervertido se tinha destapado à minha frente, e eu disse que não com muita convicção. Conhecia a palavra do verso «por isso destapamos a cabeça quando içamos a bandeira». Na verdade, nunca o tinha visto tirar o chapéu. Quando chegámos a casa, a minha mãe disse ao meu pai: A polícia não vai mexer uma palha; é um país sem rei nem roque, ninguém nos acode.

A porta abre-se com os rangidos das dobradiças e risos, cantos e insultos interrompem o silêncio solene que reina no quarto e dentro de mim. Estico o pescoço para ver melhor quem vem lá. São a Rapunzel, o pai dela e o «Ventas de Latão», um dos amigos de bebedeira dos pais. A rapariga caminha entre os dois homens, cada um com um braço pousado nos ombros dela. O seu cabelo dourado reluz como se refletisse o brilho de uma lâmpada invisível. Atravessam o pátio aos tropeções, e pouco depois ouço a barulheira que fazem ao subir as escadas. A Rapunzel chama-se Gerda e já é quase adulta, terá pelo menos treze anos. No verão passado, quando seguiu viagem na carroça do Hans-Sarnento e da Lili-Linda para cuidar dos mais pequenos, a minha mãe disse: Nota-se que a Gerda apanhou algo mais que sarna nestas férias. Algo parecido disseram também as raparigas mais velhas que costumavam reunir-se no pátio, no canto com os caixotes de lixo, e em cujas imediações eu circulava amiúde. Falaram em cochichos e entre risinhos, e eu só entendi que tinha acontecido algo de escandaloso, porco e obsceno entre o Hans-Sarnento e a Rapunzel. Então, enchi-me de coragem e perguntei à minha mãe o que tinha acontecido à Gerda. Irritada e impaciente, respondeu-me: Mas quê, és estúpida? Já não é inocente, só isso. E eu fiquei a saber o mesmo.

Olho para o céu sedoso e sem nuvens e abro a janela para me aproximar dele. É como se Deus baixasse lentamente a sua cara meiga em direção à Terra e o seu coração enorme batesse, sereno e tranquilizador, junto ao meu. Sinto-me felicíssima e passam-me pela cabeça alguns versos longos e

melancólicos. Afastam-me, contra a minha vontade, de quem deveria estar mais próxima. Aos meus pais não lhes agrada que eu creia em Deus, e também não gostam nada da linguagem que uso. A mim, por outro lado, enoja-me o modo como se expressam, uma vez que recorrem sempre às mesmas palavras e expressões grosseiras e toscas sem jamais conseguirem exprimir tudo o que pretendem dizer. A minha mãe começa quase todas as ordens que me dá com um «que Deus tenha piedade de ti se não, etc., etc.». O meu pai maldiz Deus em dialeto jutlandês, coisa que em si talvez seja menos grave, mas que ainda assim não soa muito melhor. Na noite de consoada, entoamos cânticos sociais-democratas enquanto dançamos em volta da árvore de Natal, e o coração encolhe-se-me de medo e de vergonha quando ouço os bonitos hinos religiosos que cantam por todo o edifício, inclusive nas casas das famílias mais viciadas no álcool e ímpias. Deve respeitar-se pai e mãe, e tento convencer-me de que o faço, mas é-me agora mais difícil do que quando era pequena.

Uma chuva miúda e fria salpica-me a cara, e fecho a janela. No entanto, ouço o eco abafado da porta que se abre e fecha no pátio. Depois, um ser encantado atravessa o pátio com passos lesto, como se flutuasse suspenso de um guarda-chuva delicado e transparente. É a Ketty, a mulher linda e espectral que vive no apartamento ao lado. Leva calçados uns sapatos de tacão prateados e está a usar um vestido comprido de seda amarela. Por cima, traz um casaco de pele branco que me lembra a Branca de Neve. A Ketty também tem cabelo preto como ébano. Por um breve instante, o arco da porta oculta esta belíssima visão que me alegra a alma noite após noite. A Ketty sai sempre à mesma hora, e o meu pai diz que isto é um escândalo num prédio com crianças, mas não entendo o que quer insinuar. A minha mãe não diz nada, porque de dia ela e eu costumamos ir a casa da Ketty tomar um café ou um chocolate quente. Tem uma sala maravilhosa, na qual todos os móveis estão revestidos de veludo vermelho. Os abajures dos candeeiros também são vermelhos, e até a Ketty é vermelha e branca, como a minha mãe, embora a Ketty seja mais nova. Riem-se muito, as duas, e eu rio-me com elas, mas raramente entendo a que acham tanta graça. Não obstante, quando a Ketty começa a conversar comigo, a minha mãe manda-me ir para casa, porque a isso já não acha piada nenhuma. Acontece o mesmo com a tia Rosalia, que também se diverte muito a conversar comigo. As mulheres que não têm filhos estão sempre a meter-se com os filhos das

outras, diz a minha mãe. Em seguida, enxovalha a Ketty, porque obriga a sua mãe a viver num quarto frio virado para o pátio e nunca lhe permite usar a sala de estar. A mãe da Ketty dá pelo nome de Sra. Andersen, o que, de acordo com a minha mãe, é «uma mentira do mais sórdida que pode haver», já que nunca foi casada. É um grande pecado ter-se filhos quando não se é casado, isso sei eu muito bem, e, sempre que pergunto à minha mãe porque é que a Ketty trata tão mal a mãe, ela diz-me que é porque a mãe não lhe quer contar quem é o pai dela. Quando penso numa coisa tão horrível, não me resta mais do que me contentar por ter uma família tão normal.

Assim que a Ketty desaparece, a porta dos urinóis abre-se com muito cuidado e o tarado desloca-se de lado, como um caranguejo, rente à parede do edifício, e sai do pátio. Já me tinha esquecido completamente dele.



A infância é comprida e estreita como um caixão, e não se pode escapar dela sem ajuda. Está sempre presente, e toda a gente a vê com a mesma nitidez com que vê o lábio leporino do Ludvig-Jeitoso. Acontece-lhe o mesmo que à Lili-Linda, que é tão feia que custa a crer que alguma vez teve uma mãe. Chamam bonito a tudo o que é feio ou desengonçado, e ninguém sabe porquê. Ninguém escapa à infância, que se cola a cada pessoa como um odor. Pode-se notá-la nas outras crianças – e cada infância tem o seu próprio cheiro. Não se conhece o próprio cheiro, e por vezes teme-se que seja pior do que o dos outros. Fala-se com uma rapariga cuja infância fede a cinzas e carvão e, de súbito, dá-se um passo atrás quando se sente o fedor da própria infância. Observa-se, à socapa, os adultos e as infâncias que transportam dentro deles: infâncias andrajosas e esfarrapadas como um tapete velho e comido pelas traças de que já não se recordam e para o qual já não têm uso. À vista desarmada, não se nota que tenham tido, outrora, uma infância, e não há quem se atreva a perguntar-lhes como conseguiram ultrapassá-la sem que ela lhes marcasse o rosto com cicatrizes profundas. Assim, facilmente se suspeita de que se tenham servido de um atalho secreto e adotado a sua forma adulta muitos anos antes de chegar o momento certo. Fizeram-no num dia em que estavam sozinhos em casa, quando a infância lhes oprimia o coração como os três aros de ferro do Hans dos irmãos Grimm, que se partiram apenas quando o seu amo foi libertado. Porém, quando não se conhece este género de atalhos, há que suportar a infância e desgastá-la hora após hora ao longo de um número incalculável de anos. Só a morte nos pode libertar dela, e não é de admirar que se pense muito em morrer, nem que se imagine a morte como um anjo bondoso vestido de branco que uma noite nos beijará as pálpebras para que estas

nunca mais se abram. Penso sempre que a minha mãe só gostará de mim quando for adulta, tal como agora gosta do Edvin. Porque a minha infância irrita-a tanto quanto a mim, e só somos felizes juntas quando, de repente, nos esquecemos que existe. Quando isso acontece, fala comigo como com as amigas ou a tia Rosalia, e eu tento que as minhas respostas sejam o mais breves possível, para que não se lembre, de súbito, que não passo de uma criança. Solto-lhe a mão e afasto-me um pouco, para que também não sinta o cheiro da minha infância. Acontece quase sempre que vou com ela à Istedgade fazer compras. Conta-me como se divertia na juventude. Não havia noite em que não saísse para dançar, e estava sempre na pista de baile. Arranjava um namorado novo todas as noites, confessa ela entre risadas, mas, é claro, tudo isso acabou quando conheci o Ditlev. O Ditlev é o meu pai, a quem normalmente chama «pai», tal qual ele lhe chama «mãe» ou «mamã». Dá-me impressão de que noutra época foi uma mulher diferente e feliz, mas que essa era dourada teve um fim abrupto quando conheceu o Ditlev. Quando fala dele, parece aludir a um espírito tenebroso que arrasa e destrói tudo o que é belo, luminoso e alegre, ao invés de falar do meu pai. E desejo que esse Ditlev nunca lhe tivesse entrado na vida. Quando pronuncia o seu nome, apercebe-se, em geral, da minha infância e lança-lhe um olhar furioso e ameaçador, ao mesmo tempo que a borda escura que lhe orla as pupilas azuis se ensombrece ainda mais. Nesses instantes, a infância que descobriu estremece de medo e, desesperada, tenta fugir em pezinhos de lã, mas ainda é demasiado pequena e só daí a séculos poderá ser descartada.

As pessoas que têm uma infância visível, flagrante tanto por dentro quanto por fora, chamam-se crianças, e os adultos podem tratá-las como lhes der na gana, porque não há que as recear. As crianças, afinal, não têm armas nem máscaras, a menos que sejam muito matreiras. Eu sou uma dessas crianças, e a minha máscara é a estupidez. Tenho sempre cuidado para que ninguém ma tire. Olho em frente, boquiaberta, sem parecer fixar o que quer que seja, como se completamente abstraída da realidade. Quando uma voz começa a cantar dentro de mim, esforço-me para que não se abram fissuras na máscara. Nenhum adulto suporta a canção do meu coração e as grinaldas de palavras da minha alma. No entanto, sabem que existem, porque alguns pedacinhos me escapam por uma conduta secreta que não conheço e que, por esse motivo, não sei como fechar. Achas-te a maior, é?, perguntam desconfiados, e garanto-lhes que não me acho nada. Na escola,

perguntam-me: Onde tens a cabeça? O que acabei de dizer? Mas nunca me conseguem calar por inteiro. Isso só o conseguem as raparigas do pátio ou os rapazes da rua. Fazes-te de parva, acusa-me uma rapariga grande, que se aproxima ameaçadora, mas de parva não tens nada. Começa de imediato a interrogar-me, e um grupo de raparigas rodeia-me em silêncio e não me deixa fugir até lhes provar que sou mesmo estúpida. Por fim, a minha estupidez parece-lhes evidente face à profunda idiotia de todas as minhas respostas, e abrem, contrafeitas, um burquinho no círculo pelo qual me escapulo para me pôr a salvo. Porque não se deve fingir que se é uma coisa que não se é, adverte-me uma delas num tom moralista.

Obscura é a infância, que gane como um animalzinho esquecido e encurralado numa cave. Sai-te da garganta como vapor, umas vezes numa longa baforada, noutras ocasiões numa baforada minúscula. Nunca do tamanho correto. Só a podes observar com calma e falar dela como de uma doença superada quando se desprende qual pele seca. Quase todos os adultos dizem ter tido uma infância feliz, e é possível que até acreditem que sim – quem não acredita sou eu. De minha parte, acredito que conseguiram, isso sim, esquecê-la. A infância da minha mãe não foi feliz, e ela não o oculta tão bem quanto os outros. Fala-me dos tenebrosos acessos de *delirium tremens* do seu pai, quando todos se viam obrigados a encostar-se à parede para evitar que ele lhes caísse em cima. Quando lhe digo que tenho pena dele, grita-me: Pena! Pois se a culpa era dele, daquele bêbedo nojento. Bebia uma garrafa inteira de bagaço todos os dias, por isso, a vida passou a correr-nos muito melhor quando ganhou coragem para se enforcar. Também diz: Assassinou os meus cinco irmãos mais novos. Tirava-os do berço e esmagava-lhes a cabeça contra a parede. Um dia, pergunto à tia Rosalia, que é irmã da minha mãe, se isto é verdade, e ela responde: Claro que não. Morreram, só isso. O nosso pai foi uma pessoa muito infeliz, mas a tua mãe só tinha quatro anos quando ele morreu. Ela herdou o ódio que a avó lhe tinha. A avó é a mãe delas, e, embora seja agora velha, custa-me imaginar que tenha tanto ódio dentro dela. A avó vive em Amager. Tem o cabelo todo branco e veste-se sempre de preto. Tal como com os meus pais, só lhe posso dirigir-me na terceira pessoa, coisa que torna as conversas muito formais e complicadas e repetitivas. Benze o pão antes de o partir, e queima as unhas na lareira assim que as corta. Pergunto-lhe porque faz isso, mas ela diz-me que não sabe. A mãe dela já procedia assim. Como todos os outros

adultos, não gosta de perguntas de crianças, e dá respostas muito lacônicas. Onde quer que vamos, acabamos por nos deparar com a nossa infância, e dói-nos, porque é uma infância angulosa, dura, e só termina quando nos desfaz por completo. Pelos vistos, cada pessoa tem a sua, e são todas muito diferentes. A infância do meu irmão, por exemplo, é ruidosa, ao passo que a minha é silenciosa, reservada e vigilante. Ninguém gosta dela, ninguém precisa dela. De repente, torna-se demasiado alta, e consigo olhar a minha mãe nos olhos quando ambas nos pomos de pé. Cresce-se enquanto se dorme, diz-me ela. Tento manter-me acordada toda a noite, mas o sono acaba por me vencer, e de manhã a distância é tal que me estontece olhar para os pés. Que grande vaca!, gritam-me as crianças com que me cruzo na rua, e, se isto continua assim, terei de me mudar para o País dos Gigantes. Agora, a infância dói. Chamam-lhes dores de crescimento, e duram até aos vinte anos. Quem o diz é o Edvin, que sabe tudo, tanto do mundo quanto da sociedade, tal qual o meu pai, que o leva com ele às reuniões do partido que, segundo a minha mãe, um dia os vão levar à prisão. Quando lhes diz estas coisas, eles não fazem caso, porque ela percebe tanto de política quanto eu. Também diz que o meu pai não arranja trabalho porque é socialista e sindicalista, e que o Stauning, cujo retrato o meu pai pendurou na parede, ao lado da mulher do marinheiro, nos levará à desgraça algum dia. Eu cá, de minha parte, gosto do Stauning, que já ouvi palestrar muitas vezes no Fælledparken. Gosto dele porque tem uma barba muito comprida que ondula ao vento, e porque chama «camaradas» aos operários, embora seja primeiro-ministro e pudesse perfeitamente mostrar-se mais arrogante. Em matéria de política, creio que a minha mãe não tem razão, mas ninguém quer saber do que uma rapariga pensa ou deixa de pensar sobre estes assuntos.

Um dia, a minha infância cheira a sangue, e não tenho como o ignorar. Já podes ter filhos, diz-me a minha mãe. É demasiado cedo, ainda nem fizeste treze anos. Sei muito bem como se fazem filhos, porque durmo com os meus pais e, além disso, é impossível não o descobrir por outros meios. Todavia, de algum modo não compreendo por inteiro o processo, e imagino que posso acordar a qualquer momento com um bebé ao lado. Vai chamar-se Maria, porque será uma menina. Não gosto de meninos, e não me deixam brincar com eles. O Edvin é o único rapaz de que gosto, e só me imagino a casar com ele, mas não podemos casar com irmãos e, mesmo que



pudéssemos, ele não me quereria para nada. Está sempre a dizer-mo. Toda a gente gosta do meu irmão, e muitas vezes penso que a infância dele lhe assenta muito melhor do que a minha me assenta. Tem uma infância feita à medida, que se vai alargando à medida que ele cresce, ao passo que a minha foi feita para outra menina, a quem decerto assentaria muito bem. Quando penso nestes termos, faço cara de ainda mais estúpida, porque não posso falar destas coisas com ninguém, e estou sempre a sonhar conhecer alguém extraordinário que me escute e compreenda. Li, em livros, que há pessoas assim, mas não encontro nenhuma delas na rua da minha infância.

A Istedgade é a rua da minha infância, e o seu ritmo pulsará sempre no meu sangue, e a sua voz chegar-me-á sempre como naqueles tempos distantes em que nos jurámos lealdade. É sempre quente e luminosa, animada e apaixonante, e envolve-me por completo como se tivesse sido feita para satisfazer as minhas necessidades íntimas de expressão vital. Percorria-a em criança, de mão dada com a minha mãe, e assimilava coisas tão transcendentais como o facto de um ovo na Irma custar 6 centavos, e uma libra de margarina 43; uma libra de carne de cavalo, 58. A minha mãe regateia com tudo, exceto comida, e todos os comerciantes torcem as mãos de desespero e garantem que, se as coisas continuarem assim, terão de fechar a atividade. Além disso, a sua desfaçatez é tal que se atreve a trocar camisas que o meu pai usou como se estivessem ainda por estrear. Também é capaz de entrar por uma loja dentro, pôr-se no fim da fila e gritar com voz estridente: Ouçam lá, agora é a minha vez, já esperei tempo que chegue! Quando saio com ela, divirto-me imenso, e admiro a sua audácia e a sua facilidade de expressão, tão típicas de Copenhaga. Há muitos desempregados às portas dos tascos. Levam os dedos à boca e assobiam à minha mãe, mas ela não lhes presta atenção. Pelo menos podiam ficar em casa, como o teu pai, diz ela. Mas é muito triste vê-lo de braços cruzados no sofá quando não sai para procurar emprego. Li o seguinte verso num jornal: «Ficar sentado a olhar dois punhos que o Senhor criou tão perfeitos.» É um poema sobre os desempregados, e recorda-me o meu pai.

A Istedgade só se torna um local de brincadeiras e de convívio após as aulas e até ao jantar depois de conhecer a Ruth. Por essa altura, tenho nove anos, e ela sete. Vemo-nos pela primeira vez numa manhã de domingo, quando os nossos pais mandam todas as crianças do prédio brincar no pátio,

para assim poderem dormir até tarde e curar a ressaca de cansaço ou tédio da semana. As raparigas mais velhas estão, como habitualmente, a cochichar no canto com os caixotes de lixo, e as mais pequenas estão a jogar à macaca, um jogo em que faço sempre asneira, porque ora piso a linha, ora toco no chão com a perna que devia manter no ar. Nunca lhe achei piada nenhuma, e acho-o um tédio de morte. Alguém diz que estou fora do jogo e, resignada, fico a observar apoiada à parede. De repente, ecoam alguns passos pesados na escada de serviço do exterior, que desemboca no pátio, e vejo aparecer uma menina ruiva, de olhos verdes e sardas no nariz. Olá, diz-me ela com um sorriso de orelha a orelha, chamo-me Ruth. Apresento-me com timidez e de modo tosco, porque não é comum as crianças recém-chegadas mostrarem tanta desenvoltura. Todos fitam a Ruth, que nem parece dar conta de estar a ser observada. Queres correr e brincar?, pergunta ela, e, depois de lançar uma olhadela hesitante à nossa janela, sigo-a como seguirei por muitos anos, até sairmos ambas da escola e as diferenças enormes se tornarem demasiado óbvias.

Agora tenho uma amiga, o que me torna muito menos dependente da minha mãe, que, como é óbvio, não gosta da Ruth. É adotada, e essas coisas raramente trazem algo de bom, diz ela em tom lúgubre, mas não me proíbe de brincar com ela. Os pais da Ruth são grandes e feios e jamais poderiam ter trazido ao mundo um ser tão bonito quanto a Ruth. O pai é empregado de mesa e bebe como uma esponja. A mãe é uma gorda asmática que bate à Ruth à menor oportunidade. Ela está-se nas tintas. Escapa às garras da mãe, desce a escada de serviço, mostra os dentes brancos e reluzentes num sorriso enorme, e diz com alegria: Aquela porca infernal que vá pro raio que a parta! Quando a Ruth pragueja, não soa mal nem parece feio, porque tem uma voz tão delicada e aguda como a do cabritinho daquele conto, e uma boca muito vermelha com forma de coração e o lábio superior mais curto e encurvado para cima. Tem também um olhar tão intenso quanto o do homem que não sabia o que era o medo. Ela é tudo o que eu não sou, e faço tudo o que ela quer que eu faça. Gosta tão pouco quanto eu de jogos e brincadeiras usuais. Nunca toca nas suas bonecas, e só usa o carrinho como trampolim quando lhe pomos uma tábua em cima. Não o fazemos muitas vezes, porque os porteiros correm atrás de nós, ou eles ou as nossas mães, sempre atentas, que gozam de vistas privilegiadas às janelas, de onde nos chamam para que tudo regresse à ordem. Só na Istedgade nos livramos de

toda a vigilância, e é aí que início a minha carreira no crime. A Ruth aceita com bonomia e bom humor a minha total incapacidade para roubar. Por outro lado, cabe-me distrair os empregados de balcão, para que não atentem no seu vulto veloz, que se apodera de tudo aquilo a que pode deitar a mão enquanto pergunto quando vão chegar as novas pastilhas elásticas à loja. Escondemo-nos no vão de porta mais próximos para aí repartirmos o saque. Por vezes, também entramos nas lojas e demoramos eternidades a experimentar sapatos ou a provar vestidos. Escolhemos os mais caros e dizemos, com toda a educação, que a nossa mãe passa por lá mais tarde para os pagar se tiverem a amabilidade de os reservar para nós. Ainda não saímos da loja e já estamos a rir a bom rir.

Ao longo de toda a nossa longa amizade, corrói-me o medo de que a Ruth me arranque a máscara. Receio que descubra como sou na verdade. Converto-me no seu eco, porque gosto dela e porque é a mais forte das duas, mas bem dentro de mim continuo a ser eu mesma. Continuo a sonhar com um futuro longe da nossa rua, ao passo que a Ruth forma parte intrínseca dela e nunca a abandonará. Sinto que a ludíbrio quando a levo a acreditar que somos farinha do mesmo saco. Por um qualquer motivo misterioso, estou em dívida para com ela, o que, juntamente com o medo e um vago sentimento de culpa, me pesa no coração e matiza a nossa amizade como a todas as relações próximas e duradouras que terei ao longo da vida.

A nossa série de roubos tem um final abrupto. Um dia, a Ruth fez um golpe de mestre e enfiou um frasco inteiro de compota de laranja dentro do casaco. Comemo-la toda e ficamos com uma indigestão. Empanturradas, atiramos as sobras para um caixote do lixo tão cheio que não se fecha. Por isso, saltamos e sentamo-nos na tampa. De repente, a Ruth protesta: Por que raio tenho de ser sempre eu? Tanto é ladrão quem vai à horta como quem fica à porta, respondo eu, assustada. Sim, resmunga ela, mas também podias experimentar meter a mão na massa de vez em quando. Reconheço que tem a sua razão e prometo tentar da próxima vez. Mas insisto que tem de ser o mais longe possível, e escolho uma leitaria na Søndre Boulevard, que me parece convenientemente deserta. A Ruth abre a porta com muito cuidado e avança alguns passos seguida pela sua sombra longuíssima, que bem poderia ser a sua consciência adormecida. A loja está vazia e a porta que dá para o armazém nas traseiras não tem janela. Em cima do balcão há uma taça cheia de chocolates de 25 centavos envoltos em papel de prata

vermelho e verde. Fito-os, pálida de emoção e medo. Levanto a mão, mas forças invisíveis retêm-na. Tremem-me as pernas. Despacha-te lá, sussurra a Ruth, que está a vigiar a porta das traseiras. Então, a mão, incapaz de roubar, enfia-se na taça, agarra em algo vermelho e verde que baila perante os meus olhos, e vira o resto dos doces atrás do balcão. Idiota, murmura a Ruth, que larga a correr quando a porta dos fundos se abre de repente. Uma senhora de branco aparece afogueada e detém-se assombrada por me ver ali qual estátua de sal com um chocolate na mão estendida. O que se passa aqui? O que significa isto?, pergunta. O que estás aqui a fazer? Olha só, partiste-me a taça! Agacha-se para recolher os cacos, e eu fico ali especada, sem saber o que fazer, uma vez que o céu não me caiu em cima. Oxalá tivesse caído. Sinto apenas uma vergonha infinda que me queima o peito. A emoção e a aventura acabaram, não passo de uma ladra de meia-tigela e apanharam-me com as mãos na massa. Ao menos podias pedir desculpa, diz a senhora quando sai com os cacos nas mãos, mas que grande patega me saíste.

Encontro a Ruth na esquina da Enghavevej. Chora de tanto se rir. És uma imbecil de primeira, diz ela, por fim. Ela disse alguma coisa? Porque não te pispaste? E olha lá, ainda tens o chocolate contigo? Vamos comê-lo no parque. Queres mesmo comê-lo?, pergunto, incrédula, eu cá preferia enterrá-lo debaixo de uma árvore. Mas estás maluca, ou quê?, pergunta. Um chocolate tão bom! Mas não vamos voltar a fazer isto, pois não, Ruth? Nesse momento, a minha amiguinha pergunta-me se estou a dar em freira e, assim que chegamos ao parque, empanturra-se de chocolate mesmo à minha frente. Assim terminam as nossas incursões. A Ruth não gosta de pilhar sozinha, e, quando a minha mãe me manda ir às compras, entro sempre nas lojas com uma barulheira desnecessária. Se, ainda assim, a lojista demora a aparecer, aguardo longe do balcão, de olhos postos no teto, e fico mais vermelha que um pimento quando aparece, tendo inclusive de me controlar para, em desespero, não virar os bolsos do avesso e lhe mostrar que não estão cheios de artigos roubados. Este episódio fortalece o meu sentimento de culpa para com a Ruth, levando-me a recear perder a sua amizade, que me é tão cara. Por isso, mostro-me ainda mais atrevida nas nossas outras brincadeiras proibidas, como, por exemplo, ser a última a atravessar os carris da linha férrea quando o comboio passa por debaixo do viaduto de Enghavevej. Às vezes, a pressão do ar arrastado pela locomotiva atira-me

ao chão, e passo algum tempo estendida no talude coberto de erva para recuperar o fôlego. Para mim, é recompensa suficiente ouvir a Ruth dizer: Caramba, por pouco batias a bota!



É outono, e o temporal faz estremecer os letreiros do talho. As árvores na Enghavevej não tardarão a perder todas as folhas, que já recobrem quase por completo o chão com o seu manto vermelho e amarelo, tão parecido com o cabelo da minha mãe quando ela brinca com ele ao sol e descobres, de súbito, que não é, de todo, preto. Os desempregados passam frio, mas ainda aqui estão, com as mãos bem enfiadas nos bolsos e um cachimbo apagado entre os dentes. Acabam de acender os candeeiros públicos, e de vez em quando a Lua aparece entre nuvens apressadas e leves. Parece-me sempre que há uma cumplicidade misteriosa entre a Lua e a nossa rua, como entre duas irmãs que envelhecem juntas e já não precisam de falar para se entenderem. A Ruth e eu avançamos pela penumbra fugaz, e em breve teremos de abandonar a rua, o que nos deixa ansiosas ante a possibilidade de acontecer alguma coisa antes que o dia acabe. Quando chegamos à Gasværksvej, onde costumamos dar meia-volta, a Ruth propõe-me: Vamos ver as putas. De certeza que algumas já começaram a trabalhar. Uma puta é uma mulher que o faz por dinheiro, algo que para mim faz muito mais sentido do que o fazer de borla. Quem mo contou foi a Ruth, e, como «putas» me parece uma palavra muito feia, encontrei num livro outra forma de as designar: mulheres da vida alegre. Soa muito melhor, mais romântico. A Ruth conta-me tudo sobre este tipo de coisas, porque para ela os adultos não têm segredos. Foi também ela quem me falou do Hans-Sarnento e da Rapunzel, coisa que não entendo, porque ele me parece demasiado velho. Além disso, já tem a Lili-Linda. Será que os homens conseguem gostar de duas mulheres ao mesmo tempo? Para mim, o mundo dos adultos continua a ser tão misterioso quanto sempre foi. A Istedgade parece-me uma mulher bonita deitada de costas e com o cabelo pousado sobre a Enghaveplads.

Chegada à Gasværksvej, o arruamento que marca a fronteira entre as pessoas de bem e as depravadas, as pernas abrem-se-lhe e, tal qual sardas que as recobrissem, deparamos com as pensões e as tabernas iluminadas e buliçosas pelos quais, ao início da noite, os carros da polícia passam em busca das suas vítimas escandalosamente embriagadas ou agressivas. Isto sei-o pelo Edvin, que é quatro anos mais velho do que eu e pode andar na rua até às dez da noite. Admiro muito o Edvin quando o vejo regressar a casa com a sua camisa azul da DUI e o ouço falar de política com o meu pai. De há uns tempos para cá, andam muito revoltados por causa de Sacco e Vanzetti, cujas fotografias nos placares e nos jornais nos retêm o olhar. São dois homens bem-apessoados e atraentes com as suas feições escuras e exóticas, e parece-me que é um desperdício que os vão executar por algo que não fizeram. No entanto, não consigo indignar-me tanto quanto o meu pai, que grita e dá murros na mesa sempre que fala do assunto com o tio Peter. O tio Peter é social-democrata, como o Edvin e o meu pai, mas ele acha que o Sacco e o Vanzetti têm o que merecem, porque são anarquistas. Estou-me a marimbar para isso!, grita furioso o meu pai, que dá outro murro na mesa. Uma sentença injusta é uma sentença injusta, nem que seja contra um conservador! Pelo que entendo, não há coisa pior do que ser conservador e, quando há pouco tempo perguntei se me podia inscrever como sócia do Clube Ping, porque todas as minhas colegas de turma o tinham feito, o meu pai fitou a minha mãe com os olhos raiados de sangue, como se eu fosse vítima da influência nefasta que ela exercia no campo político, e disse: Aí tens, mãe. Agora temos uma filha reacionária. Não tardo muito a encontrar o *Berlingske Tidende* cá em casa!

Junto à estação ferroviária já começaram a viver a vida. Os bêbedos cantam e cambaleiam com os braços nos ombros dos companheiros, e do Café Charles sai um gordo que bate um par de vezes com a careca nas pedras da calçada antes de tombar aos nossos pés. Dois polícias aproximam-se dele e pontapeiam-no energicamente nas costelas, o que o leva a soltar um queixume. Levantam-no sem muitas mordomias e, quando se apercebem de que pretende voltar a entrar naquele antro de perdição, arredam-no dali aos empurrões. Quando se afastam pela rua fora, a Ruth enfia os dedos na boca e dá um assobio longo, numa habilidade que lhe invejo. Da Helgolandsgade sai um tropel de rapazes aos risinhos e barulhentos, e quando lá chegamos constato que a confusão se deve ao



Charles-Caracoletas, que, no meio da rua, leva à boca a bosta fumegante dos cavalos. Entoa, ao mesmo tempo, uma canção ordinária que faz rir desbragadamente os rapazes, que gritam para o animar com a esperança de que ele os divirta ainda mais. Ele roda os olhos como um louco. Acho toda esta cena trágica e inquietante, mas finjo divertir-me para agradar à Ruth, que ri tão alto quanto os outros. Putas, por outro lado, só vemos duas: um par de velhas gordas que se esforçam por abanar o rabo numa tentativa aparentemente inútil de chamar a atenção a um público que passa por ali a toda a pressa de carro. Para mim, é uma enorme decepção, porque julgava que eram todas como a Ketty, de cujas saídas noturnas a Ruth também já me falou. De regresso a casa, passamos pela Revalsgade, onde um dia assassinaram uma velhota que vendia tabaco, e também paramos em frente à casa dos horrores na Matthæusgade, e analisamos a janela do terceiro andar, onde no ano passado morreu uma menina vítima do «Carl Vermelho», um fogareiro que trabalhou com o meu pai na central elétrica de Ørstedværket. À noite, nenhuma de nós se atreve a passar sozinha diante desse prédio. À porta do nosso prédio a Gerda e o Ventas de Latão estão tão abraçados no escuro que nos é impossível distinguir-lhes os corpos. Sustenho a respiração até chegar ao pátio, porque a entrada cheira sempre a cerveja e urina. Sinto um aperto no peito quando subo a escada. A face obscura do sexo abre-se-me cada vez, e torna-se-me mais difícil tapá-la com as palavras trémulas que o coração me sussurra. A porta contígua à da Gerda abre-se sem fazer barulho quando por lá passo, e a Sra. Poulsen faz-me sinais para me convidar a entrar. Segundo a minha mãe, é uma «fina pobre», mas eu bem sei que não se pode ser fina e pobre em simultâneo. Tem um inquilino a quem a minha mãe chama, com desdém, «o belo duque», mas que é carteiro e sustenta a Sra. Poulsen como se fossem casados, embora não tenham filhos. Sei pela Ruth que vivem como marido e mulher. Aceito o convite com uma certa timidez e entro numa sala de estar igual à nossa, à exceção de um piano a que faltam muitas teclas. Sento-me na borda de uma cadeira e a Sra. Poulsen acomoda-se no sofá com uma expressão curiosa nos seus olhos azul-celestes. Ora diz-me cá uma coisa, Tove, principia ela, lisonjeira, sabes se vão muitos senhores a casa da Menina Andersen? Faço de imediato cara de estúpida e deixo até descair um pouco o queixo. Não, respondo, fingindo-me espantada, acho que não. Oh, é que tu e a tua mãe visitam-na muitas vezes. Pensa bem. Nunca viste lá

nenhum homem? Nem sequer à noite? Não, minto, assustada. Tenho medo desta mulher que quer fazer mal à Ketty. A minha mãe proibiu-me de voltar a casa da Ketty e ela só vem à nossa quando sabe que o meu pai está bem longe. A Sra. Poulsen não consegue arrancar-me mais nada e deixa-me ir embora com uma certa frieza. Alguns dias depois, circula pelo prédio uma lista que causa uma discussão entre os meus pais quando já estão deitados e pensam que adormeci. Eu assino, diz ele, pelas crianças. Há que pelo menos poupá-las às maiores nojices. São essas bruxas, assevera a minha mãe com convicção, têm inveja dela porque é jovem, bonita e alegre, e também não me gramam muito. Não te equipares a uma puta, resmunga o meu pai. Posso não ter um emprego estável, mas nunca tiveste de vender o corpo para ganhar o pão, e espero bem que não te esqueças disso! É estranho ouvi-los discutir, porque dão a impressão de estarem a falar de algo muito diferente, de uma coisa que não podem expressar com palavras. Em breve chega o dia em que a Ketty e a sua mãe estão na rua, sentadas no alto de um monte de móveis de veludo guardado por um polícia. A Ketty olha com desprezo para os transeuntes, que passam sem a verem, e abriga-se da chuva com o seu bonito guarda-chuva. Sorri-me e diz-me: Adeus, Tove. Cuida de ti. Pouco tempo depois vão-se embora na carrinha das mudanças e nunca mais volto a vê-las.



Aconteceu uma tragédia na família. O Landmandsbank faliu e a minha avó perdeu tudo. Quinhentas coroas de poupanças juntadas durante toda uma vida. É um assunto sórdido que afeta apenas as contas pequenas. Os cabrões dos ricos, garante o meu pai, arranjam já maneira de recuperar o dinheiro deles. A avó chora tanto que dá pena, e seca os olhos avermelhados com um lenço branco como a neve. Nela tudo é limpo, puro e como deve ser, e cheira sempre a roupa lavada e engomada. Estava a poupar o dinheiro para pagar o seu enterro, algo que parece não lhe sair da cabeça. Paga uma anualidade a uma caixa de funerais – ela nunca se esquecerá de que eu julgava que esta caixa era o mesmo que um caixão. Ainda se ri quando se lembra disso. Gosto muito da avó, e dela não tenho o medo que tenho da minha mãe. Além disso, deixam-me visitá-la a sós, algo de que ela gosta, e a minha mãe não se atreve a contrariá-la. Contaram-me que a avó ficou furiosa quando a minha mãe nasceu, porque já tinha um menino e não havia necessidade de trazer mais filhos ao mundo. Agora, a avó não sabe como poderá pagar um enterro digno, porque nós não temos dinheiro nenhum. A tia Rosalia e o bêbedo do marido dela também não, e o tio Peter é riquíssimo, é certo, mas é de tal maneira forreta que ninguém acredita que seja capaz de gastar um centavo para sepultar a sua mãe. A avó tem 73 anos e está convencida de que já não lhe resta muito tempo de vida. É ainda mais baixa do que a minha mãe, pequenina como uma criança, e anda sempre vestida de preto dos pés à cabeça. Usa o cabelo, branco e sedoso, apanhado num puxo alto, e mexe-se com a agilidade de uma jovem. Vive num apartamento com uma só divisão, e a reforma que recebe é a sua única fonte de rendimentos. Quando a visito, oferece-me café e pão escuro com manteiga de verdade, que arrasto para trás com os dentes e a língua, para

assim guardar o último bocado, que sabe muito melhor do que o que me dão em casa. Como começou a trabalhar como aprendiz, o Edvin visita-a todos os domingos. Ela dá-lhe nada menos do que uma coroa, porque ele é o único rapaz da família. As minhas três primas e eu não recebemos nada. Sempre que vou a casa dela, a minha avó pede-me que cante para ver se desafino um pouco menos do que da última vez. Já quase cantas afinado, diz ela para me animar, embora até eu me aperceba de que as notas que emito não se parecem, de todo, com as que gostaria de fazer sair da garganta. Não a posso interpelar sem que ela me dirija a palavra primeiro, mas gosta de contar histórias, e eu gosto de a ouvir. Fala-me da sua infância, que foi terrível, porque teve uma madrasta, que à mais pequena oportunidade, e pelos motivos mais insignificantes, a moía de pancada até a deixar meio morta. Depois, começou a trabalhar como copeira e ficou noiva do meu avô, que se chamava Mundus e era carroceiro antes de dar em bêbedo. Os vizinhos apodavam-no de «bêbedo uivante», e, quando ele se enforcou, a avó teve de começar a trabalhar como lavadeira para evitar que a miséria lhe entrasse pela porta adentro. Mas as minhas três meninas saíram-se bem, afirma ela com um orgulho perfeitamente compreensível. Um dia, digo por mero acaso que gostaria de ter conhecido o meu avô, e ela responde: Sim, ele foi bonito até à morte, mas também me saiu um grande canalha, um desalmado! Se te contasse certas coisas... Depois, aperta os lábios sobre as gengivas desdentadas e recusa-se a acrescentar o que quer que seja. Quando penso na palavra «desalmado», temo parecer-me com o desgraçado do meu avô. Ocorre-me amiúde que sou incapaz de sentir algo genuíno por alguém – à exceção da Ruth, claro. Um dia, estou em casa da avó e, antes de começar a cantar, anuncio: Ensinaram-me uma cantiga nova na escola. E com uma voz desafinada e trémula, sento-me na cama dela e canto um poema que eu própria escrevi. É muito comprido e fala sobre «Hjalmar e Hulda», «Jørgen e Hansigne», e todos os romances de cordel sobre casais de apaixonados que não podiam estar juntos; no entanto, a minha versão tem um final menos trágico:

Um amor jovem e rico  
uniu-os com mil correntes.  
Que importa, então, que o leito nupcial  
não seja mais que a berma de uma estrada?

Quando canto estes versos, a minha avó franze o cenho e levanta-se para alisar o vestido, como se para afastar uma impressão desagradável. Não é uma canção muito bonita, Tove, diz ela com severidade, aprendeste-a mesmo na escola? Triste, respondo que sim, porque esperava que exclamasse: Que maravilha! Quem a compôs? É preciso casar na igreja antes de se ter relações, adverte-me ela com palavras ternas. Mas isso já tu sabes, claro. Oh, avó! Sei bem mais do que julgas, mas a partir de agora não direi mais nada. Penso, por exemplo, em quando há alguns anos descobri, com espanto, que os meus pais casaram em fevereiro e que o Edvin nasceu em abril desse mesmo ano. Perguntei à minha mãe como era possível tal coisa, e ela apressou-se a responder: Ora, é que com o primeiro filho nunca demora mais do que dois meses. Desatou a rir e o Edvin e o meu pai torceram a boca. Para mim, esse é o maior defeito dos adultos: nunca estão dispostos a admitir que, por uma vez na vida, cometeram um erro ou foram irresponsáveis. Nunca se coíbem de julgar os outros, mas nunca atuam como juízes de si próprios.

Só vejo o resto da família acompanhada dos meus pais, ou pelo menos da minha mãe. A tia Rosalia vive em Amager, como a avó. Não terei ido a casa dela mais do que duas vezes, porque o tio Carl, vulgo «Perna Oca», está sempre esparramado na sala a beber cerveja e a resmungar, e as crianças não devem assistir a essas coisas. A sala da minha tia é igual a todas as outras salas, tendo, a um lado, um aparador como o que temos em casa, onde está um tabuleiro de estanho com um bule, um açucareiro e uma jarrinha de leite – um conjunto que nunca usam, e que tratam de polir em ocasiões especiais. A tia Rosalia é modista e trabalha para os grandes armazéns Magasin, e costuma visitar-nos quando sai do trabalho. Leva ao braço as peças de roupa que lhe dão para costurar, e que cobre com um grande pano de alpaca que não larga nem por um instante enquanto está em nossa casa. Diz sempre que só se vai sentar «um instante», e nunca tira o chapéu da cabeça, para assim tentar negar que só se vai embora várias horas depois. A minha mãe e ela estão sempre a falar de acontecimentos dos seus tempos de juventude, e é assim que fico a par de muitas coisas que não era suposto saber. Descubro, por exemplo, que uma vez a minha mãe escondeu um barbeiro no armário do quarto, porque o meu pai a foi visitar sem a avisar. Se a minha mãe não tivesse convencido o meu pai a ir-se embora, o barbeiro acabaria por morrer sufocado. Têm montes e montes de histórias

deste género, e riem-se alegremente de todas elas. A tia Rosalia é apenas dois anos mais velha do que a minha mãe, ao passo que a tia Agnete é oito anos mais velha e, na verdade, não partilhou com elas estas vivências de juventude. Ela e o tio Peter visitam-nos muitas vezes e jogam às cartas com os meus pais. A tia Agnete é um bocadinho beata e sofre quando alguém diz impropérios na sua presença, coisa que o marido faz com frequência só para a irritar. É alta e espadaúda, e usa uma cruz de Dagmar ao peito, a que o tio Peter chama a prateleira. De acordo com os meus pais, o tio é a maldade e a astúcia em pessoa, mas, como comigo é sempre muito amável, não acredito por inteiro no que dizem. É carpinteiro, e nunca está desempregado. Moram num apartamento de três assoalhadas no bairro de Østerbro, e têm uma sala gélida com um piano a que só dão uso na noite de consoada. Consta que o tio Peter herdou uma quantia de dinheiro escandalosa, que tem guardada em várias contas-poupança para escapar ao fisco. Às vezes, convidam os empregados da firma onde trabalha a visitarem outras empresas, onde lhes dão alojamento gratuito. Quando foram à Tuborg, o tio Peter bebeu tanta cerveja que no dia seguinte tiveram de o levar ao hospital para lhe fazerem uma lavagem ao estômago e, quando visitou a leitaria Enigheden, ingeriu tanto leite de enfiada que passou oito dias doente. De resto, só bebe água.

As minhas três primas são mais velhas do que eu, e bastante feias. À noite, sentam-se à mesa de jantar e fazem tricô como doidas, mas ainda não inventaram a pólvora, como diz o meu pai, e não têm um único livro em todo o apartamento, que é enorme. Os meus pais não escondem que eu e o meu irmão saímos muito melhor do que as minhas primas. O tio Peter foi casado com outra mulher, e tem dessa relação uma filha que é só sete ou oito anos mais nova do que a minha mãe. Chama-se Ester, e é uma gigante que se bamboleia quando caminha encurvada; os olhos parecem estar sempre a ponto de lhe saltarem das órbitas, e quando nos visita fala-me como se a um bebé e dá-me beijos na boca, que é a coisa que mais detesto neste mundo. À minha mãe, com quem sai à noite para grande desgosto do meu pai, chama-lhe «riqueza». Um dia, vão ao carnaval da Casa do Povo, e eu seguro no espelho enquanto se arranjam, e penso que a minha mãe está lindíssima mascarada de «Rainha da Noite». A Ester vai mascarada de «cocheiro do século XVIII», e os braços saem-lhe das mangas abalonadas como se fossem cacetes dos grossos. Têm de se despachar, porque o meu pai não tarda a chegar. A minha mãe está vestida de tule preto adornado

com centenas de lantejoulas brilhantes. Caem com a mesma facilidade com que perde a sua frágil alegria. No exato momento em que transpõem a porta, o meu pai aparece regressado do trabalho. Quando a vê, diz: Olha, um espantalho. Ela não responde e sai sem dizer uma palavra, com a Ester no seu encalço. O meu pai sabe que ouvi o comentário que lhe fez e senta-se à minha frente com uma expressão insegura nos seus olhos afáveis e melancólicos. O que queres ser quando fores grande?, pergunta-me, acabrunhado. A «Rainha da Noite», respondo eu com maldade, porque este é o «Ditlev» que faz questão de estragar sempre a diversão à minha mãe.

Comecei a frequentar a escola intermédia, e o meu mundo começou, por conseguinte, a alargar-se. Os meus pais deixaram-me matricular-me porque estimaram que, seja como for, não terei muito mais de catorze anos quando sair da escola e, se vão pagar os estudos ao Edvin, eu também tenho direito. Deram-me também permissão, por fim, para a biblioteca municipal na Valdemarsgade, onde há uma secção de livros infantis. A minha mãe acha que ler livros para adultos acabará por me tornar mais estranha do que já sou, e o meu pai, que tem outras ideias, não a contraria, porque estou sob a alçada da minha mãe e não se atreve a desafiar a ordem estabelecida no mundo em assuntos cruciais. Assim, entro pela primeira vez numa biblioteca e fico boquiaberta ao ver reunidos num único sítio todos os livros do mundo. A bibliotecária da secção infantil chama-se Helga Mollerup, e muitas crianças do bairro conhecem-na e gostam dela, porque, quando não há aquecimento nem luz em casa, deixa-as ficar na sala de leitura até às cinco da tarde, hora a que encerram a biblioteca. É aí que fazem os trabalhos de casa ou folheiam os livros, e a Menina Mollerup só os põe na rua se começarem a provocar confusão, porque tem de haver silêncio absoluto, como na igreja. Pergunta-me que idade tenho e dá-me uns quantos livros que considera adequados a uma menina de dez anos. É alta, magra e simpática, e tem uns olhos escuros e vivaços. Observo-lhe as mãos, grandes e bonitas, com algum respeito, porque consta por aí que dá bofetadas com mais força do que um homem. Veste-se como a minha professora, a Menina Klausen: usa uma saia comprida e lisa e uma blusa de colarinho branco baixo. Mas, ao contrário da Menina Klausen, não parece ter uma aversão inultrapassável às crianças. Sento-me a uma mesa com um livro infantil à frente; por sorte, esqueci-me do título e do nome do autor do livro. Leio o



seguinte: «Pai, a *Diana* teve cachorrinhos. Ditas estas palavras, uma mulherzinha esbelta de quinze anos entrou como um tufão na sala, onde, além do governador, se encontravam...», etc., etc. E isto repete-se página após página. Não consigo ler isto. Entristece-me e entedia-me de morte. Não compreendo como alguém pode maltratar desta forma um instrumento tão delicado e sensível como a linguagem, nem que frases tão grotescas consigam alcançar o miolo de um livro numa biblioteca onde uma mulher tão inteligente e atraente como a Menina Mollerup recomenda a sua leitura a crianças inocentes. No entanto, não sou ainda capaz de expressar estas lucubrações, pelo que me limito a dizer que os livros são muito aborrecidos e que prefiro ler algo de Zacharias Nielsen ou Vilhelm Bergsøe. Contudo, a Menina Mollerup insiste que os livros infantis são muito interessantes se se tiver paciência para os continuar a ler até que a ação comece. Só cede quando teimo em consultar a secção de literatura para adultos e, estupefacta, oferece-se para me trazer os livros que lhe indicar, já que não posso entrar naquela área. Traga-me algum de Victor Hugo, digo. Pronuncia-se *Ügó*, diz ela sorridente, e dá-me umas palmadinhas na cabeça. Não me vexa que me corrija, mas quando chego a casa com *Os Miseráveis* debaixo do braço e o meu pai diz «Ah, Victor Hugo, esse é dos bons!», apresso-me a esclarecê-lo com toda a arrogância: O pai disse mal o nome. Pronuncia-se *Ügó*. Estou-me a marimbar para isso, assevera-me ele com toda a calma, há que pronunciar os nomes tal qual são escritos. O resto é só bazófia. Nunca vale a pena contar aos meus pais o que dizem as pessoas que vivem para lá da nossa rua. Uma vez, a dentista da escola disse-me para pedir uma escova de dentes à minha mãe, e fui tão parva que mencionei o episódio em casa. A minha mãe responde de pronto: Olha, manda-lhe cumprimentos meus e diz-lhe que, se quer que uses escova de dentes, a compre ela! Quando lhe dói um dente, primeiro sofre durante toda uma semana, e em casa ouvem-se apenas os seus queixumes desesperados. Depois, vai à escadaria e pede conselhos a uma vizinha, que lhe recomenda embeber algodão em aguardante e pô-lo sobre o dente em que sente dores, recomendação que segue durante alguns dias sem grande sucesso. Só então se apruma e se aventura até à Vesterbrogade, onde vive o nosso médico da caixa de previdência. Quando ele lhe arranca o dente com um alicate, a minha mãe sossega durante algum tempo. Tudo isto sem consultar um único dentista.

Na escola intermédia, as raparigas vestem-se melhor e andam menos

ranhosas do que na escola básica. Também não têm piolhos nem lábio leporino. O meu pai disse que agora frequentarei as aulas com os «filhos de pessoas mais finas», mas que isso não justifica que olhe com altivez para a minha gente. Tem razão. Na sua maioria, os pais são trabalhadores qualificados, e converto o meu em «maquinista», que me soa melhor do que fogareiro. O pai da menina mais rica da turma é dono de uma barbearia na Gasværksvej. Ela chama-se Edith Schnoor e acha-se tão importante que carrega nos S quando fala. A nossa professora – a Menina Matthiasen – é uma mulher baixinha e enérgica que parece gostar de lecionar. Juntamente com a Menina Klausen, a Menina Mollerup e a diretora da antiga escola, que parecia uma bruxa, transmite-me a impressão de que as mulheres só podem alcançar uma boa posição profissional se não tiverem peito. A minha mãe é uma exceção, porque as outras donas de casa da nossa rua têm um busto descomunal que projetam conscientemente para fora quando caminham. Porque será? A Menina Matthiasen é a única professora que temos, todos os restantes são homens. Descobriu que gosto de poesia, e com ela não vale a pena fazer-me de estúpida. Tenho de me resignar e fazer-me de parva nas disciplinas que não me interessam que, na verdade, são muitas. Só gosto de Dinamarquês e Inglês. O nosso professor de Inglês chama-se Damsgaard, e às vezes mostra-se muito irascível. Quando perde as estribeiras, dá um murro na mesa e diz: Juro pela alma de quem lá tenho que vos ensino das boas! Tanto repete esta expressão que em breve toda a gente o apoda de «alma de quem lá tenho». Um dia, lê em voz alta um parágrafo supostamente difícilimo, e pede-me que o repita. Diz o seguinte: *In reply to your inquiry I can particularly recommend you the boarding house at eleven Woburn Place. Some of my friends stayed there last winter and spoke highly about it.* Congratula-me pela minha boa pronúncia, o que leva a que nunca me esqueça destas frases absurdas.

Todas as raparigas da minha turma têm álbuns de poesia, e eu, depois de insistir o suficiente com a minha mãe, arranjo também um. É castanho, e na capa tem escrito «poesia» em letras douradas. Permito que algumas colegas escrevam nele os versos clássicos, e de vez em quando acrescento-lhe os meus próprios poemas, indicando o ano e assinando o meu nome por baixo, para que no futuro não haja dúvida de que fui uma criança-prodígio. Escondo o álbum numa das gavetas da cómoda do quarto, debaixo de uma pilha de toalhas e panos, onde o julgo mais ou menos a salvo de olhares

profanos. No entanto, uma noite o Edvin e eu ficamos sozinhos em casa, porque os meus pais foram jogar às cartas com os meus tios. Por norma, o Edvin sai à noite, mas anda muito cansado desde que começou a aprender um ofício. É um sítio horroroso, diz ele, e está sempre a suplicar ao meu pai que lhe encontre outra oficina onde trabalhar. Quando se aperceber de que rogar não adianta de nada, ameaça, em gritos, fazer-se ao mar, sair de casa e muitas outras coisas. Então, o meu pai também grita e, se a minha mãe intervém na discussão e se põe do lado do Edvin, arma-se tal algazarra na nossa sala de estar que quase abafa as altercações em casa da Rapunzel. O Edvin tem culpa de já quase não haver uma noite tranquila em nossa casa, e às vezes preferia que cumprisse as ameaças e fosse para bem longe daqui. Agora está muito calado enquanto folheia o *Socialdemokraten*, e só o tiquetaque do relógio de parede quebra o silêncio. Estou a fazer os trabalhos de casa, mas este mutismo entre nós angustia-me. Observa-me com uns olhos escuros e pensativos que, de repente, parecem tão tristes quanto os do meu pai. Pergunta-me: Tu não te deitas, caramba? Não se consegue estar um minuto a sós nesta maldita casa! Então vai tu deitar-te, respondo eu, ofendida. Olha, é mesmo isso que estou a pensar fazer, resmunga ele quando pega no jornal e se vai embora. Fecha a porta com estrondo. Pouco depois, para minhas surpresa e inquietação, ouço uma gargalhada no quarto. O que terá tanta graça? Quando entro no quarto, fico petrificada de estupefação. O Edvin está sentado na cama da minha mãe e tem o meu pobre álbum de poesia na mão. Chora de tanto se rir. Vermelha como um pimento, dou um passo na sua direção e estendo a mão. Dá-me já isso, digo eu, batendo com um pé no chão. Não tinhas o direito de lhe pegar! Oh, Deus, diz ele partindo-se a rir. Nunca li nada tão engraçado na minha vida! És cá uma mentirosa! Ouve só isto. E então começa a ler, interrompendo-se constantemente por causa dos frequentes ataques de riso:

Lembras-te de a Lua se olhar  
e ver nas águas refletida?  
Velejávamos rumo ao mar  
num sonho sem ponto de partida.

De repente, soltaste o leme,  
o barco por si só deslizou.

Ninguém fala nem geme,  
mas o teu amor não me escapou.

Tomaste-me nos teus braços fortes  
e nos lábios me beijaste.  
Por mais que mudem nossas sortes,  
nunca esquecerei o quanto me amaste.

Oh! Ah ah ah! Deixa-se cair de costas na cama e continua a ler, enquanto as lágrimas me saem dos olhos numa torrente. Odeio-te, grito, e bato com o pé no chão sem nada poder fazer. Odeio-te, odeio-te! Espero que caias e morras afogado numa pedreira! Depois desta cena tão teatral estou prestes a sair do quarto a correr quando, de súbito, as gargalhadas enlouquecidas do Edvin adquirem um tom inquietante. Quando me viro para trás, vejo-o deitado de barriga para baixo no edredão de riscas da nossa mãe com a cara escondida na dobra do cotovelo. O meu querido álbum está no chão. O Edvin soluça desalmadamente, incapaz de se controlar, e eu fico aterrorizada. Apesar da hesitação, aproximo-me da cama, embora não ouse tocar-lhe. Não temos o costume de nos tocarmos, o contacto físico é-nos estranho. Enxugo as lágrimas com a manga do vestido e digo: Não estava a falar a sério, Edvin, não quero que morras numa pedreira. Eu... nem sequer sei bem o que é uma pedreira. Ele continua a chorar, não me responde, e de repente vira-se de lado e lança-me um olhar desesperado: Odeio o patrão e os empregados, confessa. Estão... sempre... a pegar comigo, e nunca vou aprender a pintar carros. Só me mandam ir comprar cerveja para todos eles. Odeio o pai, porque não me deixa mudar de trabalho. E depois chego a casa e nem posso ficar a sós um instante que seja. Aqui não se tem privacidade nenhuma. Olho para o meu caderninho de poesia e digo: Eu também não tenho privacidade, e os pais ainda menos. Nem sequer ficam sozinhos quando... quando... Fita-me surpreendido e para de chorar de repente. Pois não, admite ele com ar triste, nunca tinha pensado nisso. Quando se levanta, aborrece-o que a irmã mais nova tenha testemunhado um momento de fraqueza de sua parte. Bem, diz ele com voz rouca, as coisas melhoram assim que sair de casa. Nisso dou-lhe razão. Vou à despensa, conto quantos ovos temos, pego em dois e reposiciono os outros, para que pareçam ser mais do que são. Vou misturar os ovos com bagaço e fazer um ponche para

nós os dois, grito eu em direção à sala antes de deitar mãos à obra. Neste momento, gosto mais do Edvin do que durante todos os anos em que se mostrou distante e fabuloso, lindo e divertido. Não era de todo humano que nunca se sentisse triste.

A Gerda está grávida, e o Ventas de Latão desapareceu. A Ruth disse que ele tem mulher e filhos, e que jamais me devo envolver com homens casados. De minha parte, tão pouco me imagino envolvida com solteiros, mas deixo-me ficar caladinha. A minha mãe garante que se, um dia, aparecer em casa com um bebê, me põe de imediato no olho da rua. Não puseram a Gerda no olho da rua. Só deixou de trabalhar na fábrica, onde ganhava 25 coroas por semana, e agora passa o dia a andar de um lado para o outro em casa, com uma barriga enorme, enquanto cantarola tão alto que se ouve ao longe que não perdeu, de todo, o ânimo. Já há muito cortou a trança dourada, e deixei de lhe chamar, para comigo, Rapunzel, embora a menina da história tivesse tido gémeos quando o príncipe cego a encontrou no deserto. Soa tudo tão bonito e remoto que facilmente se passa por alto sobre essa parte, e em pequena nunca me deu para pensar como era possível ter acontecido tal coisa. No ano passado, a Olga – a filha da porteira – teve um filho de um soldado que também desapareceu sem deixar rasto, mas ela já era maior de idade e, além disso, depois casou-se com um polícia que a aceitou com o bebê. Quando vejo mulheres com a barriga inchada, esforço-me por não lhes olhar mais do que para a cara, onde tento, sem êxito, encontrar sinais de uma felicidade transcendental, como a do poema de Johannes V. Jensen: «Carrego no meu peito tumefacto uma primavera doce e angustiada.» Não têm, contudo, a expressão transfigurada que eu própria terei quando estiver grávida, disso estou eu certa. Não me resta outro remédio senão procurá-la em livros de prosa, porque o meu pai não gosta de que requisite livros de poesia da biblioteca. Isso é só sentimentalismo, diz ele com desdém, não tem nada que ver com a realidade. Eu nunca gostei da realidade, e nunca falo dela nos meus poemas. Quando leio o romance *A*

*Caminho*, de Herman Bang, o meu pai pega no livro com dois dedos e, com óbvia repulsa, diz: Deste gajo não leias nada. Não era normal! Sei muito bem o quão horrível é não se ser normal, custa-me imenso fingir que o sou. Por isso, reconforta-me saber que Herman Bang também não o era, e acabo de ler o livro na biblioteca. Quando chego ao fim, irrompo a chorar. «Sob a erva que cobre esta campa jaz a pobre Marianne. Aproximem-se, meninas, e chorem pela pobre Marianne.» Quero escrever poesia assim, que qualquer pessoa consiga entender. O meu pai também não quer que leia nada de Agnes Henningsen, porque é «uma mulher pública», conceito que não se dá ao incómodo de explicar em mais detalhe. Se visse o meu álbum de poesia, é provável que o queimasse. Trago-o sempre comigo desde que o Edvin o encontrou e troçou dele; de dia, transporto-o na pasta da escola, ou então nas calças, que têm um elástico que o impede de cair. À noite, guardo-o debaixo do colchão. O Edvin disse, mais tarde, que os poemas lhe pareceriam, na verdade, bons, se tivessem sido escritos por outra pessoa. Quando se sabe que é tudo mentira, disse ele, só dá vontade de rir. Os seus elogios agradam-me, porque não me incomoda que seja tudo mentira. Sei que às vezes é preciso mentir para dar a mostrar a verdade.

Temos vizinhos novos desde que expulsaram a Ketty e a mãe dela. É um casal mais velho, que tem uma filha chamada Jytte. Ela trabalha numa chocolataria e costuma passar muito tempo connosco quando o meu pai faz o turno da noite. A minha mãe diverte-se à grande com a Jytte, porque se entende melhor com mulheres mais novas do que ela. A Jytte traz sempre chocolate para o Edvin e para mim, e comemo-lo com todo o apetite, conquanto o meu pai garante que é decerto roubado. Por conta da generosidade da Jytte, acontece-me algo terrível. Uma vez, ao regressar das aulas, a minha mãe pergunta-me: E então, o almoço que levaste hoje não estava bom? Enrubesço e tartamudeio algo, sem saber onde ela quer chegar. Deito sempre o almoço ao lixo sem lhe tocar, porque embrulha a comida em papel de jornal. Os meus colegas levam o almoço embrulhado em papel de cera, algo que a minha mãe jamais aceitaria fazer. Sim, respondo, desalentada, estava muito bom. Bem que gostava de saber se os rouba mesmo, diz a minha mãe, conversadora. Eu pensava que o dono estava sempre de olho em cima. Compreendo então, e para meu alívio, que juntou chocolate ao meu almoço, e alegro-me, porque é uma prova do amor que me tem. É um tanto estranho a minha mãe nunca me ter apanhado numa

mentira. Por outro lado, quase nunca acredita na verdade. Eu diria que perco grande parte da infância a investigar o seu carácter e, todavia, continua a parecer-me misteriosa e inquietante. O pior é que é capaz de me guardar rancor durante dias e, por conseguinte, de se recusar a dirigir-me a palavra e a ouvir-me sem que sequer chegue a saber como a ofendi. Faz o mesmo com o meu pai. Uma vez, zombou do Edvin porque ele brincava com meninas, e o meu pai disse: E então? As meninas também são seres humanos, não são? Ah, sim?, respondeu ela, e depois calou-se e só voltou a falar-lhe oito ou mais dias depois. Eu, na verdade, estava do lado dela, porque era óbvio que rapazes e raparigas não podiam brincar juntos. Nem sequer o permitem na escola, a menos que sejam irmãos. Contudo, nenhum rapaz no seu perfeito juízo pensaria em mostrar-se em público com a sua irmã mais nova, e, quando o Edvin e eu não temos outro remédio se não seguir pelo mesmo passeio, tenho de o seguir a três passos de distância e sem que ninguém note que o conheço de algum lado. Ninguém se orgulha de mim. A minha mãe pensa o mesmo, porque, quando a acompanho à inauguração da Casa do Povo, faz os possíveis para me deixar mais ou menos apresentável. Chamusca-me o cabelo duro e loiro com o ferro de encaracolar, e ordena-me terminantemente que encolha os dedos dos pés, para que caibam nos sapatos que a Jytte nos emprestou. Já está bonita que chegue, vá, consola-a o meu pai, que se debate com o colarinho da camisa branca comprada para a ocasião. O Edvin já velho o suficiente para não o obrigarem a acompanhar a família, embora nos presenteie com os seus comentários encantadores sobre o quanto sou feia – tanto que nunca me conseguirei casar. Trata-se de um evento muito especial porque, findo o seu discurso aos trabalhadores, o Stauning vai entregar pessoalmente um presente a todos os recrutadores de Vesterbro, entre eles o meu pai. Domingo após domingo, sobe e desce as escadas dos prédios do nosso bairro para angariar novos membros militantes para o partido, e a minha mãe leva-o ao desespero uma vez por mês, quando aparecem a cobrar a quota de 50 centavos e ela pede que lhe cancelem a inscrição. O meu pai desfia uma lista de impropérios, pega no guarda-chuva velho e sair disparado atrás do homem, para voltar a filiar-se no partido. A minha mãe tem um ódio indefinível pelo Stauning e pelo partido, e de vez em quando insinua que em tempos o meu pai foi quase tão criminoso quanto um comunista. Não se atreve a pronunciar esta palavra em voz alta, mas às



vezes lembro-me do livro proibido que ele me lia quando eu era muito pequena, o da bandeira vermelha para o qual a família operária feliz olha, por isso, é possível que haja uma base de verdade nestas insinuações.

Quando o Stauning sobe à tribuna, acelera-se-me o coração, e estou certa de que acontece o mesmo ao meu pai. O Stauning fala como é seu costume, e eu não percebo metade do que diz, mas gosto de ouvir a sua voz pausada e grave, que atua sobre o meu espírito como um bálsamo e me assegura que nada de mal nos sucederá enquanto ele existir. Fala da implantação das oito horas diárias de trabalho, embora esse objetivo ainda esteja longe de se concretizar. Fala também dos sindicatos e da escumalha de delinquentes que não deveriam ter lugar em nenhum local de trabalho. Apresso-me a prometer a mim mesma, ao Stauning e a Deus que nunca serei uma delinquente. Só levanta a voz num tom furioso quando fala dos comunistas, que prejudicam e dividem o partido, mas depressa readquire um tom suave, quase murmurado, para explicar o desemprego, pelo qual a minha mãe não é a única a culpá-lo. Mas não é verdade, porque o desemprego deve-se em exclusivo à grande depressão mundial, segundo garante ele com uma expressão que me parece sonora e apelativa. Imagino um mundo inteiro tristíssimo, no qual todas as pessoas fecharam as portadas e apagaram a luz enquanto a chuva cai de um céu cinzento e inconsolável e sem uma só estrela. E agora, diz por fim o Stauning, tenho o prazer de entregar um prémio aos nossos recrutadores, todos eles muito competentes, como recompensa pelo seu trabalho em prol da nossa causa! Coro de orgulho quando penso que o meu pai é um deles, e olho-o de soslaio. Cofia nervosamente o bigode e sorri-me como se soubesse que compartilho a sua alegria. O conflito por conta do cargo de aprendiz é ainda responsável por uma certa frialdade entre ele e o Edvin, que parece estar a cair de sono. Então, o Stauning começa a proferir os nomes dos militantes um por um, em voz alta e clara, enquanto dá um aperto de mãos aos homens e lhes entrega um livro. Quando chega a vez do meu pai, vejo tudo a andar à roda. Dão-lhe um livro intitulado *Versos e Ferramentas*, e o Stauning assinou o seu nome e escreveu algumas palavras de reconhecimento na primeira página. A caminho de casa, o meu pai, que continua emocionado com tamanha honra, promete: Deixo-te lê-lo quando fores adulta. Bem sei que gostas de poesia. A minha mãe e o Edvin não nos acompanham até casa. Ficam na festa para dançar, algo que pouco ou nada interessa ao meu pai,

sempre sério, e eu não passo de uma criança. Mais tarde, a minha mãe esconde o livro tão ao fundo da estante que não dá para o ver quando a porta de vidro está fechada. Bela recompensa por gastar solas a subir e descer escadas todos os santos domingos, diz ela, jocosa, ao meu pai, e ele responde-lhe com uma arenga sobre patrões maldosos e salários miseráveis. Meu Deus! Nem o meu pai pode gozar de um pouco de felicidade em paz.

O tempo passou e a infância foi-se tornando delgada e plana, como se feita de papel. Estava cansada e puída, e nos momentos de maios desgaste parecia incapaz de aguentar até à minha idade adulta. Não era a única a reparar nisso. Sempre que ia a nossa casa, a tia Agnete dizia: Credo, como tens crescido! Sim, tem, respondia a minha mãe, ao mesmo tempo que me lançava um olhar de reprovação, se ao menos também fosse ganhando algum corpo... Nisso tinha a sua razão. Eu continuava rasa como uma tábua de engomar, e a roupa descaía-me dos ombros como suspensa de uma cruzeta. A infância tinha de me durar até aos catorze anos, mas que culpa tinha eu se a minha se estava a gastar antes de tempo? Nunca obtinha resposta às perguntas importantes. Cheia de inveja, observava a infância da Ruth e constatava que era firme, suave e escorreita – não tinha fendas nem fissuras. Tinha todo o aspeto de poder sobreviver à sua dona e de ser legada a outra pessoa que lhe desse serventia. A Ruth não tinha noção disto, claro. Quando os rapazes me gritavam na rua «Como está o tempo aí em cima, amiguinha?», ela respondia-lhes com uma torrente de impropérios e insultos que os afugentava de imediato. Sabia que eu era sensível e pouco faladora, e defendia-me sempre. Contudo, a Ruth já não me bastava. Nem a Menina Mollerup, que tinha muitas crianças com que se ocupar; eu era só mais uma. Sonhava encontrar uma pessoa – só uma – a quem pudesse mostrar os meus poemas e que os elogiasse. A avó achava-os indecentes, e o Edvin ria-se deles. Tinha começado a pensar muito na morte, que via como uma amiga. Cheguei inclusive a convencer-me de tal maneira de que queria morrer que, uma vez, a minha mãe saiu para ir às compras e peguei na faca do pão, que comecei a pressionar sobre o pulso, na esperança de encontrar a artéria. Enquanto isso, chorava baba e ranho só de pensar no desespero da minha

mãe, que em breve se debruçaria em lágrimas sobre o meu cadáver. Tudo isso não foi além de alguns cortes, dos quais ainda conservo cicatrizes quase impercetíveis. O meu único conforto neste mundo instável e inseguro era escrever poemas como este:

Fui outrora jovem, bela e feliz,  
plena de alegria e gargalhadas.  
Era uma roseira viçosa da flor à raiz,  
agora só me restam folhas secas e estragadas.

Tinha, nessa altura, doze anos. De resto, todos os meus poemas eram, como dizia o Edvin, «uma grande mentira». Na sua maioria, falavam de amor e, a dar-lhes crédito, eu levava uma vida aventureira cheia de conquistas interessantes.

Estava convencida de que os meus pais me enviariam para um reformatório se alguma vez descobrissem um poema como este:

Com prazer senti, meu amigo,  
quando os nossos lábios se encontraram,  
que foi para esse momento,  
que os nossos corpos a este mundo chegaram.

O meu difuso sonho de infância desvaneceu,  
agora a porta da vida está aberta.  
E a vida é bela – obrigada, meu amigo,  
por me proporcionares esta descoberta.

Escrevia poemas de amor dedicados à lua, à Ruth, ou a ninguém. Tinha a sensação de que os meus poemas recobriam os buracos da minha infância como a pele fina e nova que cresce debaixo de uma crosta que ainda não caiu. Influenciariam a minha forma adulta? Nessa época, andava quase sempre triste. O vento gelado da nossa rua fustigava-me o corpo magro e alto, que o mundo mirava com desaprovação. Na escola, fitava compenetradamente os professores, como fazia com todos os adultos, e uma vez uma professora substituta de Música abeirou-se de mim com toda a calma e disse-me num tom sereno, porém claro: Não gosto da tua cara.

Quando cheguei a casa, observei o meu rosto ao espelho da cómoda. Tinha uma cara pálida, com faces arredondadas e olhos assustadiços. Os incisivos superiores tinham o esmalte danificado, por conta do raquitismo de que padecera em pequena. Quem mo revelara fora a dentista da escola, que me dissera que se tratava de uma doença causada por uma má alimentação. Eu nada disse, claro; era melhor não tocar nestes assuntos em casa. Como não encontrava uma explicação para a minha crescente melancolia, acabei por acreditar que era mais uma vítima da «depressão mundial». Também pensava muito nos primeiros anos da minha infância, então irrecuperáveis, e parecia-me que tudo tinha sido melhor no passado. À noite, sentava-me no parapeito da janela e escrevia no meu caderno de poesia:

A corda agora partida  
já não tem cura.  
Não pode ser retinida,  
uma nota perde-se na noite escura.

Nessa época, os meus modelos literários eram os cânticos religiosos, os romances populares e os poetas da década de noventa.

Uma manhã, acordei maldisposta. Doía-me a garganta, e senti-me enregelada quando me levantei. Perguntei à minha mãe se podia ficar em casa e não ir às aulas, mas ela franziu o cenho e disse-me que a poupasse a parvoíces. Não suportava imprevistos nem visitas não anunciadas. Embora ardesse de febre, fui à escola. Mandaram-me para casa logo na primeira hora de aulas. Nessa altura, a minha mãe já assimilara a informação e aceitara que eu estava doente. Adormeci assim que me enfiei na cama, e quando acordei vi a minha mãe a fazer arrumações. Estava a pendurar cortinas lavadas no quarto e deu meia-volta quando a chamei. Ainda bem que já acordaste, disse ela, porque o médico não demora a chegar, vamos ver se ainda tenho tempo. O médico da caixa de previdência dava-me um medo de morte, e à minha mãe também. A minha mãe tinha acabado de pôr lençóis lavados nas camas e de me limpar as orelhas com um travessão de cabelo quando tocaram a campainha e ela, desorientada, apressou-se a abrir a porta. Bom dia, cumprimentou com respeito, desculpe o inconveniente... Não conseguiu dizer mais nada, porque um violento ataque de tosse a interrompeu. Enquanto tossia e escarrava para o lenço, o médico afastou-a

para o lado com a bengala: Sim, sim, resfolegou enquanto recuperava o fôlego. Estas malditas escadas... vão dar cabo de mim. E é tudo tão estreito, mal dá para respirar. Não são condições dignas para dar consulta. Ah, eu lembro-me de si, é a dos dentes, sim. Mas, valha-me Deus, quem está doente? Ah, a sua filha... E onde diabo a têm encafuada? Aqui dentro. A minha mãe conduziu-o até ao quarto, e o médico seguiu-a com dificuldade, encolhendo a barriga e contornando as camas dos meus para chegar à minha. Muito bem!, gritou ele, debruçando-se sobre mim. O que se passa contigo? Não estás a tentar fazer gazeta, pois não? Tinha um aspeto tão repulsivo que puxei o edredão até ao queixo. Cravou em mim uns olhos negros e inquietos que quase me levaram a dizer que éramos pobres, mas não surdos. Tinha as mãos recobertas de pelo, e de ambas as orelhas lhe saíam tufo de pelo espesso e preto. Quando pediu, em gritos, uma colher, a minha mãe quase tropeçou nas próprias pernas, pois saiu disparada em direção à cozinha, para assim lhe satisfazer o pedido. O médico iluminou-me a garganta com uma pequena lanterna, apalpou-me o pescoço de ambos os lados e, por fim, perguntou-me em tom ameaçador: Há difteria na tua escola? Algum dos teus colegas está doente? Eu disse que sim. Então, o médico fez um esgar de repulsa, como se tivesse comido algo amargo, e bradou: Tem difteria! Tem de ir já para o hospital. Raios partam isto! A minha mãe lançou-me um olhar de reprovação, como se nunca tivesse esperado que eu viesse a incomodar um médico tão ocupado com algo tão indecente. O médico pegou na bengala com fúria e cambaleou até à sala de estar para escrever a carta de internamento, e eu fiquei aterrorizada. O hospital! Os meus poemas! E agora, onde os poderia esconder? O sono venceu-me uma vez mais, e quando acordei deparei com a minha mãe sentada na cama. Perguntou-me com carinho se me apetecia comer alguma coisa e eu, para lhe agradar, pedi um pedacinho de chocolate, embora soubesse que não o conseguiria engolir. Graças à Jytte, havia sempre chocolate em nossa casa. Enquanto esperávamos que a ambulância chegasse, expliquei-lhe que queria levar comigo o meu caderninho de poesia, não fosse alguém no hospital querer escrever nele. A minha mãe não se opôs a esta ideia. Foi ao meu lado na ambulância, e passou toda a viagem a acariciar-me a testa e as mãos. Não me recordava que ela tivesse feito algo deste género antes, e senti-me em simultâneo confrangida e contente. Sempre que ia à rua ou às compras, observava com uma mistura de alegria e

inveja as mães que carregavam os bebés ao colo ou lhes davam carinho. A minha mãe talvez tivesse feito a mesma coisa quando eu era pequena, mas não me lembrava de nada. No hospital, conduziram-me a uma sala enorme onde havia crianças de todas as idades. Todas nós tínhamos difteria, e a maioria delas estava tão doente quanto eu. Guardei o álbum de poesia numa gaveta e ninguém estranhou que o tivesse levado comigo. Embora o internamento tenha durado três meses, não me lembro de quase nada da temporada que passei no hospital. À hora de visita, a minha mãe punha-se à frente da janela e falava-me aos gritos. Pouco antes de me darem alta, falou com um médico, que disse que eu tinha anemia e estava demasiado magra. A minha mãe ficou tão ofendida com este comentário que, quando regressei a casa, me dava a comer, todos os dias, papas de centeio e outros alimentos que me engordaram, conquanto o meu pai estivesse uma vez mais desempregado. Durante a minha longa ausência, a Ruth fizera amizade com Minna, a filha da porteira – uma rapariga gorda, de cabelo loiro-esbranquiçado, que em breve faria 13 anos, e com quem agora andava sempre no canto dos caixotes do lixo, embora não tivesse ainda idade para tal promoção. Sentia-me só e atraída. A noite, a chuva e a minha estrela – e, claro, o meu caderno de poesia – eram os meus únicos consolos naquela época. Só escrevia poemas como este:

Noite escura e silenciosa  
que me envolves no teu manto,  
afastas de mim o triste pranto  
e és para mim preciosa.

A chuva miúda que enfada  
escorre calada pela vidraça.  
Pouso a cabeça sem graça  
na minha triste almofada.

O sono prende-me sem fiança  
e acolho a noite, a minha melhor amiga.  
Amanhã acordarei com a sensação antiga  
de que na vida não há esperança.

Um dia, o meu irmão disse-me que devia tentar vender alguns dos meus poemas a um jornal, mas pareceu-me que ninguém estaria disposto a pagar um só centavo por eles. Na verdade, pouco me importava o dinheiro, desde que os publicassem, mas nunca encontraria quem se interessasse por eles. Mais tarde, quando eu já fosse adulta, compilaria os meus poemas, como é evidente, num livro a sério, mas não sabia muito bem como proceder para alcançar esse meu objetivo. O meu pai decerto saberia o que fazer, mas como dizia que as meninas não podem ser poetas, preferia não lhe contar nada. A mim, bastava-me escrever os poemas, e não tinha pressa nenhuma de os mostrar a um mundo que até então só os acolhera com gargalhadas e desdém.



O tio Peter matou a avó. Pelo menos é o que dizem os meus pais e a tia Rosalia. Ele e a tia Agnete foram buscá-la na véspera de Natal, em pleno nevão. Os três esperaram no mínimo um quarto de hora pelo elétrico e, apesar da sua fortuna lendária, pelos vistos o tio Peter nem sequer ponderou chamar um táxi que os levasse até casa. À noite, a avó tinha uma pneumonia, e deitaram-na num divã que lhe tinham preparado na sala grande, onde, embora acendam a lareira no Natal, faz um frio de rachar e não falta humidade, como disse a minha mãe, porque, como é óbvio, só aquecem a divisão três dias por ano. A avó passou todas as festividades ali deitada, e foi aí que recebeu as nossas visitas. Estava convicta de que iria morrer, mas não acreditámos nela. Tinha vestida a camisa de noite branca, de colarinho alto, e passava continuamente as suas mãos elegantes, tão parecidas com as da minha mãe, sobre o edredão, como se tentasse em vão agarrar algo crucial. Sem os óculos postos, via-se que tinha um nariz comprido e pontiagudo, e olhos de um azul profundo e límpido, bem como uma expressão inflexível e severa na boca retraída sempre que não sorria. Falava sem parar do seu funeral e das 500 coroas que perdera com a falência escandalosa do Landmandsbank. A minha mãe e as minhas tias riam-se trocistas e asseveravam-lhe: Vai ter um enterro de arromba quando chegar a sua hora, mãezinha. Penso que só eu a levava a sério. Ela tinha então 76 anos, e parecia-me que de facto já não lhe restaria muito tempo de vida. Escolhemos os hinos que se cantariam no funeral: o cântico «Sino de igreja, mas não para as capitais», e «Se puseste a mão no arado do Senhor». Este último não era um cântico funerário, mas a avó e eu gostávamos muito dele, e costumávamos cantá-lo juntas quando a visitava. De minha parte, esta escolha tinha o seu quê de desafio. O meu pai odiava em particular esse

hino religioso, porque a seu ver o verso «se o choro te abafa a voz, pensa na colheita dourada» era uma prova cabal da animosidade que a Igreja tinha para com os trabalhadores.

Teria adorado escrever um hino para a minha avó, mas não consegui. Tentei-o inúmeras vezes, mas saíam-me sempre parecidos a algum dos antigos e, por fim, para minha grande pena, tive de desistir. Dois dias depois do Natal, aconteceu algo terrível. As três irmãs estavam sentadas na cama da avó e o tio Peter na sala quando, de repente, tocaram a campainha. Uma das minhas primas abriu a porta: era o Perna Oca, que, num estado lamentável, conseguiu a muito custo chegar ao leito da enferma. A tia Rosalia cobriu a cara com as mãos e começou a chorar. O Perna Oca atirou-se a ela e gritou-lhe que ou voltava para casa de uma vez, ou lhe partia os ossos todos. O tio Peter teve de intervir para controlar o bêbedo, e expulsaram-nos, crianças, da sala. Ouviu-se uma grande algazarra, gritos de mulher e, no meio da balbúrdia, a voz tranquila e autoritária da minha avó, que tentou apelar à pouca sensatez que restava ao meu tio. De repente, fez-se silêncio, e percebemos que o tio Peter o tinha forçado a sair. Nunca o tinham deixado entrar naquela casa. Acontecia o mesmo na nossa rua. Os homens – a maioria – ora bebiam, ora alimentavam um ódio violento contra os que o faziam. Quando a avó piorou e o médico disse que era pouco provável que sobrevivesse, não mais me deixaram vê-la. A minha mãe passava dia e noite com ela, e regressava a casa com os olhos vermelhos e notícias pouco animadoras. Quando a avó morreu, também não me permitiram vê-la, mas ao Edvin sim. Ele disse-me que ela estava igual a quando era viva. No entanto, pude ir ao funeral. Estava na igreja de Sundby, ao lado da minha mãe e da tia Rosalia, e a meio da prédica deu-me um ataque de riso histérico. Foi tão surpreendente que tapei a boca e o nariz com o lenço com a esperança de que julgassem que estava a chorar, como os outros. Por sorte, as lágrimas escorriam-me pelas faces. Horrorizou-me pensar que não sentia nada perante a morte da minha avó. Adorava-a, e estavam a cantar os hinos que escolhêramos juntas. Assim sendo, porque não sentia pena? Muito depois do funeral, trocaram o meu edredão pelo da avó, a única herança que calhou à minha mãe. Quando, à noite, me cobri com ele, senti o cheiro peculiar a lençóis lavados que associava à minha avó. Só então consegui chorar e compreendi o que tinha acontecido. Oh, avó, nunca mais me vais ouvir cantar. Nunca mais me irás barrar o pão com

manteiga da genuína, e o que te esqueceste de me contar sobre a tua vida jamais será revelado. Passei muitas noites a chorar até adormecer, porque o odor teimava em não desaparecer do edredão.

Que Deus tenha piedade de ti se não te despachas a devolver este secador de roupa, diz a minha mãe, que me atira com o pesado aparelho de rolos, obrigando-me assim a dar um salto atrás, para que não me esmague os pés. Ela está na lavandaria, debruçada sobre uma bacia fumegante, e sei que fica meio louca neste dia do mês. Mas estou numa situação terrível. A minha mãe deu-me 10 centavos para pagar o aluguer do secador, que custa 15 centavos à hora. Aumentou cinco centavos na última vez, e já então me deram fiado porque lhes prometi pagar o que faltava na próxima ocasião. Ou seja, hoje tenho de lhes pagar 20 centavos, e só tenho 10. Mãe, protesto eu com timidez, não tenho culpa de que tenham aumentado o preço. Levanta a cabeça e afasta o cabelo húmido da cara. Põe-te a andar, ordena ela em tom ameaçador, e eu saio da lavandaria cheia de vapor e subo ao pátio, onde olho para o céu cinzento como se esperasse que daí viesse alguma ajuda. É de tarde, e no canto dos caixotes do lixo está a conspirar o grupinho do costume. Quem me dera ser uma delas. Quem me dera ser como a Ruth, tão baixinha que mal se vê no meio do grupo. Olá, Tove!, grita ela alegre, porque não tem noção de que me abandonou e desiludiu. Olá, respondo, e de súbito sinto alguma esperança. Aproximo-me um pouco dela e faço-lhe sinal para que se acerque de mim. Quando lhe explico o recado de que me incumbiram, diz: Não te preocupes, eu acompanho-te e arranjo maneira de a devolver. Dá-me os 10 centavos, sempre são melhor do que nada. Para a Ruth tudo é simples, e o comportamento dos adultos nunca a surpreende. A mim também pouco me espanta a conduta da minha mãe, cujo carácter instável e imprevisível já aceitei. Quando chegamos à Sundevedsgade, fico na esquina, pronta para fugir, enquanto a Ruth entra pela loja, pousa o aparelho e os 10 centavos no balcão e regressa a correr.

Juntas, corremos até à Amerikavej, onde rimos sem fôlego, como quando, nos velhos tempos, nos livrávamos de um perigo. A cabra começou a berrar-me, diz a Ruth. São 15 centavos!, gritou a bruxa, mas com aquela pança não conseguiu sair de detrás do balcão a tempo. Oh, Deus, foi divertido. As lágrimas límpidas abrem sulcos na sua cara bonita, e sinto-me feliz e grata. No regresso a casa, pergunta-me porque não lhes faço companhia junto aos caixotes do lixo. As raparigas mais velhas são muito engraçadas, diz. Divertem-se à brava e, se a Ruth tem idade para conviver com elas, eu também tenho. Quando chegamos ao prédio, já só lá estão a Minna e a Grete. Não entendo o que a Ruth vê na Minna. A Grete vive no prédio em frente; a mãe dela é divorciada e trabalha como modista, como a minha tia. Anda no sétimo ano e mal a conhece. Traz vestida uma camisola de malha sob a qual se notam duas saliências minúsculas na parte dianteira – duas tumefações de que ainda careço, por azar. Quando se ri, nota-se que tem a boca torta. O recanto do pátio está imerso em penumbra e tresanda a lixo. As duas raparigas estão sentadas nos caixotes, e a Minna abre espaço para a Ruth com um gesto acolhedor. Eu fico ali especada, hirta como um marco do correio, e sem saber o que dizer. Há anos que anseio por esta promoção, mas agora tenho dúvidas de que seja algo assim tão interessante. A Gerda está quase a ter o bebé, anuncia a Grete, que bate com os calcanhares no caixote do lixo. Vai ter um deficiente, como o Ludvig-Jeitoso, diz, com expectativa, a Minna. É o que acontece às crianças feitas a meio de uma bebedeira. Que treta, retorque a Ruth. Se assim fosse, seríamos quase todos deficientes. Falam sempre assim, e encontram sempre algo de mau e sórdido que dizer sobre toda a gente. Pergunto-me se também falarão assim de nós quando não estou presente. Falam, entre risinhos, de bebedeiras, traições amorosas e relações escabrosas. A Grete e a Minna querem perder a virgindade assim que forem crismadas, asseveram, e terão o cuidado de não engravidar antes de terem 18 anos. Já sei de tudo isto, contou-mo a Ruth, por isso, a conversa junto aos caixotes do lixo acaba por ser tristíssima e aborrecida. Sinto um aperto no peito e só quero desaparecer e ir para bem longe do pátio, da nossa rua, dos prédios do bairro. Não sei se haverá outras ruas, outros pátios, outros prédios, outras pessoas. Nunca passei da Vesterbrogade, onde comprei três libras de batata velha ao merceeiro, que me dava sempre um caramelo e que, no fim de contas, se veio a saber ser o «Broca X». Durante o dia, trabalhava com descrição na

sua mercearia, e à noite ridicularizava a polícia com os seus assaltos aos postos de correio da cidade. Demoraram anos a apanhá-lo. Estou perdida em reflexões quando, de repente, a Ruth diz: A Tove tem um namorado! As duas raparigas mais velhas casquinam a rir. Que mentira descarada, responde a Minna, não vês que é demasiado certinha para isso! Não é nada mentira, riposta a Ruth, que me fita com um sorriso de orelha a orelha e sem nenhuma maldade. Sim, eu também sei quem é. É o Charles-Caracoletas! Ah, ah, ah, ah! Desmancham-se a rir e eu rio-me mais alto do que todas elas. Rio-me porque a Ruth queria entreter-nos, não porque lhe tenha achado graça. Nesse momento, a Gerda atravessa o pátio com as costas curvadas e de passo arrastado, e os risos cessam de imediato. Leva na mão um saco de rede com garrafas de cerveja que chocam umas com as outras. Tem o cabelo curto mais escuro do que antes, e a cara cheia de manchas castanhas. Desejo, com todas as minhas forças, que tenha um filho lindo e normal. Uma menina, espero eu, com o cabelo loiro apanhado numa trança comprida que lhe caia pelas costas. A Gerda talvez estivesse apaixonada pelo Ventas de Latão; ninguém sabe o que se esconde no coração de uma mulher. Talvez chore todas as noites até adormecer, embora passe os dias a cantarolar e a rir. Antes, estava sempre no canto com os caixotes do lixo, onde um dia anunciou o que aconteceria quando fizesse catorze anos. A esse respeito, não penso seguir a tradição. Só pretendo fazê-lo quando encontrar um homem que me ame, embora, até ver, nem homens nem rapazes olhem sequer para mim. Não quero um «operário qualificado com emprego estável que volte direitinho para casa com o salário semanal no bolso e que não beba». Para isso, mais vale ficar solteira, algo a que, pelos vistos, os meus pais se vão resignando pouco a pouco. O meu pai está sempre a falar de um «trabalho fixo com direito a reforma» para quando eu sair da escola, mas isso parece-me tão horrendo quanto o operário qualificado. Quando penso no futuro, esbarro invariavelmente contra uma parede, e é por isso que gostaria de prolongar a minha infância. Todavia, não vejo forma de o conseguir e, quando a minha mãe me chama da janela, afasto-me aliviada do adorado recanto dos caixotes do lixo. Ora bem, pergunta ela com toda a meiguice, conseguiste devolver o secador? Sim, respondo laconicamente, e ela sorri-me como se eu tivesse concretizado com êxito uma tarefa muito complicada.

A Menina Matthiasen pediu-me que pergunte em casa se posso passar para o liceu, embora no exame não tenha sabido dizer quantos anos durou a Guerra dos Trinta Anos. Nunca compreenderei este género de piada. A Menina Matthiasen diz que sou uma rapariga muito inteligente, e que devia continuar os estudos. Eu também gostava de continuar a estudar, embora saiba perfeitamente que não temos condições para isso. No entanto, inquiri, sem grandes esperanças, o meu pai, que, agitadíssimo, perora com desdém sobre as meias azuis do uniforme e as estudantes, que são sem exceção feias e arrogantes. Uma vez, era suposto ajudar-me a escrever uma composição sobre Florence Nightingale, mas a única coisa que conseguiu dizer sobre ela foi que tinha os pés grandes e mau hálito, de maneira que preferi pedir auxílio à Menina Mollerup. De resto, o meu pai escreveu muitas das minhas composições, e a Menina Matthiasen deu-lhe muito boas notas. Tudo correu bem até ao dia em que escreveu uma composição acerca da América, que terminou assim: «Dizem que a América é o país da liberdade. Antigamente, isto significava ter-se liberdade para se ser quem se é, para trabalhar e ter terra. Agora, na prática, significa liberdade para se morrer de fome se não se tiver dinheiro para comprar comida.» Que diabo queres dizer com esta parvoíce?, perguntou a professora. Como não soube explicá-lo, tivemos apenas um Bom no trabalho. Não, não posso continuar a estudar, e também não poderei continuar a ser criança por muito mais tempo. Sairei da escola e farei o crisma e vou trabalhar numa casa onde haja muito que fazer. O futuro é um colosso monstruoso e poderoso que em breve cairá sobre mim para me destruir. A minha infância remendada revolteia em meu redor, e, assim que tapo um dos seus buracos, abre-se outro acolá. Isto torna-me vulnerável e irritadiça. Respondo torto à minha mãe, e ela responde

triumfante: Sim, deixa-te andar, tu vês o que vai ser de ti quando tiveres de lidar com desconhecidos! A grande mágoa dos meus pais é o Edvin, a quem me sinto muito unida desde que ele os enfrentou. Como não tenho sentimentos profundos nem dolorosos por ele, pode confiar em mim e contar-me tudo o que quiser sem qualquer receio. Porém, o meu pai sempre acreditou que ele chegaria longe, porque em criança tinha muito talento. Sabia cantar e tocar guitarra, e fazia sempre de príncipe nas peças da escola. Todas as raparigas da escola e do pátio andavam loucas por ele, e, como frequentávamos a mesma escola, os professores perguntavam-me, admirados: Tu és irmã daquele rapaz tão esperto e bonito? Além disso, o meu pai adorava o facto de ele pertencer ao grupo de Jovens Proletários Dinamarqueses, e que militasse no partido de corpo e alma. O meu pai costumava dizer que não tinha qualquer respeito pelos ministros que nunca tinham pegado numa pá, portanto, que futuro teria ele sonhado para o Edvin? Agora, não passam de sonhos desfeitos. O Edvin espera apenas pelo belo dia em que, por fim, se tornará oficialmente operário e poderá maltratar os pobres aprendizes. Está também ansioso por fazer 18 anos, porque nesse mesmo dia sairá de casa e arrendará um quarto, onde poderá fazer as suas coisas em paz. Quer viver num sítio onde possa receber a visita de raparigas, porque nisso a minha mãe é inflexível. A seu ver, todas as jovens são agentes inimigas que pretendem somente casar-se, para assim serem sustentadas por um operário cuja formação foi paga, a muito custo, pelos pais que tiveram de contar todos os centavos ao longo da vida. E agora que vai finalmente ganhar dinheiro, diz ela com amargura ao meu pai, e nos podia devolver uma parte, sai de casa, claro. Deve ter sido alguma porca que lhe meteu essa ideia na cabeça. Dizem estas coisas quando se deitam e julgam que estou a dormir. Entendo a posição do Edvin, porque não se consegue viver nesta casa, e também me irei embora assim que atingir a maioridade. Contudo, percebo também a decepção do meu pai. Recentemente, discutiu com o Edvin, e o meu irmão disse que o Stauning se enfrascava e tinha amantes. O meu pai ficou vermelho como um pimento de raiva pura e deu-lhe uma tal bofetada que o atirou ao chão. Nunca tinha visto o meu pai bater ao Edvin, e também nunca me bateu. Uma noite em que os meus pais estavam na cama a discutir o problema, o meu pai disse que tinham de lhe dar permissão para convidar a namorada a ir a nossa casa. Mas ele nem tem nenhuma... pelo menos uma fixa, respondeu a minha mãe.



Tem, sim, retorquiu o meu pai, ou não sairia todas as noites. És tu que o afastas de casa com a tua atitude. Como sempre acontece quando o meu pai insiste nalguma coisa – o que raras vezes sucede –, a minha mãe viu-se obrigada a ceder, e pediram ao Edvin que convidasse a Solvejg a tomar um café em nossa casa na noite seguinte. Sei muitas coisas acerca da Solvejg, mas nunca a vi. Sei que ela e o meu irmão gostam um do outro e se vão casar quando ele for promovido a funcionário. Também sei que o Edvin vai à casa dela, e que os pais da Solvejg gostam muito dele. Conheceu-a num baile na Casa do Povo. Ela mora na Enghavevej e tem 17 anos, tal qual ele. O pai conserta bicicletas e tem uma oficina na Vesterbrogade. Ela tem formação como cabeleireira e ganha muito dinheiro.

Chegada a noite da visita, todos vigiávamos atentamente o menor movimento da minha mãe. Ajudei-a a pôr a nossa única toalha branca na mesa, e o Edvin tentou em vão prender-lhe o olhar para lhe sorrir. Tinha vestido o fato que usara no crisma, que lhe estava então curto nos pulsos e nos tornozelos. O meu pai estava sentado com a roupa de domingo na borda do sofá, onde mexia, nervoso, no nó da gravata como se fosse ele o visitante. Fui buscar a bandeja com os pastéis de creme e pousei-a no meio da mesa. Nesse instante, a campainha tocou e o meu irmão quase tropeçou quando saiu disparado para abrir a porta. Uma gargalhada límpida ecoou no corredor, e a minha mãe torceu os lábios, pegou no trabalho de tricô e pôs-se a mexer as agulhas feito doida. Boa noite, disse ela secamente quando estendeu a mão a Solvejg sem levantar os olhos. Sente-se, por favor. Foi quase como se lhe dissesse para ir para o diabo que a carregasse, mas dir-se-ia que a Solvejg não reparara na tensão que se fazia sentir. Sentou-se, sorridente, e achei-a muito bonita. Levava o cabelo loiro apanhado no alto da cabeça e tinha umas faces coradas com covinhas, e uns olhos azul-escuros que pareciam estar sempre a rir. Não notou que estávamos todos calados e começou a falar em tom alegre e confiante, como se estivesse habituada a dar ordens. Falou do seu trabalho, dos pais, do Edvin e de como estava contente por finalmente conhecer a casa dele. A minha mãe estava, sem dúvida, cada vez mais tensa, e mexia as agulhas como se prestes a explodir. A Solvejg acabou por se aperceber da situação, porque disse: Que engraçado! Quando o Edvin e eu nos casarmos, a senhora vai ser minha sogra! Desatou a rir-se, muito satisfeita, mas sozinha, até que a minha mãe começou, de repente, a chorar. Foi uma situação deveras embaraçosa, e

ninguém sabia o que fazer. Ela chorou e chorou sem deixar de tricotar, e o seu choro nada tinha de comovente. Alfrida!, disse o meu pai, que nunca a chamava pelo primeiro nome. Em desespero, peguei na cafeteira. Não quer mais uma chávena de café?, perguntei à Solvejg, e enchi-lhe a chávena até cima sem esperar por uma resposta. Pensei que talvez achasse que aquela situação era normal em nossa casa. Obrigada, disse ela com um sorriso. Ficámos em silêncio por um momento. O meu irmão fitou a toalha de mesa com um olhar sombrio. A Solvejg juntou natas e açúcar ao café com muita alacridade. Dos olhos fitos no trabalho de tricô da minha mãe escorria uma torrente inesgotável de lágrimas. De súbito, o Edvin arrastou a cadeira para trás com brusquidão, fazendo-a embater no aparador. Anda, Solvejg, disse ele, vamo-nos embora. Já sabia que ela ia estragar tudo. Pare de chorar, mãe. Vou casar com a Solvejg, quer queiram, quer não. Adeus. E, de mão dada a Solvejg, apressou-se a dirigir-se ao corredor sem lhe dar tempo para se despedir. A porta fechou-se com estrondo quando saíram. A minha mãe só então tirou os óculos e enxugou as lágrimas. Aí tens, disse ela ao meu pai em tom de reprovação, foi isto que arranjaste com a tua mania de o pôr a aprendiz. Esta tipa nunca vai largar uma mina de ouro destas! O meu pai, fatigado, deitou-se no sofá, desfez o nó da gravata e desapertou o botão de cima da camisa. Não é nada disso, disse ele sem qualquer fúria, mas assim vais acabar por afastar os teus próprios filhos.

O Edvin não voltou a levar nenhuma rapariga para casa e quando, mais tarde, se casou, só lhe vimos a mulher depois da boda. Não era a Solvejg.

A última primavera da minha infância é fria e ventosa. Sabe a pó e tresanda a ruturas dolorosas e a mudanças. Na escola, andam todos ocupados com os preparativos para os exames e para o crisma, mas eu não encontro sentido em nada disto. Não preciso de um diploma da escola intermédia para lavar a casa a desconhecidos, e o crisma não é mais do que a lápide que vai sepultar uma infância que agora me parece luminosa, segura e feliz. É uma época em que tudo me causa uma impressão profunda e permanente, e tenho a sensação de que irei recordar até os comentários mais banais para o resto da minha vida. Quando saio com a minha mãe para comprar os sapatos com que irei ao crisma, ela diz à frente da empregada: Bem, estes são os últimos sapatos que te oferecemos. Esta frase esboça um panorama horrendo para o meu futuro, e não faço ideia de como poderei ganhar o meu sustento. Os sapatos são de brocado e custam 9 coroas. Têm tacão alto, e como não sei caminhar com eles sem torcer os pés e porque, segundo a minha mãe, com eles calçados pareço uma torre, o meu pai corta parte dos tacões com um machado. Isto faz com que as biqueiras se torçam para cima, mas a verdade é que só os vou usar um dia, reconforta-me a minha mãe. No dia em que fez 18 anos, o Edvin foi morar para um quarto na Bagerstræde, e agora sou eu quem dorme no sofá da sala, o que me parece mais um triste sinal de que a minha infância acabou. Aqui, não posso sentar-me no parapeito da janela, que está cheio de gerânios, e só se vê a praça com a carroça verde e a estação de gasolina com o grande letreiro redondo, iluminado de verde, que, segundo me contaram, me fez dizer numa ocasião: Mãe, a lua caiu! Não me lembro desse episódio, e em geral os adultos têm recordações muito diferentes das nossas. Já há muito que me apercebi disso. As recordações do Edvin também são muito diferentes das

minhas, e quando lhe pergunto se se lembra de um acontecimento que eu creio termos em comum, diz sempre que não. O meu irmão e eu gostamos um do outro, mas não somos muito de conversar. Quando o visito no seu quarto arrendado, é a senhoria dele quem me abre a porta. A senhora tem um bigode preto e parece ter as mesmas suspeitas que a minha mãe. Irmã dele, diz ela espantada, deve ser, deve. Nunca tive um inquilino com tantas primas e irmãs como este. Embora agora tenha um quarto só para ele, o Edvin não está bem. Fuma cigarros, bebe cerveja e sai para dançar muitas noites com um amigo chamado Thorvald. Foram aprendizes juntos, e sonham um dia terem uma oficina só deles. Nunca vi o Thorvald, porque nenhum de nós pode receber visitas em casa, sejam de que sexo forem. O Edvin está muito abatido porque a Solvejg o deixou. Um dia, apareceu no quarto dele, onde por fim podiam ficar a sós, e disse que não se queria casar com ele. O Edvin culpa a minha mãe por este desfecho, mas eu cá acho que a Solvejg arranjou outro. E li algures que o amor verdadeiro se fortalece perante as contrariedades, mas prefiro manter-me bem caladinha, porque presumo que para o Edvin seja melhor acreditar que a minha mãe a afugentou. O quarto dele é minúsculo, e a mobília parece pronta para deitar ao lixo. Nunca fico muito tempo lá, porque as nossas conversas estão entremeadas de silêncios longos, e porque me parece tão aliviado quando me vou embora quanto contente quando chego. Conto-lhe coisas de casa. Como, por exemplo, que agora uso umas botas de couro que, como de costume, herdei dele. O nosso pai envernizou as solas, para que durem mais tempo, e também pintalgou as biqueiras, que agora curvaram para cima e estão negras, ao passo que o resto das botas é castanho. Um dia, a minha mãe atirou-me uns trapos para as mãos: Esfrega as tuas botas com esses trapos e depois deita tudo ao lume, disse ela. As botas?, perguntei, entusiasmada. Ela riu-se de mim, com vontade, durante algum tempo. Não, parvinha, os trapos!, respondeu. O Edvin também se ri destas histórias, e por isso lhas conto agora que já não partilha o nosso dia a dia. Já nada é como antes. Só a Istedgade está na mesma, e agora também me deixam andar por lá à noite. Saio com a Ruth e a Minna, e a Ruth não parece perceber de que entre a Minna e eu há quase uma relação de ódio. Às vezes vamos à Saxogade visitar a Olga, a irmã mais velha da Minna, que se casou com um polícia e tem a vida feita. A Olga cuida da filha e deixa-me pegar-lhe ao colo. Sinto uma enorme ternura quando a tenho nos braços. A Minna

também se quer casar com um homem de uniforme, porque ficam muito janotas assim, diz ela. Viverão perto da Hedebygade, porque é para aí que se mudam todos os recém-casados. A Ruth aquiesce com ar de aprovação e prepara-se para procurar esse mesmo destino, que ambas consideram tão apetecível. Sorrio com cumplicidade, como se também desejasse o mesmo futuro, e, como é costume, temo que me descubram a careca. Sinto-me alheada deste mundo e não consigo falar com ninguém sobre os receios que sinto sempre que penso no futuro.

A Gerda teve um menino adorável, que passeio com orgulho pela rua quando os pais dela saem para trabalhar. Só tem 17 anos, e não se pode ter filhos antes dos 18. Veem-na com maus olhos, porque com a sua atitude se recusa a reconhecer que as coisas lhe correram mal e a aceitar a compaixão que os vizinhos lhe oferecem. Todos se indignaram quando rejeitou o cestinho com roupa de bebé que a mãe da Olga recolheu para lhe oferecer. E lá anda ela, muito contente, e os pais têm de a sustentar para lá da idade aceitável. «Se fosses tu», garante a minha mãe, «podias ter a certeza que te punha no olho da rua num instantinho.» Oh, gostava tanto de abraçar o meu próprio bebé! Havia de arranjar maneira de o sustentar. Se ao menos chegasse a esse ponto... De noite, quando me deito, imagino que conheço um jovem simpático e encantador a que, com todo o tato, peço um grande favor. Explico-lhe que quero muito ter um filho, e pergunto-lhe se me pode ajudar a cumprir esse sonho. Aceita, e eu cerro os dentes, fecho os olhos e finjo que tudo acontece a outra rapariga que nada tem que ver comigo. Depois, não o quero voltar a ver. Todavia, nem aqui no prédio na nossa rua há um jovem assim, pelo que escrevo um poema no meu caderninho, que agora guardo no fundo da gaveta do aparador:

Uma pequena borboleta  
voava bem alto no céu azul.  
Desafia os deveres, a razão,  
e toda a moral.

Embriagada com o charme primaveril,  
desdobrou as suas asas trémulas,  
e foi transportada pelos raios dourados de sol  
até à bonita terra abaixo dela.

E a borboleta pousou  
numa flor rosada de macieira  
que acabara de desabrochar  
e aí encontrou um noivo adorável.

A flor de macieira fechou-se,  
e o voo louco terminou.  
Oh, obrigada, pequeninas, ensinaram-me  
a amar com carinho.

O corpo da minha avó ainda não arrefecera na campa quando o meu pai nos retirou da Igreja. A expressão é da minha mãe. A avó não tem sepultura. As suas cinzas estão dentro de uma urna no crematório de Bispebjerg, e eu não sinto absolutamente nada quando fíto aquele jarrão idiota. Mas vou lá amiúde para agradar à minha mãe. Sempre que lá vamos, chora como uma desalmada, e sinto remorsos quando pergunta: Porque é que tu não choras? Choraste no funeral, que bem me lembro. Agora que o Edvin saiu de casa, passo o dia com a minha mãe quando não estou na escola ou na rua. Também fomos juntas ao baile na Casa do Povo, mas dançar com ela não tem piada nenhuma, porque sou uma cabeça mais alta do que ela e ao seu lado pareço desengonçada e demasiado grande. Enquanto ela dançava com um senhor, um jovem aproximou-se de mim e convidou-me a dançar com uma vénia. Nunca tal me tinha acontecido e estive para recusar o convite, porque só conheço os passos de dança que a minha mãe me ensinou na sala de estar nas poucas ocasiões em que a encontrei de bom humor. Contudo, o jovem já me tinha posto o braço em volta da cintura, e, como ele dançava bem, eu também dancei bem. Estava tão calado que, só para quebrar o silêncio, lhe perguntei o que fazia na vida. Trabalho no regimento postal, disse ele, sem acrescentar mais nada. Quando ouvi isto, pensei que devia ser um oficial do exército. Algo muito diferente de um «operário qualificado com um emprego estável», não havia dúvida. Talvez dançasse comigo toda a noite, e talvez já estivesse um pouco apaixonado por mim. O coração acelerou-se-me e aproximei-me mais dele. «Já anoiteceu, já anoiteceu, os ladrões roubam o que é teu», cantou-me ele ao ritmo da música. A canção acabou bruscamente e o jovem deixou-me ao lado da minha mãe, fez uma vénia solene e desapareceu para sempre. Que rapaz tão bem-apegoado,

comentou ela, espero que volte. É oficial do exército, vangloriei-me, e expliquei-lhe que ele trabalhava no regimento postal. Oh, santo Deus, filha, disse a minha mãe, o homem não passa de um estafeta!

Como já não pertencemos à Igreja, vou fazer um crisma civil. Isso diferencia-me de todas as raparigas da minha turma, que vão à catequese com o pastor, mas já pouco me incomoda, porque desisti de me parecer com elas. Ao sábado, quando Victor Cornelius toca para o baile da rádio, juntam-se nas casas umas das outras. Também convidam rapazes, e muitas das minhas colegas já namoram alguns. Em nossa casa não temos rádio, e há muito perdeu a piada pormos os auscultadores para ouvir crepitar o recetor de galena que o meu irmão construiu na escola. Além disso, mesmo que tivéssemos rádio, os meus pais jamais aceitariam organizar bailes ao sábado em minha honra. Terei exames em breve, e tanto me faz ter ou não boas notas. Afinal, talvez esteja mesmo desiludida por não ir para o liceu. Só uma da minha turma vai. Chama-se Inger Nørgård, e é tão alta e desengonçada quanto eu. Está sempre a estudar, e tem nota máxima em todas as disciplinas. As outras dizem que vai ser uma solteirona, e que é por isso que tem de continuar a estudar. Nunca falei a sério com ela, ou pelo menos não mais do que com qualquer outra pessoa da escola. Tenho de guardar tudo dentro de mim, e às vezes sinto que sufoco. Deixei de deambular pela Istedgade à noite, com a Ruth e a Minna, porque as suas conversas começam a reduzir-se a alusões, entre risinhos, a coisas sórdidas e obscenas, que a minha alma, cada vez mais sensível, nem sempre consegue transformar em linhas rítmicas e delicadas. Com a minha mãe falo apenas de trivialidades, como, por exemplo, do que comemos ou dos vizinhos de baixo. O meu pai anda muito calado desde que o Edvin saiu de casa, e para ele não passo de alguém que tem de «se fazer à vida», com todos os terríveis acontecimentos que ele imagina que essa expressão acarreta. Um dia, visito o meu irmão, que me diz, para meu espanto, que o seu amigo Thorvald me quer conhecer. Contou-lhe que escrevo poemas, e pergunta-me se o amigo os pode ler. Aterrorizada, rejeito por inteiro tal ideia, mas o meu irmão diz-me então que o Thorvald conhece o editor do *Socialdemokraten*, que talvez os publique – se forem bons, claro. Diz tudo isto entre ataques de tosse, porque não suporta o verniz de celulose com que trabalha. Por fim, cedo e prometo levar-lhe o meu álbum de poesia no dia seguinte, para que o Thorvald leia o que escrevi. O Thorvald também é



pintor de carroçarias; tem 18 anos, é solteiro e descomprometido. Certifico-me de que não está comprometido precisamente porque comecei a sonhar que ele é o tal jovem carinhoso que compreenderá quase tudo sem que tenhamos de trocar uma só palavra.

Com o caderno de poesia na pasta da escola, rumo à Bagerstræde na noite seguinte. Olho determinada para as pessoas com quem me cruzo no passeio, porque não tarda serei famosa e, quando isso acontecer, sentirão orgulho por me terem visto na rua quando ia a caminho das estrelas. Sinto um medo enorme de que o tal Thorvald se ria dos meus poemas como o Edvin se riu em tempos. Imagino-o parecido com o meu irmão, mas com um bigodinho preto. Quando entro no quarto do Edvin, o Thorvald está sentado na cama ao lado do meu irmão. Levanta-se e estende-me a mão. É baixo e entroncado. Tem um cabelo loiro e áspero, e a cara coberta de borbulhas em vários estados de maturação. É, sem dúvida, tímido, e está sempre a passar a mão pelo cabelo que, em consequência, fica espetado ao alto. Observo-o horrorizada, porque me sinto incapaz de lhe mostrar os meus poemas. Esta é a minha irmã, apresenta-me, sem qualquer necessidade, o Edvin. É mesmo bonita, diz o Thorvald, que continua a passar os dedos pelo cabelo. Parece-me um jovem amável, e sorrio-lhe quando me sento na única cadeira do quarto. Não nos devíamos deixar levar pela aparência das pessoas, penso eu, e talvez esteja a ser sincero quando diz que sou bonita. Pelo menos é a primeira pessoa que o diz em toda a minha vida. Tiro o caderno da pasta e seguro-o nas mãos. Assusta-me sobremaneira que este sujeito tão influente possa achar os meus poemas maus. Não faço ideia se são bons ou maus. Dá-lhe isso de uma vez, vá, instiga-me, com impaciência, o meu irmão. Estendo-lhe o caderno com muitas dúvidas. Enquanto o folheia e o lê de cenho franzido e cara de poucos amigos, quase me sinto noutra dimensão de existência. Estou exaltada e comovida e amedrontada, é como se o álbum de poesia fosse uma parte viva e trémula de mim própria e pudesse ser destruído com uma só palavra áspera ou insultuosa. O Thorvald lê em silêncio e não mostra o mínimo sinal de querer sorrir. Assim que acaba de ler os poemas, fecha o caderno, lança-me um olhar de admiração com os seus olhos azuis, e diz com entusiasmo: São bons com'o caraças! O modo como se expressa recorda-me a Ruth, que raras vezes formula uma frase sem a enfeitar com uma palavra de calão. Mas não se deve julgar ninguém por isso, e neste momento o Thorvald parece-me lindo e inteligente. Está a

falar a sério?, pergunto, feliz. Podes crer que estou, caramba, assevera. Tenho a certeza de que os podias vender. O pai dele é tipógrafo, explica o Edvin, e conhece os editores todos. Sim, confirma o amigo, orgulhoso, eu trato disso. Deixa-me levar o caderno para casa e mostrá-lo ao meu velho. Não, respondo num ápice, e logo recupero o caderno. Eu... prefiro mostrá-lo em pessoa ao editor. Diga-me onde ele vive e pronto. Está bem, concede o Thorvald, eu digo ao Edvin e ele depois explica-te. Volto a guardar o caderno na pasta, e não vejo a hora de ir para casa. Quero ficar a sós e sonhar com o futuro. Agora já nem quero saber do crisma, de me tornar adulta, ou de ter de trabalhar para desconhecidos; já só me importa a perspetiva fabulosa de publicarem um dos meus poemas – um só que seja – no jornal.

O Thorvald e o Edvin cumprem a sua palavra, e alguns dias depois tenho na mão um papel que diz: «Editor Brochmann, edição de Domingo, *Socialdemokraten*, Nørre Farimagsgade, número 49. Terça-feira, às duas horas.» Visto a minha melhor roupa, passo o papel de seda cor-de-rosa da minha mãe pelas faces, faço-a crer que vou tomar conta da filha da Olga, e caminho com vagar até à Nørre Farimagsgade. Uma vez dentro do enorme edifício, encontro o gabinete com o nome do editor e bato à porta com cuidado. Entre, dizem do outro lado da porta. Entro num escritório onde um idoso de barba branca está sentado atrás de uma secretária grande envolta em caos. Sente-se, se faz favor, diz ele com muita amabilidade, ao mesmo tempo que aponta para uma cadeira. Assim que me sento, apodera-se de mim uma timidez avassaladora. Bem, diz ele, e tira os óculos, o que desejas? Como não consigo pronunciar uma só palavra, ocorre-me apenas entregar-lhe o caderno, que por esta altura já está bastante deteriorado. O que vem a ser isto? Folheia-o e lê, para consigo, um par de poemas. Fita-me sobre os óculos: São muito eróticos, não são?, comenta, perplexo. Fico vermelha como um pimento e apresso-me a responder: Nem todos. Ele continua a ler e diz: Não, mas os eróticos são os melhores, sim, senhora. Que idade tens? Catorze, respondo. Ora bem. Cofia a barba com ar indeciso. Eu só edito a página infantil, e aí não os podemos publicar. Volta cá daqui a dois ou três anos. Fecha o meu pobre caderno com um golpe seco e devolve-mo sorridente. Adeus, minha cara, diz ele em jeito de despedida. Sem saber muito bem como, consigo sair do gabinete com todas as minhas esperanças desfeitas. Lentamente, apática, começo a caminhar até casa,

atravessando a primavera da cidade, a primavera das outras pessoas, a alegre transformação de quem me rodeia, a felicidade dos demais. Nunca serei famosa, os meus poemas não valem nada. Vou casar-me com um operário qualificado com um emprego estável que não beba demasiado, ou terei um trabalho fixo com direito a reforma. Depois desta tremenda desilusão, demoro muito a retomar os meus poemas. Embora ninguém goste deles, não me resta outro remédio se não escrevê-los, porque mitigam a dor e o desejo no meu coração.

Durante os preparativos do meu crisma, surge a grande pergunta: devemos, ou não, convidar o Perna Oca? Nunca veio a nossa casa, mas agora deixou de beber – assim, de repente, sem mais nem menos. Passa o dia sentado, e bebe tantos refrigerantes quanto antigamente bebia cervejas. Os meus pais dizem que é uma grande alegria para a tia Rosalia. Mas ela não parece nada feliz, porque o marido tem a cara amarela por conta do fígado, e já não lhe deve restar muito tempo de vida. Toda a família considera que também isto será fabuloso para a minha tia: é uma notícia fantástica. Já me permitem ir a casa dela, agora já não é preciso proteger-me, para que não veja nem ouça coisas desagradáveis. No entanto, o tio Carl não mudou nada de nada. Continua a disparatar, com uma voz arrastada e ininteligível, contra a podridão da sociedade e os nossos ministros inúteis, e de vez em quando dá ordens breves, telegráficas, à tia Rosalia, que, como sempre, lhe obedece de imediato. Tinha à sua frente toda uma fiada de garrafas de refrigerantes, tantas que custa a entender como uma só pessoa é capaz de ingerir tamanha quantidade de líquidos. Os meus pais deixam-me pasmada. Quando vais à cave buscar carvão, tropeças em geral num qualquer bêbedo andrajoso a dormir a sesta coberto pelos resquícios do que foi outrora um casaco, e na rua os alcoólicos são um espetáculo tão corriqueiro que os transeuntes nem sequer olham para eles. À porta do nosso pátio reúne-se, quase todas as noites, um grupo de homens que gostam de beber cerveja e bagaço, e só as crianças muito pequenas têm medo deles. Por outro lado, nunca nos deixaram visitar o tio Carl durante toda a infância, conquanto isso tivesse, decerto, alegrado sobremaneira a nossa tia Rosalia. Após longas discussões entre os meus pais, por um lado, e a minha mãe e tia Agnete por outro, acabam por decidir convidá-lo para o

meu crisma. Toda a família estará presente, à exceção das minhas primas, que simplesmente não cabem na nossa sala de estar. A minha mãe está de muito bom humor por causa da grande ocasião, e diz que sou uma esquisita e ingrata, porque não tenho como esconder a sensação de que estes preparativos não têm nada que ver comigo.

Acabei os exames, e na escola fizeram uma festa de despedida aos finalistas. Estava toda a gente doida de alegria perante a ideia de abandonar a «prisão vermelha», e não havia quem estivesse mais contente do que eu. Incomoda-me ver que, com o passar do tempo, perdi a capacidade de ter sentimentos sinceros, e que me vejo obrigada a fingi-los imitando as reações dos outros. É como se só me afetassem coisas que me chegam de forma indireta. Sou capaz de chorar quando vejo no jornal a fotografia de uma família desalojada, mas essa mesma cena, tão usual hoje em dia, não me comove absolutamente nada quando a ela assisto no mundo real. A poesia e a prosa poética ainda me comovem como antes, mas as coisas que descrevem não me aquecem, de todo. Não sinto grande apreço pela realidade. Quando me despedi dela, a Menina Matthiasen perguntou-me se já tinha arranjado trabalho. Respondi que sim, e comecei a falar, com um falso entusiasmo, acerca do curso de economia doméstica que iria frequentar um ano mais tarde, e que, até então, trabalharia como ama do filho de uma senhora abastada. Todas as outras vão trabalhar em escritórios ou oficinas, e eu tive vergonha de não passar de uma assistente doméstica. A Menina Matthiasen, pensativa, cravou em mim os seus olhos inteligentes e meigos. Que pena não ires para o liceu, suspirou ela. Começarei a trabalhar assim que tiver feito o crisma. Fui com a minha mãe à casa da patroa para me candidatar ao trabalho. A senhora é divorciada e tratou-nos com frialdade e condescendência. Não pareceu muito interessada quando descobriu que escrevo poemas e que só preciso de matar o tempo durante dois ou três anos, até poder voltar a visitar o Brochmann do *Socialdemokraten*. O apartamento também não era nada do outro mundo, embora tivesse, é claro, um piano de cauda e almofadas por todo o lado. A senhora trabalha durante o dia e eu tenho de limpar a casa, preparar a comida e cuidar do menino enquanto ela está fora. Nunca fiz nenhuma das três coisas em toda a minha vida, e não sei como farei por merecer as 25 coroas de salário mensal. Para trás ficam a minha infância e a escola, e diante de mim espera-me uma vida desconhecida e terrível entre estranhos.

Estou aprisionada entre os dois polos, tal como os meus pés nestes sapatos de brocado compridos e pontiagudos. Sentada entre os meus pais, no palacete Odd Fellow, ouço um discurso segundo o qual a juventude é o futuro que sustenta toda a Dinamarca, e que não podemos dececionar os nossos pais, que tanto fizeram por nós. Todas as raparigas escutam o discurso com um ramo de cravo-de-poeta no colo, tal como eu, e parecem, também elas, estar aborrecidas de morte. O meu pai tenta aplanar as pontas do colarinho da camisa e o Edvin sofre com os seus ataques de tosse. O médico sugeriu-lhe que mude de trabalho, mas agora que já conta com quatro anos como aprendiz de pintor e lhe falta pouco para terminar a formação e obter um cargo oficial é completamente impossível. A minha mãe está a usar um vestido novo de seda preta com três rosas de tecido ao pescoço, e a permanente faz com que o seu cabelo mais pareça uma juba. Teve de bater o pé para arranjar o cabelo, em parte porque o meu pai achava que não teríamos possibilidade de o pagar, em parte porque ele acha que é a «puxar ao modernação» e um tanto provinciano. De minha parte, preferia vê-la com o cabelo comprido e liso. De vez em quando, leva o lenço aos olhos, mas não sei se estará, de facto, a chorar. Não vejo motivo para tal. Recordo-me de quando saber se a minha mãe gostava de mim me parecia a coisa mais importante do mundo, e agora a menina que tanta ansiava por esse amor e andava sempre à caça de algum indício que o comprovasse já não existe. Agora, sim, acredito que a minha mãe gosta de mim, mas isso não me faz feliz.

Jantamos porco assado e mousse de limão, e a minha mãe, que se enfurece perante qualquer esforço doméstico, ficando intratável, só se acalma quando chegamos à sobremesa. Sentaram o tio Carl ao lado da lareira, e ele transpira tanto que está sempre a passar um lenço pela cabeça calva e arredondada. Do outro lado da mesa está o tio Peter, que é carpinteiro, e que, juntamente com a tia Agnete, que em jovem cantava no coro da igreja, representa o ramo culto da família. Ela escreveu-me a letra de uma canção, porque tem «uma veia» que acaba por fluir sempre nestas ocasiões. A cantiga fala de diversos acontecimentos desprovidos de interesse da minha infância, e todas as estrofes terminam da seguinte maneira: «Se o Senhor te acompanha no teu caminho, tralalá, a sorte e a felicidade estão sempre contigo, tralalá.» Quando entoamos o refrão, o Edvin fita-me com um olhar malicioso, e apresso-me a baixar os olhos para

o texto, a fim de não sorrir sem querer. O tio Peter dá uns toquezinhos no copo e levanta-se. Quer proferir um discurso. Parece-se um tanto com o do palacete Odd Fellow, e mal o ouço. Diz algo sobre eu passar a engrossar as fileiras dos adultos e ser tão trabalhadora e inteligente quanto os meus pais. Fala demasiado, o discurso é deveras longo. O tio Carl solta um «sim, senhor» a cada instante, como se tivesse estado a embriagar-se, e o Edvin tosse. A minha mãe tem os olhos húmidos e eu sinto um tédio de morte. Quando termina e todos dão vivas, a tia Rosalia lança-me um olhar caloroso e diz com meiguice: Meu Deus, as fileiras dos adultos! Ela nem é peixe nem é carne. Sinto os lábios começarem-me a tremer e apresso-me a olhar para o pátio lá em baixo. É a coisa mais carinhosa e talvez também a mais realista que ouço em toda a festa do meu crisma. Findo o jantar, podemos finalmente esticar as pernas, e todos parecem mais animados do que à chegada – talvez, em parte, por causa do vinho. Admiram o relógio de pulso que os meus pais me deram. Também gosto dele, e acho que faz com que o meu pulso não pareça tão esquelético. Os outros deram-me dinheiro, mais de cinquenta coroas, mas como tenho de as depositar no banco, para ter poupanças quando for velha, não me entusiasmam muito.

Depois de os convidados irem embora e de ajudar a minha mãe a arrumar tudo, sentamo-nos à mesa para falarmos um pouco. Passa da meia-noite, mas estou muito desperta, e também aliviada porque a minha festa já acabou. Meu Deus, enfardou até quase rebentar, diz a minha mãe, aludindo ao tio Peter, não reparaste? Sim, confirma o meu pai, indignado, e bebeu que se fartou! Quando é de borla, não se priva de nada. E fingiu que o Carl nem cá estava, continua a minha mãe, tive pena da Rosalia. De repente, sorri-me e diz: Foi um dia em cheio, não foi, Tove? Penso em todos os incómodos e gastos que lhes causei. Claro que sim, minto, foi um belo crisma. A minha mãe anui com ar de aprovação, e boceja. Tem, de imediato, uma ideia. Ditlev, diz com alegria, agora que a Tove vai ganhar dinheiro, podemos comprar um rádio? O sangue aflui-me à cabeça de medo e raiva. Não vão comprar rádio nenhum com o meu dinheiro!, exclamo, furiosa. Tenho muito em que o gastar. Estou a ver que sim, responde, gélida, a minha mãe, que se levanta e atravessa a sala com passadas barulhentas. Fecha a porta com tanta força que algum reboco se desprende da parede. O meu pai fita-me com embaraço. Não a leves tão à letra, diz ele. Temos algumas poupanças no banco, e podemos usá-las para comprar o

rádio. Só tens de ajudar nas despesas de casa. Sim, claro, respondo eu, arrependida da minha intempestividade. Agora, a minha mãe vai passar vários dias sem me falar, disso tenho eu a certeza. O meu pai deseja-me boa noite e entra no quarto, onde nunca mais me sentarei no parapeito da janela para sonhar com toda a felicidade que só está ao alcance dos adultos.

Fiquei a sós na sala de estar da minha infância, onde outrora o meu irmão cravava pregos numa tábua de madeira enquanto a minha mãe cantava e o meu pai lia o livro proibido em que não ponho a vista há anos. Decorreram séculos desde então, e agora parece-me que era muito feliz nessa época, apesar da triste sensação de que a infância nunca teria fim. Pendurada na parede, a mulher do marinheiro contempla o mar. O rosto sério de Stauning observa-me com atenção, e já há muito tempo que o meu Deus não está feito à sua imagem. Embora vá dormir em casa, sinto que esta noite me despeço desta sala. Não me apetece deitar-me, e não tenho sono nenhum. Apoderou-se de mim uma melancolia incomensurável. Afasto os gerânios do parapeito e olho para o céu, onde uma estrela recém-nascida brilha no berço da lua nova, que balança com suavidade e lentidão entre nuvens passageiras. Recito para comigo alguns versos de *O Glaciar*, de Johannes V. Jensen, que li tantas vezes a ponto de decorar passagens longas: «E, umas vezes como a estrela de alva, outras como o crepúsculo, cintila a estrela da menina que morreu ao peito da sua mãe, branca e velada como a alma de uma criança que, solitária e muda, brinca e percorre a sós caminhos infindáveis.» As lágrimas correm-me pelas faces, porque estas palavras lembram-se sempre da Ruth, que perdi para sempre. A Ruth, com a sua boquinha em forma de coração e os seus olhos claros e intensos. A minha amiga de língua afiada e bom coração, agora perdida. Bem longe ficou a nossa amizade, tal qual a infância. Os seus últimos restos desprendem-se do meu corpo como escamas de pele queimada pelo sol, sob a qual surge uma adulta estranha e impossível de concretizar. Leio o meu álbum de poesia enquanto a noite passa diante da janela e, sem que me aperceba, a minha infância cai em silêncio até ao fundo da minha memória, essa biblioteca da alma de onde extrairei conhecimento e experiência pelo resto da minha vida.



∞  
JUVENTUDE

Não aguentei mais do que um dia no meu primeiro trabalho. Saí de casa às sete e meia, para chegar cedo, porque ao início há que mostrar brio e empenho, dizia a minha mãe, que na verdade nunca tinha passado do início em todos os empregos que tivera na juventude. Enverguei o vestido que a tia Rosalia me tinha feito para usar depois do crisma. Era de lã azul-clara e tinha alguns plissados na parte da frente, pelo que com ele parecia menos achatada de peito. Quando calcorreei a Vesterbrogade sob a luz ténue e nítida do Sol, as pessoas com quem me cruzei pareceram-me livres e felizes. Quando transpunham a porta próxima da Pile Allé, que não me tardaria a engolir, o seu passo tornava-se ligeiro e bailante, e a felicidade estava algures no outro lado de Valby Bakke. O átrio sombrio fedia tanto a medo que receei que a Sra. Olfertsen achasse que o cheiro era meu. Com o corpo acabrunhado e os gestos tímidos, ouvi-a explicar-me, com a sua voz trémula, um sem-fim de coisas. Entre um esclarecimento e outro, divagou numa torrente infinda a propósito de tudo e nada: perorou sobre o tempo, o filho, o quão alta eu era para a minha idade. Perguntou-me se tinha levado comigo um avental, e tirei o da minha mãe da pasta da escola, na qual já não transportava livros. O avental tinha um buraquinho perto da bainha, porque os objetos sob a responsabilidade da minha mãe sofriam invariavelmente algum acidente, e comovi-me um pouco quando o vi. A minha mãe estava muito longe, e não a veria nas próximas oito horas. Encontrava-me entre desconhecidos, para quem não passava de alguém cuja força física alugavam à hora a troco de um certo valor. O resto que a mim dissesse respeito pouco ou nada lhes interessava. Quando nos dirigíamos à cozinha, o menino apareceu em pijama. Bom dia, mamã, disse ele com meiguice, e colou-se às pernas da mãe para me lançar um olhar hostil. A senhora

afastou-se com gentileza e anunciou: Esta é a Tove; vá, sê um menino bem-educado e cumprimenta-a. O rapazinho estendeu-me a mão hesitante e, quando lha apertei, avisou-me em tom de ameaça: Tens de fazer tudo o que eu disser, ou dou-te um tiro. A mãe deu uma gargalhada e mostrou-me uma bandeja com chávenas e um bule, e pediu-me para preparar o chá e servi-lo na sala de estar. Deu a mão ao rapaz e dirigiu-se à sala; o baque dos seus saltos altos ecoou no corredor. Fervi água e deitei-a no bule, que tinha folhas de chá no fundo. Não tinha a certeza se era a coisa certa a fazer, porque nunca tinha bebido nem feito chá. Disse para comigo que os ricos bebiam chá e os pobres café. Premi o puxador da porta com o cotovelo, entrei na sala e estaquei aterrorizada. A Sra. Olfertsen estava sentada ao colo do tio William, de cuja existência me esquecera por completo, e o Toni – o menino – estava a brincar com um comboio sentado no chão. A dona da casa levantou-se com um salto e começou a andar para a frente e para trás na sala. Enquanto cirandava pela sala, as suas mangas largas ocultavam a luz do Sol por instantes, originando breves reflexos amarelados. A menina faça-me o favor de bater à porta antes de entrar, está a ouvir?, resmungou ela. Ignoro que hábitos terá, mas é assim que nos comportamos nesta casa, e é melhor ir-se acostumando. Saia e volte a entrar! Como apontou para a porta, pousei a bandeja e, confusa, saí da sala. Por algum motivo, o tratamento formal com que me interpelara incomodou-me sobremaneira. Nunca tal me acontecera. Assim que saí da sala, gritou: Então? Despache-se lá e bata à porta! Obedeci. Entre!, ouvi, e desta feita deparei com ela e com um tio William mudo sentados cada um na sua cadeira. Sentia a cara ferver de humilhação, e depressa concluí que não os suportava, o que me aliviou um pouco. Quando acabaram de tomar o chá, foram os dois para o quarto, para aí mudarem de roupa. Depois, o tio William deu um aperto de mão à mulher e ao menino, e foi-se embora. Eu, ao que parecia, não era pessoa que merecesse sequer uma despedida. A dona da casa entregou-me uma lista longuíssima, escrita à máquina, com tarefas que devia executar ao longo do dia. Depressa regressou ao quarto, de onde saiu de novo com uma expressão dura e acutilante. Reparei que estava muito maquilhada, e que irradiava uma frescura artificial, desprovida de vida. Parecera-me mais bonita antes, quando não maquilhada. Ajoelhou-se para dar um beijo ao filho, que ainda estava a brincar no chão, levantou-se, meneou ligeiramente a cabeça na minha direção, e desapareceu. Nesse preciso momento, o rapaz levantou-se,

agarrrou-me o vestido, e cravou em mim um olhar lisonjeiro. O Toni quer anchovas, disse. Anchovas? Fiquei estupefacta, e os hábitos alimentares das crianças eram-me praticamente desconhecidos. Não podes comer anchovas agora. Aqui diz – li o horário – que às dez horas o Toni tem de comer papas de centeio. Às onze: ovo escalfado e uma vitamina. À uma... Não quis ouvir o resto. A Hanne dava-me sempre anchovas, protestou com impaciência, e ela comia o resto. Podes fazer o mesmo. A tal Hanne era, pelos vistos, a minha antecessora, e a verdade é que eu não estava preparada para obrigar uma criança que só queria anchovas a comer tudo aquilo. Pronto, está bem, disse eu, mais bem-humorada após a partida dos adultos. Onde estão as anchovas? Ele subiu a uma cadeira da cozinha, tirou duas latas de uma prateleira, e logo encontrou um abre-latas numa gaveta. Abre-a, pediu ele ao mesmo tempo que me entregava uma, guloso. Abri a lata e sentei-o na bancada da cozinha, como ele me pediu, e vi as anchovas desaparecerem-lhe uma atrás da outra dentro da boca. Quando acabaram, pediu para ir brincar no pátio. Podia vigiar-lhe as brincadeiras pela janela. Estava na hora de fazer a limpeza. Um dos itens da minha lista era: Passar o varredor mecânico pelos tapetes. Muni-me daquela monstruosidade pesada e tratei de limpar o enorme tapete vermelho da sala. Para experimentar a maquineta, passei-a por cima de uns fios de tecido que felizmente não desapareceram. Agitei-a um pouco e comecei a mexer no mecanismo, acabando por fazer saltar a tampa e um monte de pó e lixo, que foi cair no tapete. Como não fui capaz de compor a traquitana nem sabia o que fazer com o lixo, atirei aquela sujidade toda para debaixo do tapete, que depois pisei aqui e acolá com a esperança de aplanar um pouco o monte. Entre todos estes afazeres depressa deram as dez horas; estava com fome. Traguei as papas que devia dar ao Toni e tomei algumas vitaminas antes de passar ao próximo item da lista: Esfregar toda a mobília com água. Olhei, espantada, da lista para todos os móveis da sala. Esfregar as peças de mobília com água não era, em boa verdade, uma tarefa corriqueira, mas devia ser um afazer comum naquela casa. Encontrei uma escova rija, enchi um balde com água e comecei mesmo por ali – pela sala. Esfreguei metade do piano com afã. Só então me apercebi de que algo estava errado. A escova deixara centenas de riscos naquela superfície delicada e reluzente, e não fazia ideia de como os fazer desaparecer antes de a patroa voltar a casa. Um calafrio de terror percorreu-me todo o corpo. Peguei na lista e voltei a lê-la:

Esfregar toda a mobília com água. A ordem parecia-me claríssima, e nada indicava que devia excluir o piano. Ou o piano não seria um móvel? Era uma da tarde, e a patroa regressaria às cinco. Estava tão ansiosa por ver a minha mãe, que me pareceu não ter tempo a perder. Despi o avental num ápice, chamei o Toni pela janela, e expliquei-lhe que íamos sair para dar uma vista de olhos a lojas de brinquedos. O menino subiu e deixou-me vesti-lo e, de mão dada, caminhámos em passo estugado até à Vesterbrogade. Acelerei de tal maneira que o desgraçado mal me conseguiu acompanhar. Vamos a casa da minha mãe, expliquei-lhe, ofegante, para comermos anchovas. A minha mãe ficou muito admirada por me ver ali àquela hora, mas desmanchou-se a rir quando lhe contei como tinha arranhado o piano. Oh, meu Deus, disse ela, lavaste mesmo um piano com um esfregão molhado? Como se pode ser tão estúpida! Oh, rapariga... De repente, mostrou-se séria. Olha, disse ela, não vale a pena voltares lá. Arranjamos-te outro emprego. Fiquei-lhe muito grata, mas não surpreendida; afinal, a minha mãe era assim. Se estivesse no seu poder, também teria arranjado outro trabalho para o Edvin. Sim, respondi, mas e o pai? Bem, disse, a ele contamos-lhe só a parte do tio William na sala. O teu pai não suporta essas coisas. Apoderou-se de nós o bom humor dos velhos tempos e, como o Toni choramingava por anchovas, fomos à Istedgade e comprámos-lhe duas latas delas. Pouco antes das quatro da tarde, a minha mãe levou o menino de volta à casa da Sra. Olfertsen, para aí recolher o avental e a minha pasta. Nunca soube o que lhe disse sobre o piano estragado.

Contrataram-me para trabalhar numa pensão na Vesterbrogade, situada não muito longe da Frihedsstøtten (Coluna da Liberdade). Para a minha mãe, arranjar-me trabalho noutro bairro seria tão impensável como mandar-me para a América. Entro às oito todas as manhãs e trabalho doze horas numa cozinha gordurosa e empoeirada, onde não tenho um minuto de sossego. À noite, chego a casa tão exausta que só tenho forças para me deitar. Desta vez, admoesta-me o meu pai, é melhor fazeres por manter o emprego, estás a ouvir? A minha mãe concorda, pensa que me é benéfico ter algo que fazer; além disso, agora não poderemos repetir o truque com o tio William. De minha parte, penso apenas em como me livrar desta existência desoladora. Já não escrevo poemas, porque não há nada na minha vida de onde possa retirar inspiração. Também já não frequento a biblioteca. É verdade que tenho folga à quarta-feira, a partir das duas da tarde, mas nessa altura rumo direto a casa e meto-me na cama. As donas da pensão são a Sra. e a Menina Petersen. Embora sejam mãe e filha, parecem-me ser quase da mesma idade. Além de mim, trabalha lá uma rapariga de 16 anos chamada Yrsa. Está muito acima de mim, porque, quando os hóspedes comem, enverga um vestido preto, um avental branco e uma touca branca e corre de um lado para o outro com as travessas pesadas na mão. É camareira e serve os hóspedes. As patroas prometeram-me que daqui a dois anos me darão permissão para servir os clientes, e então pagar-me-ão quarenta coroas por mês, como à Yrsa. Agora, ganho trinta. As minhas funções consistem em certificar-me de que há sempre lume aceso no fogão, e limpar os quartos dos três hóspedes fixos, a casa de banho e a cozinha. Embora me apresse a fazer tudo isto, não há dia em que não me atrase. A Menina Petersen repreende-me: A sua mãe não a ensinou a torcer um pano

molhado? É a primeira vez que limpa uma casa de banho? Porque faz tantas caretas? Está a torcer a boca, é? Espero, para seu bem, que esta seja a pior coisa que venha a fazer na vida! A Yrsa é baixa e magra e tem uma cara esguia e pálida, e o nariz arrebitado. Quando, antes do jantar, as patroas fazem uma sesta e tomamos um café na cozinha, diz-me: Deixar-te-iam servir à mesa se não andasses sempre com as unhas pretas. Foi o que ouvi a Sra. Petersen dizer. Ou: Se lavasses o cabelo de vez em quando, tenho a certeza de que te deixavam servir os hóspedes. Para a Yrsa, não existe mundo para lá da pensão, nem objetivo mais elevado do que correr em volta da mesa de refeição. Não respondo aos seus comentários nem aos das patroas, que são como pedrinhas disparadas por uma físga e nunca acertam em cheio no alvo. Enquanto a Yrsa e eu lavamos a louça, as patroas preparam, atrás de nós, a comida em panelas enormes que põem ao lume. Enquanto cozinham, falam das suas muitas maleitas, que as obrigam a consultar médico atrás de médico sem nunca encontrarem algum que lhes agrade deveras. Têm cálculos biliares, arteriosclerose, hipertensão, dores por todo o corpo, misteriosas impressões internas e presságios sinistros que lhes sobem do estômago sempre que comem. Ao domingo, passeiam com vagar junto ao Asilo de Inválidos de Grønningen, porque se sentem melhor quando veem os desgraçadinhos que lá moram, e em geral retiram um prazer imenso de enxovalhar tudo e todos. Têm algo contra todos os seus hóspedes, a quem conhecem todos os pormenores da sua vida privada, cujos segredos mais íntimos discutem enquanto despejam a comida nas travessas da Yrsa e lamentam o muito que todas estas pessoas comem. Por vezes, tenho a impressão de que as suas ideias mesquinhas e retrógradas me penetram a pele e me impedem de respirar. No entanto, na maior parte do tempo acho esta vida um tédio insuportável, e recorro com tristeza à minha infância repleta de aventuras mil. Durante o pouco tempo do dia em que me conservo desperta o suficiente para falar com a minha mãe, inquiri-a acerca de tudo o que acontece aqui no prédio e na nossa família, e trago com gula as suas notícias balsâmicas. A Gerda trabalha agora na Carlsberg, e a mãe dela fica em casa a cuidar do bebé. A Ruth começou a sair com rapazes, o que era de esperar, diz a minha mãe, é por isso que não se deve adotar os filhos dos outros. O Edvin está desempregado e começou a passar muito cá por casa. Mas não te preocupes, diz a minha mãe, porque já não tosse tanto. No entanto, a notícia inquieta-me um pouco, porque o meu pai costumava

dizer que os operários qualificados nunca ficavam sem trabalho. Ah, santo Deus, diz a minha mãe, quase me esquecia de te contar que o tio Carl está internado no hospital. Está muito mal, como era de esperar, tendo em conta a vida que levou. A tia Rosalia visita-o todos os dias, mas a verdade é que para ela seria melhor que o tio Carl morresse de uma vez. Ah, é verdade, e na Irma a margarina aumentou dois centavos, não é um absurdo? Então agora custa 49 centavos, digo, porque, quer fosse às compras com a minha mãe, quer sozinha, sempre prestei muita atenção aos preços. Esperamos que o teu pai se aguentar na fábrica, diz ela, já lá está há três meses, embora não tenha muita piada vê-lo a trabalhar à noite. A sua voz monocórdica envolve-me com meiguice na escuridão crescente, até por fim adormecer com os braços apoiados na mesa.

Uma noite, acordo – como amiúde acontece – nesta posição com o tilintar de chávenas e o cheiro a café. Quando ergo a cabeça, ensonada, um nome no jornal capta-me a atenção: Editor Brochmann. Fito-o bem desperta, e aos poucos apercebo-me de que se trata de um obituário. A notícia atinge-me como uma descarga elétrica. Nunca me passara pela cabeça que ele pudesse morrer antes de decorrerem os dois anos. Sinto que me traiu, que me deixou sozinha no mundo sem qualquer esperança para o futuro. A minha mãe serve o café e pousa a cafeteira em cima do nome do editor. Vá, bebe, diz ela, e senta-se no outro lado da mesa. Em seguida, diz: Internaram o Ludvig-Jeitoso num manicómio. Como a mãe dele morreu, vieram buscá-lo. Sim, respondo, de novo com a sensação de que nos separa uma distância incomensurável. Ela diz: A tal bicicleta vai ser-te muito útil. Já só faltam dois meses. Sim, respondo. Dou dez coroas por mês aos meus pais, deposito outras dez no banco, para a minha velhice, e gasto as restantes dez em coisas para mim. Neste momento, estou-me nas tintas para a bicicleta. Bebo o café e a minha mãe comenta: Estás muito calada. Passa-se alguma coisa? Interroga-me num tom ameaçador, porque só gosta de mim quando comungo da sua forma de pensar e não lhe escondo nada. Aviso-te já que nunca vais arranjar marido se continuares a armar-te em esquisita, diz. Calha bem, porque não me quero casar, respondo, conquanto neste momento esteja a ponderar essa solução por mero desespero. Penso no fantasma que me assombrou a infância: o operário qualificado com trabalho estável. Não tenho nada contra os operários, mas sim contra a palavra *estável*, que corta cerce qualquer sonho de futuro. É um termo cinzento



como um céu chuvoso que nem o raio de sol mais alegre pode atravessar. A minha mãe levanta-se. Bem, diz ela, está na hora de dormir. Amanhã é preciso acordar cedo. Boa noite, diz ela quando para à porta e me lança um olhar um tanto desconfiado e ofendido. Quando se vai embora, afasto a cafeteira e volto a ler o obituário. Há uma cruz negra sobre o nome. Ainda recordo na perfeição o seu rosto amável e a sua voz: Volta cá daqui a uns dois anos, minha querida. As minhas lágrimas caem em cima das letras e parece-me que estou a viver o dia mais difícil da minha vida.



Afundi-me numa apatia de longa duração que me privou de qualquer tipo de iniciativa. Lá anda você a dormir em pé, diziam as patroas, cujas admoestações me incomodavam ainda menos do que era habitual. Perdera por completo a vontade de conversar com a minha mãe e, uma noite, o Edvin comunicou-me um convite do Thorvald para sair, que de imediato declinei. Não me apetecia, de todo, dançar com aquele jovem que gostara tanto dos meus poemas. Às tantas, o pai dele conhecia outro editor que também morreria antes que eu tivesse idade suficiente para escrever poemas a sério, maduros. Sentia-me vulnerável e não me atrevia a expor-me a mais decepções. Chegara o verão. À noite, quando regressava a casa, o ar fresco aliviava o calor do fogão que me aquecia as faces como se de um lenço de seda se tratasse, e por todo o lado via raparigas com vestidos claros que passeavam de mão dada com os namorados. Sentia-me muito só. A única das raparigas que se reuniam junto aos caixotes do lixo no pátio que ainda conhecia era a Ruth, que me cumprimentava aos gritos sempre que me via atravessar o pátio. Olhava para a parede do prédio em frente, repleto de vida e recordações – o muro das lamentações da minha infância, atrás do qual outras pessoas comiam, dormiam, conversavam e discutiam. Em seguida, subia as escadas com o meu vestido vermelho de golas azuis e mangas abalonadas, o único vestido de verão que eu tinha. Às vezes deparava-me com a Jytte sentada na nossa sala de estar; enquanto fumava, oferecia cigarros à minha mãe, que não tinha grande prática como fumadora e deixava invariavelmente que o fumo se lhe entranhasse nos olhos. Jytte trabalhava então numa fábrica de tabaco. O meu pai dizia que os cigarros eram roubados, mas a minha mãe estava-se marimbando para se eram ou não. Fazia-lhe falta uma amiga muito mais nova do que ela, porque se sentia

ainda uma jovem. No entanto, o seu cabelo preto estava já salpicado de manchas grisalhas, e começara a adquirir formas mais arredondadas em redor das ancas. Por esse motivo ia com frequência aos banhos turcos na Lyrskovgade, de onde regressava sempre exaltadíssima e ansiosa para nos contar como as outras mulheres estavam gordas que nem baleias.

Uma noite, tocaram a campainha da porta de serviço da pensão e, quando a abri, dei de caras com a Ruth. Olá!, disse ela com um sorriso, vais para casa agora? Quero contar-te uma coisa. Sim, vou já, respondi, espera aí um segundo. Livrei-me do que restava da água de lavar a loiça, despi o avental e escapuli-me à socapa, como se a Ruth fosse um segredo que ninguém podia descobrir. Que me queria ela? Há tanto tempo que ninguém queria nada comigo... Envergava um vestido branco de linho de manga curta, com um cinto muito largo de couro preto. Pintara os lábios e tinha as sobrancelhas depiladas, como a minha mãe. Embora fosse ainda baixa, pareceu-me, nesse momento, ter um ar muito adulto. Não trocámos uma só palavra até chegarmos à rua, mas então começou a falar-me sem peias, e como se nunca nos tivéssemos afastado uma da outra. Contou-me que a Minna saíra da escola e vivia agora em Østerbro, onde trabalhava como empregada interna. Em Østerbro?, repeti, perplexa. Sim, respondeu ela, mas sabes que ela sempre teve um parafuso solto. Esta novidade não me alegrou tanto quanto seria de esperar. Ocorreu-me apenas que a Ruth nunca tinha saudades de ninguém. Descartara-se da Minna com um encolher de ombros, tal qual decerto me despachara um ano atrás. No seu coração não havia espaço para sentimentos profundos e duradouros. Quando chegámos à Sundevedsgade, onde eu costumava fazer um desvio, parámos. Mas não era isso que te queria contar, disse ela. Conquanto relutante, continuei a caminhar ao seu lado. Não estava nada contente, porque, se a obrigasse a esperar demasiado, a minha mãe não se coibiria de ir à pensão perguntar por mim; quando lhe dissessem que eu já tinha ido embora, decerto julgaria que eu sofrera um acidente. Todavia, a Ruth exercia ainda um pouco do seu antigo poder de atração e da sua capacidade inata para me levar a fazer coisas que jamais me passariam pela cabeça. Contou-me que tinha namorado, um rapaz de 16 anos chamado Ejvind, que morava na Amerikavej. Era aprendiz de mecânico, e pretendiam casar-se um dia. Perdera a virgindade com ele, e tinha sido «bom como tudo». Além disso, conhecera um alfarrabista muito rico que vivia na Gammel Kongevej.

Queria que a acompanhasse numa visita ao referido alfarrabista, porque já o visitara sozinha, mas o homem tentara seduzi-la, e isso, asseverou ela plena de virtude, era coisa que não faria ao Ejvind. O tal ricalhaço chamava-se Krogh e era o melhor amigo de Holger Bjerre, a quem poderia convencer a contratar a Ruth como corista. E a ti também, disse ela, ele prometeu-mo. A mim? Uma centelha de esperança aquece-me a alma. As coristas dançam em palco à noite, e de dia podem fazer o que lhes dá na gana. Sei que os meus pais nunca o permitiriam, mas, quando estou com a Ruth, vivo numa realidade paralela. E sabes que mais?, acrescenta, emocionada. O tipo é uma carcaça velha, e ainda por cima está doente; quando subimos as escadas até à casa dele, pensei que lhe ia dar um enfarte, de tanto que tossia, arfava e fungava. Vive sozinho e, se nos portarmos bem com ele, talvez nos deixe em testamento tudo o que tem. Assim, o Ejvind pode abrir a própria oficina. Olha-me tão entusiasmada com aqueles seus olhos tão claros e intensos que o seu plano insensato me diverte e deixa de bom humor. Como sei o que quer de mim, digo: Isso não faço, mas sim, teria todo o gosto em conhecê-lo. A Ruth larga a rir e tapa a boca com a mão enquanto limpa o nariz com o polegar. Garante-me que o homem mete medo ao susto, mas que tenho de pensar no dinheiro e no nosso futuro como coristas. O Sr. Krogh vive no último andar de um prédio que não parece, de todo, albergar milionários. Quando tocamos a campainha, ouvimos uma tosse horripilante do outro lado da porta. Aí tens, murmura a Ruth, não lhe pode restar muito tempo de vida. Depois de um demorado tilintar com a corrente e as chaves, a porta entreabre-se e pela frincha entreve-se o rosto do Sr. Krogh. Observa-nos por um instante com ar desconfiado e só então tira a corrente e nos deixa entrar. Oh!, exclamo, tantos livros. A sala está quase toda forrada com livros e quadros grandes como só vi em museus. O Sr. Krogh nada diz até nos sentarmos. Fita-me e pergunta com amabilidade: Gostas de livros? Sim, respondo, e analiso-o de mais perto. Não é tão velho quanto a Ruth me fez crer, mas também não é novo. É completamente calvo, e tem grandes bochechas rubicundas, como se saísse muito e apanhasse demasiado ar fresco. Os seus olhos castanhos são um tanto melancólicos, como os do meu pai. Gosto dele, e acho que ele também gosta de mim. Serve-nos café e a Ruth pergunta-lhe se falou com o Holger Bjerre. Não, por azar, está de férias neste momento. Quando interpela a Ruth, perscruta-a com avidez da cabeça aos pés. Por outro lado, e para minha sorte, o meu corpo não parece

interessar-lhe. Oferece-nos uns bolinhos e fala-nos do bom tempo e das raparigas da cidade, que surgem por entre as pedras das calçadas como se fossem flores. É, assevera-nos, um espetáculo reconfortante. A Ruth está entediada e dá-me ligeiros pontapés nas pernas por baixo da mesa. Pergunto: Também posso ser corista, Sr. Krogh? Tu?!, responde, estupefacto. Não, não tens jeito para isso. Claro que tem, se fizer uma permanente, e puser maquilhagem e essas coisas, protesta a Ruth. É bonita sem roupa. Coro de vergonha, e irrito-me com a Ruth pela primeira vez na vida. O Sr. Krogh desvia o olhar para me fixar e diz: Mas de onde raios se conhecem vocês as duas? Pergunto-lhe se posso dar uma vista de olhos aos seus livros, e, quando lhe digo de que aquilo de que mais gosto são poemas, indica-me onde estão os livros de poesia. Pego num livro do modo aleatório e abro-o. Deliciada, feliz, leio o seguinte:

... os jarros transbordantes de vinho,  
a terra envolta no crepúsculo.

Baudelaire. *As Flores do Mal*, leio na página de título, e abeiro-me do Sr. Krogh para lhe perguntar como se pronuncia o nome do autor. Ensina-me a dizê-lo corretamente e garante-me que posso levar o livro emprestado se prometer que lho devolvo. Prometo-lho e volto a sentar-me à mesa. Só agora me apercebo de que está de pijama. Sofre outro ataque de tosse e, com a cara arroxeadada e ofegante, pede à Ruth que lhe dê umas palmadas nas costas. Ela assim faz, e olha-me com um riso silencioso, mas eu cá não acho piada nenhuma à situação. Entre o Sr. Krogh e eu há uma harmonia muda que não me recordo de ter sentido com qualquer outra pessoa. Gostava, do fundo da minha alma, que fosse meu pai ou tio. A Ruth repara em tudo isto e torce a boca, incomodada. Tenho de me ir embora, diz ela mal-humorada, fiquei de me encontrar com o Ejvind. Quando estamos prestes a sair, ele tenta beijá-la, mas a Ruth afasta o seu rosto bonito e eu tenho pena dele. Não me oporia a beijá-lo, mas a mim só me estende a mão, e diz-me: Podes levar todos os livros que quiseses, desde que mos devolvas.

Estou sempre em casa a esta hora, acrescenta. Quando chego a casa, deparo com a minha mãe sentada à mesa, com a cara inchada e os olhos lacrimejantes. Pergunta-me onde diabo me meti, e onde fui desencantar o

livro. Respondo que fui visitar o Edvin e que, de facto, ele está melhor da tosse. Um dos hóspedes da pensão emprestou-me o livro. Quando me deito, ocorre-me, para meu horror, que o Sr. Krogh pode morrer, tal qual o meu editor. Parece-me que este mundo com que tento, com todas as minhas forças, estabelecer uma ligação é composto apenas por velhos doentes que podem cair fulminados a qualquer momento, e antes de que eu tenha idade suficiente para me levarem a sério.



O tio Carl morreu. Foi-se apagando aos poucos, diz a tia Rosalia, a quem dera a mão antes de morrer. A tia Rosalia está sentada, como é habitual, na borda da cadeira, com o chapéu na cabeça e as peças de roupa que irá costurar no braço, embora já nada solicite a sua pronta chegada a casa. Os olhos incharam-se-lhe de tanto chorar, e a minha mãe já não sabe como a consolar. A minha mãe sempre foi da opinião de que a tia Rosalia ficaria muito melhor se o tio Carl morresse, mas a minha tia não parece concordar. No dia do funeral estamos todos presentes, incluindo o tio Peter e a tia Agnete, que não queriam ver o tio Carl nem pintado quando ele era vivo. As minhas três primas também vieram. São baixas e anafadas, e têm a cara branca como farinha, e a minha mãe regozija-se dizendo que nunca arranjarão marido, e que os pais delas não têm motivo para se acharem tão importantes. Os meus pais dizem cobras e lagartos da tia Agnete e do tio Peter, embora joguem às cartas com eles duas noites por semana. Estes encontros de jogatina irritam-me sobremaneira quando regresso do trabalho, porque não me posso deitar antes de se irem embora. Enquanto o pastor fala sobre o tio Carl, não me dá um ataque de riso como no funeral da avó, mas penso que a tia Rosalia é a única pessoa que o conhecia e sabia como ele era na realidade. Primeiro foi um hussardo, depois ferreiro, em seguida dedicou-se à ingestão de cerveja, e por fim começou a entregar-se aos refrigerantes. É tudo quanto todos os outros sabem dele. Vamos tomar café num restaurante não muito longe do cemitério, e o ambiente é muito triste, porque a tia Rosalia teima em não se deixar animar. As suas lágrimas vão caindo na chávena de café, e tem de levantar o véu negro do chapéu de luto sempre que as quer secar. Era bonito em novo, diz ela à minha mãe, não era, Alfrida? Sim, confirma a minha mãe, na altura era bonito. A tia Rosalia diz

de imediato: Já sei que vocês não gostavam dele, porque bebia. Não sabes como sofria com isso. A própria família também não gostava dele. São observações embaraçosas, e ninguém responde – no fim de contas, tem razão. Bem, diz o Edvin, que se levanta, tenho de me ir embora. Fiquei de me encontrar com um colega. Quando se vai embora, olho para os parentes em meu redor, perscrutando os rostos que me acompanharam toda a infância, e parecem-me cansados e envelhecidos, como se os anos de que necessitei para me tornar adulta os tivessem consumido por completo. Até as minhas primas, que não são muito mais velhas do que eu, têm um ar desgastado, decrépito. O meu pai está muito calado e sério, como acontece sempre que enverga o fato de domingo. É como se o fato tivesse um forro de pensamentos sombrios e pesarosos que veste juntamente com a indumentária. Fala em sussurros com o tio Peter, e nem no funeral conseguem pôr de lado a política, conquanto não se exaltem tanto quanto é costume. O meu pai continua a trabalhar na central de H. C. Ørsted, e a minha mãe conseguiu, por fim, convencê-lo a comprar o rádio que queria que eu pagasse do meu bolso. Deixa-o ligado o dia todo e só o desliga se encontrar na sala alguém com quem lhe apeteça falar. Quando está em casa, o meu pai deita-se sempre ao comprido no sofá e, quando a minha mãe desliga o rádio, ele acorda sobressaltado e diz: Não há desgraçado que consiga dormir com esta barulheira infernal. Achamos-lhe muita graça. Mas o quotidiano em casa dos meus pais já não me interessa como antigamente. Só me sinto viva em casa do Sr. Krogh. Visito-o sempre que me atrevo a enganar a minha mãe. Digo-lhe que vou visitar a Yrsa, porém, a minha mãe não entende como podemos ser tão amigas de repente se sempre lhe disse que não a suportava. Levo livros do Sr. Krogh emprestados, e devolvo-lhos depois de os ler. Recebe-me com o seu pijama de seda e uns chinelos vermelhos, e serve-nos café numa cafeteira de prata. Quando não tem pão, dá-me cinquenta centavos para ir à rua comprá-lo. Tomamos o café numa mesinha baixa com um tabuleiro de bronze cinzelado. O Sr. Krogh tem mãos brancas com dedos compridos que tremem um pouco, e uma voz baixa e delicada que me é agradável ao ouvido. É ele quem mais fala quando o visito, porque não gosta que me mostre curiosa. Uma noite, perguntei-lhe porque era solteiro, e respondeu: Não se deve saber tudo sobre uma pessoa – não te esqueças disso. Quando se sabe muito sobre uma pessoa, a dita pessoa perde o encanto. De resto, não sei sequer se a Ruth



ainda o visita, se vai mesmo ser corista, ou se o Sr. Krogh conhece, de facto, o Holger Bjerre. A Ruth acha que não conhece. Quando me cruzo com ela no pátio ou na rua, diz-me: O Krogh é um aldrabão e um velho nojento. Ainda não se atirou a ti? Não, respondo, e é como se me falasse de um homem completamente diferente do Sr. Krogh que conheço. Eu cá não me atrevo a visitá-lo sozinha, insiste. No outro dia, disse-me que é um forreta, porque nunca me oferece nada. E porque havia de me oferecer alguma coisa?, pergunto. A Ruth lança-me um olhar que indica que está prestes a perder a paciência comigo. Porque é velho e tu és nova, explica. As raparigas novas deixam-no doido, e isso tem um preço, ou não? Uma noite em que o Sr. Krogh acendeu as velas de um candelabro de prata que está na mesa entre os dois, ganho coragem e digo: Sr. Krogh, eu escrevia poemas quando era criança. Ele sorri e diz: Sim... e queres mostrar-mos? Enrubesco quando compreendo que adivinhou as minhas intenções, e pergunto-lhe como o sabe. Oh, responde, era isso ou outra coisa qualquer. As pessoas querem sempre alguma coisa umas das outras, e eu sempre soube que me querias usar para algo. Quando gesticulo em protesto, acrescenta: Não tem mal nenhum, é naturalíssimo. Eu também quero alguma coisa de ti. O quê?, pergunto. Nada de concreto, responde ele quando tira o cachimbo comprido da boca. Simplesmente coleciono excêntricos... pessoas diferentes, casos especiais. Adoraria ler os teus poemas. Dá-me palmadas nas costas. Diz a última frase em soluços e com a cara congestionada. A cada pancada que lhe dou, tosse e encurva-se para diante, com os braços estendidos em direção ao chão. De que doença padecerá? Não me atrevo a perguntar-lhe se é uma doença mortal, mas na noite seguinte corro pelas escadas acima com o meu caderno de poesia em parte convencida de que já não estará vivo. Estou errada e, assim que nos sentamos para tomar café, estendo-lhe o caderno com um enorme receio de o desiludir, pois está habituado a ler poesia de grande qualidade. Pousa o cachimbo e folheia o caderno enquanto, expectante, lhe observo o rosto. Sim, diz ele por fim, são poemas infantis! Lê em voz alta:

Menina adormecida, vou cantar-te uma canção,  
porque nunca vira nada que me acalentasse tanto o coração  
quanto tu assim deitada  
em sono solto sorrindo espaiada,

o teu peito quase descoberto  
e eu o observando de tão perto,  
sem que disso te apercebestes.

Há quatro ou cinco versos que ele murmura para consigo. Fita-me com olhos sérios e meigos quando diz: É interessante. Em quem pensaste quando o escreveste? Em ninguém, respondo; bem, talvez na Ruth. Ri-se com vontade. A vida é muito engraçada, diz, mas só nos apercebemos disso quando estamos quase a perdê-la. Oh, Sr. Krogh, não me diga isso..., respondo, assustada. O senhor não é assim tão velho, não é mais velho do que o meu pai. Pois, retorque, mas já vivi muito tempo, muito tempo mesmo. Fecha o caderno e pousa-o na mesa. Estes poemas, diz ele, não servem para nada, mas tudo indica que um dia serás uma poetisa a sério. Sinto uma onda de felicidade percorrer-me o corpo quando ouço estas palavras. Conto-lhe que o Brochmann me pediu que voltasse a entrar em contacto com ele dois anos mais tarde, e o Sr. Krogh diz-me que o conhecia. Diz-me também que quando escrever algo que valha a pena – algo que outras pessoas queiram ler – lho devo levar a ele, que se encarregará de que o publiquem. As chamas das velas bruxuleiam e o azul-anilado do céu está repleto de estrelas. Gosto muito do Sr. Krogh, mas não ousou confessar-lho. Passamos muitos minutos em silêncio. Das estantes desprende-se um odor reconfortante a couro, papel e pó, e o Sr. Krogh olha-me com tristeza, como se jamais venha a dizer-me aquilo que de facto gostaria de me dizer, tal qual o meu pai sempre olhou para mim. Depois, levanta-se. Bem, é melhor ires embora. Tenho de terminar umas coisas antes de me deitar. Uma vez no átrio, segura-me no queixo e pergunta: Darias um beijo na cara a um velho? Beijo-o com cuidado, como se os meus lábios lhe pudessem causar a morte que tanto receio. A sua face descaída, desprovida de tensão muscular, tão típica dos idosos, recorda-me a minha avó.



O Hitler chegou ao poder na Alemanha. O meu pai diz que os reacionários ganharam, e que os alemães têm o que merecem, porque votaram em quem bem quiseram. O Sr. Krogh diz que é uma catástrofe para o mundo inteiro, e está triste como se o resultado das eleições alemãs o tivesse afetado pessoalmente. As minhas patroas estão contentes, e alegam que não teríamos cá desemprego nenhum se fôssemos governados pelo Hitler e não pelo Stauning, que não passa de um fraco, de um corrupto e de um bêbedo que só faz asneira atrás de asneira. Já nem fazem a sua sesta habitual antes do jantar só para ouvirem as notícias no rádio, e aparecem na cozinha com olhos brilhantes e dizem que o incêndio no Parlamento alemão foi causado pelos comunistas, crime que agora será decerto provado em tribunal. O meu pai e o Sr. Krogh dizem que foram os próprios nazis que deitaram fogo ao Parlamento, e, se me perguntarem a minha opinião, terei de confessar que concordo com eles. Mas estou, acima de tudo, aterrorizada, como se as vagas do grande oceano que é o mundo pudessem afundar o meu barquinho a qualquer momento. Embora já não goste de os ler, não tenho como evitar por completo os jornais. O meu pai mostra-me as caricaturas sinistras e sarcásticas de Anton Hansen no *Socialdemokraten*, que só contribuem para aumentar o meu medo. Numa das caricaturas está representado um judeu velho com um grande cartaz às costas e rodeado de homens da SS que se riem à gargalhada. No cartaz diz o seguinte: *Ich bin Jude, aber ich will mich nicht über die Nazis beschweren*. «Sou judeu, mas não quero queixar-me dos nazis.» Tenho de traduzir a frase ao meu pai. O Sr. Krogh assina o *Politiken*. Mostra-me uma caricatura de Van der Lubbe, que tem a seguinte legenda:

Conta-nos o que sabes  
sobre Torgler e o incêndio.

...

Sabes que queremos saber, com um raio.  
Diz que o Dimitroff  
e o Popoff ficaram à espera nas escadas,  
para assim não ires à guilhotina.

Oh, sim, diz ele, e a *intelligentsia* alemã vai pagar as favas, também. Pergunto-lhe o que é a *intelligentsia* alemã, e ele explica-me que é um termo que, entre outras coisas, se refere aos artistas. As poetisas são artistas, e o Sr. Krogh disse que um dia serei poetisa. As minhas patroas leem o *Berlingske Tidende*, no qual – segundo elas – se escreve a verdade acerca de Hitler, que pode salvar toda a Europa e criar uma espécie de paraíso para todos nós. Nunca quis tanto ver-me livre da cozinha abafada e nojenta da pensão e das pessoas com quem tenho de conviver lá todos os dias. O meu pai está sempre a dormir quando chego a casa, e sai para trabalhar poucas horas depois. Uma noite, quando acorda, pergunto-lhe se posso procurar outro emprego. Digo-lhe que odeio lavar a loiça e limpar o pó e fazer qualquer tipo de trabalho doméstico. Preferiria trabalhar num escritório e aprender a datilografar. Ainda não, diz ele, primeiro tens de aprender a cuidar como deve ser de uma casa e a cozinhar para o teu marido quando ele chegar do trabalho. Quando for preciso, depressa aprendes isso tudo, diz a minha mãe em meu auxílio. E acrescenta: Falas como se ela se fosse casar amanhã. Acabou de fazer quinze anos. O meu pai aperta os lábios e franze o sobrolho. Mas afinal quem é que manda aqui, tu ou eu?, pergunta ele. A minha mãe cala-se, mas sente-se ofendida, e o ambiente na sala está de cortar à faca. Quando o meu pai sai para trabalhar, a minha mãe pousa o trabalho de tricô e sorri. Vamos fingir, diz ela, que um dos hóspedes se fez a ti. E assim já podes procurar outro emprego. Está bem, digo eu, aliviada e também admirada por nunca me ter ocorrido tal ideia. Alguns dias depois, deparo com o meu pai sentado no sofá quando chego a casa. Bem, diz ele, a tua mãe já me contou o que aconteceu. Já estás numa idade em que tens de ter cuidado. Não voltas para a pensão. A tua mãe pode ir lá buscar o dinheiro que te devem, e tens de começar a procurar outro emprego. Passo, então, algum tempo em casa. Compramos o *Berlingske Tidende* e respondo

a muitos anúncios de emprego em escritórios, mas não obtenho resposta. Deambulo também por Vesterbro e candidato-me aos empregos em que é suposto aparecer em pessoa. Falo com cavalheiros requintados em escritórios espaçosos e airosos, e perguntam-me o que faz o meu pai. Quando lhes digo qual a profissão do meu pai, presumem que terei de viver dos meus rendimentos, e afirmam que o salário que estão a oferecer nunca teve como intuito permitir a quem quer que fosse levar uma vida independente. Todavia, por fim lá arranjo emprego num escritório no qual o diretor me pergunta tão-só se estou inscrita no sindicato. Quando lhe digo que não, contrata-me de imediato com um salário mensal de quarenta coroas. Trata-se de uma firma de material de enfermagem com sede na Valdermarsgade, onde trabalharei como assistente de um fiel de armazém. É uma firma de aldrabões e gatunos, diz o meu pai quando lhe falo da pergunta sobre o sindicato, mas acaba por ceder, porque nem para uma rapariga está fácil encontrar emprego.

Não tive oportunidade de visitar o Sr. Krogh enquanto procurava emprego, de tão ocupada estar. O Sr. Krogh nunca me perguntara onde eu morava, e não se intrometia muito na vida dos outros, tal qual não gostava que se intrometessem na sua. Uma noite, decido fazer-lhe uma visita, porque já está mais do que na altura de o rever. É inverno, e trago vestido o casaco remendado do Edvin, que é mais quente do que propriamente bonito. Estou ansiosa por conversar de novo com o meu amigo e lhe falar do meu emprego novo, com que, para já, estou satisfeita. Atalho pela habitual ruela transversal à Vesterbrogade, e quando chego à Gammel Kongevej, estaco como se paralisada, porque não compreendo o que estou a ver. O prédio amarelo já não existe. No sítio onde costumava estar há agora apenas um espaço aberto atolado de pedras de cantaria, pedaços de reboco e canos enferrujados e retorcidos. Aproximo-me do entulho e apoio-me, com uma mão, a uma parede baixa em ruínas, porque me parece que as pernas me fraquejam e que em breve soçobrarei. Passam por mim pessoas com expressões taciturnas que, demasiado concentradas nos seus afazeres, nem sequer reparam em mim. Sinto uma vontade imensa de agarrar uma delas pelo braço e de lhe perguntar: Ainda ontem havia aqui um prédio – sabe dizer-me o que lhe aconteceu? Onde está o Sr. Krogh? Deve estar agora alojado algures na cidade, é claro, mas como posso eu encontrar alguém que se esfumou no ar? Não entendo como foi capaz de me fazer isto. Talvez

conheça muitas rapariguinhas e eu seja só mais uma. Confessou-me que coleciona pessoas excêntricas, mas eu não serei, porventura, excêntrica o suficiente. Enquanto caminho lentamente de volta a casa, ainda desalentada e um tanto apática face a este infortúnio, penso que isto jamais teria acontecido se eu escrevesse poemas bons. Acredito, de resto, que esta desgraça não teria sucedido se ele se sentisse atraído pelo meu corpo, como obviamente se sentia pelo da Ruth, mas a verdade é que, até ver, ninguém mostrou qualquer interesse por mim nesse sentido; no fundo, os conselhos do meu pai são desnecessários. De volta a casa, deparo com a Ruth e o seu aprendiz de mecânico à entrada do prédio em frente. Paro e abotoo o colarinho do casaco, porque está um vento gelado em que só agora reparo. O prédio do Sr. Krogh foi demolido, digo. Sabes para onde se mudou? Não, diz ela sobre o ombro do namorado, e também não quero saber. Voltam a abraçar-se e passo por eles antes de atravessar o pátio. Quando subo as escadas do meu prédio, apodera-se de mim o medo de jamais vir a sair daqui, deste sítio onde nasci e fui criada. De súbito, não suporto este prédio nem esta rua, e todas as recordações que tenho da minha infância me parecem sinistras e tristes. Enquanto viver aqui, estarei condenada à solidão e ao anonimato. O mundo está-se a marimbar para mim e fuge-me por entre as mãos sempre que o tento agarrar. As pessoas morrem e as suas casas são demolidas. O mundo está em constante mudança, e só o mundo da minha infância permanece inalterado. A sala de estar de minha casa está como sempre esteve. O meu pai está a dormir e a minha mãe a fazer tricô sentada à mesa. A minha mãe já não tem o cabelo grisalho, porque o pintou em segredo. Onde arranjará dinheiro para o pintar? De vez em quando, o meu pai diz: É estranho o teu cabelo ainda ser tão escuro. O meu já está todo grisalho... É ingénuo e acredita em tudo o que lhe contamos, porque ele próprio nunca mente. Onde foste?, pergunta a minha mãe, que me lança um olhar desconfiado. Fui visitar a Yrsa, digo, pouco me importando se acredita ou não em mim. Ela responde: Está frio aqui dentro; atira mais lenha para dentro da lareira. Em seguida, põe água a ferver para fazer café, e decido que, tal como o Edvin, sairei de casa quando fizer dezoito anos. Não me deixarão sair antes. Quando morar noutra sítio, de preferência bem longe de Vesterbro, ser-me-á mais fácil conhecer pessoas como o Sr. Krogh. Enquanto tomamos o café, folheio um pouco o jornal. Noticiam a execução de Van der Lubbe, e que Dimitroff ridicularizou Göring durante o

julgamento. Leio a secção de necrologia, mas não encontro o nome do Sr. Krogh nos obituários. Ocorre-me, então, que ele parece ter perdido o interesse em mim assim que Hitler chegou ao poder, e o meu barquinho estremece, de novo, perante o vago temor de um naufrágio iminente.

Tenho de entrar ao serviço às sete da manhã e, com o auxílio do Sr. Jensen, limpo e arrumo as salas antes de o pessoal de escritório e de o diretor chegarem. O Sr. Jensen tem 16 anos e é alto, magro e parvinho. Enche de ar preservativos e lança-os ao ar em redor da minha cabeça enquanto lavo o chão, e tenta beijar-me, obrigando-me a, perdida de riso, defender-me dos seus ataques com o pano molhado. Não passa de um rapazola, e os seus modos grosseiros não me ofendem. No gabinete do diretor, senta-se na cadeira com um cigarro na boca e põe os pés em cima da secretária. Não me pareço com ele?, pergunta, e puxa para trás o cabelo comprido que lhe cai sobre os olhos. Diz que sou pudibunda por ainda ser virgem e porque me recuso a beijá-lo. Beijar-te-ia se estivesses apaixonado por mim, digo. Ele insiste que está apaixonado, mas não acredito nele. Uma manhã, quando estou a lavar-lhe o chão do gabinete, o diretor entra de repente e, enquanto me apresso a recolher as escovas e o balde, agarra-me por trás e aperta-me os seios com as duas mãos. Fá-lo com uma atitude em tudo semelhante à que a minha mãe assume quando apalpa e escolhe a carne no talho, e coró de vergonha e indignação, afastando-me de imediato dele com o balde e as escovas nas mãos e sem lhe dizer uma única palavra. Conto o sucedido ao Sr. Jensen, que me diz que lhe devia ter dado uma chapada nas mãos, porque o diretor vai sempre para a cama com as empregadas e eu não devia tolerar tal comportamento. O diretor é casado e tem muitos filhos, porque é católico. Mas depois não me sinto muito mal com o que aconteceu. Afinal, foi o primeiro homem a mostrar interesse pelo meu corpo, e meti na cabeça que sem isso nunca chegarei a lado nenhum na vida. Quando as duas secretárias e o fiel de armazém chegam, há que cumprir as ordens. Compete-me empacotar os artigos na bancada comprida



no armazém. Acondiciono termómetros, algodão absorvente, seringas vaginais, frascos esterilizáveis, preservativos e rolos de gaze. O Sr. Jensen explicou-me com toda a minúcia para que servem todas estas coisas, e o sexo parece-me complicadíssimo e pouco apelativo. Certas coisas são usadas antes do ato, outras depois, e sinto-me um tanto confrangida durante as explicações intrincadas do Sr. Jensen. O fiel de armazém é o Sr. Ottosen, e as secretárias – ambas muito bonitas – estão claramente apaixonadas por ele. Quando pousam documentos no balcão e lhe explicam determinada questão, o Sr. Ottosen põe-lhes um braço à cintura, e elas abeiram-se dele com um olhar de admiração. As minhas duas colegas do escritório são jovens, bonitas e elegantes; ambas têm o cabelo encaracolado e usam sapatos de salto alto e cintos de couro. Quando, um dia, trabalhar de facto num escritório, farei os possíveis por me parecer com elas. Prestarei atenção à minha indumentária e ao meu penteado. No entanto, não me dou ao trabalho de cuidar da aparência, porque tudo isso me aborrece de morte. Uso uma bata castanha que a firma me atribuiu. Quando vou a uma entrevista de emprego, o máximo que faço para melhorar a minha apresentação é passar o papel de seda da minha mãe pelas faces, para assim lhes dar um pouco de cor. Uso o cabelo – loiro e liso – comprido, e lavo-o com sabão castanho sempre que me parece necessário. O Sr. Krogh garantia que tenho um cabelo bonito, mas talvez só o dissesse por não encontrar nada mais que elogiar. Em todo o caso, detenho-me amiúde ao lado do Sr. Ottosen, e também tenho tentado inclinar-me um pouco na sua direção, mas ele nunca me põe o braço à cintura, e tão-pouco parece dar conta da ligeira abertura que lhe mostro. Reflito demoradamente nesta questão e concluo que a maioria das mulheres exerce uma atração irresistível sobre os homens, mas que eu não tenho tal poder. É um facto tanto triste quanto bizarro, mas impede-me de ter filhos demasiado cedo, como acontece à maioria das raparigas da minha rua. Uma vez, o Sr. Jensen convida-me para ir ao cinema à noite. Aceito o convite, porque quero ir ao cinema desde que sou criança. Os meus pais nunca me deixaram ir. Para variar, digo a verdade em casa, e a minha mãe parece animar-se sobremaneira. Quer saber tudo sobre o Sr. Jensen, e na cabeça dela já me casei com ele. Todavia, como não sei o que o pai dele faz nem que planos tem ele próprio para o futuro, não tenho como lhe satisfazer a curiosidade. O meu pai fica contentíssimo ao saber que o Sr. Jensen é membro da DSU, a União Democrática Social, a que,

para sua desilusão, o Edvin recusa associar-se. É um jovem muito sensato, sem dúvida, diz ele, e enrola as pontas do bigode. E é assim que, pela primeira vez na vida, entro numa sala de cinema. Sento-me ao lado de um Sr. Jensen que, muito aprumado, enverga o fato que usou no crisma, e que lhe fica curto nas mangas, expondo assim os seus pulsos não muito limpos. Pendurámos os casacos nas costas dos nossos assentos. Ao início, um homem toca piano. Depois, apagam as luzes e na tela começam a passar anúncios publicitários. Quando terminam e acendem de novo as luzes, começo a levantar-me, porque acho que não há mais nada para ver, mas o Sr. Jensen detém-me e obriga-me a sentar-me. Só agora vai começar, diz ele, paciente. O filme intitula-se *Meu Comandante*, e tem como jovem protagonista um grumete interpretado pelo bonito e comovente Jackie Coogan. Fico deliciada e esqueço-me por completo de onde estou e com quem estou. Choro como se estivesse a levar uma sova e aceito mecanicamente o lenço que o Sr. Jensen me põe na mão. Quando pousa a mão no meu joelho, afasto-a como se fosse um objeto inanimado. O grumete, acompanhado pelo comandante, afunda-se com o navio, sacrificando assim a sua vida por uma mulher bela – que chora desalmadamente – e pela sua filhinha. Desfaço-me em lágrimas e soluço de dor, e não consigo conter-me quando as luzes se acendem. Chiu, vá, já passou, diz-me embaraçado o Sr. Jensen, que me leva pelo braço quando saímos da sala. Porque não chora?, pergunto. Não acha que foi triste? Sim, acho que foi, sim, diz o Sr. Jensen, mas, com os diabos, chorar assim em pleno cinema! Percorremos o Søndre Boulevard e o Sr. Jensen dá-me a mão, entrelaçando os seus dedos nos meus. Lanço-lhe um olhar de soslaio e reparo que tem pestanas compridas. Talvez esteja realmente apaixonado por mim. A neve estala sob os nossos pés e o céu está estrelado, límpido. O braço treme-lhe um pouco, mas pode ser efeito do frio. Chegados ao átrio escuro do meu prédio, abraça-me e beija-me. Não lhe ofereço resistência, mas também não sinto nada. Os seus lábios são frios e duros como couro, e o beijo deixa-me indiferente. Podemos tratar-nos por tu e pelo nome próprio?, pergunta ele numa voz rouca. Sim, podemos, respondo, como te chamas? Ele chama-se Erling, e concordamos em continuar a tratar-nos formalmente pelo apelido no local de trabalho.

Quando, à tarde, não há nada para fazer no armazém, mandam-me ir ao sótão organizar caixas metálicas em fiadas compridas. Gosto de trabalhar aí,

porque fico sozinha numa divisão escura e empoeirada. Sento-me no chão e disponho as caixas em linhas retas de acordo com o que têm escrito: unguento de zinco, lanolina. Afundo-me numa melancolia ternurenta e ondas rítmicas de palavras percorrem-me uma vez mais todo o corpo. Anoto as palavras em papel de embrulho castanho e concluo, para minha tristeza, que os poemas ainda não são bons o suficiente. São poemas infantis, como o Sr. Krogh os designou. Ele disse também que «para escreveres um bom poema, tens de ter passado por muito na vida». Acho que já passei por bastante, mas talvez venha a passar por ainda mais. E então pode acontecer, um dia, eu escrever algo diferente de tudo aquilo que já escrevi, só que não saberei qual é a diferença. Escrevo o seguinte poema:

Uma vela ilumina esta noite,  
está acesa só para mim,  
e se lhe soprar em cima,  
atiço as chamas  
que existem só para mim.  
Mas se respirares devagar,  
e também em silêncio,  
a chama da vela cintila ainda mais  
num fogo que lava no meu peito  
só para ti.

Parece-me um poema a sério, para adultos, e sinto uma vez, com redobrada força, a dor causada pelo desaparecimento do Sr. Krogh, porque adoraria mostrar-lho. Quem me dera dizer-lhe que percebo, por fim, o que ele me disse! Contudo, para mim, o Sr. Krogh está tão morto quanto o velho editor do jornal, e não encontro mais nenhuma abertura que me permita aceder ao mundo que se interessa por poesia e – espero – por quem a escreve. Estiveste muito tempo lá em cima, diz o Erling quando desço do sótão. Age sempre como se fôssemos namorados. Está a empacotar um irrigador vaginal – que se usa no fim da relação sexual, como me explicou – e, quando se debruça sobre a caixa para enrolar os tubos vermelhos debaixo do aparelho, pergunta: E se dormíssemos juntos num hotel no próximo sábado? Tenho andado a poupar para isso. Não, respondo, porque, se consigo escrever poemas a sério, já pouco importa se sou virgem. Aliás, dá-

se o caso oposto: agora tenho de conservar a minha virgindade a todo o custo, para assim a perder apenas quando encontrar o homem certo. Valha-nos Deus!, diz, irritado, o Erling, estás a guardá-la para o médico-legista? Sim, claro, digo eu, e não consigo parar de rir. Se eu própria não sei que relação possa haver entre virgindade e poemas, como poderia explicar ao Erling uma associação de ideias tão bizarra?

Ao sábado à tarde, vou ao cinema com o Erling. Espera por mim encostado à parede do prédio, com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco que herdou do pai, tal qual herdei o meu do meu irmão. Se o faço esperar muito, masca fósforos e encaracola o cabelo em volta dos dedos. Quando nos vê no pátio, a minha mãe abre a janela e grita: Adeus, Tove. Isto significa que aprova a relação, e o Erling também encara esta reação da minha mãe como um sinal de aceitação. Pergunta-me quando poderá entrar em nossa casa para cumprimentar os meus pais. Ainda não, respondo. A minha mãe pergunta se o Erling tem pé chato ou lábio leporino, e se é por isso que não os deixo pôr-lhe a vista em cima. Também não visito os pais deles, porque não quero que pensem que estamos comprometidos. Para mim, seria mais sensato e divertido ter uma amiga, mas não tenho nenhuma e o Erling é melhor que nada. Gosto dele, porque também é um bocadinho esquisito e temos muitas coisas em comum. O pai dele é operário e encontra-se amiúde desempregado. Tem uma irmã mais velha, já casada. Quer ser professor, mas só pode entrar na escola preparatória quando fizer 18 anos. Está a poupar para os estudos. Diz que é uma canalhice a nossa firma só contratar mão de obra não organizada, mas não se inscreve no sindicato porque seria despedido de imediato. Ganha 25 coroas por semana. Quando vamos ao cinema, pago o meu bilhete, em parte porque ele não se pode dar ao luxo de pagar duas entradas, e em parte porque me parece que isso me torna mais livre. Os nossos serões decorrem sempre da mesma maneira. Quando o filme acaba, acompanha-me a casa e, quando abrigados pela escuridão do átrio do prédio, abraça-me e beija-me. Enquanto isso, observo-o com uma curiosidade um tanto fria, para ver até que ponto sou capaz de lhe acicatar a paixão. Se estivesse apaixonada, também me

excitaria, mas não estou, e ele sabe-o. Quando chega a certo ponto, afasto-lhe as mãos frias da minha nuca e advirto-o: Não, isso não. Oh, anda lá, sussurra-me ele sem alento, não te faço mal nenhum. Não fazes, respondo, mas não me apetece. Como tenho pena dele, beijo-o nos lábios enregelados antes de me ir embora. Pergunta-me quando acederei ao que me pede, e eu, para não o deixar sem resposta, prometo-lhe que lhe direi que sim quando fizer dezoito anos, porque ainda falta uma eternidade para isso. Sinto também alguma pena de mim mesma, porque os abraços que ele me dá não produzem o mínimo efeito. Serei anormal também nessa área? Sabe mesmo bem, disse-me a Ruth quando tinha apenas treze anos. O mesmo asseveravam todas as raparigas que conversavam junto aos caixotes do lixo, embora pudessem tão-só mentir. Talvez o dissessem só por dizer. Quando é que nos apresentas o teu namorado, hã?, pergunta a minha mãe assim que entro na sala de estar. Quando conheci o teu pai, levei-o logo a minha casa. Diz também que o Erling decerto só quer uma coisa e, que se lhe fizer a vontade, não mais quererá saber de mim. E olha lá, nem penses em aparecer-nos prenha, acrescenta. Uma noite, respondo-lhe que nunca a vi tão ansiosa quando era do Edvin, a quem nunca instigou a levar a namorada a nossa casa, e ela retorque, toda abespinhada, que a situação é completamente diferente no que concerne aos rapazes. No caso deles não há pressa, um homem tem sempre tempo para se casar, mas às filhas há que as sustentar, e temos de ter sempre isso em consideração. O meu pai pede-lhe que deixe de me atazanar. Diz que o Erling revela sensatez ao querer ser professor. É uma bela profissão: o salário é bom, e nunca se fica desempregado. São proletários de colarinho branco, diz o meu irmão, que por sorte já tem novo trabalho – são os piores de todos. O meu irmão está descontente porque fiz um amigo; no fim de contas, sempre me afiançou, provocador, que jamais me casaria. Está a ouvir, pelo rádio, notícias sobre o casamento do príncipe Frederico, que desperta na minha mãe um interesse enorme. Desliga essa porcaria, já não posso ouvir falar dessa corja monárquica, reclama o meu pai, sentado no sofá. Agora teremos de alimentar mais uma boca, só isso. Na firma onde trabalho, as secretárias estão doidas de entusiasmo com a princesa Ingrid, que acham encantadora. Iniciaram uma das suas coletas e deambulam pelo armazém com uma lista longuíssima, na qual anotam o que cada um oferece para auxiliar à compra de um ramo de flores para a casa real. Ofereci uma coroa, e há uns dias

oferecia outra coroa para o crisma da filha do diretor. Tem tantos filhos que há constantemente coletas para os respectivos batizados e aniversários. Quando te dás conta, comenta o Erling, já gastaste o salário todo nestas parvoíces. O Erling é social-democrata, como os meus pai e irmão, e sonha com uma revolução que confira poder às massas. Gosto de o ouvir explicar-me estes planos, porque a minha família sairia favorecida se os pobres alcançassem o poder. O Erling pretende mudar a social-democracia, torná-la mais vermelha. Para ser sincero, sou sindicalista, assevera ele. Não lhe pergunto o que quer isso dizer, ou responder-me-ia com um discurso longuíssimo e ininteligível sobre política. Um dia, leva-me a um encontro político na Blågård's Plads, mas arma-se uma contenda horrível e a polícia corre toda a gente a golpes de cassetete. Abaixo a bófia!, grita o Erling, que traz vestido o uniforme da DSU, e que leva de imediato uma cacetada na cabeça que o faz soltar um gemido de dor. Amedrontada, puxo-o pelo braço, e corremos de mãos dadas pela rua, que ribomba com os passos de muitos outros fugitivos. Não tenho estofos para estas andanças e nunca mais repito a aventura. Na firma trabalham, além de nós, dois operários e um motorista. Almoçamos todos juntos numa salinha atrás do armazém. Não há como aquecer a sala, o que, segundo o Erling, é mais uma das poucas-vergonhas a que o nosso patrão nos submete. Por norma, comemos todos com o casaco vestido.

Sentamo-nos em grades de cerveja viradas ao contrário, e entendo-me bem com os meus colegas. Com eles não me coíbo de falar, nem sequer quando me perguntam, por exemplo, se sei mesmo para que servem o suspensório testicular e o irrigador uterino. Mas respondo-lhes que deviam inscrever-se no sindicato, e, num dia em que estou muito bem-humorada, subo a uma das grades de cerveja e imito o Stauning a discursar: Camaradas! Cofio uma barba invisível e faço uma voz muito grave perante um público embevecido. Os meus companheiros de almoço riem-se e aplaudem, e nem penso mais no assunto. Algum tempo depois, o Sr. Ottosen diz-me que o diretor quer falar comigo. Nunca mais fiquei a sós com ele desde o dia em que me agarrou os seios, e receio que pretenda fazer algo do género. Sente-se, se faz favor, ordena-me ele com frialdade, e aponta para uma cadeira. Sento-me na borda do assento e vejo, para meu espanto, que está rubro de fúria. Não podemos continuar a empregá-la cá, diz ele com raiva, não quero bolcheviques na minha firma. Não, respondo, sem saber ao certo o que são

bolcheviques. Dá um murro tal na mesa que o coração me parece querer saltar do peito. Levanta-se, caminha até junto de mim e aproxima a sua cara vermelha da minha. Afasto-me um pouco, porque tem mau hálito. A menina instigou o meu pessoal a filiar-se no sindicato, grita, mas tem consciência do que aconteceria se o fizessem? Não, murmuro, embora, no fundo, o saiba. Perderiam o emprego, diz ele, e volta a dar um murro na mesa, tal como você o está a perder agora... e sem referências! Pode passar pela caixa para levantar o seu salário. Endireita-se e senta-se na sua cadeira. Tenho a impressão de que deveria começar a chorar, mas sinto, na verdade, que me invade uma alegria obscura que não sei nomear. Este sujeito considera-me perigosa, uma peça importante numa área que nem sequer é a minha. Isto não tem piada nenhuma!, grita-me, porque devo estar a sorrir sem disso me haver apercebido. Rua! Aponta para a porta e apresso-me a sair. Nunca mais lhe quero pôr a vista em cima!, brada ele antes de fechar a porta com estrondo. No armazém deparo com um Sr. Ottosen e um Erling estupefactos. Perguntam-me que diabo se passou, e eu conto-lhes o que aconteceu cheia de orgulho. O Sr. Ottosen encolhe os ombros. A menina é jovem, diz ele, e pagam-lhe mal, não lhe custará encontrar outra coisa. No fim de contas, só tem de ganhar para si. Eu tenho mulher e quatro filhos e é melhor nem abrir a boca. O Erling diz que devia ter guardado as minhas opiniões para mim, o que me deixa furiosa. Na Dinamarca nunca haverá revolução nenhuma enquanto existirem cobardolas como tu, digo eu, exaltada. Muito ofendida, interpelo as secretárias, para lhes pedir o salário que me é devido, e que já têm pronto a entregar-me. Quando regresso a casa, as ruas estão cobertas por uma espessa camada de neve e um vento gélido atravessa-me o casaco. Sofri pela minha fé e estou ansiosa por contar o sucedido ao meu pai. Sinto-me uma genuína Joana d’Arc, uma Charlotte Corday, uma mulher jovem que irá decerto escrever o seu nome nas páginas da História. Afinal, a minha carreira na poesia está a avançar muito devagar. De olhar fíto no horizonte e costas direitas, subo a escada do prédio e, investida de uma dignidade dolorosa, entro na sala de estar, onde o meu pai está a dormir de rabo para cima. A minha mãe pergunta-me o que faço em casa tão cedo e, quando lhe explico o que aconteceu, diz-me que não me devia ter metido em coisas com que nada tenho que ver. Horrorizada, acrescenta que era um bom emprego, e que nenhum homem quererá casar com uma rapariga que muda de emprego como quem muda de cuecas.



Desta vez não fica do meu lado, e começo a pigarrear e a armar espetáculo à mesa para acordar o meu pai. Consigo-o, e quando se senta e esfrega os olhos, a minha mãe anuncia: A Tove foi despedida. Meteste-lhe na cabeça esses disparates todos dos sindicatos. Quando fica a par de todos os detalhes, o pai franze o cenho. Quem julgas tu que és?, grita ele, e dá um murro na mesa que faz abanar o candeeiro de teto. Agora que tinhas finalmente um bom emprego, despedem-te por uma estupidez dessas! E nem entendes patavina de política! Os tempos andam maus, e há tantos fura-greves que até os podiam dar de comer aos porcos. Mas, no próximo emprego que arranjares, é bom que te aguentes lá, ou acabas como a tua mãe. Trocam um olhar pleno de raiva, como sempre que há discussão com o Edvin ou comigo. Mantenho-me em silêncio, porque não sei ao certo que reação esperava. Perdi, em poucos minutos, o meu súbito interesse pela política, pelas bandeiras vermelhas e pelas revoluções. O Erling e eu vamos ao cinema mais dois sábados, e depois ele deixa de me esperar encostado à parede do prédio. Tenho algumas saudades dele, porque me fazia sentir menos só, mas aquilo de que tenho mais saudades é do sótão da firma, onde escrevi o primeiro poema a sério. Que é feito do teu amigo?, pergunta a minha mãe, que já sonhava ser sogra de um professor. Arranjou outra, respondo. A minha mãe precisa de razões contundentes para tudo, e diz: Tinhas de mostrar o que vales. Devias comprar um vestido de primavera, em vez da tal bicicleta. Quando a natureza não te fez bonita, acrescenta, tens de lhe dar uma mãozinha. A minha mãe não diz estas coisas para me magoar; ignora apenas o que vai dentro das outras pessoas.



Então, não consegue ver com quem me pareço? A Menina Løngren fita-me espantada e, verdade seja dita, não vejo de todo com quem se parece. Sorri enquanto sobe e baixa as sobrancelhas. Talvez se pareça um pouco com Chaplin, mas não me atrevo a dizer-lho, não vá ofender-se. Desta feita, franze o cenho de impaciência. É porque nunca vai ao cinema, querida!, protesta. Vou, sim, ora pois!, respondo, abatida, sem parar de puxar pela cabeça. Experimente ver-me de perfil, assim sendo, propõe ela, e vira a cabeça. Aí tem. Toda a gente mo diz. Quanto a mim, o perfil dela só me diz que tem um nariz aquilino e uma grande barbela. Em pleno esforço mental, o telefone toca. Ela atende com um «I. P. Jensen». Di-lo sempre num tom tão agressivo e ameaçador que não entendo como a pessoa do outro lado da linha se atreve a dizer o que pretende. É um pedido; ela anota-o num papel enquanto leva, com a mão esquerda, o auscultador ao ouvido direito. Assim que desliga, diz: Pareço-me com a Greta Garbo, como já terá percebido, não? Claro, respondo, e lamento apenas não ter ninguém com quem me rir. Não tenho ninguém. Aqui, estou estranhamente sozinha. Arranjei emprego numa oficina litográfica. Na sala do fundo encontra-se o dono da firma, a quem chamamos Mestre. Quando está cá, tranca sempre a porta. Na parte da frente há dois escritórios, um deles ocupado por um dos filhos, o Carl Jensen, que se senta costas com costas com a Menina Løngren. Ela senta-se mesmo à minha frente e trata de atender o telefone e da agenda, e num dos recantos do escritório há uma pequena mesa com uma máquina de escrever que eu devo, supostamente, aprender a usar. Mas quase não tenho nada que fazer todo o dia, e ninguém parece saber ao certo porque me contrataram. Acima dos escritórios há um apartamento residencial, ocupado pelo outro filho do patrão, que se chama Sven Åge e é litógrafo; trabalha na prensa. O

Carl Jensen é magro e ágil, mais parece um esquilo. Tem olhos castanhos muito próximos um do outro e é um tanto vesgo, o que lhe dá um ar pouco confiável. Nunca me dirige a palavra, e, quando ele e a Menina Løngren se juntam na mesma sala, comportam-se ambos como se eu não existisse. Não se escusam de se galantear à minha frente, e às vezes ele faz girar a sua cadeira, dando-lhe uma volta completa, e tenta beijá-la. Ela finge repeli-lo com palmadinhas enquanto se ri muito alto, extasiada. Acho tudo isto ridículo, porque já têm mais do que idade para ter juízo. Quando o Mestre deambula pelos escritórios, embrenham-se no trabalho e eu apresso-me a escrever números e palavras que logo apago com muita calma e brio. Como o Carl Jensen passa pouco tempo connosco, sinto o olhar atento e reprovador da Menina Løngren continuamente cravado em mim. Comenta todos os meus gestos. Porque está sempre a olhar para o relógio?, pergunta-me, não é por isso que o tempo vai passar mais depressa. Também diz: Não tem um lenço? Tanto sorve a ranheta que até me põe nervosa! Ou: Porque tenho de ser sempre eu a levantar-me para fechar a porta? A menina também é jovem. Este «também» deixa-me estupefacta. Um dia, pergunta-me que idade julgo que tem. Quarenta, digo com uma certa cautela, porque estou convencida de que terá pelo menos cinquenta. Tenho trinta e cinco anos, responde, indignada, e toda a gente me diz que pareço ter ainda menos! Quando me esforço por me manter calada e procurar um ponto neutro onde possa descansar o olhar, diz-me: Então, adormeceu? Convém fazer alguma coisa para justificar as cinquenta coroas que lhe pagam ao mês! Bocejo e pergunta-me, com a sua voz grave e masculina, se não durmo à noite. Tenho de ouvir os seus comentários todo o santo dia e chego a casa tão cansada como quando trabalhava na pensão. No entanto, esforcei-me ao máximo por encontrar um emprego de escritório, e agora terei de me aguentar aqui até fazer dezoito anos, por muita aterradora que a ideia me pareça. Registo ordens de trabalho num livro, tarefa que me ocupa apenas uma hora. A Menina Løngren não gosta que pratique a escrever à máquina, porque faço muito barulho. Um dia, o Mestre pergunta-lhe, com gentileza, o que pensa ela da possibilidade de eu me encarregar da agenda e do atendimento telefónico, mas ela responde, furiosa, que não quer ficar sentada de costas para os clientes. Atrás de mim há um balcão onde se aceitam os pedidos de clientes que se deslocam pessoalmente à litografia. O Mestre parece ter tanto medo dela quanto eu. É um homenzinho atarracado

e gorducho, com um nariz azulado e esponjoso que, segundo a Menina Løngren, ganhou a pulso. Quando precisa de o localizar, telefona sempre para o restaurante Grøften, no parque de Tivoli, o seu poiso habitual quando se ausenta da oficina. De vez em quando, o Mestre chama-me e entrega-me alguns papéis que me pede para passar a limpo. São cartas, e todas elas começam com um «Querido irmão» e terminam com um «Cumprimentos fraternos». Por vezes, as cartas tratam de um irmão que já faleceu, e quando passo a limpo o longo rol das suas qualidades estupendas – qualidades sobretudo referentes à relação que tinha para com os irmãos –, comovo-me um pouco e penso que há uma união bonita e rara nesta família. Contudo, quando ganho coragem para perguntar à Menina Løngren quantos irmãos tem o Mestre, ela ri-se à gargalhada e diz: São irmãos da maçonaria! É membro da Ordem de São Jorge. Em seguida, conta o que lhe perguntei ao filho do Mestre, que faz girar a cadeira para observar semelhante idiota. Ao domingo à tarde, atravesso a oficina e distribuo os envelopes com o salário. É sempre um suplício, porque os empregados me lançam invetivas trocistas ou insinuações escabrosas e nunca me ocorrem respostas imediatas. No fundo, não sou como eles, tal como na firma de produtos farmacêuticos. De acordo com o meu pai, este é o melhor emprego que já tive, e não há desculpa para não o manter. Todos os funcionários estão filiados no sindicato, eu incluída; o Mestre paga-nos as quotas, e inscreveu-me também, a suas expensas, num curso de datilografia. Não sei porque tenho de aprender datilografia se só me permitem escrever cartas para os irmãos. É a Menina Løngren quem redige as faturas e as cartas comerciais. Tenho a impressão de que se opôs à minha contratação, e que agora prefere que eu não aprenda nada. Não faço mais do que a observar das oito da manhã às cinco da tarde, o que se tem revelado um trabalho exigente e esgotante. Nunca conheci ninguém como ela. Em certas ocasiões, é amável e oferece-me, por exemplo, uma maçã. Dá-ma, mas assim que a ouve desfazer-se entre os meus dentes, franze a testa e diz: Não consegue comer sequer uma maçã sem armar um alvoroço? Se for demasiado à casa de banho, pergunta-me se estou mal da barriga. Um dia, diz-me que a sobrinha vai fazer o crisma e pergunta-me se conheço alguém que lhe possa compor uma canção para a cerimónia. Só para a surpreender, respondo-lhe que eu própria o poderia fazer, mas ela fita-me com ceticismo. Tem de ser boa, insiste, como as letras das canções que põem nas montras das lojas. Prometo-lhe que vou

escrever uma bela canção e ela, embora reticente, autoriza-me a provar-lhe os meus dotes. Escrevo um texto que se adapta na perfeição a uma melodia já muito conhecida – *O Caldeireiro Contente* – e a Menina Løngren fica deveras impressionada. Assevera-me que é tão boa quanto aquelas por que as pessoas pagam. Mostra-a ao filho, que diz «com os diabos, quem havia de dizer que a Menina Ditlevsen escrevia assim». Gira a cadeira e fita-me com ar curioso e olhos cúpidos. A mim, como de costume, não diz nada. Sim, responde a Menina Løngren, está aqui um presente e peras! Parecem-me os dois uns idiotas chapados. Ela nem sequer sabe falar corretamente. Diz, por exemplo, *em qualquer acaso*, erro que repete amiúde. Quando cisma numa ideia, proclama: Digo, e reafirmo, etc. Mas, claro, não diz nem reafirma nada. Terei de suportar mais dois anos desta tortura, e toda eu tremo de horror sempre que penso nisso. À noite, quando chego a casa, deparo na maioria das vezes com a Jytte, e fico exausta ao ouvi-la coscuvilhar com a minha mãe. A Jytte é alta, loira e bonita, mas alega que nunca se casará, porque depressa se cansa dos homens. Já teve uma série de namorados e entretém a minha mãe com histórias sobre o cavaleiro de serviço. Acham uma piada imensa a estas historietas e sinto-me ainda mais excluída quando as ouço rir. O meu pai ronca em alto e bom som e só me posso deitar quando ele sai para trabalhar e a Jytte regressa a sua casa. Mas já não entendo porque não suporto as pessoas, nem como deveriam falar para que as queira escutar. Presumo que teriam de falar como o Sr. Krogh, e parece-me vê-lo dobrar a esquina ou atravessar a rua sempre que saio de casa. Corro no seu encalço, mas nunca é ele. Estão a construir uma casa nova onde antes se situava a dele, e contemplo as obras quando atravesso a passagem ao regressar a casa. Sei que o poderia procurar na lista telefónica, mas o orgulho impede-me de o fazer. Não signifiquei nada para ele. Diverti-o durante algum tempo, até se entediar, encolher os ombros e me virar costas. Contudo, esta minha existência aborrece-me e não me resta outra coise se não fazer alguma coisa. De repente, lembro-me de uma secção do *Politiken* intitulada *Teatro e Música: Ofertas de Emprego*. São trabalhos que se fazem, provavelmente, à noite, e agora já tenho permissão para sair até às dez horas. A música é território proibido para mim, mas não me importaria nada de ser atriz. Com o maior dos secretismos, respondo a um anúncio em que se pedem atores para um teatro amador. Recebo uma carta da companhia Teaterselskabet Succes, que tem sede num restaurante de

Amager, onde pedem que compareça uma noitinha. Envergo o vestido castanho que, instigada pela minha mãe, comprei em vez da bicicleta, e apanho o elétrico até ao restaurante. Aí chegada, cumprimento três jovens muito sérios e uma jovem que, como eu, está aqui pela primeira vez. Sentamo-nos à mesa e o diretor da companhia explica-nos que pretende encenar uma comédia amadora intitulada *A Tia Agnes*. Traz o guião com ele e, depois de nos sopesar com um olhar, decide que devo interpretar a tia Agnes. É um papel cómico que me assentará como uma luva, afiança-me ele. A personagem tem 70 anos, mas isso facilmente se resolve com alguma maquilhagem. Na peça há também um casal jovem, e ele representará o papel do homem, e a Menina Karstensen o da mulher. Olho-a e reparo que é muito bonita. Tem cabelo loiro platinado, olhos azul-escuros e dentes brancos e imaculados. Compreendo que seria impossível representar o seu papel. Todavia, não imaginara estreiar-me no papel de uma velhinha cómica com 70 anos. Repartidos os papéis e marcado um novo encontro para nos proporcionar tempo suficiente para decorarmos as nossas falas, tomamos um café e despedimo-nos. A Menina Karstensen acompanha-me até à paragem de elétrico. Propõe que esqueçamos as formalidades no nosso trato. Chama-se Nina e vive em Nørrebro. Pergunto-lhe porque respondeu ao anúncio. Porque estava a morrer de tédio, responde. Balanceia ligeiramente as ancas quando caminha, e sinto-me feliz na sua companhia. Tem 18 anos e estou certa de que seremos boas amigas.



O diretor da nossa companhia é conhecido como «Gammeltorv». Tem 22 anos, é casado e pai de um filho. Ensaíamos em casa dele, e a esposa aborrece-se sobremaneira porque o bebé acorda com o barulho. Não tem sensibilidade para apreciar arte, diz o Gammeltorv, desculpando-se. Ele, sim. Quando nos dá ordens de encenação, mexe a cabeça, os braços e as pernas, como os maestros famosos. Enfurece-se, repreende-nos e roga-nos, quase em lágrimas, que ponhamos mais alma nos diálogos e nos embrenhemos no nosso papel. A tia Agnes é uma pessoa muito tonta e crédula a quem o casal jovem engana vezes sem conta – é aí que está o cómico, porque os diálogos propriamente ditos não têm piada nenhuma. São escassos e breves. O clímax surge no momento que a pobre anciã entra na sala com o tabuleiro do chá: quando vê o casal abraçado numa poltrona, deixa cair o tabuleiro, une as mãos e diz: Deus nos acuda! Nesse instante, as gargalhadas do público devem tonitruar por toda a sala, diz o Gammeltorv, mas eu recito as palavras como se as estivesse a ler num livro! Outra vez, grita ele, outra vez! Por fim, consigo incutir suficiente espanto às minhas palavras, e o diretor acredita que a cena funcionará na perfeição se usar um tabuleiro repleto de chávenas verdadeiras. A sua esposa recusa ceder-me chávenas de porcelana para os ensaios. Na sala de estar de nossa casa, represento o papel de tia Agnes diante da minha mãe, que está entusiasmada com a minha estreia em palco. Às tantas, ainda dás em atriz de verdade! É pena não saberes cantar. A Nina, por seu turno, sabe cantar, e terá de cantarolar num dueto amoroso com o Gammeltorv – e, a meu ver, fá-lo muito bem. Vamos representar a peça no Stjernekrøen, em Amager, e o diretor acredita que teremos casa cheia, porque em seguida haverá um baile. A Nina e eu estamos ansiosas para que chegue o dia da estreia. A Nina é de

Korsør, onde mora o seu noivo, que é guarda-florestal e virá à estreia. Ela trabalha na secção de anúncios do *Berlingske Tidende* e vive num quartinho arrendado em Nørrebro. É um quarto triste e desprovido de aquecimento onde, sentadas na borda da cama com o casaco vestido, contamos uma à outra os nossos planos de futuro enquanto ouvimos crepitar o fogo na lareira da família que vive no lado oposto do tabique fino. Um dia, casar-se-á com o seu guarda-florestal, porque gostaria de morar no campo, mas até lá tenciona divertir-se e desfrutar da sua juventude em Copenhaga. Respondeu ao anúncio porque queria conhecer pessoas interessantes. Quer conhecer, sobretudo, homens. Os homens podem cortejá-la e convidá-la para sair. Diz que, quando já não estivermos tão ocupadas com a peça, temos de ir a bares e cafés procurar quem queira dançar connosco. Uma rapariga não pode ir sozinha a um bar, mas já não há problema se forem duas. Recordo-me do comentário do Sr. Krogh acerca de as pessoas quererem sempre algo umas das outras, e alegra-me saber que tenho alguma serventia para a Nina. Desde que a conheço, já quase não penso na Ruth, que decerto se mudou juntamente com os pais, motivo pelo qual não a vejo quando regresso a casa à noite. A Nina foi criada por uma avó, que é dona de um hotel em Korsør. A mãe dela mora em Copenhaga com um homem, mas não está casada. É pobre e trabalha nas limpezas, e uma noite, diz-me a Nina, tenho de a conhecer. A minha mãe, por outro lado, não sente qualquer necessidade de conhecer a Nina. Porque vive em Copenhaga se o noivo está em Korsør?, pergunta-me. Sempre tiveste amigas de má índole. No escritório, a Menina Løngren diz em tom ameaçador: A menina anda muito contente de há algum tempo para cá! Aconteceu alguma coisa boa lá por sua casa, foi? Rejeito tal ideia e, assustada, tento parecer menos alegre. Estou a aprender datilografia na Vester Voldgade, e gosto bastante do curso. Às vezes só penso em sinais datilográficos. Um dia, quando saio do trabalho, deparo com o Edvin, que me espera à porta com ar feliz. Enquanto caminhamos até casa, conta-me que em breve se vai casar com uma rapariga chamada Grete que é de Vordingborg. Vão casar-se em segredo e já têm um apartamento em Sydhavnen. Apoderam-se de mim uns ciúmes sinistros que me impedem de partilhar o seu entusiasmo. Só dirá aos nossos pais que se casou depois da cerimónia. Vão-se passar dos carretos, comento, com uma certa pena deles. Já sabes como a mãe é, diz ele, afugenta sempre as minhas namoradas. Digo-lhe que, nesse aspeto, terei a vida mais facilitada, porque a



nossa mãe estava encantada com o Erling, conquanto nunca o tivesse chegado a conhecer. O Edvin garante-me que acontece o mesmo em quase todo o lado, pelo que o comportamento da nossa mãe nada tem de aberrante. Pergunta-me se tenho escrito poemas, e se não vou tentar publicá-los com outro editor. Não podem morrer todos! Explico-lhe que, aos poucos, comecei a melhorar a minha escrita, e que não quero tentar de novo publicar o meu trabalho sem ter a certeza de que os meus poemas são bons o suficiente. Mas o Edvin acha que os meus poemas de infância são tão bons quanto os que se publicam nos manuais escolares e nos jornais, e não lhe consigo explicar a diferença indefinível entre um bom e um mau poema, porque há pouco tempo também não os sabia distinguir. Enquanto conversamos à porta do prédio, batemos com os pés no chão para nos aquecermos. O Edvin não quer subir comigo, para que a nossa mãe não desconfie que viemos juntos até cá, porque ela não gosta nada que partilhemos coisas de que não está a par. Além disso, o Edvin ainda guarda rancor ao nosso pai por causa dos quatro duros anos em que o obrigou a trabalhar como aprendiz. A minha tosse a ele a devo, diz com amargura e um tanto de injustiça. O Edvin já tem vinte anos e a pele do queixo escureceu-se-lhe à força de tanto se barbear. Os seus cabelos pretos pendem sobre a fronte, e os seus olhos castanhos recordam-me os do meu pai e os do Sr. Krogh. Um dia, casar-me-ei com um homem de olhos castanhos. Assim, é possível que os meus filhos também tenham olhos castanhos, e penso que terei o meu primeiro filho aos dezoito anos. A Nina fica horrorizada sempre que se lembra que ainda sou virgem, algo que encara como um defeito que terei de corrigir o quanto antes. Ela também tinha medo, assevera-me, porque se ouvem tantas coisas, mas a verdade é que lhe correu tudo às mil maravilhas. Comprou um vestido comprido e justo para o baile no Stjernekrøen. É muito decotado nas costas e comprou-o a prestações. Custa duzentas coroas, e não sei como o pretende pagar. Ela ri-se e disse que não foi estúpida a ponto de dar o seu nome verdadeiro. A sua desfaçatez impressiona-me, como acontece sempre que alguém se atreve a fazer coisas que jamais me atreveria a fazer. Uma vez no Stjernekrøen, não temos mãos a medir com a troca de roupa e a maquilhagem. Uso um vestido preto da avó do Gammeltorv. O vestido dá pelo chão e uso-o sobre uma almofada que levo atada à barriga. Pus uma peruca de lã cinzenta na cabeça, e o diretor pintou-me riscos negros na cara, com que pretendemos representar

rugos. Terei de caminhar dobrada sobre a cintura, porque sofro de reumatismo. Espreitamos por um burquinho na cortina. Procuramos as nossas famílias e contamos as cabeças para ver se já chegaram todos. Não ocupam mais do que as primeiras três ou quatro filas, e o resto da sala está vazio, à exceção de um punhado de jovens que bocejam sem o menor interesse na peça, porque só aqui estão por causa do baile. A Nina assinala-me o seu guarda-florestal, que está sentado mesmo atrás da tia Rosalia. Parece estar enfadado, mas sei, pelo que a Nina me contou, que se opõe a que ela viva em Copenhaga. Porque é que ele está tão irritado?, pergunta o Gammeltorv, que se aproximou de nós para também ele dar uma vista de olhos à plateia. Então, a orquestra começa a tocar, e a cortina sobe. O coração bate-me com toda a pressa de tanta emoção, e não estou muito convencida de que a minha tia Agnes vá fazer alguém rir. No entanto, o público não podia estar mais predisposto. As pessoas na assistência aplaudem e divertem-se, e no fim de cada ato o Gammeltorv diz-nos que vai ser um grande êxito e pergunta-nos se vimos o homem que está a tomar apontamentos num caderninho. É um repórter do *Amagerbladet*, e, se está ali em serviço, é porque a peça é todo um acontecimento. Por fim, chega o momento em que, de tabuleiro na mão, surpreendo o casal na poltrona. Deixo cair o tabuleiro, junto as mãos e proclama: Deus nos acuda! Nesse instante, abre-se uma porta atrás do palco e a minha peruca levanta voo. Horrorizada, tento apanhá-la, mas, sentado na poltrona, o Gammeltorv faz-me sinal, com a cabeça, para a deixar estar, porque na sala soltam-se gargalhadas tonitruantes que me envolvem. Risos, aplausos, a assistência bate com os pés no chão. Só a Nina me lança um olhar ofendido, porque, no fim de contas, ela não devia ser a prima-dona? Quando a cortina desce, o Gammeltorv aperta-me as duas mãos com força. Salvaste a peça, garante-me, e da próxima vez vais ser a protagonista. Também recebo elogios da minha família, e o Edvin assevera-me que tenho talento. Ele também, acrescenta, embora nunca lhe tenham dado uma oportunidade para o provar. Depois da peça, dança muito comigo, coisa por que lhe sou grata. Dança muito bem, e a Nina olha-me de soslaio sempre que passa ao nosso lado com o seu guarda-florestal. É mais baixo do que ela e, visto assim, não parece lá grande coisa. O Edvin também dança com a nossa mãe e as nossas duas tias, e à meia-noite a nossa mãe diz que está na hora de voltarmos para casa, aconselhando-me a despedir-me dos meus amigos. Quando nos

reunimos de novo na Strandlodsvej, o Gammeltorv mostra-me um recorte do *Amagerbladet* onde, entre outras coisas, está escrito o seguinte: «Uma jovem chamada Tove Ditlefsen teve grande êxito no papel de tia Agnes.» Embora o meu nome esteja mal escrito, tenho uma sensação estranha quando o vejo impresso pela primeira vez. E aqui, diz o empreendedor Gammeltorv, estão os diálogos da nova peça: *Trilby*. A Trilby é uma rapariguinha pobre que cai nas garras de um velho feiticeiro, que a obriga a cantar. E ela canta angelicalmente. Quem vai interpretar a Trilby?, pergunta, com frieza, a Nina. A Tove, responde ele; mas, como ela não sabe cantar, só vai ter de abrir e fechar a boca enquanto tu cantas nos bastidores. A Nina fica vermelha de fúria, pega na sua mala e levanta-se. Recuso-me a fazer essa figura! Se quiseses, canta tu enquanto ela abre e fecha a boca! Não estou para isto. Fito-a espantada. Também me recuso a fazer isto, digo. A Nina é mais bonita do que eu. Porque tenho de ser a Trilby? De repente, estamos todos de pé. O Gammeltorv dá um murro na mesa. Mas afinal de quem é a companhia? Minha ou vossa, hã?, grita. Sim, sim, ri a Nina, a *Companhia de Teatro Sucesso!* Agora qualquer idiota publica um anúncio no jornal e já se acha o maior. Desisto! Eu também, brado, e saio a toda a pressa no encalço da Nina. Tenho de correr para a alcançar. De súbito, paramos como se por mútuo acordo. Estamos entre dois candeeiros públicos numa rua deserta. Já se sente a primavera no ar. O rosto delicado da Nina, com a sua bonita auréola de cabelo, continua ensombrado pela fúria, mas ela logo irrompe numa gargalhada, tal qual eu. Com que então ias ser tu a estrela da peça, diz ela entre gargalhadas, ai, que piada. Imaginamos a cena: eu abro e fecho a boca sem emitir um único som enquanto a Nina canta a plenos pulmões sem que o público lhe ponha a vista em cima. Rimo-nos tanto que não conseguimos parar, e ambas concordamos que não temos talento para o teatro. Iremos divertir-nos a sós, ao invés de entreter os outros a nossas expensas. Vamos aproveitar as muitas emoções que a cidade grande tem para nos oferecer, e trataremos de encontrar homens por quem nos possamos apaixonar. Homens bonitos e cheios de dinheiro. Como agora já não teremos de dedicar os nossos serões aos estúpidos ensaios de *A Tia Agnes*, haverá tempo de sobra. O único problema é que tenho de estar em casa às dez, mas por enquanto não se pode fazer nada quanto a isso.

A tia Rosalia está no hospital. Um dia, quando a minha mãe a foi visitar, a tia Rosalia disse, risonha: Rejuvenesci, Alfrida. A minha mãe recomendou-lhe ir ao médico, mas a minha tia não lhe deu ouvidos. Tal como a minha mãe, só vai ao médico em situações de extrema urgência. A minha mãe contou-me o sucedido à noite, quando cheguei a casa do trabalho. Não percebi ao certo o que significava o comentário um tanto misterioso da minha tia, mas a minha mãe explicou-me que a tia Rosalia tivera de novo o período, embora tivesse parado de menstruar há muitos anos. Embora nunca me tenha informado de nada acerca deste assunto, a minha mãe assume sempre, por princípio, que sei tudo o que há para saber. Contudo, havia claras lacunas nas aulas de educação sexual lecionadas juntos aos caixotes do lixo no pátio. A minha mãe precisou de muito tempo para convencer a minha tia a consultar um médico. Quando a minha tia finalmente acedeu, teve de ser internada de imediato. Terá de ser operada, mas fala do assunto como se de um piquenique se tratasse. É cancro, de certeza, diz a minha mãe num tom soturno. Primeiro foi o marido, agora ela. E agora que se tinha livrado daquela besta e ia ter uns bons anos pela frente... A minha mãe está sinceramente preocupada e infeliz, porque gosta muito mais da tia Rosalia do que da tia Agnete. Visito-a com a minha mãe na véspera da operação. Está deitada na cama a comer laranjas e a conversar, jovial, com as pacientes na enfermaria. Não consigo acreditar que a minha mãe tenha razão, porque a tia Rosalia não parece de todo estar doente, e porque também não sente dores. No entanto, depois de nos despedirmos dela e quando já nos encontramos no corredor, uma enfermeira acerca-se de nós e pergunta à minha mãe quem são os parentes mais próximos da minha tia. A minha mãe responde-lhe que somos nós, e ela pede à minha mãe que entre

no consultório para falar com o médico. Enquanto conversam, espero sentada num banco. A minha mãe regressa com os olhos vermelhos. Assoa ruidosamente o nariz e apoia-se no meu braço quando nos afastamos. Bem me parecia, diz ela, fungando. Eu tinha razão. Não sabem se sobrevive à operação. A caminho do escritório, telefono à Nina e digo-lhe que não posso ir ter com ela à noite. Sinto que não devo deixar a minha mãe sozinha, e a Jytte não é boa interlocutora quando se está triste. No escritório, a Menina Løngren diz, desconfiada: Então, como estava a tua tia? Tem cancro, digo com toda a seriedade, e pode morrer. Pois, pois, diz com insensibilidade a Menina Løngren, mas vamos todos morrer, seja como for. Volta ao trabalho, vá. Tens aqui umas cartas para despachar. Passo à máquina as cartas para os irmãos da maçonaria, e uso para esse efeito os rascunhos estenografados que o Mestre me ditou. O Carl Jensen entra no escritório vindo da sala de impressão e senta-se na sua cadeira giratória. Traz vestida uma bata cinzenta e tem um lápis amarelo atrás da orelha. Estou em crer, com base nas minhas observações, que ele nunca faz nada, mas também não tem de fingir que faz para agradar à Menina Løngren. Percebo que ele lhe quer dizer alguma coisa e que a minha presença o impede de falar, mas continuo, com toda a calma, a bater as teclas da máquina de escrever, tarefa que faço cada vez mais depressa. Løngren, diz ele, e reclina-se para trás, aproximando o rosto do dela, o Sven Åge celebra as bodas de prata daqui a duas semanas. Achas que se consegue arranjar alguém que escreva uma canção para a cerimónia? Os seus olhos esquivos detêm-se em mim por um só instante, mas não o fito. Por Deus, claro que sim!, diz a Menina Løngren, aqui a Menina Ditlevsen pode tratar disso, não pode? Pronuncia as últimas palavras numa voz alta e estridente, e não me atrevo a fingir que não as ouvi. Sim, respondo, dirigindo-me à Menina Løngren, claro que posso. Claro que pode, diz ela ao Carl Jensen; só precisa de algumas informações, percebe, de saber o que aconteceu ao longo dos anos, e coisas assim. Isso arranja-se facilmente, diz o Carl Jensen, aliviado. Trago-lhe esses dados já amanhã. Olho-o de soslaio e percebo, de súbito, que é por uma estranha timidez que não me dirige a palavra. Este facto deixa-me um pouco menos desconfortável e coloca o problema do lado dele. No dia seguinte, escrevo a canção enquanto as pessoas caminham pela rua, ao sol: pessoas independentes que se podem deslocar com toda a liberdade no mundo entre as nove da manhã e as cinco da tarde, e que têm

objetivos pessoais que elas próprias determinaram. Escrevo a canção patética para as bodas de prata enquanto a minha tia é operada sem que ninguém saiba se irá sobreviver. O telefone toca e a Menina Løngren passa-me o auscultador como se este lhe estivesse a queimar os dedos. É para si, diz ela com rispidez. É uma jovem. Corada, contorno a secretária e pego no auscultador do telefone junto ao Carl Jensen e à Menina Løngren, que estão em silêncio absoluto. É a Nina, embora a tenha proibido de me ligar para cá. Olá, diz ela. Ouve só: ontem conheci um tipo mesmo porreiro no Heidelberg. Ele tem um amigo bem giro, também. É alto e moreno e isso tudo. Vais gostar dele. Prometi-lhes que aparecemos lá logo à noite. Não, digo eu em meia voz, hoje à noite não posso. Tenho de ficar em casa. Porquê?, pergunta ela, e eu, envergonhada, sussurro que lhe explico depois. Que agora estou ocupada. A Nina ofende-se e diz que sou estranha. Quando arranja, por fim, um rapaz para mim, nem sequer o quero conhecer. Agora tenho mesmo de ir, digo. Estou ocupada. Adeus. Pouso, com algum esforço, o auscultador do telefone. Obrigada, tartamudeio, e logo regresso ao meu lugar. Era a sua amiga?, pergunta a Menina Løngren após um longo silêncio opressivo. Quando lhe respondo que sim, era, ela comenta: Soou-me bastante frívola. Na sua idade, é preciso ter cuidado com o género de amigas que se tem. Lá isso é verdade, diz o Carl Jensen, que acrescenta num tom filosófico: Em certo sentido, é melhor ter um namorado do que uma amiga; nesse caso, sabe-se pelo menos o que se esperar. Continuo a trabalhar na canção, irritada por não encontrar nada que rime com Sven Åge. Que raio de nome para rimas! O Sven Åge é tão reservado quanto o irmão é falador. É tão gordo quanto o pai, e tem sempre a cabeça um tanto inclinada, como se um dos músculos do pescoço fosse demasiado curto, característica que lhe confere um ar desafiador. Os irmãos quase não se falam, porque o Sven Åge mora lá em cima sem pagar nada, ao passo que o Carl Jensen tem de pagar uma renda noutro sítio. Além disso, como é o mais velho dos irmãos, o Sven Åge vai herdar a litografia quando o Mestre morrer. É uma pena, diz pateticamente a Menina Løngren, os laços de sangue não serem mais fortes. Acabo de escrever a canção e passo-a a limpo na máquina de escrever, e quando o Mestre aparece de repente, arranco a folha e escondo-a na gaveta, porque não me pagam para escrever poemas para ocasiões especiais. Assim que a dou por terminada, entrego-a à Menina Løngren, que quase se mostra ainda mais entusiasmada do que da outra vez.

Fita-me como se fosse o novo Shakespeare e diz: Está uma maravilha. Veja só isto, Carl Jensen. Depois de pegar na folha de papel e de ler a letra da canção, concorda com ela e olha para mim por muito tempo sem abrir a boca. Por fim, interpela a Menina Løngren: De onde é que ela tirará estas ideias? É um dom, afirma a Menina Løngren, já se nasce com ele. Tinha um tio que também conseguia escrever assim. Mas o dom destruiu-o. Era como se ficasse sem forças sempre que acabava uma canção. Acontece o mesmo com os médiuns, que ficam esgotados após cada sessão. Não se sente cansada, Menina Ditlevsen? Não, não estou cansada nem fiquei sem forças. Mas o que mais quero é ter um sítio onde possa treinar escrever poemas a sério. Gostava de ter um quarto com quatro paredes e uma porta que pudesse fechar. Um quarto com uma cama, uma mesa e uma cadeira, com uma máquina de escrever, ou um bloco de papel e um lápis, nada mais. Bem, sim, uma porta que pudesse *trancar*. Mas não terei nada disto antes de fazer dezoito anos e sair de casa. Tive paz pela última vez no sótão com as caixas metálicas. Na verdade, só tive sossego aí e no parapeito da janela da minha infância. Caminho até casa acariciada pela suave brisa de maio. Agora fica de dia até tarde, e não sinto frio no meu fato castanho. O casaco dá-me à justa pela cintura, e a saia é plissada. Tenho a sensação agradável de estar bem vestida quando o envergo. A Nina diz que eu devia ter um guarda-roupa maior, mas não tenho dinheiro para comprar roupa. Pago 20 coroas por mês aos meus pais, porque como todas as refeições em casa; guardo outras 10 coroas no banco, e no fim restam-me apenas 20 coroas – um pouco menos, na verdade, depois de pagar a contribuição para a caixa de previdência. Gasto a maior parte do dinheiro em guloseimas, porque raramente resisto a comprar um doce quando passo por uma chocolataria. Também preciso de algum dinheiro para comprar os refrigerantes que bebo quando vou a bailes com a Nina. Os rapazes que me poderiam pagar as bebidas só aparecem, infelizmente, depois das dez da noite, quando me vejo obrigada a despedir-me das alegrias da vida noturna. Penso um pouco no género de rapaz que a Nina terá escolhido para mim, e custa-me saber que não me posso encontrar com ele. Contudo, não posso deixar a minha mãe sozinha se a minha tia tiver morrido. Espreito sempre para dentro dos carrinhos de bebé quando caminho até casa, porque adoro ver as criancinhas que dormem dentro deles com as mãozinhas pousadas, de palmas para cima, em almofadas. Gosto também de observar pessoas que, de um modo ou de

outro, expressam os seus sentimentos. Gosto de ver mães a darem mimo aos filhos, e de boa vontade me desvio um pouco do meu percurso para seguir um casal jovem que caminhe de mãos dadas e esteja claramente apaixonado. Isto faz-me feliz e ter uma grande esperança no futuro. Na sala de estar de nossa casa, deparo com a minha mãe sentada à minha espera. Está muito pálida e esteve a chorar. Também gosto da minha mãe quando dela se apodera uma emoção simples e sincera. Não morreu, diz ela, sóbria, mas o médico diz que a operação só vai adiar o inevitável. Agora, o mais importante é que ela não descubra o que se passa com ela. Não lho digas. Não digo, não, respondo. A minha mãe sai da sala para fazer café, e olho para as costas do meu pai, que está a dormir estendido no sofá. De súbito, reparo que está velho e cansado. Não consigo apontar sinais concretos deste seu estado, pois trata-se apenas de uma impressão. O meu pai tem 55 anos, e nunca o conheci novo. Ao início, quando eu era pequena, a minha mãe era de facto nova, e depois, não o sendo, apresentava ainda um espírito jovem, e ainda está numa idade de transição, na qual não se é nem velho nem novo. Mente, sem pudor, em relação à sua idade, dizendo a toda a gente – inclusive a nós, que sabemos bem qual a sua idade – que é dois anos mais nova do que na realidade é. Ainda pinta o cabelo e toma um banho turco uma vez por semana, hábitos que me levam a sentir uma certa compaixão dela, porque expressam um temor que não compreendo. Limito-me, por conseguinte, a observá-la e aos seus receios. Quando pousa as chávenas na mesa, o meu pai acorda, esfrega os olhos, e senta-se. Já lhe contaste?, pergunta ele, soturno. Não, responde com calma a minha mãe, podes contar-lhe tu. Arranjámos um apartamento novo, diz ele num tom amargo, fica em Westend. A renda mensal custa 60 coroas, e não sei onde vamos desencantar o dinheiro quando voltar a ficar desempregado. Que tolice, diz perentoriamente a minha mãe. Sabes bem que a Tove paga 20 coroas por mês. Estou chocada, porque não deveriam planear o futuro deles com base na minha contribuição. Não deviam contar, de todo, comigo quando fazem planos nas minhas costas. Pergunto-lhes porque não me contaram nada antes, e a minha mãe diz que queriam fazer-me uma surpresa. A casa tem três assoalhadas, e terei direito a um quarto só meu. E o quarto está virado para a rua, de maneira que posso ver o que se passa lá fora. Sinto-me um tanto feliz, porque, afinal, sempre quis ter o meu próprio quarto. Que raio, pergunta o meu pai, vai ela fazer nesse quarto? Morder as unhas ou tirar



macacos do nariz? Hã? Este comentário enfurece-me, porque ele não sabe nada de nada sobre os filhos. E quando me enfureço, digo sempre algo de que me arrependo. Quero ler, digo, e escrever. Pergunta-me que diabo quero eu escrever. Poemas!, grito. Já escrevi muitos poemas, e uma vez um editor do jornal disse que eram excelentes. Vês, aí tens, diz o meu pai, que esfrega a cara com a sua manápula, também deu em maluquinha. Sabias que ela andava a perder tempo com estas idiotices? Não, diz laconicamente a minha mãe, mas isso é com ela. Se quer escrever, tem de ter um quarto só para ela, como é óbvio. Ofendido, o meu pai nada responde, pega na sua marmita e veste o casaco para ir trabalhar. Quando enfia o boné na cabeça, permanece algum tempo imóvel, desconfortável. Tove, diz ele numa voz mais meiga, posso ver os teus... poemas algum dia? Percebo qualquer coisa do assunto. A minha fúria desaparece por completo. Sim, claro que podes, respondo, e ele, embaraçado, acena com a cabeça antes de se ir embora. O meu pai arrepende-se e pede, ao seu jeito, desculpa, algo de que a minha mãe é de todo incapaz. Assim que ele se vai embora, ela fala-me do apartamento para onde nos vamos mudar no início do mês. Os quartos são enormes, diz ela, quase parecem salões de baile. Vai saber bem sair deste bairro proletário. Quando se fecha no quarto, olho em meu redor e contemplo a nossa salinha de estar. Olho para o velho teatrinho de marionetas, agora empoeirado, construído pelo nosso pai e que outrora nos fez tão felizes. Provavelmente não sobrevive à mudança. Olho para o papel de parede repleto de manchas; recordo a origem de muitas delas. Olho para o quadro da mulher do marinheiro pendurado na parede, para o serviço de café de estanho no aparador, para o puxador da porta que se estragou numa ocasião em que a minha mãe fechou a porta com estrondo, e que nunca mais foi reparado. Olho, pela janela, para a praça com a bomba de gasolina e a carroça verde. Olho para tudo isto, que permaneceu inalterado, e apercebo-me de que odeio mudanças. É difícil mantermo-nos estáveis quando as coisas à nossa volta se alteram.

O verão acabou e deu lugar ao outono. As folhas profusamente coloridas esvoaçam pelas ruas, e está demasiado frio para que use o fato castanho. Como o casaco que herdei do Edvin já não me serve, compro um casacão a crédito. Contrário, portanto, os conselhos do meu pai, que diz que se deve pagar o devido a toda a gente e fazer os possíveis por não dever nada a ninguém, para assim não se acabar na cadeia de Sundholm. Agora, moramos em Westend, no rés do chão do número 32. O meu quarto está separado da sala de jantar por uma mera cortina florida de algodão, e usamo-lo como sala de estar quando não estou presente para sobre ele exercer o meu direito de posse. A mobília consiste numa mesa com pernas tortas, duas poltronas de couro, e um sofá de couro – todas as peças foram compradas em segunda mão e bastante usadas. À noite, durmo no sofá, cujas costas curvas me impedem de me esticar por inteiro. Pode ser que assim não cresças muito mais, diz, cheia de esperança, a minha mãe. Por vezes, pergunto-me até quando pode uma pessoa crescer, já que o meu corpo parece não querer parar de se expandir. Em breve farei 17 anos e ganho 60 coroas por mês. O meu salário está de acordo com as tarifas estabelecidas pelo sindicato. Não retiro grande prazer de ter um quarto só meu, porque, se o usar à noite, a minha mãe grita do outro lado da cortina: O que estás a fazer agora? Está tudo tão silencioso! Por norma, não faço mais do que ler os livros do meu pai, que na verdade já li. Também podes ler aqui, ora, brada energicamente a minha mãe como se pesadas portas de aço nos separassem. Quando está de bom humor, enfia a cabeça pela cortina e diz: Estás a escrever poesia, Tove? Mas agora já raras vezes passo o serão em casa, indo, ao invés, ao Lodberg, ao Olympia ou ao Heidelberg com a Nina. Sentamo-nos, cada uma com o seu refrigerante, e vemos os casais a

dançar no meio do salão, como se não tivéssemos lá ido com o propósito de dançarmos nós próprias. Normalmente, convidam primeiro a Nina para dançar. Sorrio ao jovem que a convida, como se fosse mãe dela e me tranquilizasse sabê-la em boas mãos. Continuo a sorrir em aprovação quando passam por mim a dançar, e olho com interesse para as outras pessoas no salão. Gosto de imaginar que as pessoas acreditam que estarei a analisar o ambiente para, um dia, escrever um livro sobre elas. Na verdade, as pessoas podem pensar o que lhes apetecer, desde que não julguem que sou apenas uma rapariga ignorada que só está ali para arranjar um namorado. Tudo menos isso! Numa ocasião, levanto-me para dançar com um jovem que teve dó de mim e ouço um homem na mesa ao lado dizer a meia voz: Há sempre um testo para uma panela; até as feias têm direito a dançar. O comentário estraga-me a noite. A Nina diz que só começa a ter piada depois das dez, e não me darão permissão para sair até à meia-noite? Mas a minha mãe nem quer ouvir falar nisso. A Nina também me quer melhorar um pouco a aparência. Juntas, compramos a crédito um sutiã com forro de algodão e um vestido preto e vermelho. Não me atrevo a dizer aos meus pais que os comprei, por isso, minto e digo que a Nina mos ofereceu. Para minha surpresa, estas peças de roupa ajudam-me bastante a atrair parceiros de dança. O resultado espanta-me, de facto, porque, afinal, sou a mesma pessoa que era antes, use ou não um sutiã com forro de algodão. As pessoas adoram ser enganadas, diz a Nina contentíssima, porque deseja de todo o coração que eu tenha tanto sucesso quanto ela. Uma noite, um jovem bonito e sério convida-me para dançar. Está mal vestido e, enquanto dançamos, diz-me que no dia seguinte partirá para Espanha para aí combater na guerra civil. Encosta uma face à minha enquanto dançamos, e, embora me arranhe um pouco e sinta comichão, gosto do contacto da sua pele. Aproximo-me mais dele e sinto o calor da sua mão nas minhas costas. Os joelhos fraquejam-me e sinto algo que jamais senti ao toque de alguém. Ele talvez sinta o mesmo, porque me enlaça a cintura com um braço até a música recomeçar a tocar. Chama-se Kurt e pergunta se me pode acompanhar até casa. És a última rapariga com quem estou antes de partir, diz ele. O Kurt está desempregado há três anos, e prefere sacrificar a vida por uma boa causa do que apodrecer aos poucos na Dinamarca. Vive de benefícios sociais. Trabalhou como motorista para uma empresa de táxis, e nunca aprendeu a fazer nada além de conduzir carros. Senta-se à nossa

mesa, e a Nina sorri de alegria porque encontrei, por fim, um jovem a que talvez me possa apegar. Combinámos de antemão que me devia afastar de homens desempregados, mas é difícil encontrar um que não o esteja. Às dez horas, o Kurt acompanha-me a casa. É uma noite de céu límpido e a Lua brilha com intensidade. Estou um tanto comovida. Estou a atravessar a cidade com um homem que em breve morrerá como um herói. A meu ver, isso distingue-o de todos os outros. Tem olhos azul-escuros e amendoados, o cabelo preto, e lábios tão vermelhos quanto os de uma criança. Chegados ao átrio do meu prédio, segura-me na cabeça com as duas mãos e beija-me com ternura. Pergunta-me se vivo sozinha, e eu respondo que não. Ele mora num quarto arrendado, e a senhoria – uma verdadeira megera – não lhe permite receber visitas de mulheres. Enquanto estamos abraçados, a minha mãe abre a janela e grita: Tove, quero-te já em casa! Sobressaltados, soltamo-nos, e o Kurt pergunta: É a tua mãe? Não tenho como negar, e agora resta-nos apenas despedirmo-nos. O Kurt tem de ir a Trommesalen para recolher comida e, embora só a distribuam à meia-noite, tem de se pôr na fila horas antes. Vejo-o descer a rua quase deserta. Não traz sobretudo vestido e enfiou as duas mãos nos bolsos do casaco. Não demorará muito a morrer, e nunca mais o verei. Quando entro em casa, armo um escândalo por causa da intromissão da minha mãe, mas ela retorque que posso simplesmente convidar os jovens a entrar para que ela veja se têm algo de recriminável. Não quer que eu conviva com pessoas que não suportam a luz do dia. De resto, tem mais em que pensar, porque a tia Rosalia não tarda a ter alta do hospital, onde já esteve internada diversas vezes. Vem para nossa casa para morrer. Foi o que os médicos disseram à minha mãe. Não podem fazer mais nada, e no hospital não há lugar para pessoas a quem os médicos já nada podem fazer. A tia Rosalia vai deitar-se ao lado da minha mãe na cama de casal, ocupando assim o lugar do meu pai, que terá de dormir no sofá da sala de jantar. Não poderíamos fazer nada disto no antigo apartamento, diz a minha mãe, e foi como se uma vozinha celestial lhe sussurrasse ao ouvido para rogar ao meu pai que mudassem de casa. Uma noite, chego ao nosso prédio sem companhia e deparo com o meu pai no átrio. Ele está a sair, eu estou a entrar. Parece colérico, irritado. O Edvin está aqui em casa, diz ele. Casou-se sem nos avisar. Agora tem mulher e um apartamento, e provavelmente também deve haver um filho a caminho. Enfim, e foi por ele que tanto sacrificámos! Até logo. Antes de entrar –

agora tenho a minha própria chave –, componho-me e forço-me por parecer espantada. Oh, digo, estás cá? Estão sentados no meu quarto, porque agora o Edvin é uma visita, e é para isso que usam as salas de estar. A minha mãe está a choramingar, e o Edvin parece embaraçado. Talvez se arrependa de ter sido tão teimoso, atitude que, ademais, sempre achei excessiva. Só vos queria fazer uma surpresa, diz ele em tom reconciliatório, e para que não gastassem dinheiro com a boda. Esta desculpa só piora a situação. A minha mãe pergunta, ofendida, se ele acha que não teriam dinheiro para lhe oferecer uma prendinha de casamento. Suponho que não somos finos o suficiente!, acrescenta ela. Em seguida, o Edvin mostra-nos uma fotografia da mulher. Chama-se Grete e tem uma cara arredondada e covinhas nas bochechas. A minha mãe analisa a fotografia de cenho franzido. Sabe cozinhar?, pergunta, parando de chorar. O Edvin não faz ideia. Não tem cara de quem sabe, diz a minha mãe. A minha mãe não é lá grande espiga na cozinha, e os alimentos comestíveis que confeciona apresentam invariavelmente uma consistência betuminosa, porque abusa da farinha. Enquanto tomamos café e pastéis, pergunta ao Edvin quanto é que ele paga de renda, e se a mulher dele vai trabalhar enquanto não tiverem filhos. Não vai, e a minha mãe pergunta como é que ela irá passar o tempo. É mais do que evidente que já tem uma opinião desfavorável acerca da Grete que nada melhorará quando a conhecer ao vivo. Soam onze horas no relógio da sala de jantar, e o Edvin levanta-se para se ir embora. Sendo assim, passamos por cá no domingo, diz ele, abatido. Quando ele se vai embora, a minha mãe quer falar, e eu quero ficar a sós. Quero que me deixem a sós para pensar no Kurt, e quero também escrever alguns versos que me ocorreram quando o vi descer a rua sem se voltar uma única vez para trás. Na esquina da Westend com a Matthæusgade há uma taberna onde uma banda chamada Bing and Bang toca até às duas da manhã. Por esse motivo, temos quase de conversar aos gritos para nos fazermos ouvir. O antigo apartamento era muito mais sossegado. A minha mãe pergunta-me que tipo de jovem era aquele com quem me viu aos beijos. Um tipo com quem dancei, digo. Fora isso, não o conheço. Ela diz que eu devia marcar novo encontro com os rapazes antes de eles se despedirem e irem embora. Para meu aborrecimento, receia que eu nunca me case, e está preparada para acolher com pompa e circunstância qualquer jovem que mostre o mínimo interesse em mim. És demasiado crítica, diz ela sem qualquer rodeio. Não te podes dar ao luxo de ser assim.

Por fim, deixa-me em paz e eu sento-me à mesa com as pernas tortas e pego em papel e num lápis. Penso no rapaz bonito que vai morrer em Espanha e escrevo um bom poema. Intitula-se «Ao Meu Filho Morto», e não tem nenhuma ligação direta ao Kurt. Seja como for, jamais o teria escrito se não o houvesse conhecido. Quando o concluo, já não sinto pena de nunca mais o voltar a ver. Estou, pelo contrário, feliz e aliviada, conquanto melancólica. É triste não poder mostrar o poema a ninguém, e que tudo tenha de permanecer em suspenso até encontrar alguém como o Sr. Krogh. Mostrei os meus poemas à Nina, que os acha a todos bons. Dei a ler ao meu pai o poema que escrevi no sótão com as caixas metálicas, e ele disse que é um poema amador, mas que não deixa de ser um bom passatempo para mim. Afinal, ele também se entretinha com palavras cruzadas. Estas coisas ajudam-nos a puxar pela cabeça, disse ele. Na verdade, nem a mim seria capaz de explicar porque quero tanto publicar os meus poemas para que outras pessoas que gostam de poesia os possam apreciar. Mas é isso que quero. É para isso que, por caminhos obscuros e sinuosos, estou a trabalhar. É isso que me dá forças para me levantar todos os dias, caminhar até à litografia e me sujeitar ao olhar perscrutador da Menina Løngren durante oito horas a fio. É por isso que quero sair de casa no dia em que fizer 18 anos. Os Bing and Bang tocam e fazem estremecer a noite, e alguns bêbedos são expulsos a pontapé pelas traseiras do bar, vindo parar ao nosso pátio. Aí, gritam, praguejam, insultam e andam à bulha. Só há sossego no pátio e na nossa rua quando amanhece.

Os rumores do meu talento para a poesia chegaram à oficina de impressão, e agora todos os dias recebo pedidos para escrever canções. O Carl Jensen recebe-os e entrega-os à Menina Løngren, que continua a ser a única pessoa que me dirige a palavra. Escrevo letras de canção para todo o género de ocasiões, e, quando distribuo os envelopes com os salários, os operários agradecem-me embaraçados e, tão embaraçada quanto eles, garanto-lhes que não há nada a agradecer. Escrevo canções e anoto em estenografia mensagens importantes para os irmãos da loja maçónica, ou obituários de irmãos falecidos. Imprimem-nos no folheto informativo da Ordem de São Jorge. Não se pode afirmar que sejam tarefas estritamente relacionadas com trabalho de escritório, mas a Menina Løngren não me ensina nada. Quando está de férias, a litografia fica de pantanas, porque não sei nada de coisa nenhuma. Mal me veja com 18 anos, farei questão de me candidatar a um emprego a sério, não quero mais estágios. Receberei um salário bem melhor que este. Quando fizer 18 anos, o mundo vai mudar por completo, tudo será diferente, e a Nina e eu teremos toda a noite por nossa conta. Também terei, nessa altura, de perder a minha virtude, algo de que a Nina faz muita questão. Ela tinha apenas 15 anos quando o guarda-florestal lhe tirou a virgindade. Sempre que saímos à noite, tira o anel de noivado. Só vai para a cama com homens que têm emprego, e não lhe falei do Kurt. Trata-se de uma experiência que quero guardar só para mim. Se morasse num quarto arrendado, tê-lo-ia levado comigo para dentro. Mas não sei se faria o mesmo com outros homens que me tivessem acompanhado a casa e beijado à porta de entrada. Um dia, quando a Nina me está a pressionar, uma vez mais, por causa da vergonha que é eu ser ainda virgem, digo-lhe que primeiro quero estar comprometida. Embora nunca tenha pensado com

seriedade neste problema, a decisão que tomo acaba por me tranquilizar. Em boa verdade, só um homem mostrou deveras vontade de me roubar a virgindade, algo que encaro com um certo embaraço, porque a Nina fala como se toda a gente estivesse interessada em ir para a cama comigo. Agora que a tia Rosalia, combalida, está em nossa casa, a minha mãe não se preocupa tanto com o que ando a fazer. Passa o dia todo sentada ao lado da cama da minha tia; conversam e riem-se, e à noite deitam-se cedo e falam até uma delas adormecer. O meu pai tornou-se totalmente supérfluo para a minha mãe, e creio que ela estaria felicíssima não fosse a morte iminente da minha tia. A minha tia tem a cara amarela e a pele tão retesada sobre os ossos que se lhe nota continuamente a existência do crânio. Tem a pele tão tensa que já nem consegue fechar por completo a boca. Se estiver acordada quando chego a casa à noite, chama por mim e sento-me ao lado da cama por algum tempo. Tento sustentar a respiração enquanto lhe faço companhia, porque cheira muito mal em redor da cama, e espero que a minha tia não o note. Quando tem dores, a minha mãe vai ao café da esquina para telefonar ao hospital, e uma enfermeira vem até cá para lhe dar uma injeção de morfina. A minha tia fica tonta e confunde-me amiúde com a minha mãe. Estou a morrer, Alfrida, diz-me ela uma noite. Sei que estou. Não tens de fingir que não o sabes para me proteger. Não, digo, tristíssima, só estás doente. O médico diz que vais ficar boa em breve. Aconteceu o mesmo com o Carl, diz ela. O médico disse-me para não lhe contar a verdade. Sem lhe responder, ponho-lhe as mãos esqueléticas debaixo do edredão, apago a luz e vou para o meu quarto, onde ouço o meu pai rressonar do outro lado da cortina. Preferia ter sido sincera com a minha tia, estou certa de que isso a faria feliz, mas não me atrevo a contrariar a minha mãe, que continua a representar a sua tragicomédia enquanto a minha tia finge não saber de nada. Creio que gostaria de saber a verdade se estivesse para morrer. Ocorre-me também que, caso conheça um rapaz de que goste, não o poderei convidar a entrar em casa, como a minha mãe me sugere sempre, porque o fedor que a minha tia exala enche todo o apartamento. Fomos todos a Sydhavnen visitar o meu irmão e a mulher dele. Têm um apartamento de duas assoalhadas decorado com poucas peças de mobília compradas a crédito, o que levou o meu pai a fazer cara feia. A Grete é baixinha, anafada e sorridente, e permaneceu sentada ao colo do Edvin do início ao fim da visita. A minha mãe fitou-a como se ela fosse um vampiro que em pouco



tempo sugará todas as forças ao meu irmão. Pouco lhe dirigiu a palavra, e a conversa desenrolou-se com dificuldade, porque a minha mãe fez questão de não a interpelar diretamente. Estou saturada da minha família, parece-me que esbarro nela sempre que me tento mexer de acordo com a minha vontade. Quiçá só me veja livre dos meus parentes quando me casar e formar a minha própria família. Uma noite, estamos a beber os nossos refrigerantes no Lodberg e um sujeito convida Nina para dançar; arrasta-a para a pista e eu, como é habitual, continuo sentada e, com um sorriso maternal, vejo como os jovens se divertem. Então, um jovem faz uma vénia à minha frente e leva-me até à pista de dança retangular e repleta de casais. Sussurra a letra de uma canção conhecida ao meu ouvido: «Aquele jovem de Roma veio para ficar, já ninguém o pode parar...» É o Mussolini!, digo. Conheço o nome, porque o meu irmão ficou chocado com a canção que a Liva Weel canta amiúde. Quem é esse?, pergunta o meu par, e respondo que não sei. Sei apenas que é um homem de Itália que se comporta como o Hitler, e que na Dinamarca não se deviam escrever canções a louvá-lo. A tua amiga está a dançar com o meu amigo, diz ele. Ele chama-se Egon, e eu sou o Aksel. Como te chamas? Tove, digo. O Aksel dança bem e, ao contrário da maioria, não se comporta de modo atrevido enquanto dançamos. Danças bem, diz ele, melhor do que a maior parte das raparigas. Digo-lhe que nunca aprendi a dançar, e ele retorque que isso não interessa. Tenho ritmo dentro de mim. São raros os homens que nos dirigem a palavra enquanto dançam connosco, e gosto do Aksel, embora ainda não o conheça para lá da aparência. Enquanto dançamos, cruzamo-nos com a Nina e o Egon. Sorrio à Nina, e o Egon e o Aksel dizem olá um ao outro. Quando a música para, o Aksel pergunta se podem sentar-se à nossa mesa, e eu digo que sim. Os lindos olhos da Nina cintilam de felicidade quando chegamos à nossa mesa. Ela pergunta: Não achas o Egon bonito?, e eu respondo: Acho, sim. Ele é marceneiro, diz ela, e vive com os pais numa moradia em Amager, e o Aksel também vive com os pais na casa em frente. Numa moradia, também. Eles sentam-se, então, connosco e observo o Aksel de mais perto. Tem um rosto arredondado e bonacheirão, tal qual o de uma criança com corpo de adulto. Tem o cabelo – loiro e encaracolado – um tanto húmido nas fronteiras, e os seus olhos azuis transmitem a sensação de que é um sujeito em quem podemos confiar. Tem também um sulco profundo no queixo, que desaparece apenas quando se ri, e exala um ligeiro

odor a leite. O Egon é moreno, mais baixo e, aparentemente, mais velho do que o Aksel. A Nina pergunta-lhe quantas assoalhadas tem a casa dele, e vejo que está perdida em ilusões; dá asas ao seu sonho, no qual os filhos de dois homens abastados salvam da penúria duas raparigas pobres, permitindo-lhes levar uma vida desafogada. Talvez esteja já a ponderar terminar a relação com o guarda-florestal. Tenho a impressão de que ele é um tipo pesado e sério, e de que a Nina tem uma imagem demasiado romântica do futuro a que ele a sujeitará na província. Quando está bem-disposta, chama-lhe «O Arbusto», mas não permite que mais ninguém use tal termo. Encontra-se com ele todos os fins de semana, e estou proibida de o conhecer. De resto, ele também está proibido de me falar, porque ela acha que me iria considerar uma má influência, como a minha mãe acha que a Nina é, para mim, uma má influência. E o senhor, o que faz?, pergunta a Nina ao Aksel enquanto bebemos as cervejas que pedimos. Sou agente de cobranças, diz ele com um sorriso charmoso. Não sei o que isso é, mas a Nina parece desiludida. Oh, diz ela, caminha pela cidade para cobrar faturas e isso? Não, não caminho, corrige ele com um certo desdém, desloco-me de carro. Ela adquire uma expressão mais alegre e, de súbito, sugere que celebremos o facto de nos termos conhecido. Fazemos um brinde à nossa nova amizade, e eu bem que preferia ter bebido mais uma gasosa. Não gosto de cerveja. Como já passa das dez, admito, desencantada, que tenho de me ir embora. O Aksel levanta-se cavalheirescamente com um salto e abotoa o casaco, que é muito largo ao nível dos ombros. É alto, e tem pernas muito tortas. Segura-me no braço e guia-me ao longo do salão; uma vez no bengaleiro, ajuda-me a vestir o casaco. Enquanto percorremos as ruas frias da cidade, nas quais as luzes brilham mais do que as estrelas, diz-me que é adotado, e que os seus pais são muito idosos, mas simpaticíssimos e ternurentos. E, para meu espanto, pergunta-me se um dia gostaria de ir a sua casa para os conhecer. Claro que sim, digo. Estou ansioso por ter um namoro sério, diz ele com uma sinceridade desarmante e quase infantil. E os meus velhotes estão mortinhos por me verem arranjar uma noiva. No átrio do meu prédio, beija-me como manda a lei, mas percebo que não sente nada de especial, nem mesmo quando o abraço com ternura, estreitando o meu corpo no dele. Ele diz: Nós os quatro podemos divertir-nos juntos. Sim, digo, e prometo visitá-lo no próximo domingo. Pergunta, curioso, se sou virgem, e admito que sim. Dá-me um vigoroso aperto de mão. Respeito a

tua posição, diz ele, empático. Deito-me desiludida e confusa. Será possível apaixonar-me e namorar um agente de cobranças? Desconfio que se trata apenas de um eufemismo para estafeta, e que tão-só conduz um carro, ao invés de usar uma bicicleta.

Decorridas duas semanas desde que nos conhecemos, o Aksel e eu estamos noivos, e tratamo-nos de forma tão beata quanto irmão e irmã. A Nina disse ao Egon que eu não iria para a cama com o Aksel até estarmos noivos, e o Egon disse-o ao Aksel, que sugeriu casarmo-nos como se a ideia tivesse sido sua. Agora sou uma rapariga comprometida e a minha mãe está deliciada. O Aksel parece-lhe um homem estável, e, com a mesma certeza com que deduziu que a mulher do Edvin não sabia cozinhar, concluiu que o Aksel não bebe álcool. Ele comporta-se, de facto, como um cavalheiro quando trata com a minha mãe. Dá para ver perfeitamente que é uma pessoa com formação, diz ela ao meu pai, que não a contradiz. Após conviver várias noites com ele, o meu pai diz: Olha lá, a única coisa que o tipo aprendeu foi a conduzir um carro. Bem, e isso não te chega?, retorque, ofendida, a minha mãe. Tu sabes conduzir, por acaso? Tens carta? O Aksel prometeu levar a minha mãe a andar de carro um dia destes. Acabo por me esquecer da sua promessa, mas, um dia, quando estou a trabalhar com toda a inocência no escritório, alguém buzina como um doido na rua e a Menina Løngren espreita pela janela. Quem diabo são aquelas pessoas?, pergunta ela, estupefacta. Estão a acenar-nos. Conhece-os? Nego conhecê-los, rubra de vergonha, porque o Aksel e a minha mãe estão a acenar como loucos pendurados à janela do carro. O Aksel toca a buzina sem cessar, premindo o cláxon por longos períodos separados por pausas regulares. Deve ser para alguém lá em cima, digo, vexada. Que desfaçatez!, diz a Menina Løngren, que fecha as cortinas. Quando chego a casa, dou uma rebarba à minha mãe e, furiosa, digo-lhe que não quero mais acenos e idiotices que tais, e a minha mãe diz que ela e o Aksel se divertiram imenso. Foram a uma pastelaria, e o Aksel ofereceu-lhe tudo do bom e do melhor. Os olhos

brilham-lhe como se fosse ela a noiva. Os pais do Aksel são dois velhinhos mirrados simpaticíssimos. Moram numa casinha em Kastrup. O pai é encarregado numa fábrica e respira-se um ar prenhe de abundância na sua casa. O Aksel tem um quarto só para ele na cave. Tem um rádio, um gramofone e mais de trezentos discos dispostos como livros em prateleiras altas. Contígua ao quarto do Aksel há uma sala de jogos onde nós os quatro jogamos bilhar quando a Nina e o Egon estão connosco. Os pais do Aksel chamam-lhe Akselzinho e apapricam-no como se fosse uma criancinha. Tal como comigo, é muito carinhoso com os pais. Emana um calor humano que me faz sentir segura e confortável. Um dia, a Nina diz que vamos fazer uma festinha em casa do Aksel. Os velhotes deram-nos permissão para bebermos o vinho caseiro feito pelo pai dele. Também vamos dançar e jogar bilhar, e depois tenho de dar ao Aksel o supremo prazer de ir para a cama com ele. Quando bebes, diz a Nina para me encorajar, não dói nada. O Egon concorda que está mais do que na hora, diz-me a Nina, e parece que o Aksel e eu não temos sequer voto na matéria. Ele e eu não falamos sobre isso, e ele respeita-me à mesma. A Nina e eu vamos até lá juntas e o Aksel comporta-se como um bom anfitrião. Abre as garrafas e põe discos a tocar, e ficamos zonzas com o vinho, que não sabe tão mal quanto a cerveja. Nas pausas entre canções, o Egon senta-se e beija a Nina. Ela ri-se e diz: oh, se O Arbusto me visse agora! Ela contou o seu segredo ao Egon, que troça d'O Arbusto, que imagina sentado à porta de casa e a encher o seu cachimbo para a última fumaça do dia enquanto contempla o pôr do Sol. Todos nós rimos ante a imagem estereotípica esboçada pelo Egon que, instigado pelo seu sucesso, continua a efabular: A Nina sai de casa com três putos ranhosos agarrados às saias, enxuga as mãos no avental, e diz: «Papá, está na hora de tomar o café.» O Aksel não me beija e mostra-se cada vez mais sério à medida que o tempo passa. Quase tenho pena dele, porque em muitos sentidos mais parece um menino. De minha parte, o vinho toldou-me o juízo e insuflou-me ânimo, pelo que agora estou de facto pronta para arrumar o assunto. Decerto não será pior para mim do que para muitas outras mulheres. Pouco depois da meia-noite, a Nina e o Egon saem à socapa e trancam-se na sala do bilhar. O que estão aí a fazer?, pergunta em voz alta, e sem necessidade, o Aksel. Depois, olha para mim com hesitação e receio. Bem, diz ele, é melhor abrir a cama. Abre a cama com gestos lentos e cuidadosos. Despe-te, diz ele, triste, ou pelo menos tira algumas

peças, pronto. É como se estivesse numa consulta médica. Porque não falamos um bocadinho primeiro?, pergunto. Claro, vamos a isso, diz ele, e sentamo-nos cada um na sua cadeira. Enche os nossos copos até acima e esvaziamo-los de um trago. Devias chumbar os teus dentes da frente, diz ele com gentileza. Sim, respondo, atónita. Mas não é como arrancar um dente de leite: há que ir ao dentista, e ir ao dentista custa dinheiro. Não tenho como pagar o dentista, acrescento. Então, oferece-se para me pagar as consultas no dentista e, como me parece que não posso aceitar a oferta, diz que, seja como for, um dia vai acabar por me sustentar. Assim, agradeço e aceito que me pague os chumbos nos dentes. É uma pena, explica ele, porque és bem bonita. De repente, ouvimos um gemido estranho na sala do bilhar, e ficamos ambos boquiabertos. É o Egon, explica o Aksel, ele é muito fegoso. Tu também és?, pergunto com cautela, porque quero saber de antemão se vai gemer como um doido, a fim de me preparar. Não, diz ele com sinceridade, não sou lá muito fegoso. Acho que também não sou, admito. Um brilho de esperança perpassa-lhe os olhos. Não podemos deixar isto para outra ocasião?, sugere ele pleno de otimismo. Se o adiarmos, vão julgar que somos malucos, digo, e aponto com o queixo para a sala do bilhar. Não. Bem, podemos apagar a luz. O Aksel apaga a luz. Cerro os dentes e deito-me. Escuto as suas palavras carinhosas e reconfortantes. A coisa não é assim tão má, e ele não solta gritos animalescos. No fim, reacende a luz, e ambos nos rimos muito aliviados por termos despachado o assunto e não ter custado assim tanto. Confesso-te que nunca me tinha deitado com uma virgem, admite. A Nina e o Egon aparecem à porta com faces coradas e olhos cintilantes. Olham ora para a cama, ora para nós, e por último entreolham-se como se fossem responsáveis pelo que aconteceu, mas não tecem nenhum comentário. Recomeçamos a dançar, porque estou autorizada a chegar a casa tarde quando saio com o Aksel. Com ele posso fazer tudo, e a minha mãe não se zangaria se descobrisse que fomos para a cama. Mais tarde, a Nina pergunta-me se não foi fabuloso, e eu digo que sim, claro. Assevera-me que melhora com a prática. Não me ocorrera a eventualidade de repetir o ato amoroso. Na verdade, acredito que foi um acontecimento completamente irrelevante no decurso da minha vida – um acontecimento bem menos importante, por exemplo, do que o meu breve encontro com o Kurt e do que as possibilidades de futuro que esse encontro poderia ter aberto. Seja como for, faço uma anotação no diário em que

escrevo desde que tenho um quarto só meu: «Enquanto, na sala de jogos, a Nina se entregava de corpo inteiro, com paixão e ímpeto, ao Egon, respondi com um sim puro e virginal ao Aksel, que me perguntou se eu ainda era inocente, etc. e tal.» O meu diário transborda romantismo. Guardo-o na gaveta de cima da cómoda que tenho no quarto. Mande fazer uma cópia da chave da gaveta, onde guardo também os meus dois poemas «a sério», três termómetros e cinco ou seis preservativos. Roubei os artigos médicos da firma onde trabalhei, porque a dada altura me ocorreu abrir uma loja de material de enfermagem. Mas fui despedida antes de reunir material suficiente. Para meu grande alívio, o Aksel continua a tratar-me tal qual antes, e nunca menciona o interlúdio embaraçoso. Creio que faz tudo o que o Egon lhe diz para fazer, assim como eu faço tudo o que a Nina quer que faça. Quando estou a sós com a Nina, finjo que o Aksel e eu nos encontramos amiúde, e ele talvez diga o mesmo ao Egon. Durante o dia, o Aksel faz-se acompanhar da minha mãe, que se senta ao seu lado no carro e espera enquanto ele fala com os clientes. Trabalha para uma empresa de mobiliário, e disse-me que muitas das clientes são prostitutas. A minha mãe, sempre desconfiada, reparou que ele passa muito tempo com as ditas prostitutas, mas ele desculpa-se com o facto de lhe ser muito difícil cobrar-lhes o dinheiro em dívida. A minha mãe diz que não devia confiar nele, mas a mim tanto me faz se vai ou não para a cama com putas. Penso que não tenho nada que ver com isso – nem eu nem a minha mãe, já agora. Pior que isso é sentir uma certa frieza dos pais dele para comigo sempre que vou lá a casa. Não vejo como os possa ter ofendido. De vez em quando, apanho a mãe dele a analisar-me da cabeça aos pés quando pensa que não me aperceberei de estar a ser observada. É uma mulher minúscula, e veste-se sempre de preto, como a minha avó. Tem olhos castanhos e profundos e o cabelo completamente encanecido. Nunca a vi sem um avental. O Aksel prometeu pagar-lhe o dentista?, pergunta ela uma noite. Sim, digo, sentindo-me um tanto desconfortável. Ele não ganha muito, diz a velhota. Receio que a menina tenha de pagar o tratamento do seu bolso. Ora aqui está algo que me escapa; não compreendo, de todo, o que isto significa. Uma noite em que fui convidada para jantar, chego lá um pouco antes do Aksel. Os pais dele estão com ar muito sério. A mãe diz que o Aksel não é homem para mim. Nunca conseguirá sustentar uma mulher, e sou boa de mais para ele. Deixa-me falar, diz o pai enquanto faz sinal à mulher, e logo acrescenta: O

problema é que já tivemos de ressarcir várias vezes a firma por faltar dinheiro em caixa. Ou seja, quando o Aksel se serve de dinheiro que não é dele. No que diz respeito a dinheiro, é uma criança. Tínhamos a esperança de que melhorasse quando se visse comprometido com uma rapariga honesta, mas não ajudou nada. É o nosso único filho e também a grande tristeza da nossa vida. Já desistiu de onze empregos onde trabalhou à experiência, e só pensa em carros e discos. É bom rapaz, diz a mãe, defendendo-o enquanto seca as lágrimas, mas é irresponsável e não tem cabeça para nada. Eu gosto muito dele, digo. E não preciso que me sustentem. Posso ganhar a vida a escrever poesia. Respondo sem pensar e, horrorizada, olho para os pais do Aksel, que não parecem surpreendidos. Já sabia que não era uma rapariga vulgar. Vê-se logo que não, diz a mãe dele. Então, ouvimos os travões de um carro chiarem no pátio. O Aksel regressa amiúde a casa no carro da firma. Quando toca a campainha, a mãe dele diz: Bem, não pode dizer que não a avisámos. Reflito durante alguns dias e alegra-me saber que as pessoas percebem que não sou uma rapariga vulgar. Há não muitos anos, odiava sentir-me deslocada e que me vissem como uma anormalidade; agora, prefiro ser posta de lado. Penso muito no meu noivo e chego à conclusão de que não será um bom parceiro de vida para uma rapariga que quer, um dia, fazer parte da alta sociedade. Todavia, não tenho coragem para romper o noivado. Tenho pena do Aksel, que continua a ser gentil, educado e respeitoso. Contudo, a minha mãe também começa a inquirir porque é que o Aksel tem sempre dinheiro no bolso, e por que razão se demora tanto com as prostitutas. Deixa de o acompanhar no carro e aconselha-me a procurar outro namorado, um jovem como o Erling, que queria ser professor, e que afugentei como se tivesse uma fila de homens à minha porta. A Nina está a passar por uma crise grave, porque está a ponderar romper com O Arbusto e casar com o Egon. Quando lhe conto o que descobri acerca do Aksel, aconselha-me a acabar com ele assim que arranjar os dentes. Os chumbos mal se veem, e a Nina acha que posso conquistar quem me apetecer quando o dentista acabar de me tratar os dentes. Diz que eu tenho, por fim, alguma «classe», e que é isso que atrai os homens. Mas eu fico felicíssima quando estou com o Aksel, porque gosto mesmo muito dele. Sinto-me feliz e segura na sua companhia. Deixo de visitar os pais dele, e ele deixa de visitar os meus. Agora, a minha mãe trata-o com indiferença, e o meu pai faz-lhe perguntas que servem apenas para



realçar a sua ignorância. O que acha sobre os Jogos Olímpicos, hã? Um escândalo, não?, diz-lhe o meu pai. Refere-se aos Jogos Olímpicos de Berlim, nos quais estão a participar as nossas nadadoras, mas o Aksel não sabe nada acerca do assunto. Sabe apenas umas banalidades sobre o Hitler e a situação política mundial, e não leu *O Último Civil*, de Ernst Glaeser. Eu li o livro e sei bastantes coisas sobre a perseguição aos judeus e os campos de concentração, e tudo isso me amedronta. É sempre bom passar tempo com o Aksel, porque ele não sabe nada sobre todas as coisas que, hoje em dia, nos aterrorizam. Isso não significa que é um imbecil, mas o interrogatório do meu pai tem como único objetivo demonstrar que o é. O Aksel apercebe-se das intenções do meu pai e deixa de frequentar a nossa casa. Não temos, pois, para onde ir quando nos encontramos, restando-nos apenas os bares e a rua. Um dia, vai-me buscar ao trabalho e percorremos em silêncio a H. C. Ørstedesvej. É óbvio que me quer dizer alguma coisa. Por fim, desembucha. Olha, estive a pensar, diz ele, que devíamos tirar os nossos anéis de noivado. Nunca estive apaixonado por ti. Nem eu por ti, digo eu. Pois não, eu sei, admite ele. Embaraçado, dá grandes passadas, e vejo-me obrigada a correr para o acompanhar. E não tarda faço 18 anos, digo, sem saber ao certo o que tem isso que ver com o assunto. Sim, diz ele, e já não vais ser menor de idade. Caminhamos em silêncio durante algum tempo. E a minha mãe diz que és demasiado boa para mim, explica ele. Que devias casar com alguém que tenha muito dinheiro e leia livros e coisas assim. Sim, digo, concordo. Chegados ao meu prédio, beija-me com carinho, como é seu hábito, e tira o anel do dedo. Guarda-o no bolso, juntamente com o meu. Talvez nos voltemos a ver, diz ele. As suas pestanas curtas e rijas arranham-me a face pela última vez. Em seguida, desce a Westend com as suas pernas tortas e as suas costas anafadas de menino. Vira-se para trás e acena-me. Adeus!, grita. Adeus!, brado eu enquanto aceno. Entro no prédio e respiro fundo antes de enfiar a chave na fechadura, porque o pivete está cada vez pior. Dirijo-me ao quarto dos meus pais para ver a minha mãe e a tia Rosalia. Já não estou comprometida, digo. Ótimo, diz a minha mãe. Ele não era lá grande coisa. Era, sim, respondo, e nada mais acrescento. Não sei como explicar à minha mãe o que o Aksel tinha de bom. Toda a gente tem algo de bom, Alfrida, diz com gentileza a minha tia, estendida na cama. E ambas sabemos que está a pensar no tio Carl.

Uma manhã, quando dobro a esquina e entro na rua onde, em Frederiksberg, está situada a litografia, vejo que a bandeira no pequeno pátrio defronte do edifício com os escritórios está a meia haste. A primeira ideia que me vem à cabeça é que a Menina Løngren morreu, o que me faz sentir uma satisfação perversa. Poderei, enfim, tratar do atendimento aos clientes e atender o telefone! E poderei ligar à Nina as vezes que me apetecer. Subo as escadas de bom humor, mas quando entro no escritório, deparo com a Menina Løngren a assoar ruidosamente o nariz no seu lugar habitual. Tem o nariz vermelhíssimo, como se tivesse apanhado um escaldão. O Mestre faleceu, diz ela numa voz débil. Morreu de repente. Estavam na loja, com os irmãos. Caiu de borco em cima da mesa a meio de um discurso. Teve um enfarte, não puderam fazer nada. Ocupo o meu lugar e não digo nada. O Mestre era um homem muito taciturno que todos temiam, os seus filhos incluídos. Tinha dificuldades a expressar-se por escrito, e eu embelezava-lhe sempre o discurso nas cartas que enviava aos irmãos maçons e nos obituários, porque ele não se lembrava do que tinha ditado. Excetuando quando me ditava cartas, nunca me dirigiu a palavra. A Menina Løngren fíta-me com um olhar de repreensão enquanto crio as listas de trabalho. Podia pelo menos dar as suas condolências, diz ela. Como diz?, pergunto. Não se digna a explicar-se, continuando, ao invés, a ler os jornais. Ouviu o discurso de abdicação do rei Eduardo?, pergunta. Foi fascinante. Imagine só, abdicar de um trono por uma mulher! E ele é tão bonito... A princesa Ingrid acabou por não lhe deitar a mão, afinal. Parece o Leslie Howard, atrevo-me a dizer, e agora é ela quem me pergunta quem é esse tal Howard. Mostra-me uma fotografia da Sra. Simpson e diz: É tão estranho ele ter-se apaixonado por uma mulher de meia-idade. Não me admiraria

tanto se fosse por uma rapariga nova. Passa os dedos pelo seu penteado de velha virtuosa, como se lhe passasse pela cabeça que o mundo seria mais lógico se o rei tivesse abdicado por ela. Ele era bonito em novo, diz ela, perdida em reflexões e referindo-se, de repente, ao Mestre. O Carl Jensen é parecido com ele, não acha? Vou comprar um fato preto para o funeral, é o mínimo que posso fazer por ele. E a menina, o que vai usar? Bem, pode usar o seu fato, já que é primavera. A morte do nosso patrão e abdicação do rei destravaram-lhe a língua; está eloquente. Afiança que agora decerto haverá grandes mudanças, e que provavelmente serei despedida. A minha contratação, no fim de contas, não passou de um capricho do Mestre. As perspectivas de futuro brilhantes que se abrem ante mim extasiam-me e reconfortam-me. Terei ainda de amargar seis meses até fazer 18 anos, e está mais do que na hora de arrendar o meu próprio quarto. O ar em casa dos meus pais tornou-se, em todos os sentidos, irrespirável. A tia Rosalia não tem muito mais tempo de vida, e as conversas alegres entre ela e a minha mãe cessaram por completo. A minha tia já não consegue comer e está em sofrimento. O meu pai anda pela casa nas pontas dos pés como um ladrão, porque a minha mãe o repreende assim que lhe põe a vista em cima. O Edvin e a Grete ainda não nos vieram visitar, porque a minha mãe, devastada, não tem forças para cuidar da casa. Como dorme muito pouco à noite, comprei um despertador e preparo o meu próprio café de manhã. Encontro-me todas as noites com a Nina, que, após uma longa batalha interna, terminou a relação com o Egon, porque prefere viver na província com O Arbusto. E rara é a noite em que, à porta do meu prédio e depois de os bares terem fechado, não beijo um homem quase sempre desempregado e que nunca mais verei na vida. Passado algum tempo, já nem sequer os distingo, para mim são todos iguais. No entanto, comecei a sentir a necessidade de encontrar a relação de intimidade com outro ser humano a que chamam amor. Anseio por encontrar o amor, conquanto não saiba o que é. Creio que o encontrarei quando já não morar com os meus pais. O homem que amo será certamente diferente de todos os outros. Quando penso no Sr. Krogh, ocorre-me que nem sequer terá de ser novo. De resto, também não precisa de ser bonito. Mas tem de gostar de poemas e ser capaz de me dar conselhos úteis à minha carreira como poetisa. Depois de me despedir do jovem que me traz a casa – seja ele quem for –, escrevo poemas de amor no meu diário, que tomou o lugar do álbum de poesia da minha

infância. Alguns deles são bons, outros nem tanto. Aprendi a distingui-los. Porém, já não leio tantos poemas quantos costumava ler, porque as obras alheias acabam por influenciar em demasia o meu trabalho. O funeral do Mestre revela-se uma terrível provação para mim. O Carl Jensen faz uma elegia no cemitério perante os funcionários da firma e a família. O vento arrasta as suas palavras no sentido oposto e não ouço nada do que diz. Permaneço atrás dos funcionários mais novos e insignificantes, e ao meu lado encontra-se uma empregada da mercearia num estado avançado de gravidez. Começa a chover e, envergando apenas o meu fato, sinto-me enregelar. De súbito, ocorre-me que podia ter engravidado, e é estranho nunca ter pensado nisso. Pelos vistos, o Aksel também não pensou nisso. Como se sabe se se está grávida? De repente, parece-me que não faltam os sinais de que estou, de facto, grávida, e, se assim for, não sei o que farei da minha vida. A Nina disse-me que não pode ter filhos; caso contrário, já teria engravidado há muito. Diz que os homens nunca usam contraceptivos, que se estão nas tintas. Penso na minha mãe, que diz sempre que não posso aparecer em casa grávida, mas penso acima de tudo como uma gravidez me impediria de alcançar, seguindo um caminho um tanto turvo que pouco ou nada tracei, um objetivo pessoal também ele difuso. Quero muito ter um bebé, mas não agora. As coisas têm de surgir no momento adequado. Quando o Carl Jensen acaba de discursar e todos se preparam para ir tomar uma cerveja ou um café, digo à Menina Løngren que tenho de ir para casa, porque a minha tia está a morrer. Fita-me como se não acreditasse em mim, mas estou-me a marimbar para o que acha. Depressa chego a casa. Olho-me ao espelho do corredor, e parece-me que estou com mau aspeto. Apalpo os meus seios e julgo-os flácidos. Penso em bolos com creme e acredito estar nauseada. Passo a mão pela minha barriga elegante e imagino que aumentou de tamanho. Às cinco horas, estou na Pilestræde, à espera da Nina diante do *Berlingske Tidende*. Confesso-lhe os meus medos e ela aconselha-me a ir ao médico. No dia seguinte, não compareço ao trabalho e vou ao consultório do velho e maldoso Dr. Bonnesen. Consigo, com dificuldade, explicar o que me preocupa. A menina sabia muito bem o que podia acontecer antes de ter começado a ramboiada, diz ele agressivo. Dá-me um frasco para recolha de urina, e entrego-o cheio na manhã seguinte. Nos dias que se seguem, a Menina Løngren pergunta-me onde tenho a cabeça, já que não presto atenção a nada do que me dizem. Ela, por seu lado, continua a pensar e a

falar ora no Mestre, ora no duque de Windsor. Sinto o seu olhar perscrutador em mim como se de uma dor física se tratasse, e anseio de todo o meu coração pelo prometido despedimento. Vários dias depois, descubro por fim que não estou grávida, notícia que me enche de alívio. Sou muito romântica, confessa a Menina Løngren enquanto folheia uma revista repleta de fotografias dos casais mais famosos do mundo. É por isso que choro quando vejo coisas destas. A menina não chora? Não tem um pinga de romantismo dentro de si? Estas perguntas contêm, todas elas, a insinuação de uma crítica, e apresso-me a garantir-lhe que sou muito romântica. A palavra faz-me pensar de imediato em beduínos de pele escura armados com cimitarras, noites de luar na margem do rio, em noites azul-escuras e estrelas. Penso em solidão e na total ausência de familiares, num quarto numa mansarda, numa vela acesa e numa caneta cuja ponta desliza sobre o papel, e num homem cujos rosto e nome me são, para já, desconhecidos. Sim, diz pensativamente a Menina Løngren, também acho que é. Se assim não fosse, não escreveria canções tão bonitas. E acrescenta: Porque não trabalha como poeta por conta própria? Podia ganhar bom dinheiro. Penso por um momento na possibilidade de pendurar uma placa na janela de nossa casa com o seguinte anúncio: «Escrevem-se canções para todas as ocasiões.» Por baixo, assinava o meu nome. Mas duvido que a minha mãe aceite ter uma placa dessas na janela. Não muito depois do funeral do Mestre, a minha mãe acorda-me a meio da noite. Anda daí, diz ela, acho que vai ser agora. Está totalmente irreconhecível de tanto chorar. A minha tia está tão tensa que o corpo descreve um arco, com a cabeça puxada para trás, o que faz os tendões duros do seu pescoço parecerem cordas grossas sob a pele amarela. Arqueja de modo sinistro, e a minha mãe diz-me num murmúrio que a minha tia está inconsciente. No entanto, os olhos, abertos, rodam sem cessar nas órbitas como se quisessem saltar-lhe da cabeça. A minha mãe manda-me chamar o médico. Visto-me depressa e vou ao bar na esquina – onde os Bing and Bang estão a tocar bem alto – para usar o telefone. O médico é amável e demora-se na nossa casa; olha com dó para a minha tia. Será melhor dar-lhe uma última injeção?, diz ele como se para consigo enquanto pega na seringa. Sim, roga-lhe a minha mãe, é horrível vê-la sofrer tanto. Muito bem. Dá-lhe uma injeção na perna esquelética, e pouco depois todos os músculos da tia relaxam. Fecha os olhos, deixa-se cair na cama e começa a risonar. Obrigada, diz a minha mãe ao médico, e

acompanha-o à porta sem pensar que leva vestida apenas uma camisa de noite engelhada. Em seguida, sentamo-nos junto ao leito de morte da minha tia, e não nos passa pela cabeça acordar o meu pai. A tia Rosalia é nossa, e tão-só uma personagem secundária da vida dele. De madrugada, a minha tia para de ressonar e a minha mãe encosta o ouvido à boca dela, para perceber se ainda respira. Acabou, diz ela. Está finalmente em paz, louvado seja Deus. A minha mãe senta-se de novo na cadeira e lança-me um olhar desesperado. Tenho muita pena dela, e sinto que lhe devia dar um afago ou um beijo, algo que, contudo, me é de todo impossível. Nem sequer consigo chorar quando olha para mim, conquanto saiba que, um dia, me atirá a cara que nem sequer chorei quando a minha tia morreu. Mencioná-lo-á como um sinal da minha indiferença, crítica que porventura me fará quando, em breve, sair de casa. Nunca lhe disse que me vou mudar. Embora sentadas perto uma da outra, estamos separadas por léguas. E logo agora, diz a minha mãe, quando estava a começar a gozar a vida. Sim, digo, mas pelo menos já não está a sofrer. Apesar de ser tardíssimo, a minha mãe faz café, que tomamos no meu quarto. Amanhã, diz ela, vou ter de informar a tua tia Agnete. Só a visitou três vezes em todo o tempo que aqui passou... A fúria que sente ante o comportamento de outras pessoas salva temporariamente a minha mãe do mais profundo desespero. Diz que a tia Agnete nunca esteve presente nos momentos de maior necessidade, inclusive quando eram ainda crianças. Fazia sempre queixinhas das irmãs, e fazia questão de se mostrar melhor do que elas. Deixo a minha mãe falar e pouco tenho que lhe responder. Estou triste com a morte da tia Rosalia, mas não tanto quanto estaria em criança. Nessa noite, durmo com a janela aberta, apesar da barulheira feita pelos Bing and Bang, porque estou ansiosa por arejar a casa e erradicar de vez o fedor asfixiante a podridão que nela se entranhou. Ao contrário do que julguei outrora, a morte não é um sono tranquilo. É violenta, feia e malcheirosa. Abraço-me e dou graças pela minha juventude, pela minha saúde. De resto, a minha juventude não passa de uma deficiência e de um constrangimento de que me quero livrar o quanto antes.

Mudámo-nos por tua causa!, diz a minha mãe tomada pela amargura. Para que tivesses um quarto só teu onde pudesses escrever. Mas tu queres lá saber! E agora o teu pai está outra vez desempregado. Não nos safamos com o dinheiro que trazes cá para casa. O meu pai senta-se e esfrega os olhos. Sim, diz ele, furioso, safamo-nos, sim. Muito mal estaríamos nós se não pudéssemos viver sem a ajuda dos filhos. É sempre assim, no fim de contas... sacrificamos tudo por eles, e quando se pensa que nos vão dar algum bem-estar, desaparecem num instantinho. Com o Edvin foi a mesma coisa. Com o Edvin foi diferente, alega a minha mãe. Ele é rapaz. Usa este argumento só para contrariar o meu pai, e eu acalmo-me um pouco, porque agora vão começar a discutir entre eles e esquecer-me. Estamos a jantar na sala. Como o meu pai trabalha por turnos, adquirimos o hábito de comer uma refeição quente ao meio-dia, embora isso já não faça diferença nenhuma. Porque também estou desempregada. Despediram-me duas semanas antes de fazer anos, mas, entretanto, já encontrei outro emprego e começo a trabalhar depois de amanhã. Também já arrendei um quarto, e mudo-me amanhã – acabei de informar os meus pais. Continuam a discutir enquanto levanto a mesa. Ela não tem coração!, diz a minha mãe em lágrimas, sai ao meu pai. Quando a Rosalia morreu, nem tugiou nem buliu, não chorou nem um bocadinho, oh! Foi sinistro, sinistro, Ditlev... Não, diz o meu pai, ela tem coração que chegue. Tu é que os criaste muito mal, a ela e ao irmão. Olha, e tu também, grita a minha mãe, ou não os criaste, queres ver? Criaste-os para serem comunistas e limparem a ranheta à barba do Stauning. Não, não, já chega disto tudo, desde que a Rosalia morreu, e agora que a Tove vai sair de casa, já não tenho motivos para viver. Estás sempre em casa a rressonar, quer tenhas trabalho, quer não. Olhar para ti até

dá sono, já me metes nojo. E tu, responde com fúria o meu pai, não pensas em mais nada a não ser na tua famelga e em reis e rainhas! Tanto te faz que o teu marido esteja a morrer de fome, desde que te possas encafuar no cabeleireiro a coscuvilhar quando te dá na gana. Agora, a minha mãe está, felizmente, a chorar de raiva e não de tristeza porque vou sair de casa. *Marido!*, grita ela, sim, sim, mas que rico marido que eu tenho. Já nem sequer me queres tocar. Mas olha lá, eu não tenho cem anos, e não faltam homens no mundo! Pam! Fecha a porta do quarto com estrondo e atira-se para cima da mesa entregue a uma choradeira que provavelmente se ouve no prédio todo. Tiro a toalha da mesa e dobro-o. Deixámos de usar o *Socialdemokraten* como toalha desde que nos mudámos para um bairro mais elegante, e já não tenho de olhar para as caricaturas soturnas da Alemanha nazi da autoria de Anton Hansen. O meu pai esfrega, com força, a cara como se quisesse mudar a disposição das suas feições, e diz num tom cansado: A tua mãe está a passar por uma fase difícil. É da idade. Anda nervosa, vá. Devias ter isso em conta. Sim, digo, desconfortável, mas quero viver a minha própria vida, pai. Só quero estar à vontade e ser eu mesma. É para isso que tens o teu quarto, como sabes, diz ele. Lá, podes estar à vontade e escrever todos os poemas que quiseses. Fico fula quando mencionam os meus poemas, embora não saiba porquê. Não é só isso, digo eu dirigindo-me ao meu quarto. Quero ter um sítio só meu onde possa receber os amigos. Pois, pois, claro, diz ele, e esfrega de novo a cara, e a tua mãe não está para isso. Seja como for, cuida de ti. Sim, prometo, e fecho por fim a cortina que delimita o meu quarto. Emalo os meus parques pertences, mas terei de aguardar que a minha mãe regresse à sala de jantar para esvaziar a gaveta da cómoda no quarto. Arrendei um quarto em Østerbro, porque me parecia que a mudança não seria completa se permanecesse em Vesterbro. Não gosto da minha senhoria, mas fiquei à mesma com o quarto, porque custa apenas 40 coroas por mês. Estou a pagar a prestações o meu casacão de inverno e a conta no dentista, mas terei dinheiro suficiente para sobreviver, porque vou receber um salário mensal de 100 coroas na Central de Câmbios. A minha senhoria é espadaúda e pesada. Tem o cabelo – oxigenado – sempre desgrenhado, e uma postura dramática, como se uma catástrofe estivesse prestes a acontecer a qualquer minuto. Tem um grande retrato do Hitler pendurado na sala de estar. Veja só, disse-me ela quando arrendei o quarto, não é um homem lindo? Um dia



vai governar o mundo inteiro. É militante do Partido Nazi Dinamarquês, e perguntou-me se eu também não gostaria de me filiar, porque querem integrar a juventude dinamarquesa. Disse que não, que não percebo nada de política. E não tenho nada que ver com os gostos dela. O mais importante é que o quarto é barato. Mudo-me logo no dia seguinte. Desloco-me de elétrico até à minha nova morada e transporto comigo a minha mala e o meu despertador, que não coube na mala. O despertador começa a tocar num troço entre duas paragens e sorrio como uma imbecil quando o desligo. É um despertador muito temperamental, só eu sei lidar com ele. É resmungão e asmático como um velhote, e atiro-o ao chão quando se mostra demasiado preguiçoso e carrancudo. E então recomeça a fazer tiquetaque, amável e amistoso. A senhoria dá-me as boas-vindas com o mesmo quimono largo com que a vi na primeira vez, e parece também igualmente dramática. Não está comprometida, pois não?, pergunta, e leva uma mão ao coração. Não, digo. Graças a Deus, diz ela num suspiro de alívio, como se assim houvesse evitado uma situação perigosa. Homens! Já fui casada, minha querida. Moía-me de pancada sempre que se enfrascava, e ainda por cima tinha de o sustentar. Não permitem esse género de coisa na Alemanha, oh, não. O Hitler não suporta essas palhaçadas. Quando as pessoas não querem trabalhar, metem-nas em campos de concentração. Esse despertador toca muito alto? É que tenho problemas para dormir, e nesta casa ouve-se tudo, tudo. Toca tão alto que se deve ouvir na cidade inteira, mas juro que mal se ouve. Por fim, deixa-me em paz e posso analisar com calma a minha casa nova. O quarto é bastante pequeno. Tem um sofá com uma cobertura às flores, uma poltrona do mesmo estilo, uma mesa, e uma cómoda velha com pegadas tortas e ao dependuro nas gavetas. Como uma das gavetas tem chave, posso guardar algo só para mim. Num dos cantos há uma cortina, e atrás da cortina uma vara pregada à parede, que serve supostamente de guarda-roupa. No quarto há também uma bacia lascada e um jarro para me lavar. Tal como no quarto da Nina, faz um frio de arrepiar, e não tem fogão a lenha nem braseiro. Assim que penduro as minhas roupas atrás da cortina, saio e compro cem folhas de papel de escrever à máquina. Em seguida, gasto as minhas últimas dez coroas no aluguer de uma máquina de escrever, que pouso na mesa frágil quando regresso a casa. Arrasto a poltrona para junto da mesa, mas o assento desfaz-se mal me sento. Pedia apenas uma mesa e uma cadeira em troca das minhas 40 coroas, mas talvez seja preciso

largar mais alguma guita para se ter direito a tamanhos luxos. Saio do quarto e bato à porta da sala de estar, onde a senhoria está a ouvir rádio. Sra. Suhr, digo, a poltrona está toda partida. Pode emprestar-me uma cadeira vulgar? Fita-me como se a notícia fosse uma grande desgraça. Está partida?, diz ela. Era uma bela poltrona! Já a tenho desde que casei. Apressa-se a entrar no meu quarto para avaliar os estragos. Tem de me pagar cinco coroas pelos estragos!, diz ela, e estende-me a mão. Confesso-lhe que não tenho como lhe pagar, porque só recebo no início do próximo mês e já não me resta dinheiro no bolso. Nesse caso, acrescentará o valor à minha renda, afirma, furiosa. Sigo no seu encalço quando sai do meu quarto, e peço-lhe uma vez mais uma cadeira. Isto é um verdadeiro assalto!, resmunga, e leva de novo a mão ao peito. Arrendar quartos não compensa. Provavelmente também vai acabar por arrastar homens para minha casa, claro. Lança um olhar de súplica a Hitler, como se ele pudesse expulsar todos os homens que eventualmente cá ponham os pés. Depois, entra no outro quarto, onde tem uma fiada de cadeiras encostadas à parede. Tome, diz ela com azedume quando escolhe a mais gasta delas todas, leve esta. Agradeço-lhe o cuidado e carrego a cadeira até ao meu quarto. O assento fica a uma boa altura para me sentar a escrever à mesa. Começo, então, a datilografar os meus poemas, e é como se fossem melhores passados à máquina. Esta tarefa serena-me, e o meu sonho de um dia compilar os meus poemas num livro adquire contornos mais definidos e vívidos do que antes. A minha senhoria surge, de súbito, à porta do meu quarto. Ouça lá, essa coisa, diz ela, e aponta para a máquina de escrever, faz um chinfrim dos diabos. Parece uma metralhadora. Estou quase a acabar por hoje, digo. Seja como for, só a uso à noite. Está bem, então. Meneia a sua cabeça amarela. Mas não faça barulho depois da onze. Nesta casa ouve-se tudo. Olhe, e por acaso não quer ouvir o discurso do Hitler logo à noite? Ouço todos os discursos dele, são maravilhosos... Másculos, firmes, vibrantes! Gesticula entusiasticamente com o braço, dando a ver o seu busto volumoso. Não, respondo em pânico, acho... que não estarei por casa hoje à noite. Mas fico em casa, porque o guarda-florestal da Nina está de visita à cidade e não tenho mais para onde ir. Rapo um frio danado no quarto, embora tenha o casaco vestido, e não me consigo concentrar na escrita, porque o discurso de Hitler ecoa pela casa e perpassa pela parede, e mais parece que está a falar mesmo ao meu lado. É um discurso ameaçador, agressivo, que me amedronta sobremaneira. Está a

falar da Áustria, e abotoo o colarinho do casaco e retraio os dedos dos pés dentro dos sapatos. O histérico do Hitler é constantemente interrompido por gritos de *Heil*, e neste quarto não tenho onde me esconder. Quando o discurso termina, a Sra. Suhr entra no meu quarto com olhos cintilantes e faces rubras. Ouviu-o?, pergunta-me ela em gritos, extasiada. Percebeu o que ele disse? Nem sequer precisa de perceber! Entra-lhe pelos poros da pele como um banho a vapor. Bebi-lhe as palavras todas, menina! Quer uma chávena de café? Digo que não, obrigada, embora não tenha comido nem bebido nada todo o dia. Digo-lhe que não porque não me quero sentar debaixo do retrato de Hitler. Temo que repare em mim e arranje forma de me destruir. Na Alemanha, o que faço seria considerada «arte decadente», e lembro-me bem do que o Sr. Krogh disse acerca da *intelligentsia* alemã. No dia seguinte, começo a trabalhar como datilógrafa na Central de Câmbios, e Hitler invade a Áustria.

Sabe dançar samba? Levanto os olhos da minha estenografia e respondo que não. Fito o secretário que me está a ditar o texto: é muito bonito, mas não tem brio nenhum no trabalho que faz. Preguiçoso, recosta-se na cadeira e de vez em quando beberica a cerveja que tem ao lado. Boceja ruidosamente sem pôr a mão à frente da boca. Bem, diz ele, cansado, onde íamos? Estamos numa sala grande no último andar. Aqui há muitas mesas com muitas secretárias. Sempre que precisavam de uma datilógrafa, telefonam ao nosso escritório, e a supervisora trata de lhes enviar uma de nós. Gosto deste trabalho, mas as secretárias põem-me doida. Por elas, estavam sempre no paleio. Não fazem nada e, enquanto isso, os processos acumulam-se numa pasta azul que tem escrito *Urgente!* em letras vermelhas. Há formulários com pedidos de todo o género de coisas imagináveis, e não há formulário que não se faça acompanhar de uma carta rogatória, na qual o proponente insinua que se suicidará caso veja o seu pedido rejeitado. Não há um único proponente que não mencione motivos prementes e pessoais para que lhe seja permitido importar os bens que deseja trazer para o país. Sei dançar samba bastante bem, mas estou em horário de trabalho, e agora recebo um salário alto – pelo menos maior do que alguma vez recebi. Pare de franzir o sobrolho, diz o secretário com um sorriso, ou as rugas acabam por se tornar permanentes! Desço as escadas a correr e entro no escritório para bater a carta à máquina. É uma carta de rejeição, e tento tornar o tom da carta mais gentil, menos frio, tal qual modificava as cartas para os membros da maçonaria, mas aqui não estou autorizada a divagar ou a adicionar floreados às respostas. Tenho de datilografar tudo de novo e pedem-me que me atenha somente ao que me foi ditado. Eu e as minhas secretárias perfazemos cerca de vinte

funcionárias, todas nós jovens, e o escritório mais parece uma sala de aulas. Há uma rapariga a cada mesa, e as mesas estão dispostas em três filas compridas. Ao fundo, à nossa frente, senta-se a supervisora, que nos encara como se de uma professora se tratasse e, quando começamos a fazer demasiado barulho, manda-nos calar num tom autoritário. As minhas colegas são muito chiques, usam vestidos justos, sapatos de tacão alto e atulham a cara de maquilhagem. Um dia, uma delas pinta-me os lábios, as faces, os olhos, e todas as minhas colegas acham que fico muito melhor assim. Dizem que devia usar maquilhagem todos os dias, e começo a pedir os cosméticos da Nina emprestados quando saímos à noite. Depois de passar à máquina todos os meus poemas, não suporto ficar sentada no quarto a bater os dentes de frio, e é com naturalidade que continuo a sair com a Nina e, embora leve uma vida monótona, os dias e as noites parecem voar, como se não passassem do rufar de um tambor prévio a um acontecimento em palco. Os anos terríveis passados na I. P. Jensen já lá vão, tenho agora 18 anos e já não moro com os meus pais. Uma noite, no Heidelberg, danço com um jovem alto e loiro que não se parece em nada com os homens que conheço, e que também não fala como eles. Pergunta se me pode oferecer uma sanduíche. Digo que estou acompanhada por uma amiga. Ele diz que isso não tem importância nenhuma, porque podemos os três comer sanduíches. A Nina fita-o com ar de aprovação e dá inclusive mostras de algum espanto quando ele se apresenta. Chama-se Albert, e veste-se melhor do que os outros. Talvez até esteja a estudar na universidade. Comemos sanduíches, bebemos cerveja, e eu toco ao de leve na minha faca e no meu garfo enquanto aguardo, ansiosa por ver como os outros usam os talheres. Em minha casa, cortamos a comida com a faca, e depois comemo-la com o garfo. O Albert pergunta-me onde moro e o que faço. Não é nada de especial, bem sei, mas os outros homens nunca falaram de nada a não ser deles mesmos. Estou mortinha por contar tudo sobre mim e a minha vida ao Albert. Talvez passe a ganhar mais em breve, digo. É que também escrevo poemas. Não gosto de tocar nesse assunto, em especial aqui, no meio desta barulheira, envolta por gargalhadas e música. Contudo, parece-me que iria rebentar se não o dissesse, não aguentei mais, e nem sequer sei se voltarei a ver o Albert. Oh, diz ele, surpreso, dessa não estava eu à espera. E são bons? Sorri num esgar de troça, como se estivesse a zombar de mim. A sua atitude irrita-me e sinto-me corar. Sim, respondo,

alguns deles são. Sabes algum de cor?, pergunta ele enquanto mastiga. Sim, sei, digo, mas não o quero declamar aqui. Então escreve-o, diz ele com toda a calma enquanto me oferece um guardanapo. Tira um lápis do bolso e dá-mo. Que poema devo escrever? Qual é o meu melhor? Sinto que é de extrema importância escolher o poema certo e, depois de mordiscar o lápis durante algum tempo, escrevo o seguinte:

Nunca ouvi a tua voz débil.  
Os teus lábios pálidos nunca me sorriram.  
Mas jamais esquecerei os pontapés  
que davas com os teus pequenos pés.

Compenetrado, olha por muito tempo para o poema, e então pergunta-me de que trata. É sobre um bebé, digo, um nado-morto. Pergunta-me se tive um filho que morreu à nascença, e digo que não. Com os diabos, que curioso!, diz ele, e fita-me com uma atenção renovada. A Nina está a dançar com um homem e acena-me para me encorajar quando passam pela nossa mesa. Acha que devia aproveitar e fazer algo com o Albert, e assim farei – mas à minha maneira. O Albert segue o meu olhar. A tua amiga é muito bonita, diz ele. Sim, respondo, e ocorre-me que ele preferia tê-la escolhido, ao invés de me ter abordado. Porém, de momento esse assunto em nada me preocupa. Sabes, inquiri, insistente, para onde posso enviar um poema destes para publicação? Oh, sim, claro, diz ele, como se lhe tivesse feito uma pergunta normalíssima. Conheces um jornal chamado *Trigo Selvagem*? Nunca ouvi falar de tal coisa, e ele diz-me que é aí que os autores jovens e desconhecidos conseguem publicar os seus poemas e ilustrações. É editado por um homem chamado Viggo F. Møller, e o Albert anota o nome e a morada do editor noutro guardanapo. Visitei-o recentemente, diz de modo tão informal que se torna óbvio que se sente orgulhoso do seu contacto com o dito editor. É muito simpático, e percebe imenso de arte feita por jovens, diz ele. Pergunto, com cautela, se ele também escreve, e diz – uma vez mais, com toda a naturalidade – que escreveu alguns poemas no seu tempo livre, e que alguns já foram publicados no *Trigo Selvagem*. Esta informação deixa-me sem resposta. Estou sentada ao lado de um poeta. Jamais imaginei que tal fosse possível! Estou ainda calada quando a Nina regressa à mesa. Franze o cenho e assume que a conversa entre o Albert e eu ainda não saiu

da cepa torta. «Em Heidelberg, o meu coração foi arrebatado por dois olhos...» Todos se levantam e cantam enquanto balançam as canecas de cerveja para trás e para a frente. O Albert também se levantou, e de súbito assume uma postura um tanto impaciente. Sigo o seu olhar e vejo, no outro lado da pista de dança, uma rapariga magra, com ar muito sério, sentada sozinha. Quando a música recomeça a tocar, o Albert paga a conta, faz-nos uma vénia um tanto tímida, e convida a rapariga séria a dançar. A culpa foi tua, diz a Nina, irritada. Ele era muito giro. Mas, para ser sincera, estou-me nas tintas. Encontrei uma porta para o mundo em que anseio entrar, e não pretendo deixar que ma fechem na cara. Ponho o guardanapo na mala e sorrio misteriosamente à minha amiga. Vou para casa, tenho de passar umas coisas à máquina, digo. Espero que aquela bruxa não acorde. Saltaste da panela para o lume!, diz a Nina. A tipa não é melhor do que a tua mãe. Abro caminho até ao bengaleiro e visto o casaco. Faço todo o caminho até casa a pé, embora esteja muito frio, e sinto-me muito feliz. Um nome e uma morada: podemos demorar anos a conseguir algo tão simples, por incrível que pareça. E talvez nem sequer seja suficiente. O tal editor pode não gostar dos meus poemas. Talvez morra antes que os possa ler. Talvez até já esteja morto. Devia ter perguntado ao Albert que idade tem o Viggo F. Møller. Penso e repenso no nome e pergunto-me a que nome corresponderá o «F». Frants? Frederik? Finn? E se a minha carta se extraviar nos serviços postais e nunca chegar ao destino? E se o Albert me deu um nome falso e estive só a trocar de mim? Algumas pessoas acham piada a essas brincadeiras parvas. No entanto, acredito, bem lá no fundo, que vai correr bem. São duas da manhã quando entro no meu quarto em pezinhos de lã. Dobro várias vezes a manta do sofá e com ela cubro a máquina de escrever, para assim abafar o som, e depois escolho três poemas que remeto juntamente com uma breve carta formal, para que o editor não julgue que a minha vida depende da publicação do meu trabalho. Caríssimo Sr. Editor Viggo F. Møller, escrevo, envio-lhe estes três poemas com a esperança de que os queira publicar no seu jornal *Trigo Selvagem*. Com os melhores cumprimentos, T. D. Corro com a carta até ao marco de correio mais próximo e vejo a que horas os serviços postais recolherão a correspondência. Quero calcular quando é que o editor a receberá, e ter uma ideia aproximada de quando me poderá responder. Depois, vou para casa, marco a hora no despertador e deito-me.

Ponho todas as minhas roupas em cima do edredão, mas ainda assim tiritando de frio, por muito tempo, antes de adormecer.



Ao fim do dia, saio do escritório e apresso-me a chegar a casa para perguntar à Sra. Suhr se chegou alguma carta para mim. Não chegou, e a Sra. Suhr anda muito curiosa. Pergunta-me se tenho alguém doente na família. Pergunta-me também se estou à espera de receber dinheiro pelo correio, e recorda-me que lhe devo cinco coroas por lhe haver estragado a poltrona. De vez em quando, pergunta-me também se tenho fome, mas nunca tenho, embora raramente jante. Às vezes, como com a Nina na cantina do *Berlingske Tidende*, onde as refeições são baratas, mas apenas para os funcionários do jornal. A minha senhoria também diz que estou cada vez mais magra, e que se eu fosse filha dela me havia de engordar, havia pois. Quando sinto o cheiro dos seus cozinhados, fico com fome, é certo, mas então já é tarde de mais. Antes de ir para casa tomo, por norma, um café e um pastel na estação de Østerport. Mas é um luxo que se encontra para lá das minhas posses, porque vivo com um orçamento muito apertado. Eu e todas as minhas colegas do escritório, embora a maioria delas viva com os pais. Perto do fim do mês, todas elas pedem dinheiro emprestado umas às outras, e também me pediriam algum se lhes pudesse emprestar. Não mostram rancor quando lhes recuso emprestar dinheiro, no entanto. Não vivem sob o jugo de uma pobreza opressiva ou triste, porque todas elas têm um objetivo em mente, algo por que lutar: todas elas sonham com uma vida melhor. Eu também. A pobreza é um mal temporário e suportável, e não constitui um verdadeiro problema. A Nina pode pedir dinheiro emprestado à mãe e a O Arbusto. A mãe da Nina é uma senhora anafada e simpática que não leva nada demasiado a peito. Ganha a vida como mulher da limpeza, e mora com o pai do meio-irmão – que tem 12 ou 13 anos – da Nina. Percebe-se de imediato que a Nina não cresceu naquela casa, e que

está só de visita. De resto, também só de passagem por Copenhaga, e não me entra na cabeça que queira mesmo morar na província. Enquanto aguardo a chegada da carta, não saio à noite e fico, ao invés, no meu quarto, onde, gelada até aos ossos, me ponho à escuta de sons no corredor de entrada. Sei que os correios entregam cartas urgentes fora do horário normal. Não há qualquer motivo para receber uma carta urgente, mas, seja como for, fico atenta ao toque da campainha. Uma noite, há um encontro político na casa da Sra. Suhr, e um magote de homens com botas invade a sala de estar, onde pouco depois há uma algazarra. Uma vez na sala, batem com os tacões das botas e gritam *Heil!* diante do retrato de Hitler. Estão também presentes algumas mulheres. Têm vozes estridentes como a Sra. Suhr e, como é habitual, espero que nenhuma delas me veja. Cantam a marcha de Horst Wessel e batem com os pés no chão até as paredes estremecerem. A Sra. Suhr entra no meu quarto com as faces rubras e o cabelo desgrenhado. Traz ainda vestido o seu quimono, e parece ter saído a correr de uma casa a arder. Oh, diz ela ofegante, não quer brindar ao Führer connosco? Venha cumprimentar as visitas, são pessoas de alto gabarito! Junte-se a nós, lute pela nossa grande causa! Não, digo eu, aterrorizada, tenho de acabar uma coisa. Trabalho extra que trouxe do escritório. Ponho-me a escrever à máquina para que julguem que estou a trabalhar, enquanto penso com tristeza e inquietação na escuridão que está prestes a abater-se sobre o mundo inteiro. Não deixo, porém, de me manter atenta à campainha. Correio expresso, um telegrama: nunca se sabe. Alguns dias depois, entro em casa e deparo com a Sra. Suhr no corredor – tem uma carta na mão. Bem, diz ela com um olhar curioso, aqui tem a carta de que tem estado à espera. Arranco-lha da mão e quero ir para o meu quarto, mas ela impede-me a passagem. Abra-a já, diz ela ofegante, estou tão excitada quanto a menina. Não, digo eu, e o coração quase me salta pela boca, é uma carta privada e confidencial. É uma mensagem secreta, para lhe ser sincera. Oh, meu Deus! Leva uma mão ao peito e sussurra: É um segredo político? Sim, digo eu em desespero, é um segredo político. Deixe-me passar, por favor. Fita-me como se eu fosse uma nova Mata Hari e afasta-se profundamente impressionada. Fico, por fim, a sós com a minha carta. É demasiado espessa e fraquejam-me os joelhos com o receio de o editor ter rejeitado os meus poemas. Sento-me à janela e olho para o pequeno pátio lá em baixo. O crepúsculo envolve aos poucos os caixotes de lixo e começam a acender as

luzes no prédio em frente. Abro o envelope com algum esforço, tiro a carta e leio: Caríssima Tove Ditlevsen. Dois dos seus poemas não são particularmente bons, para usar termos mais abonatórios, mas posso editar o terceiro, intitulado «Ao meu filho morto». Com os melhores cumprimentos, Viggo F. Møller. Rasgo de imediato os dois poemas que, para usar termos mais abonatórios, não são particularmente bons, e depois releio a carta. Quer publicar o meu poema no jornal. Este editor é a pessoa por quem esperei toda a minha vida. Tenho um exemplar do *Trigo Selvagem*, que comprei com dinheiro que a Nina me emprestou. Nessa edição, publicaram um poema de uma mulher – Hulda Lütken – que li diversas vezes, porque me lembro na perfeição de o meu pai me ter dito outrora que as raparigas não sabem escrever poesia nem podem ser poetas. Embora nunca tenha acreditado nele, as suas palavras impressionaram-me sobremaneira. Tenho de partilhar a minha alegria com alguém. Não me apetece falar disso com os meus pais, e a Nina não entenderia o que isto significa para mim. A única pessoa que me poderá compreender é o Edvin. Foi o primeiro a dizer que os meus poemas eram bons, embora tivesse começado por troçar deles. Mas isso pouco importa, na altura não passávamos de crianças. Apanho o elétrico até Sydhavnen. A Grete abre-me a porta e sorri, surpreendida por me ver ali. Entra, por favor, diz ela num tom hospitaleiro, e depois apressa-se a sentar-se ao colo do Edvin – pelos vistos, é esta a sua ocupação principal enquanto recém-casada. O meu irmão parece-me completamente indefeso naquela poltrona funda. Olá, diz ele, contente, como tens passado? Tem de afastar a cabeça da Grete para o lado para me ver. Como é que estão o Paizinho e a Mãezinha?, pergunta a Grete entre dois beijos. A minha mãe não suporta este apodo carinhoso, mas a Grete é insensível à frieza que a minha mãe emana. Eu também não gosto muito da Grete, porque sempre imaginei que o Edvin se casaria com uma mulher bonita, orgulhosa e inteligente, e não com uma mulherzinha baixa, sorridente e de formas rubicundas. No entanto, isso pouco importa, porque não lhe tenho uma aversão tão intensa ou visceral quanto a minha mãe. Conto ao Edvin o que aconteceu e mostro-lhe a carta. Ele pede à Grete que faça café enquanto a lê. Boa, que espetáculo!, diz ele, impressionado. Devias receber dinheiro por isto, mas o gajo nem toca nesse assunto. Tem cuidado, não deixes que te aldrabe. Nunca tinha pensado nisso. Ele ganha dinheiro a vender o jornal, percebes, explica o Edvin, por isso, devia pagar a quem contribui com

material. Não, digo. Nem sequer o Edvin entende que se deu um milagre; ninguém me entende. Olha lá, diz ele, liga-lhe e pergunta-lhe quanto te paga pelo poema. Sim, digo, porque de facto gostaria de lhe telefonar. Adoraria ouvir a voz do meu editor, e tenho aqui a desculpa perfeita para o fazer. A Grete põe a mesa e faz conversa fiada, até que o Edvin lhe menciona a carta. Oh, diz ela, contente, então tenho uma poetisa na família! Vou avisar os meus pais. Queres que te corte uma fatia ou duas de pão? Sim, por favor, digo, e pergunto como anda a tosse do Edvin. O médico disse que ele vai tossir enquanto não parar de aplicar verniz de celulose. Tossirá até mudar de emprego. O médico diz também que a tosse soa pior do que é. Não morrerá da tosse, e nem sequer ficará doente de verdade. Só tem os pulmões negros e irritados. Fito o meu irmão enquanto tomamos o café. Não parece feliz, e a vida de casado talvez não seja exatamente o que esperava. Quiçá tenha imaginado que se casaria com uma mulher com quem pudesse conversar sobre temas interessantes, e não apenas sobre a relação e o que vão comer ao jantar. Talvez tenha imaginado que podiam fazer outras coisas à noite além de se sentarem no colo um do outro e trocarem juras de amor. Seja como for, parece-me que deve ter uma existência aborrecidíssima. Não precisas de comprar um vestido novo?, pergunta a Grete. Nunca te vi a usar nada a não ser esse vestido. E devias fazer uma permanente como a minha. A Grete usa o cabelo apanhado no alto da cabeça e penteado aos caracolinhos, e usa também grandes brincos em argola que tilintam sempre que abana a cabeça. Não é estranho ter um irmão tão bonito?, pergunta ela. Acho que deve ser uma situação muito estranha para ti. A conversa da Grete depressa cansa o Edvin, que se senta de novo na poltrona. Depois de transportar as chávenas até à mesa, a Grete refastela-se, uma vez mais, no colo do meu irmão e começa a enrolhar-lhe os caracóis pretos nos dedos. Creio que o meu irmão casou com ela para escapar ao quarto que arrendava e à antipática da sua senhoria, porque que outra saída tinha ele? Também não faço tenção de passar o resto da vida em casa da Sra. Suhr. A juventude é temporária, frágil, efémera. Há que a suportar, e não tem qualquer outro significado intrínseco. O Edvin pergunta-me se já contei a novidade aos nossos pais, e respondo que prefiro esperar até o poema ser publicado no jornal. Só então lhos mostrarei; antes, não. O Edvin lê o poema e fica profundamente impressionado. Mas continuas a mentir à descarada, diz ele num tom de espanto. Nunca te morreu nenhum filho à nascença. Diz que o

Thorvald está noivo de uma rapariga feiíssima, o que me irrita um pouco. Podia tê-lo tido para mim, mas não o quis. Ainda assim, agrada-me saber que não teve qualquer outra relação amorosa. Antes de me ir embora, peço dez centavos emprestados ao meu irmão para fazer uma chamada. Saio sem esperar que me acompanhem à porta, porque a Grete está a sussurrar um longo discurso ao ouvido do Edvin. Na cabine telefónica na Enghavevej, procuro o número do Viggo F. Møller na lista e ligo-lhe com o coração na boca. Estou, boa noite, digo, daqui fala a Tove Ditlevsen. Repete o meu nome em tom interrogativo e logo se lembra de mim. O seu poema sai daqui a um mês, diz ele. É ótimo. Vou receber alguma coisa por ele?, pergunto, muito envergonhada. Mas ele não se enfurece. Explica-me que ninguém recebe honorários, porque o jornal dá prejuízo, tendo ele de pagar do seu próprio bolso para cobrir os valores em falta. Apresso-me a dizer-lhe que não tem importância, que só o perguntei por causa de algo que o meu irmão me disse. Então, pergunta-me que idade tenho. Dezoito, digo. Santo Deus, só dezoito?, diz ele com uma breve gargalhada. Depois, pergunta-me se gostaria de o conhecer, e eu digo que sim. Marcamos um jantar para o dia seguinte, às seis horas, no café Glyptotek. Agradeço-lhe a atenção, ainda assolapada, e ele despede-se e desliga. Vou encontrar-me com ele. Vou conversar com ele. Quer, sem dúvida, fazer algo por mim. O Sr. Krogh disse que as pessoas querem sempre algo umas das outras, e que não havia nada de mal nisso. Está bem de ver para que quero o editor, mas o que quererá ele de mim? No dia seguinte, depois do trabalho, vou a casa dos meus pais com a intenção de lhes contar tudo. A minha mãe está sozinha em casa. Fica muito contente por me ver, e sinto-me culpada porque raramente a visito. A minha mãe sente-se muito só desde que a tia Rosalia morreu. Como o prédio é já um tanto *fino*, os vizinhos não batem à porta uns dos outros, e a minha mãe não tem uma única amiga com quem possa conversar e rir-se. Só nos tem a nós, que a abandonámos assim que ela e a lei no-lo permitiram. Tomamos um café e vejo que ela já deu rédea solta à imaginação. Sabes que mais, diz ela, esse tal editor deve querer casar contigo. Rio-me e digo que ela só pensa em arranjar-me marido. Rio-me, mas, quando chego a casa e me enfio na cama, penso se ele será ou não casado. Se for solteiro, não tenho nada contra casar-me com ele. Um cenário inesperado.

Enverga um fato verde e uma gravata também verde. Tem cabelo grisalho, forte e encaracolado, e um bigode grisalho, cujas pontas cofia. Está a usar um grande colarinho antiquado, e o seu queixo duplo cobre-o um pouco. Tem olhos azul-claros como os de um bebé, e uma pele muito rosada e pálida e transparente, como a de uma criança. Gesticula sem cessar com as suas mãozinhas delicadas, que têm covinhas nos nós dos dedos. É simpático, até carinhoso, e depressa perco a timidez na sua companhia. Embora nada tenha que ver com ele em termos físicos, lembra-me um pouco o Sr. Krogh. Analisa demoradamente a ementa antes de escolher o prato que quer, e eu peço o mesmo que ele, conquanto não saiba de que se trata. Confessa-se um grande apreciador de comida, e diz, jocoso, que talvez me seja fácil assumir que o é só de olhar para ele. Digo, por educação, que não. Admito que nunca dou importância ao que como e ele, rindo-se, diz que isso sim, é fácil de assumir só de olhar para mim. Diz que estou demasiado magra. Bebemos vinho tinto, e faço um esgar de asco, porque é azedo. Ele diz que não aprecio vinho porque sou ainda muito nova. Quando for mais velha, decerto aprenderei a apreciar um bom vinho. Pede-me que lhe fale um pouco de mim, de como cheguei até ele. Estou nervosa e contente e quero contar-lhe tudo ao mesmo tempo. Menciono o Albert, e ele encolhe os ombros como se nem soubesse ao certo quem é. Nunca se pode ter a certeza com os jovens, diz ele quando enrola as pontas do bigode. Acredita-se em alguns, e depois não dão em nada. A outros não se dá grande crédito, e no fim até são bons. Pergunto-lhe se acha que tenho talento, e ele diz que não há como o saber. Diz que aqueles que garantidamente não dão em grande coisa são os que apresentam um poema e dizem «Escrevi isto em dez minutos». Se disserem isso, ele sabe de

imediatamente que não são bons. E o que lhes diz?, pergunto. Aconselho-os a serem guarda-freios ou algo nesse género, diz ele, e limpa a boca com o guardanapo. Fico feliz por não ter escrito quantos minutos demorei a escrever o «Ao Meu Filho Morto». Na verdade, nem sequer sei quanto tempo demorei a escrevê-lo. Acho que o editor é um homem estupendo e, além disso, bonito. Outras pessoas talvez não o considerem bonito, e a Nina decerto diria que é demasiado velho e gordo, mas não quero saber. Dá-me a ementa para que possa escolher a sobremesa, e peço um gelado, porque todas as outras opções me parecem demasiado complicadas. O editor pede fruta com natas. Tenho um fraquinho por doces, diz ele, porque não fumo. O empregado de mesa trata-o com toda a cordialidade e apelida-o sempre de «Sr. Editor». A mim, chama «a menina». Posso servir a menina? Ganho coragem e bebo o vinho amargo. O vinho aquece-me por dentro e relaxa-me. Começa a escurecer lá fora, e a brisa suave faz estremecer um pouco as árvores da alameda. As árvores já estão em flor, e o Tivoli não tarda a abrir. O Viggo F. Møller diz que adora a cidade na primavera e no verão. As árvores ganham folhas novas, as flores desabrocham – e as raparigas também, como se fossem flores belíssimas que irrompem das pedras da calçada. O Sr. Krogh disse algo semelhante, e não era casado. Os homens casados talvez não tenham sensibilidade para estas observações. Por fim, ganho coragem para lhe perguntar se é casado, e ele diz que não com uma risadinha. Oh, nunca conheci alguém que me quisesse aturar, diz ele, e gesticula em jeito de desculpa. Já estive comprometida, digo, mas rompi o noivado. E agora?, pergunta ele. Já não está comprometida? Não, digo, estou à espera de conhecer o homem certo. Tento olhá-lo intensamente nos olhos, mas ele não percebe as minhas insinuações. O problema é que me habituei a que tudo seja feito com a máxima urgência, e é quase como se esperasse que ele me peça em casamento de imediato. Nunca se sabe o que será feito de uma pessoa no dia de amanhã. Pode receber uma carta de outra jovem que escreve poemas – da Hulda Lükten, por exemplo –, convidá-la a jantar fora, e esquecer-se por completo de mim. Deve ser o género de homem que pode ter quem quiser. Presa de ciúmes galopantes, pergunto-lhe como é a Hulda Lükten, e ele ri-se alto. Não gostaria de ti, tenho a certeza, diz ele. Tem uns ciúmes doentios das outras poetisas, em especial se forem mais novas do que ela. Tem um feitio dos diabos. De vez em quando, telefona-me e pergunta: Møller, sou um génio?

Sim, sim, claro que és, Hulda, respondo-lhe eu. E ela fica satisfeita durante algum tempo. Depois, pergunta-me se gostaria de ir a uma festa do *Trigo Selvagem* no próximo mês. Na referida festa, elegem o *Grã-Trigo* e o *Grã-Biscoito*, ou seja, o poeta e o ilustrador que mais contribuíram para o jornal no decurso do último ano. Pergunto-lhe que tipo de indumentária devo envergar, e ele diz que devo levar um vestido comprido. Quando lhe digo que não tenho nenhum, diz que posso pedir um emprestado a uma amiga. Isso leva-me a pensar na Nina, que comprou um vestido comprido e aberto atrás para o baile no Stjernekrøen. Digo que teria todo o gosto em ir à dita festa. Tomamos café em chávenas finíssimas e o editor olha para o relógio como se estivesse na hora de nos irmos embora. De minha parte, preferiria continuar aqui sentada por muito mais tempo. A minha vida corriqueira espera-me lá fora com os seus assuntos urgentes no escritório, as noitadas nos bares, os homens que me acompanham a casa, e o meu quarto gélido em casa da senhoria nazi. O meu único consolo em toda esta existência fútil e patética é um punhado de poemas, que não escrevi ainda em número suficiente para publicar numa coletânea. Depois de pagar a conta, o Sr. Møller pousa, de repente, a mão na minha. Tens umas mãos lindas, são compridas e elegantes, diz ele. Dá-me duas ou três palmadinhas na mão, como se estivesse perfeitamente consciente de que não me quero ir embora e me quisesse garantir que não irá desaparecer, para já, da minha vida. Estou à beira das lágrimas, embora não saiba porquê. Resisto à vontade de pôr os braços em volta do pescoço do meu editor, de o abraçar como se estivesse exausta após uma viagem muito longa e só agora houvesse, por fim, chegado a casa. É uma sensação bizarra, e pestanejo um pouco para que não se note que tenho os olhos húmidos. Uma vez na rua, paramos para ver o trânsito passar. Ele é mais baixo do que eu, o que me surpreende um pouco, já que não me tinha apercebido disso ao vê-lo sentado à mesa. Bem, diz ele, presumo que vamos seguir caminhos diferentes. Passe por minha casa um dia destes. Já tem a morada. Despede-se com um gesto elegante, acenando com o chapéu verde e de aba larga, que logo põe de novo na cabeça. Em seguida, caminha, lesto, pela alameda. Ainda imobilizada no mesmo sítio, observo-o até o perder de vista. Ocorre-me que me vejo continuamente obrigada a despedir-me de homens que vejo e ouço desaparecer na escuridão da noite. Homens que raramente se viram para atrás para me acenar.



Transferiram-me para o Instituto Nacional de Cereais, situado no outro lado da rua, e gosto muito mais de trabalhar aí. Há apenas duas mulheres no escritório: eu e uma colega. Eu sou responsável pelo atendimento telefónico, e também escrevo cartas para o diretor do departamento, o Sr. Hjelm, um homem alto e magro com um rosto comprido e soturno no qual não perpassa o menor indício de um sorriso. Quando me dita uma carta, fita-me como se desconfiasse que penso noutras coisas além de cereais sempre que faz uma pausa. A outra rapariga que trabalha no escritório chama-se Kate. Ri-se com facilidade e é um tanto infantil. Divertimo-nos muito quando estamos a sós. Estou à espera de que o meu poema seja publicado no jornal, para então visitar o Viggo F. Møller – antes disso, não. Em breve terei de gozar as minhas férias de verão, o que, para mim, constitui sempre um problema. Segundo a Nina, devíamos inscrever-nos no Grupo de Turismo Jovem para fazermos caminhadas no campo e nos alojarmos em pousadas de juventude. Mas não gosto de estar circunscrita a grupos, e não estou minimamente interessada nas tais caminhadas. No entanto, se o meu poema sair em breve, talvez possa passar as férias com o editor do jornal. Enquanto aguardo, observo as criancinhas e os amantes que, afugentados pelo calor, fogem das entranhas dos prédios. Observo também os cães – os cães e os seus donos. Alguns dos cães são levados por trelas curtas que os donos puxam com impaciência sempre que eles param. A outros, os donos passeiam-nos com trelas compridas e permitem-lhes analisar com toda a calma todos os odores interessantes com que deparam. É este o tipo de dono que quero para mim. Estou certa de que floresceria se levasse uma vida assim. Há também cães vadios que confusos correm por entre as pernas das pessoas sem, aparentemente, apreciar a sua liberdade.

Sou como esses cães vadios – pouco apresentável, confusa, solitária. Agora saio menos à noite, e a Nina diz que estou a tornar-me um tédio de morte. Como já não faz tanto frio, deixo-me ficar pelo meu quarto. Leio e releio os meus poemas, e às vezes escrevo um novo. Eliminei há muito os dois poemas que, para usar termos mais abonatórios, não eram particularmente bons. Acho que eram horríveis mas, se o editor me tivesse dito que eram bons, teria acreditado nele. Às vezes visito os meus pais. O meu pai está de novo desempregado, e o ambiente entre ele e a minha mãe está de cortar à faca. Costumo encontrá-lo a dormir ou a descansar deitado no sofá, e à minha mãe a tricotar com ar de repreensão. Pensa que está mais do que na altura de visitar o editor, porque está cada vez mais convencida de que ele quer casar comigo. Os gordos, diz ela, são alegres e bondosos. Os magros é que são carrancudos. Pergunta-me que idade tem, e respondo que terá cerca de cinquenta anos. A minha mãe também lhe aprova a idade, porque por esta altura já terá cometido as suas loucuras e será um marido fiel. Diz que em breve poderei deixar o trabalho, porque ele fará questão de me sustentar. Não respondo, porque estas ideias não passam de conjeturas precoces. Nós oferecemos a boda, diz a minha mãe, e muito gostaria eu de saber o que o meu editor dirá da sua sogra. Ele é mais velho do que ela, disso tenho eu a certeza, um pormenor que, contudo, não incomoda a minha mãe. As minhas visitas são sempre breves, porque a minha mãe me massacra constantemente com este assunto. O meu pai diz que não há pressa, e que eu é que tenho de escolher com quem me vou casar. Nunca te importaste com isto, diz a minha mãe, mas agora bem vês o que aconteceu ao Edvin! Aí tens o resultado da tua indiferença. Como começam a discutir entre eles, vou-me embora sem quaisquer remorsos. Um dia, quando chego a casa após visitar os meus pais, deparo com uma notificação de despejo. Como chegou ao meu conhecimento, escreveu, para meu espanto, a Sra. Suhr, que a menina tomou parte em atividades conspiratórias, não mais desejo partilhar o teto da minha casa consigo. Onde terá ela ido buscar estas ideias? Recordo-me, então, da «carta política» que recebi e da recusa em participar nas suas reuniões nazis. Todavia, depressa encontro outro quarto em Amager, não muito longe da morada do meu editor, e desloco-me até lá com a minha mala numa mão e o despertador na outra. Arrendo o quarto a uma família com filhos já adultos. Vou ocupar o quarto de uma filha que se casou e saiu de casa. O quarto é mais airoso e maior do que aquele em que

estava, e só custa mais dez coroas. Está, além disso, equipado com uma salamandra. Telefono de imediato ao Viggo F. Møller para o informar da minha nova morada, e ele diz que fiz bem em ligar-lhe, porque o jornal já saiu e estava prestes a enviar-me um exemplar. Diz-me isto como se de uma banalidade se tratasse, como se eu já tivesse publicado dúzias de poemas e este fosse só mais um. Di-lo num tom simpático, normal, como se no mundo existisse uma profusão de revistas e livros com poemas meus, como se pouco importasse que um só poema se perdesse. Mas ele está, claro, habituado a lidar com pessoas como a Hulda Lütken, gente a quem trata por tu. Sinto uma pontada de ciúmes sempre que penso nela. Será que o Viggo F. Møller também vai revelar peculiaridades minhas a outras pessoas? Será que vai dizer «Ah, a Tove ligou-me há uns dias, e disse isto e aquilo. Ah, ah, ah.» E depois cofiar o bigode e sorrir? Será? No dia seguinte, recebo dois exemplares do *Trigo Selvagem* pelo correio, e o meu poema está em ambos. Leio-o várias vezes e sinto um nó no estômago. Impresso, parece ser completamente diferente do que quando escrito à mão ou datilografado. Já não o posso corrigir, e já não é só meu. Está impresso em centenas ou milhares de exemplares do jornal, e pessoas que desconheço lê-lo-ão e talvez o achem bom. Está espalhado por todo o país, e os transeuntes com quem me cruzo na rua podem tê-lo lido. Podem estar a caminhar, neste momento, com um exemplar do jornal no bolso de dentro do casaco ou na malinha. Posso inclusive apanhar o elétrico e sentar-me à frente de um homem que o esteja a ler. Não aguento não ter com quem partilhar esta sensação fabulosa. Corro até à casa dos meus pais para lhes mostrar o poema. Parece-me bom, diz a minha mãe, mas devias usar um pseudónimo. O teu nome não tem classe. Olha, devias usar o meu apelido de solteira. Sim... Tove Mundus havia de soar muito melhor. O nome dela está bem como está!, diz o meu pai, mas o poema é demasiado moderno. Nem rima bem. Podias aprender imenso com o Johannes Jørgensen. Não me sinto ofendida com a crítica do meu pai, porque a sua intenção foi sempre a de nos proteger de eventuais desilusões. De acordo com a experiência que tem, não devemos esperar nada da vida, e assim evitaremos muitas desilusões. No entanto, pede-me para ficar com o jornal, que manuseia com o mesmo cuidado com que manuseia os seus livros. A caminho de casa entro numa livraria e peço a última edição do *Trigo Selvagem*. Não a têm disponível, mas podem encomendar um exemplar. Não vendemos exemplares avulsos

do jornal, percebe, explica-me o livreiro, são quase todos enviados a assinantes. Que pena, digo, é que ouvi dizer que esta edição tem um poema excelente. Anota o meu nome, para que possa levantar o jornal daí a dois ou três dias. É um jornal muito pequeno, explica ele, eloquente. Acho que tem uma tiragem de apenas quinhentos exemplares. Nem sei como conseguem manter aquilo a funcionar. Insultada, logo saio da livraria. Mas não sou a pessoa que era antes. O meu nome está impresso num jornal. Já não sou anónima. E em breve irei visitar o meu editor, embora ele não tenha reiterado o convite quando lhe telefonei. Tem, claro, muitos afazeres, e não pode dar toda a sua atenção a poetas jovens. Uma semana depois de o jornal sair, sou chamada ao escritório do Sr. Hjelm. Não julgava que fosse possível, mas a verdade é que está com mais trombas do que é habitual, e tem na mesa à sua frente um exemplar da última edição do *Trigo Selvagem* aberto na página onde está impresso o meu poema. Ocorre-me, num fugaz instante de inocência, que me vai elogiar por ser a autora do poema. Comprei este jornal, diz ele, porque achava que tinha alguma coisa que ver com cereais. E qual é o meu espanto quando reparo – golpeia o meu poema com uma régua – que a menina não está, pelos vistos, totalmente concentrada nos seus deveres para com o Instituto Nacional de Cereais! Lamento, mas teremos de dispensar os seus serviços. Fita-me com os seus olhos de besugo e não sei que lhe responder. Sinto-me mal, porque era feliz aqui, mas toda esta situação tem também o seu quê de cómica, e a Kate e a Nina não deixarão de se rir quando lhes contar o que aconteceu. Sim, é uma pena, digo, mas não há nada a fazer. Saio às arrecuas do escritório e digo à Kate que fui despedida. Ri-se quando lhe conto que o Sr. Hjelm julgava que o *Trigo Selvagem* era um jornal de agricultura, e eu também me rio, mas a verdade é que sou uma rapariga pobre que acabou de perder o emprego e que terá agora de se esforçar por encontrar outro trabalho o quanto antes. A Kate diz que devia apresentar queixa ao sindicato, para que me encontrem um emprego novo, o que me parece uma boa ideia. Nessa mesma noite, telefono ao Viggo F. Møller, que me diz que terá todo o prazer em me receber na noite seguinte. Após o telefonema, já não me preocupa tanto ter sido despedida. O meu editor talvez me possa sugerir uma solução melhor do que a ideia da Kate. Tenho tantas despesas hoje em dia que não me posso dar ao luxo de ficar desempregada.

Não gostavas de publicar uma coletânea de poemas?, pergunta o Viggo F. Møller. Di-lo como se não fosse nada de especial, como se me fosse habitual publicar coletâneas de poesia, como se não fosse o meu maior sonho desde que me lembro de ser gente. E respondo, num fio de voz, mas com toda a normalidade, que gostaria, sim, de publicar uma coletânea dos meus poemas. Só nunca tinha pensado nisso... Porém, já que fala nisso, parece-me que seria muito divertido. Espero que ele não se aperceba de como o meu coração está a bater, louco, de alegria e entusiasmo. Bate como se eu estivesse apaixonada, e observo com atenção o homem que me proporciona tanta felicidade. Está sentado do outro lado da mesa, que está posta com uma toalha verde-garrafa. Estamos a beber chá em chávenas verdes. As cortinas são verdes, os jarros e os vasos verdes, e o editor está a envergar, como antes, um fato verde. As prateleiras com livros chegam quase ao teto, e a parede está completamente coberta por quadros. Lembra-me a sala de estar do Sr. Krogh, mas o Viggo F. Møller, por outro lado, não me lembra muito o dito Sr. Krogh. É bem menos misterioso e reservado, e instiga-me a perguntar-lhe tudo aquilo que quiser saber. O Sol está quase a pôr-se e o crepúsculo incipiente que invade a sala cria um ambiente íntimo. Ajudo o meu novo amigo a transportar as chávenas até à cozinha, e ele pergunta-me se quero um copo de vinho. Digo que sim, obrigada, e ele serve o vinho em dois copos verdes, pega no dele e diz: À tua! Depois, pergunto-lhe o que se faz para se publicar uma coletânea de poesia, e ele diz que é preciso enviá-la a uma editora. E que a editora trata do resto, caso esteja interessada em publicar os poemas. É simplíssimo. Devo mostrar-lhe todos os meus poemas, para que ele determine se perfazem um número razoável para uma coletânea – e, claro, para saber se são bons o suficiente.

Não gosto muito do sabor do vinho, mas gosto do efeito que produz em mim. Estou deliciada com os gestos suaves, regulares dos braços do meu editor, com o seu cabelo grisalho e com a sua voz, que envolve e refresca a minha alma como um bálsamo. Gosto dele, mas não sei o que sente por mim. Não me toca nem tenta beijar-me. Talvez me considere demasiado nova para ele. Pergunto-lhe porque é solteiro, responde-me que ninguém o quis. É triste, acrescenta, mas presume que agora é tarde de mais. Diz isto com um sorriso no olhar, e franzo o sobrolho porque ele não me leva a sério. Falo-lhe da minha vida, dos meus pais, do Edvin, de como acabei de perder o emprego por causa do meu poema publicado no *Trigo Selvagem*. Acha imensa piada à história de como fiquei desempregada, e afiança-me que os seus amigos também ficarão encantados quando lhes contar o que me aconteceu. Os amigos dele são famosos, e alguns perguntaram-lhe quem é a desgraçada que escreveu um poema tão lindo sobre o seu filho morto. O que comprova que a minha família não é a única que julga que tudo o que se escreve é verdade. Muita gente desconhece o conceito de ficção... Oh, já agora, diz ele com uma palmada na testa, quase me esquecia: leste a crítica ao jornal que o Valdemar Koppel escreveu num dos últimos *Politiken*? Falou bastante bem do teu poema. Em seguida, mostra-me o recorte de jornal. Diz o seguinte: Um só poema, intitulado «Ao Meu Filho Morto» é justificação bastante para a existência deste pequeno jornal. Oh, digo, extasiada, fico tão contente! Posso ficar com este recorte? Ele dá-mo e depois enche os copos verdes com mais vinho antes de acrescentar: Os jovens ficam sempre impressionados quando veem pela primeira vez o seu nome impresso num jornal. Estou felicíssima por te ter conhecido, digo. É como se não me pudesse acontecer nada de mal quando estou contigo. Na tua companhia nem consigo acreditar que vai haver uma guerra mundial. O Viggo F. Møller adquire, de súbito, uma expressão séria. A situação está negra, diz ele. Talvez te possa ajudar numa coisa ou duas, minha querida, mas não tenho como evitar a guerra mundial. É o vinho que me leva a dizer estas coisas. Todos os adultos se afastam de mim quando começam a pensar na situação política mundial. Comparados com a guerra iminente, os meus poemas e eu não passamos de partículas de pó que a brisa mais ligeira pode arrastar para bem longe. Pois não, digo, mas não vais morrer de repente, e esta casa não vai ser deitada abaixo. Conto-lhe o que aconteceu ao editor Brochmann e ao Sr. Krogh. Conhecia o Brochmann, mas nunca ouviu falar

do Krogh. Tens razão, diz ele num tom sério, quanto a isso podes contar comigo. Mas olha lá, porque não me tratas pelo nome próprio? Brindamos à nossa amizade e ele acende os candeeiros, que têm abajures verdes. Chama-me Viggo F., diz ele. Toda a gente me chama Viggo F. ou então Møller, só a minha família me chama Viggo. Já não tem pais, mas tem um irmão e uma irmã que raramente vê. Os artistas são sempre incompreendidos pela própria família, diz ele. Os artistas só podem contar uns com os outros. Pergunta-me se quero sentar-me ao seu lado no sofá, e eu assim faço. Sento-me tão perto dele que as nossas pernas se tocam, o que, contudo, não lhe parece causar nenhuma impressão. Talvez não seja bonita, ou serei porventura demasiado nova. Diz-me que tem 53 anos, e digo, por simpatia, que parece mais novo. E na verdade até parece ser mais novo, exceto pelo facto de ser gordo. Tem uma pele rosada, pálida, e nenhuma ruga. O meu pai parece-me muito mais velho. Seja como for, estou-me nas tintas para a idade das pessoas. O pai do Viggo F. era gerente de um banco, e o irmão dele também o é. Ele, por seu turno, trabalha para uma companhia de seguros contra incêndios, atividade que pouco ou nada lhe diz – mas há que ganhar a vida, não é? Também é autor de alguns livros, e envergonho-me por não os ter lido. Nem sequer me lembro de me cruzar com o nome dele nas minhas idas à biblioteca. A minha ignorância irrita-me e conto ao meu amigo que devia ter seguido os estudos no liceu, mas que os meus pais não mo permitiram. Não tínhamos possibilidades económicas. Põe-me, com gentileza, um braço em redor da cintura e sinto uma onda de calor percorrer-me o corpo. É isto o amor? Estou tão cansada da minha longa busca pela pessoa certa que só me apetece chorar de alívio agora que a encontrei. Estou tão exausta que não consigo retribuir-lhe as carícias – respeitosas, amáveis – e, apática, deixo que me passe a mão pelo cabelo, pelo rosto. Não passas de uma criança, diz ele, afetuoso, de uma criança que não sabe como enfrentar o mundo dos adultos. Conheci uma pessoa, confesso, que me disse, uma vez, que todas as pessoas se usam umas às outras com algum intuito. Eu quero usar-te para publicar os meus poemas. Sim, diz ele sem deixar de me acariciar o cabelo, mas não tenho tanta influência quanto julgas. Se os editores não gostarem dos teus poemas, não posso fazer nada. Mas podemos tentar, sim, senhora. Posso pelo menos dar-te conselhos e apoiar-te. Quando vou à casa de banho, reparo que está equipada com um chuveiro, pormenor que me extasia. Pergunto ao Viggo F.

se posso tomar um duche, e ele ri-se e diz que sim. Não estou de todo habituada a duchas; de vez em quando, vou aos balneários públicos na Lyrskovgade, mas cobram a entrada, é claro, e nunca lá fui com muita frequência. Agora, contorço-me de satisfação no chuveiro, e penso que, se nos casarmos, poderei tomar um duche todos os dias. Quando saio da casa de banho, o Viggo F. diz: Tens umas belas pernas. Levanta o teu vestido para que as possa ver como deve ser. Não, digo, e coroo de vergonha, porque tenho um buraco numa das meias. Não vale a pena, só são bonitas dos joelhos para baixo, afirmo. Já é meia-noite e tenho de voltar para o meu quatinho miserável. O Viggo F. oferece-se para me pagar um táxi até casa, mas digo que não me custa nada fazer a curta distância a pé. E acrescento: Seja como for, não saberia quanto dar de gorjeta ao chofer. Diz-se motorista ou taxista, é o mais correto, não te esqueças. Chofer é um tanto coloquial, ou mesmo vulgar. Este comentário magoa-me e fico furiosa por ter sido criada no meio de parolos, e a minha ignorância, o meu vocabulário e a minha falta de sofisticação e cultura – termos que me são quase estranhos – irritam-me sobremaneira. Quando nos despedimos, ele beija-me na boca, e recordo todos os seus gestos e todas as palavras que me disse enquanto caminho envolta pela agradável noite estival. Já não estou sozinha.



Conheci muitas celebridades. Vi-as, falei com elas, sentei-me a seu lado, dancei com elas. Comecei a deslocar-me numa dimensão completamente diferente da habitual assim que transpus a porta. Ofuscada por uma luz intensa, refleti os raios cintilantes dos famosos como se fosse um espelho. Refleti as suas imagens, e gostaram do que viram. Lisonjeados, sorriam-me e retribuíram-me a atenção com muitos elogios. Elogiaram-me inclusive o vestido, conquanto seja da Nina e demasiado grande para mim. No entanto, escondi o mais possível os meus sapatos, que estão velhos e gastos e tenho de deitar fora o quanto antes. As celebridades reuniam-se continuamente em redor do vulto verde do Viggo F., que aparecia e desaparecia como algas num lago batido pelo vento. O vulto era arrastado, como se por ondas, de um lado para o outro, e procurei-o repetidas vezes, porque era o meu ponto de proteção e segurança entre todas aquelas personalidades. O Viggo F. apresentou-me aos famosos com um óbvio orgulho, como se me tivesse criado do nada. É a minha colaboradora mais jovem, disse ele aos fotógrafos da comunicação social enquanto sorria e cofiava o bigode. Fotografaram-me juntamente com ele e alguns dos famosos – uma imagem publicada no *Aftenbladet* do dia seguinte. A foto não ficou muito boa, mas o Viggo F. disse que é importante ser-se simpático com a imprensa. E eu fui mais do que simpática. Passei a noite inteira a sorrir a todas as celebridades que quiseram falar comigo; no fim, já me doíam os músculos da cara de tanto os retesar. Doíam-me também os pés de muito dançar e, quando finalmente me fui embora, pareceu-me que tudo aquilo não fora mais do que um sonho. Não me lembrava quem tinha sido eleito *Grã-Trigo* e *Grã-Biscoito*, mas um jovem com quem dancei disse-me que, mais cedo ou mais tarde, todos eram eleitos. Um dia, também eu seria o *Grã-Trigo*, para isso

bastava escrever muito para o jornal, fosse o material bom ou não. Esse jovem propôs-me também que o acompanhasse ao cinema uma noite destas, mas rejeitei de imediato, e com frieza, o convite. Tenho planos muito diferentes para o meu futuro. O sindicato arranjou-me um trabalho temporário e ganho agora dez coroas por dia. Nunca tive tanto dinheiro em mãos. Já acabei de pagar a conta do dentista e comprei um fato cinzento-claro com um casaco comprido, porque o meu antigo fato castanho já estava fora de moda. Já não passo muito tempo com a Nina, porque agora já não tenho interesse nenhum em conhecer um jovem que queira casar comigo. Depois de o Viggo F. ter lido os meus poemas e selecionado alguns deles, enviei-os à editora Gyldendal, e agora aguardo uma resposta. Se não os quiserem, envia-os a outra editora; é simples, afiança-me o Viggo F. Não faltam editoras por aí. Mas tenho a certeza de que os querem publicar, porque o Viggo F. diz que são bons. Ele conhece a diretora, que se chama Ingeborg Andersen e se veste como um homem. Mas não é ela que decide se os publicam ou não, diz o Viggo F.; quem decide são os consultores. Os tais consultores chamam-se Paul la Cour e Aase Hansen – não conheço nenhum dos dois. De facto, não conheço nenhuma das celebridades que ele me menciona ou apresenta, porque raramente leio os jornais e só li autores que morreram há muito. Nunca me tinha apercebido de que era tão estúpida e ignorante. O Viggo F. diz que vai garantir que terei uma boa educação, e empresta-me *A Revolução Francesa*, de Carlyle. Parece-me uma obra interessante, mas preferiria começar por estudar o presente. Uma noite, quando estou em casa do Viggo F., tocam a campainha e ouço a voz meiga de uma mulher no vestíbulo. O Viggo F. entra na sala acompanhado por uma mulher baixa e morena, anafada e jovial que me dá um aperto de mão como se me quisesse arrancar e diz: Sou a Hulda Lükten. Prazer em conhecê-la... Hmm, até que enfim que a vejo em carne e osso... assim já sei como se parece. Têm-na elogiado tanto que não há quem aguente, irra! Depois, senta-se e conversa apenas com o Viggo F., que acaba por me pedir para ir embora, porque tem de falar de um assunto com a Hulda. Mais tarde, explica-me o que já insinuou noutra ocasião: que a Hulda Lütken não suporta as outras poetisas. Enquanto aguardo uma resposta da Gyldendal, visito por vezes os meus pais. O meu pai diz que seria engraçado, é claro, que eu tivesse uma coletânea de poesia publicada, mas adverte-me para o facto de não se conseguir ganhar a vida como poeta. Mas ela não vai ter de

ganhar a vida, retorque a minha mãe, ansiosa por discutir com ele. O tal Viggo F. Møller pode muito bem sustentá-la. Menciono-lhes o chuveiro que ele tem em casa, e a minha mãe imagina-se a tomar lá um duche. Menciono-lhes também o vinho que me serve em copos verdes, e ela imagina-se a beber deles. Recortaram a fotografia que saiu no *Aftenbladet* e puseram-na na moldura do retrato da mulher do marinheiro. Está boa, diz a minha mãe. Dá para ver que arranjaste os dentes. Afirma com orgulho: O médico diz que tenho tensão alta. Tenho também as artérias meio entupidas e mau fígado. Consulta agora outro médico, porque o antigo não valia nada. Independentemente do que alguém se queixasse, ele dizia sempre que sofria do mesmo problema. O novo médico concorda com todas as suspeitas da minha mãe, e ela admira-o imenso. Preocupa-se muito com a sua saúde desde que a tia Rosalia morreu e o Edvin e eu saímos de casa, embora antes nunca se importasse com isso. Ela está a passar pela grande mudança de vida, disse o médico, e as pessoas à sua volta têm de lhe mostrar compaixão e dar carinho. Foi o que contou ao meu pai, que já não ousa deitar-se no sofá, hábito que sempre a irritou. Lê sentado, e por vezes adormece com um livro na mão. As minhas visitas são sempre breves, porque me cansa ouvir a minha mãe enumerar os sinais de alarme que as suas vísceras lhe transmitem. No entanto, ela faz-me muita pena, porque nunca teve muito neste mundo e perdeu esse pouco que teve. Um dia, quando chego a casa do trabalho, encontro um grande envelope amarelo na mesa do meu quarto. Os joelhos fraquejam-me de desilusão, porque sei o que tem dentro. Depois, abro-o. Devolveram o meu livro e anexaram-lhe uma carta com algumas frases de desculpa, com as quais me esclarecem que só publicam cinco livros de poesia por ano, e que já selecionaram as obras deste período. Mostro a carta ao Viggo F. Bem, diz ele, já era de esperar. Vamos tentar a editora Reitzel. Não te deixes ir abaixo por uma coisa destas. Confia em ti, ou nunca vais conseguir que os outros acreditem no teu valor. Enviamos os poemas à editora Reitzel, que no-los devolve um mês depois. Começo a entusiasmar-me com esta caça à editora, porque sei que os meus poemas são bons. O Viggo F. diz que quase todos os escritores de renome enfrentaram rejeições e contratempos, e que normalmente é mau sinal quando tudo corre na perfeição à primeira tentativa. Por fim, os poemas já rodaram por quase todas as editoras e começa a ser-me difícil manter a coragem. O Viggo F. diz então que é um problema económico. As editoras quase não ganham

nada com poesia, e é por isso que se mostram tão relutantes em publicá-la. Mas o *Trigo Selvagem* tem um fundo de quinhentas coroas para casos como o meu. Assim, é sua intenção oferecer o dinheiro do fundo a uma editora, para que publiquem os meus poemas. Vai abordar o assunto com o seu amigo Rasmus Naver. O Sr. Naver aceita publicar os meus poemas na sua editora, e eu fico contente. Vem a casa do Viggo F. para que conversem sobre a publicação. É um senhor amável com cabelo grisalho e sotaque da Fíónia, e eu sorrio-lhe com simpatia o tempo todo, para que não se arrependa de me publicar por algo em mim não lhe agradar. Diz que o Arne Ungermann talvez aceite ilustrar a capa sem cobrar nada, e gosta do título: *Alma de Menina*. Eu também gosto do título. Por fim, as coisas resolvem-se, e não sei como agradecer ao Viggo F. Dou-lhe um beijo e despenteio-lhe os caracóis, mas tem andado muito distraído. É como se quisesse, de facto, ajudar-me, mas algo mais importante o preocupasse de momento. Uma noite, menciona-me os campos de concentração na Alemanha, e diz que em breve toda a Europa será um grande campo de concentração. Mostra-me também um jornal onde escreveu um artigo contra o nazismo, e diz que correrá perigo se os alemães invadirem a Dinamarca. Penso na minha coletânea de poemas que será publicada em outubro, e tenho a estranha sensação de que nunca chegará a ser editada se a guerra rebentar. Se entrarem na Polónia, afirma o Viggo F., os ingleses não vão ficar parados. Digo que, no fim de contas, já viraram a cara a muitas coisas – porque não a mais uma? Falo-lhe do tempo que vivi em casa da Sra. Suhr. Conto-lhe que, sempre que ouvia Hitler discursar do outro lado da parede a um sábado, os alemães invadiam um país inocente no domingo seguinte. O Viggo F. diz que não entende porque é que não saí daquela casa mais cedo, e penso para comigo que ele não faz ideia de como é ser pobre. Mas não digo nada. O Arne Ungermann visita-nos uma noite e mostra-me a ilustração para a capa: trata-se da imagem de uma jovem com a cabeça curvada, e é um desenho muito bonito. A rapariga é casta, a ilustração não tem nada de sensual. Ele e o Viggo F. conversam sobre a situação do mundo e parecem muito preocupados. Agora estou quase sempre em casa do Viggo F., e a minha mãe acha que mais vale mudar-me de vez. Quando pensas casar-te com ele?, pergunta ela, impaciente.

O Edvin separou-se da mulher e agora está a morar com os meus pais. Dorme no meu antigo quarto, atrás da cortina de algodão, e a minha mãe está contentíssima, embora ele faça tenção de se mudar assim que encontrar um quarto. A minha mãe diz que percebe perfeitamente porque é que ele deixou a Grete, uma vez que ela só pensava em roupa e tinha caca na cabeça, e a verdade é que nenhum homem atura tanta parvoíce. Contudo, o meu irmão não suporta que falem mal da Grete. Diz que o erro foi dele. Afinal, ela não tinha culpa de ele não a amar. Foi também por isso que a deixou ficar com o apartamento. Também vai ficar com a mobília, que o Edvin ainda está a pagar a prestações. Com o meu irmão lá, dá-me mais gozo visitar os meus pais. Conversamos sobre a minha coletânea de poemas, e o Edvin não consegue entender porque é que não recebo nada enquanto autora. É uma obra, deu-te trabalho, diz ele, mete-me nojo que não te paguem nada. Falamos também sobre a tosse dele e as novas doenças da nossa mãe. Falamos sobre o meu trabalho num escritório de advocacia no Shellhuset, onde testemunho muitos conflitos e me apercebo de que as relações entre as pessoas são, em geral, tensas. E falamos imenso sobre o Viggo F. Møller e o mundo cujas portas ele me abriu. A minha família obriga-me a descrever ao pormenor o apartamento do Viggo F.: como a mobília está disposta, quantos quartos e salas tem, que livros estão expostos nas estantes. Digo ao meu pai que o Viggo F. também escreve livros, e ele diz que tem ideia de ter lido um deles outrora, mas que não o achou nada de especial. O meu pai pergunta também: Esse tipo não é velho de mais para ti? A minha mãe indigna-se com esta pergunta e afirma que a idade não importa nada, e que nunca lhe fez diferença o facto de o meu pai ser dez anos mais velho do que ela. Afiança que o mais importante é que ele tenha

possibilidades de me sustentar, para que eu possa deixar de trabalhar. Todos falam como se ele já me tivesse proposto casamento e, quando lhes garanto que nem sequer sei se ele me quer como esposa, afastam as minhas dúvidas como se não passassem de insignificâncias. Claro que se quer casar contigo, diz a minha mãe. Por que outro motivo havia de te ajudar tanto? Reflito e chego à mesma conclusão. A única coisa que tenho de diferente é escrever poesia; de resto, tenho muito de vulgar. Tal como todas as outras raparigas da minha idade, quero casar-me e ter filhos. Os sonhos de uma jovem que pretende viver a sua vida de modo independente têm o seu quê de doloroso e frágil. Não se veem luzes ao fundo desse túnel. E estou desejosa de ser dona e senhora do meu tempo, ao invés de ter continuamente de o vender. A minha mãe pergunta-me o que o Viggo F. faz na companhia de seguros de incêndio, e acha estranho que eu não faça ideia. É só um trabalhador de colarinho branco, diz o meu pai, aborrecido, que origina uma torrente de palavras de indignação da minha mãe e do Edvin. Se eu fosse um trabalhador de colarinho branco, como lhes chamas, diz um Edvin furioso, nunca teria apanhado a porcaria desta tosse. Pelo menos não corre o risco, diz a minha mãe em apoio ao Edvin, de ficar desempregado a qualquer momento e de andar por aí a passear com um livrinho na mão enquanto as pessoas decentes vão trabalhar. Apalpa-me o pescoço, diz-me ela de repente, parece que tenho aqui um nó. Tenho de o mostrar ao médico. Vamos contratar uma cozinheira para a boda, porque ele está habituado a comer tudo do bom e do melhor, claro. Sopa, carne assada, sobremesa: lembro-me bem de como era nos sítios onde trabalhei. Não o podes convidar a vir cá a casa um dia destes? Não sei porque nunca o convidaste. A minha família é só minha. Conheço-os a todos, estou habituada aos seus modos. Não me agrada a ideia de os expor a alguém de uma classe social mais elevada. O Viggo F. até já me perguntou se podia conhecer os meus pais. Diz que teria muito gosto em conhecer as pessoas que geraram uma pessoa tão invulgar quanto eu. Porém, penso que isso pode esperar até depois de nos casarmos. O meu pai e o Edvin também falam sobre a guerra mundial iminente. A minha mãe aborrece-se e eu fico de mau humor. De súbito, torna-se realidade. A Inglaterra declarou guerra à Alemanha, e eu e milhares de pessoas seguimos em silêncio os títulos que surgem nos placares luminosos no prédio do *Politiken*. Estou ao lado do meu irmão e do meu pai, e não sei onde está o Viggo F. neste momento fatídico. Quando

regressamos a casa, sinto um estranho peso no estômago, como se estivesse esfomeada. E agora, será que a minha coletânea vai mesmo sair? O nosso dia a dia continuará a ser tal qual foi até agora? O Viggo F. vai casar-se comigo enquanto o mundo inteiro arde? A sombra sinistra de Hitler cobrirá a Dinamarca de trevas? Ao invés de os acompanhar a casa, apanho um elétrico para visitar o meu amigo. Deparo com muitas celebridades em casa do Viggo F., e ele parece nem reparar em mim. Bebem vinho pelos copos verdes enquanto conversam, muito seriamente, sobre a guerra. O Ungermann pergunta-me o que acho da sua ilustração, e agradeço-lhe o esmero com que desenhou uma capa tão bonita. Então, no fim de contas, o livro deve mesmo ser publicado. Vou para casa sem ter chegado a falar com o Viggo F., e nessa noite tenho pesadelos com a guerra mundial e o *Alma de Menina*, como se existisse de facto uma ligação funesta entre ambos. Mas logo no dia seguinte se torna claro que a vida prosseguirá como se nada tivesse acontecido. No escritório acumulam-se os casos de divórcios, as disputas de limites de terrenos e outros conflitos. Pessoas exaltadas dão murros no balcão da receção e pedem para falar com o advogado, que raras vezes está no gabinete, e obrigam-me a ouvir os casos especiais e importantíssimos que as levam até lá, e ninguém se parece lembrar de que uma guerra mundial eclodiu ainda ontem. A minha senhoria diz que o preço do quilo da carne de porco aumentou 50 centavos, e a Nina passa por minha casa para me dizer que conheceu um jovem maravilhoso, e que está a pensar de novo em deixar O Arbusto. Nada mudou e, quando visito o Viggo F., encontro-o outra vez de bom humor e a irradiar calma e reconforto em grandes ondas quentes. O teu livro sai daqui a três semanas, diz ele. Não tarda vais ter de ler as provas, mas não te podes desiludir. Quando se lê as provas, acha-se sempre que nunca está bom o suficiente. É assim com toda a gente. O Viggo F. não tem o mínimo interesse por pessoas comuns. Só gosta de artistas, e só convive com eles. Tento ocultar-lhe todas as minhas facetas mais vulgares. Não lhe digo que gosto do vestido novo que comprei. Também não lhe digo que uso batom e *rouge*, e que gosto de me ver ao espelho e rodar o pescoço até quase o deslocar para me contemplar de perfil. Escondo-lhe tudo o que lhe possa parecer um entrave a casar-se comigo. Ele tinha razão no que concerne às provas do meu livro. Quando as recebo, sinto que já não gosto dos meus poemas, e parece-me que poderia ter alterado muitas palavras e expressões. Mas faço poucas correções,

porque o Viggo F. diz que a impressão encarecerá muito se proceder a correções extensas. Nas vésperas do lançamento do livro, só saio do meu quarto para ir ao escritório trabalhar. Quero estar em casa quando o carteiro entregar os meus livros. Uma tarde, chego a casa e deparo com uma embalagem grande na minha mesa; abro-a com mãos trémulas. É o meu livro! Pego num exemplar e sinto uma felicidade séria, quase solene – algo que jamais havia sentido. Tove Ditlevsen. *Alma de Menina*. Já não há como voltar atrás nem é possível roubar-mo. Não há como erradicar a sua existência. O livro existirá para sempre, pois não está dependente do meu próprio destino. Abro um dos livros e leio alguns versos. Parecem-me estranhamente distantes, alheios, agora que os vejo impressos. Abro outro livro, porque não consigo acreditar que diz a mesma coisa em todos eles. Mas diz, sim. Talvez se venha a encontrar o meu livro em bibliotecas. Uma criança com uma paixão secreta por poesia poderá porventura, um dia, encontrá-lo numa biblioteca, ler os poemas, e da leitura retirar algo que as pessoas em seu redor não compreendem ou são incapazes de sentir. E essa criança invulgar não me conhece, de todo. Não lhe ocorrerá que sou uma jovem ainda viva, que trabalha, come e dorme como as outras pessoas. Porque a mim nunca tal me passou pela cabeça quando, em criança, lia livros. Raramente me lembrava sequer dos nomes dos autores. O meu livro estará disponível nas bibliotecas e talvez surja nas montras das livrarias. Imprimiram-se quinhentos exemplares, dos quais me deram dez. Quatrocentas e noventa pessoas comprá-lo-ão e lê-lo-ão. As suas famílias quiçá também o leiam, e talvez o emprestem a amigos, como o Sr. Krogh fazia com a sua coleção. Vou esperar até amanhã para mostrar o livro ao Viggo F. Esta noite, quero ficar a sós com ele, porque ninguém compreenderá de verdade o que ele significa para mim. É um milagre.



# RELACIONES TÓXICAS



# Primeira Parte

Na sala de estar, tudo é verde — o tapete, as paredes, as cortinas —, uma cor que me envolve continuamente como se fizesse parte de uma pintura. Acordo todos os dias por volta das cinco da manhã e sento-me na borda da cama para escrever. Encolho os dedos dos pés, porque faz bastante frio. Estamos em meados de maio e já desligaram o aquecimento central. Durmo sozinha na sala de estar, porque o Viggo F. viveu tantos anos sozinho que agora não consegue, por mais que tente, habituar-se de súbito a dormir com outra pessoa. Compreendo a situação, e por mim não há problema, porque assim tenho as primeiras horas da manhã só para mim. Estou a escrever o meu primeiro romance, e o Viggo F. não sabe de nada. Sem que saiba ao certo porquê, sinto que, caso descobrisse que o estou a escrever, não se coibiria de o corrigir e de me dar conselhos, tal qual faz com todos os outros jovens autores que escrevem para o *Trigo Selvagem*, o que decerto traria o fluxo de frases que me passam pelo cérebro ao longo de todo o dia. Escrevo à mão em papel barato, amarelado, porque acordaria o Viggo F. se usasse a sua máquina de escrever, que além de barulhenta é tão velha que devia estar em exposição no Museu Nacional. Dorme no quarto voltado para o pátio, e só o acordo às oito. A essa hora, levanta-se com a sua camisa de dormir branca com bainha vermelha e, com cara de poucos amigos, tranca-se na casa de banho. Enquanto isso, faço café para os dois e barro manteiga em quatro fatias de pão. Besunto duas delas com muita manteiga, porque ele adora tudo o que engorda. Faço tudo o que posso para lhe agradar, porque lhe sou imensamente grata por se ter casado comigo. Embora saiba que algo ainda não está bem, esforço-me por evitar o assunto. Por algum motivo insondável, o Viggo F. nunca me abraçou, o que me incomoda um pouco, como se tivesse uma pedrinha no sapato. Incomoda-

me um pouco, porque me leva a acreditar que tenho algo de errado, e que de algum modo não correspondo às suas expectativas. Quando nos sentamos frente a frente ao pequeno-almoço, ele lê o jornal e não lhe posso dirigir a palavra. É então que a coragem me abandona, qual areia caindo numa ampulheta, e não sei porque me sinto tão desalentada. Observo-lhe o queixo duplo, que vibra debilmente sobre a borda do colarinho. Contemplo também as suas mãos, pequenas e delicadas, com que executa gestos breves e nervosos, e o seu cabelo forte e grisalho, que mais parece uma peruca, porque o seu rosto vermelhusco e desprovido de rugas assentaria melhor a um careca. Quando, por fim, conversamos, falamos apenas de trivialidades: o que ele quer comer ao jantar, ou como devíamos tapar um buraco na cortina quebra-luz, etc. Fico contente sempre que encontra uma notícia animadora no jornal, como no dia em que noticiaram que as pessoas já podiam comprar de novo álcool, após a sua venda ter sido proibida durante uma semana pelas forças de ocupação. Sinto-me feliz quando me sorri com o seu único dente, me dá uma palmadinha na mão, se despede e sai de casa. Não quer comprar uma dentadura, porque, segundo ele, os homens na sua família morrem aos 56 anos, e, como só lhe restam três anos de vida, escusa de entrar em despesas. Não há como negar que é forreta, um pormenor que não se coaduna com a grande fé que a minha mãe tinha na capacidade que ele teria de me sustentar. Nunca me ofereceu uma peça de roupa, e, quando saímos à noite para visitar alguma celebridade, ele apanha o elétrico e eu sou obrigada a acompanhá-lo de bicicleta, e por vezes tenho de acelerar para que lhe possa acenar quando lhe dá na gana. Tenho de anotar todas as despesas de mercearia, e, quando as analisa, acha sempre que está tudo demasiado caro. Quando as contas não batem certo, acrescento à lista uma entrada com «diversos», mas, como isso o deixa furo, tento não me esquecer de anotar todas as compras. Também me massacra por termos uma empregada da parte da manhã, porque, no fim de contas, estou em casa e não faço nada. Mas não sei cozinhar nem arrumar nem limpar a casa, portanto, não tem escolha e resta-lhe apenas aceitar a realidade. Alegro-me sobremaneira vê-lo atalhar pelo relvado para apanhar o elétrico, que para mesmo em frente à esquadra. Aceno-lhe da janela e, quando me afasto, esqueço-me por completo que ele existe até à hora a que chega a casa. Tomo um duche, vejo-me ao espelho, e penso para comigo que tenho apenas vinte anos, e que levo uma vida que mais se assemelha à de uma

mulher casada há décadas. É como se para lá destas divisões verdes a vida das outras pessoas transcorresse com toda a celeridade, tal qual ao som do rufar de um tambor ou bombo. Enquanto isso, tenho somente vinte anos, e os dias caem sobre mim, sem que neles repare, como pó, e todos eles indistinguíveis.

Depois de me vestir, dou à Sra. Jensen as ordens sobre o almoço e faço uma lista de compras. A Sra. Jensen é uma mulher taciturna e tímida que se sente um tanto insultada por, ao contrário daquilo a que estava habituada, já não estar sozinha em casa. Que parvoíce um homem da idade dele casar-se com uma rapariga tão nova, resmunga ela. Não o diz alto o suficiente a ponto de me obrigar a responder, e tanto me faz o que acha ou deixa de achar. Penso sem cessar no meu romance, cujo título já determinei, embora não tenha a certeza absoluta do que irá tratar. Dedico-me tão-só a escrever, e talvez seja bom, talvez não. O mais importante é que me sinto feliz quando escrevo, como sempre senti. Sinto-me feliz e esqueço tudo o que me rodeia, até por fim pôr a minha mala castanha a tiracolo para ir às compras. Nessa altura, apodera-se de mim, uma vez mais, a melancolia difusa da manhã, porque vejo nas ruas casais de namorados que caminham de mão dada enquanto se olham nos olhos com paixão. Tudo isto me é quase insuportável. Apercebo-me de que nunca estive apaixonada, excetuando um breve episódio dois anos atrás, quando saí do bar Olympia acompanhada do Kurt, que no dia seguinte partiu para Espanha a fim de aí lutar na guerra civil. Já pode ter morrido, ou haver porventura regressado e conhecido outra rapariga. Talvez não me fosse, de facto, necessário casar com o Viggo F. para progredir na vida. Talvez só me tenha casado com ele porque a minha mãe estava tão ansiosa por me ver casar. Espeto um dedo na carne para ver se é tenra. Foi a minha mãe que me ensinou este truque. E escrevo no meu bloco de notas o preço da carne, ou esquecer-me-ia quanto me custou antes de chegar a casa. Assim que acabo de fazer as compras e a Sra. Jensen se vai embora, esqueço todas estas banalidades e concentro-me no meu romance. Bato com força e sem cessar nas teclas da máquina de escrever, porque agora já não incomodo ninguém.

A minha mãe visita-me amiúde, e por vezes comportamo-nos como duas patetas. Dois ou três dias depois do meu casamento, abriu o armário e inspecionou as roupas do Viggo F. Chama-lhe «Viggomand», porque, tal como às outras pessoas, lhe custa tratá-lo pelo nome próprio. De resto, eu

também não, porque o nome *Viggo* tem algo de infantil quando aplicado a um adulto. Analisou todas as roupas verdes do meu marido à luz do Sol e encontrou um conjunto tão comido pelas traças que não acreditou que ele ainda o pudesse usar. A Sra. Brun podia aproveitar o tecido para me fazer um vestido, concluiu ela. Nunca me valeu de nada contrariar a minha mãe depois de ela tomar uma decisão deste género, por isso, não ofereci qualquer resistência e permiti que levasse as roupas com a esperança de que o Viggo F. não lhes desse pela falta. Visitámos os meus pais algum tempo depois. Não o fazemos com frequência, porque o modo como o Viggo F. lhes fala irrita-me imenso. Fala alto e devagar, como se dirigisse a palavra a crianças com problemas cognitivos, e procura assuntos que a seu ver poderão ser do interesse deles. Durante a visita, ele deu-me, de repente, uma cotovelada discreta. Que coincidência, disse ele enquanto enrolava a ponta do bigode entre o polegar e o indicador. Reparaste como o tecido do vestido da tua mãe é tal e qual um conjunto que tenho pendurado no meu armário? A minha mãe e eu corremos até à cozinha e rimo-nos a bom rir.

Tenho-me sentido muito próxima da minha mãe, e já não lhe guardo rancor. É dois anos mais nova do que o genro e, quando conversam, falam apenas de como eu era em criança. Não me reconheço, de todo, nas recordações da minha mãe – é como se falassem de outra criança que não eu. Quando a minha mãe me visita, escondo o meu romance na gaveta com chave que tenho ao meu dispor na secretária do Viggo F. Faço café e bebemo-lo enquanto conversamos. Falamos sobre o meu pai, que felizmente arranjou um emprego fixo na fábrica de Ørsted, sobre a tosse do Edvin, e acerca dos sintomas preocupantes que se manifestam nas vísceras e nos demais órgãos internos da minha mãe, e que a atormentam desde a morte da tia Rosalia. Creio que a minha mãe é ainda bonita e enérgica, que o seu espírito jovem não a abandonou. É baixa e delicada e, tal como o Viggo F., quase não tem uma ruga no rosto. Usa permanente e tem um cabelo tão forte quanto o de uma boneca. Senta-se sempre na borda da cadeira, de costas direitas e sem nunca largar as alças da mala. Senta-se como a tia Rosalia se sentava quando só «podia ficar um bocadinho» e, no entanto, só se ia embora muitas horas depois. A minha mãe vai-se embora antes de o Viggo F. regressar da companhia de seguros de incêndio, porque costuma chegar mal-humorado e não gosta de encontrar visitas em casa. Odeia

trabalhar na seguradora e os colegas de profissão. Creio que, no fundo, tem algo contra toda a gente, a menos que se trate de artistas.

Depois de jantarmos e de revermos as despesas do dia, costuma perguntar-me em que ponto da leitura de *A Revolução Francesa* me encontro, um livro que deve supostamente fazer parte da minha formação básica, por isso, faço questão de ler sempre algumas páginas durante a tarde. Levanto a mesa e ele deita-se a descansar no divã. Olho para o globo azul defronte da esquadra, que ilumina o pátio deserto com uma luz vidrada. Em seguida, desço as cortinas, sento-me e leio o livro de Carlyle até o Viggo F. acordar e me pedir para fazer café. Enquanto o tomamos, e se não tivermos de sair para visitar alguma celebridade, instala-se entre nós um silêncio confrangedor. É como se tivéssemos dito um ao outro tudo o que tínhamos a dizer antes de nos casarmos, como se houvéssemos gastado todas as palavras que nos deveriam ter bastado para os próximos vinte e cinco anos – porque não acredito, de todo, que ele morra daqui a três anos. Um só pensamento me ocupa a mente: o meu romance. Como não posso mencioná-lo, não sei de que falar. Há um mês, pouco depois do início da ocupação, o Viggo F. entrou em pânico, porque achava que os alemães o iriam prender, já que escrevera um artigo sobre os campos de concentração para o *Socialdemokraten*. Por conseguinte, falámos sobre o que poderia acontecer. Nessa noite, os seus amigos – também eles assustados e arrependidos – passaram por nossa casa. Todavia, agora todos parecem ter esquecido o perigo e vivem na maioria dos casos como se nada tivesse acontecido. Não há dia em que não receie que me pergunte se já acabei de ler o manuscrito do seu novo romance, que pretende enviar em breve à Gyldendal. Está pousado na secretária dele, e tentei lê-lo, mas é tão aborrecido e palavroso e está tão repleto de frases emaranhadas e incorretas que não acredito que alguma vez consiga terminar a leitura. O facto de não gostar dos livros dele contribui também para criar um ambiente tenso entre nós. Nunca lhe disse claramente que não gosto do que escreve, mas a verdade é que também nunca lhe elogiei os livros. Comentei apenas que não sou grande entendida em literatura.

Conquanto os serões que passamos sozinhos em casa sejam tristes e monótonos, prefiro-os às noites com os artistas famosos. Quando na presença deles, vejo-me toldada pela timidez e por um certo deslocamento social, e é como se tivesse a boca cheia de serradura, porque me é

impossível gizar respostas inteligentes aos seus comentários joviais. Falam sobre as suas pinturas, as suas exposições ou os seus livros, e leem em voz alta poemas que acabaram de escrever. Para mim, escrever tem ainda o carácter que tinha na minha infância: é uma atividade secreta, proibida e vergonhosa, algo que se faz escondido num canto quando ninguém está a ver. Perguntam-me o que estou a escrever de momento, e eu respondo: Nada. O Viggo F. vem em meu auxílio. Agora tem estado a ler, diz ele. Há que ler muito para se escrever prosa como deve ser, e é isso que ela vai escrever em seguida. Fala sobre mim quase como se eu não estivesse presente, e sinto um enorme alívio quando enfim nos levantamos para nos irmos embora. Quando convive com gente famosa, o Viggo F. transforma-se numa pessoa completamente diferente – torna-se alegre, confiante, engraçado, tal qual era comigo ao início.

Num serão em casa do ilustrador Arne Ungermann, mencionaram a intenção de reunir todos os jovens que tiveram o seu trabalho publicado no *Trigo Selvagem*, já que estarão, com toda a probabilidade, muito sós e espalhados por toda a cidade. Decerto gostariam de se conhecer uns aos outros. A Tove podia ser a presidente da associação, diz o Viggo F., que me sorri com carinho. A ideia deixa-me contente, porque só convivo com jovens quando ousam apresentar-nos o seu trabalho, e mal se atrevem a olhar para mim, porque estou casada com um homem importante. A felicidade solta-me a língua e digo que se poderia chamar «Clube dos Jovens Artistas», e a sugestão é largamente aplaudida.

No dia seguinte, consulto as moradas no caderno do Viggo F., e redigo uma carta muito formal composta por algumas frases, com a qual sugiro um encontro em nossa casa numa noite específica num futuro próximo. Depois, ponho todas as cartas no marco de correio junto à esquadra, e imagino o quão contentes ficarão quando as receberem, porque os imagino como jovens pobres e solitários, como eu era há não muito tempo, encafuados em quartos gélidos arrendados algures nos bairros de Copenhaga. Ocorre-me que, no fim de contas, o Viggo F. me conhece bastante bem. Sabe que estou saturada de me ver sempre rodeada de velhotes. Sabe que me sinto amiúde sufocada pela vida nas suas divisões verdes, e que não posso passar toda a juventude a estudar a Revolução Francesa.



O Clube dos Jovens Artistas tornou-se uma realidade, e a minha vida readquiriu cor e substância. Reunimo-nos todas as noites de quinta-feira numa sala no edifício da Liga Feminina, que estamos autorizados a usar, desde que cada um de nós compre um café. Somos cerca de uma dúzia, e cada café – sem direito a bolo – custa uma coroa. Quem não tem possibilidades de o pagar pede dinheiro emprestado a quem tem. As reuniões começam invariavelmente com uma palestra de um artista mais velho e afamado que assim faz um favor ao Viggo F. Nunca ouço uma só palavra da palestra, porque fico demasiado preocupada; assim que o orador acaba de falar, tenho de me levantar e de lhe agradecer a intervenção. Digo sempre a mesma coisa: Agradeço-lhe imenso esta palestra fantástica. Foi muito gentil de sua parte ter acedido ao nosso convite. Por norma, e para nosso grande alívio, o artista afamado rejeita o nosso convite para nos fazer companhia e tomar um café connosco. Quando se vai embora, entretemo-nos com conversas animadas sobre tudo e qualquer assunto, mas raras vezes mencionamos a pessoa responsável por nos reunirmos. No máximo, um deles pergunta-me algo do género: Não sabes, por acaso, se o Møller gostou dos dois poemas que lhe enviei recentemente? Todos o tratam por Møller, referindo-se-lhe com respeito ou quase veneração. Graças a ele, não são completos desconhecidos. Graças a ele, e se tiverem sorte, veem de vez em quando o seu nome numa recensão no *Trigo Selvagem*, que sempre gozou da atenção da imprensa. Há apenas três mulheres no nosso clube de jovens: a Sonja Hauberg, a Ester Nagel e eu. Elas as duas são bonitas e têm um porte sério, cabelo escuro e olhos escuros. Provêm ambas de famílias abastadas. A Sonja estudou literatura, a Ester trabalha numa farmácia. Temos todos cerca de vinte anos, exceto o Piet Hein, que é o único membro

do clube que parece não respeitar o Viggo F. por aí além. O Piet Hein troça de mim por ter de estar de volta a casa às onze horas, e por nunca o poder acompanhar à Vinícola Húngara. A verdade é que chego sempre a horas a casa, porque o Viggo F. fica acordado à minha espera, ansioso por saber como correu a reunião. Aguarda a minha chegada com um café e um copo de água, e nessa altura vejo-o como os meus novos amigos o veem. Isto, por seu turno, leva-me normalmente a sentir um forte desejo de lhe mostrar o romance que estou a escrever, mas nunca ganho coragem para o fazer. O Piet Hein tem uma cara redonda como uma tarte e uma língua bem afiada que me amedronta um pouco. Quando me acompanha, a pé, até casa no fim das nossas reuniões noturnas e caminhamos pelas ruas da cidade apenas iluminada pelo luar, para junto ao canal ou à frente da Bolsa, que tem um telhado brilhante de cobre verde, abre-me as mãos como se abrisse um livro, e dá-me um beijo demorado e intenso. Pergunta-me porque me casei com aquele troglodita, sendo eu tão bonita que poderia ter quem quisesse. Evito ao máximo a pergunta, porque não gosto que zombem do Viggo F. De resto, creio que o Piet Hein não faz ideia do que é ser pobre e qual a sensação de se dedicar quase todos os instantes da vida à mera sobrevivência. Tenho muito mais simpatia pelo Halfdan Rasmussen, que é baixo, magricela, se veste mal e vive de apoios sociais. Ele e eu tivemos o mesmo género de infância e falamos a mesma língua. Mas o Halfdan está apaixonado pela Ester, o Morten Nielsen pela Sonja, e o Piet Hein por mim. Precisámos apenas de algumas reuniões para chegarmos a esta conclusão. Não tenho a certeza de estar apaixonada pelo Piet Hein. Excita-me quando me beija, mas também me confunde quando diz que quer que eu faça milhentas coisas em simultâneo, como, por exemplo, casar com ele, ter filhos, e travar conhecimento com uma amiga dele, porque acha que preciso de uma amiga. O Piet chama-me Pombinha quando me abraça.

Uma noite, traz a tal amiga dele à reunião do clube. Chama-se Nadja, e está claramente apaixonada por ele. É mais alta do que eu, magra, tem uma postura um tanto curvada e uma expressão facial irregular, apática, como se vivesse demasiado para as outras pessoas e lhe restasse pouco tempo para ela mesma. Gosto genuinamente dela. Trabalha num horto e mora com o pai, que é russo e está divorciado. Ela convida-me a ir a sua casa e eu faço-lhe uma visita depois de a mencionar ao Viggo F. O apartamento é grande e espaçoso, e a Nadja conta-me histórias sobre o Piet Hein enquanto tomamos

chá. Ela diz que ele gosta de ter duas namoradas ao mesmo tempo. Quando o conheceu, o Piet Hein era casado, e ele certificou-se de que ela fazia amizade com a mulher dele antes de a abandonar. Mas já não são amigas. É só uma fixação que ele tem, diz com toda a calma a Nadja. Faz-me perguntas sobre a minha vida e sugere que me divorcie do Viggo F., uma hipótese que, de resto, me acabou de passar pela cabeça. Falo-lhe da nossa vida sexual inexistente, e ela diz que é um pecado e uma vergonha ele ter-me condenado à impossibilidade de ser mãe. Devias pedir conselhos ao Piet, diz ela. Fará tudo o que lhe pedires enquanto estiver apaixonado por ti.

Eu assim faço. Uma noite, enquanto contemplamos o canal e ouvimos a água embater no cais com um som preguiçoso e abafado, quebro o silêncio e pergunto ao Piet o que é que uma pessoa tem de fazer para se divorciar. Em resposta, diz-me que tratará de todas as questões práticas, desde que avise o meu marido das minhas intenções. O Piet diz que me paga um quarto numa pensão, e que ainda cuidará melhor de mim do que o Viggo F. Talvez me possa sustentar a mim mesma, digo, porque estou a escrever um romance. Digo-o com toda a naturalidade, como se já tivesse escrito vinte romances e este fosse apenas o vigésimo primeiro. O Piet pergunta-me se o pode ler, e digo que ninguém o pode ler antes de o terminar. Depois, pergunta-me se me pode convidar para jantar em sua casa uma noite destas. Mora num pequeno apartamento na Store Kongensgade, para onde se mudou quando se divorciou. Respondo-lhe que sim, pode, e depois digo ao Viggo F. que vou visitar os meus pais. É a primeira vez que lhe minto, e sinto-me envergonhada porque ele acredita em mim. O Viggo F. está sentado à secretária, a preparar a próxima edição do *Trigo Selvagem*. Recorta ilustrações, contos e poemas das provas, e depois cola-os nas folhas de uma edição antiga. Fá-lo com imensa delicadeza, e todo o seu corpo – incluindo a sua cabeçorra, agora curvada sob o candeeiro verde – irradia algo que se assemelha à felicidade, porque ele ama o seu jornal literário como outras pessoas amam as suas famílias. Dou-lhe um beijo na sua boca macia e húmida e, de súbito, as lágrimas turvam-me a visão. Temos algo em comum; pode não ser grande coisa, mas é alguma coisa, e agora começo a destruí-la. Entristece-me a certeza de que a minha vida está prestes a complicar-se mais do que nunca. Porém, penso também que é estranho eu nunca contrariar, de verdade, o que todos os outros querem. Talvez chegue

a casa um pouco tarde, digo. A minha mãe não se tem sentido bem. Por isso, não fiques acordado à minha espera.

\*

Então, diz um Piet satisfeito, foi bom, ou não?

Sim, foi, digo eu feliz da vida. Desde o fim do meu caso com o Aksel que me perguntava se teria algum problema nessa área, mas afinal não tenho. O Piet e eu comemos e bebemos, e estou um pouco tocada. Estamos deitados numa grande cama de casal que a mãe do Piet – que é oftalmologista – lhe deu. O quarto está decorado com candeeiros engraçados, móveis modernos e a pele de um urso polar no chão. Junto à cama há um jarro com uma rosa que já começou a perder as pétalas. Foi o Piet que ma deu. Também me ofereceu um vestido de flanela azul, que, para já, tenho de guardar em casa dele. Não posso simplesmente levá-lo para minha casa. Pego na rosa e cheiro-a. Já não quer ser enxertada, digo, rindo-me. Olha, posso usar isso, diz o Piet, que salta fora da cama completamente nu. Senta-se à secretária, pega numa caneta e numa folha de papel e anota alguma coisa. Depois, mostra-me o que escreveu. É um *gruk* para o jornal *Politiken*, onde publica, todos os dias, estas quadras engraçadas e engenhosas. Escreveu o seguinte:

Pousei uma flor junto à cama da minha amada,  
uma rosa que floresceu como mulher adamada.  
Primeiro, caiu-lhe uma pétala, depois duas e até mais,  
e agora não acredita em enxertos e métodos que tais.

Elogio-lhe o poema, e ele diz que eu devia receber metade dos honorários. Para o Piet, ser-se escritor não é uma atividade vergonhosa que se deva ocultar. Para ele, escrever é tão natural quanto respirar.

O Møller é que não vai gostar nada disto, vai custar-lhe a engolir, diz ele contentíssimo. Quando vocês se casaram, todos os amigos dele apostaram em quanto tempo ia durar: se mais ou menos de um ano. Ninguém acreditava que ia durar mais do que um ano. E depois o Robert Mikkelsen deitou as mãos ao acordo pré-nupcial, porque todos achavam que lhe ias ficar com metade do património.

És tão maldoso, digo, chochada. E manipulador.

Não, diz o Piet, só não gosto do gajo. É um parasita das artes, embora não seja artista. Nem sabe escrever.

Sinto-me um pouco desconfortável e digo: Ele não tem culpa disso. E não gosto que fales dele nesses termos. Põe-me mesmo maldisposta! Pergunto-lhe que horas são, e a minha breve felicidade desaparece de imediato. Um silêncio húmido e prateado enche o quarto, como se uma fatalidade estivesse prestes a ocorrer. Não ouço o que o Piet diz. Penso no Viggo F. debruçado sobre o seu jornal à luz do candeeiro da secretária. Penso na aposta que os amigos dele fizeram e no quão impossível me é dizer-lhe que temos de nos separar. Às vezes ficas muito distante, diz o Piet num tom carinhoso, e não sei como chegar a ti. És fascinante, e acho que estou apaixonado por ti. Posso escrever-te? Ele pergunta: O carteiro passa por vossa casa depois de ele sair? Sim, digo, podes escrever-me. No dia seguinte, recebo uma carta de amor do Piet: Querida pombinha, escreve ele, és a única mulher com quem quero casar. Tenho um ataque de ansiedade e telefono ao Viggo F. O que se passa?, pergunta ele um tanto irritado. Não sei, respondo. Só me sinto muito sozinha. Sim, sim, estou a ver, diz ele, bem-humorado. Esta noite fico em casa, não te preocupes.

Então, pego no meu manuscrito e escrevo sem parar e esqueço tudo o resto. O romance está quase terminado. Já escolhi o título: *Magoaram Uma Criança*. É, de uma forma ou de outra, um livro sobre mim, embora talvez nunca venha a experienciar as coisas que as personagens fazem.

E escondeste-me isto este tempo todo?, pergunta o Viggo F. enquanto cofia o bigode, um sinal de que está de bom humor.

Está sentado com o meu manuscrito na mão, e fita-me com os seus olhos azuis, tão claros que parecem ter sido lavados. Tudo nele é limpo e elegante, e exala uma fragrância a sabonete e creme de barbear. Como não fuma, tem um hálito fresco como o de um bebé.

Sim, digo, queria fazer-te uma surpresa. Achas mesmo que é bom?

É fabuloso, diz ele. Não tem uma vírgula fora do lugar. Vai ser um grande sucesso.

Sinto-me a corar de felicidade. Neste momento, não podia estar menos interessada no Piet Hein ou nos meus planos de divórcio. O Viggo F. demonstra ser, uma vez mais, a pessoa que sonhei conhecer toda a minha vida. Vai buscar uma garrafa de vinho e enche dois copos verdes. À tua!, diz ele com um sorriso. E parabéns. Concordamos em tentar de novo publicar-me na Gyldendal, embora não tenham querido os meus poemas. Recentemente, aceitaram o romance do Viggo F. que não consegui acabar de ler. Ele disse apenas que eu era demasiado nova para apreciar a sua escrita, e que não havia nada a fazer. Esta noite, fazemos companhia um ao outro e sentimo-nos felizes, como acontecia antes de nos casarmos, e custa-me a acreditar que em breve lhe pedirei o divórcio, assim como me é difícil imaginar o que poderá acontecer daqui a dez anos. Foi a nossa última noite de genuína intimidade. Sozinhos na escuridão gerada pelas cortinas quebra-luz da sala de estar verde, partilhámos algo que o mundo ainda não vira e conversámos sobre o meu primeiro romance até passar da hora de nos deitarmos e começarmos a bocejar por entre goles de vinhos. O Viggo F. nunca se embriaga, e não suporta pessoas que o fazem. Expulsou várias

vezes o Johannes Weltzer de nossa casa, porque ele bebe demasiado e, exaltado e profusamente transpirado, começa a cirandar pela sala enquanto perora acerca do romance que está a escrever de momento. Massacra-nos com tanto paleio, diz o Viggo F., para quem o Johannes só escreveu uma frase boa em toda a sua vida: Amo a inquietação e as viagens longas. Paira sempre no ar uma certa expectativa de que os convidados bebam com moderação e se vão embora a uma hora conveniente. Temos amiúde visitas. Nessas ocasiões, faço compras numa mercearia na Amagerbrogade, porque, tal como a minha mãe, sei apenas preparar pratos básicos e demasiado rudimentares.

Um dia, confesso à minha mãe que pondero divorciar-me. Falo-lhe do Piet Hein, de todos os presentes que me deu, e de como irá cuidar de mim no futuro. A minha mãe franze o cenho e reflete por muito tempo. Na rua onde cresci ninguém se divorciava. Os casais podiam discutir e agredir-se como cães e gatos, mas nunca mencionavam sequer a possibilidade de se divorciarem. Deve ser algo que acontece apenas na nata da sociedade – e ninguém sabe porquê.

Bem, mas ele vai casar-se contigo?, pergunta ela por fim enquanto esfrega o nariz com o indicador, como costuma fazer sempre que algo a incomoda. Respondo que ainda não falou disso, mas que provavelmente o fará em breve. Acrescento que não aguento continuar casada com o Viggo F., e que todos os dias sinto um aperto no coração quando ele chega a casa. Digo que a decisão de nos casarmos foi um erro para ambos. Sim, diz ela, de certa maneira compreendo. Fazem um casal patético quando caminham juntos na rua, é certo, porque ele é muito mais baixo do que tu. A minha mãe é incapaz de se pôr no lugar de outras pessoas, o que a impede de me magoar – o que, para ser sincera, me cai que nem ginjas.

Agora, à quinta-feira, acompanho sempre o Piet Hein a casa dele depois da reunião. Digo ao Viggo F. que as discussões no fim da palestra se prolongam sobremaneira, e que, como sou a presidente, não me ficaria bem ser a primeira a sair. Digo-lhe que não espere por mim, que se deite. Quando está ferrado no sono, não há nada que o acorde, e assim não tem como saber a que horas chego a casa. Mas porque é que não lhe contas a verdade?, pergunta com impaciência o Piet. Prometo-lhe repetidas vezes que contarei tudo ao Viggo F. no dia seguinte, mas no fim acabo por duvidar de que alguma vez tenha coragem para o fazer. Temo a sua reação.

Temo que discutamos, tenho pavor a cenas escabrosas, e recordo horrorizada o período em que o meu pai e o meu irmão discutiam todas as noites, a ponto de nunca haver sossego na nossa salinha de estar. Se não fores capaz de lhe contar o que se passa, diz o Piet uma noite, podes simplesmente sair de casa, e pronto, está feito. Seja como for, só podes trazer as tuas roupas. Mas não consigo fazer-lhe isso. Seria demasiado cruel, violento, ingrato. O Piet pede-me também que dê mais atenção à Nadja, que está tristíssima porque ele a deixou. Visito-a amiúde. Ela senta-se numa cadeira metálica e estica as suas pernas compridas enquanto, irritada, esfrega a cara como se quisesse reajustar as feições. Diz que o Piet é perigoso, que tem como missão de vida fazer mulheres infelizes. Ele abandonou-a, mas a Nadja jura que vai aproveitar-se da dor para mudar de vida. Vai estudar psicologia na universidade, porque sempre se interessou mais por outras pessoas do que por ela mesma. E isso salvá-la-á. Melancólica, diz-me: Ele também te vai abandonar. Um dia, vai dizer-te: *Conheci outra mulher, disso tenho eu a certeza absoluta, e vai dizer-te que ampires o golpe com o punho cerrado.* Adora dizer que se deve amparar o golpe com o punho cerrado, é a expressão preferida dele. Ela diz também que, seja como for, me irei divorciar, e que o Piet é uma desculpa tão boa quanto qualquer outra. Não presto muita atenção ao que diz, porque, sejamos sinceros, fala com a amargura de quem foi abandonada.

Por vezes, o Piet Hein aborrece-me, como quando estamos abraçados na cama e ele giza planos para o meu futuro. Irrita-me sobremaneira esta sua mania de fuçar na minha vida e de a tentar reorganizar, como se eu não soubesse cuidar de mim, e só quero que ele me deixe em paz. Quem me dera poder dividir a minha vida entre ele e o Viggo F. sem perder nenhum dos dois e sem que tivesse de passar por grandes contrariedades. Fui sempre avessa à mudança, e as coisas que permanecem inalteradas reconfortam-me. Mas não posso continuar assim. Agora, consigo uma vez mais olhar sem repulsa para casais apaixonados com que me cruzo na rua, mas viro a cara assim que ponho os olhos em mulheres com filhos pequenos. Evito também olhar para dentro de carrinhos de bebé ou pensar nas raparigas da minha antiga rua, que se orgulhavam de esperar pelos dezoito anos para terem filhos. Sufoco todas estas ideias e efabulações, porque o Piet tem o cuidado de não me engravidar. Diz que as escritoras não deviam ter filhos, que



muitas outras mulheres os podem ter. Por outro lado, poucas conseguem escrever livros.

O meu desespero piora sobremaneira por volta das cinco da tarde. Quando entro na cozinha para pôr as batatas a cozer, o coração começa-me a palpitar com força, e parece-me que a parede de azulejos brancos atrás do fogão estremece e pulsa, como se os azulejos estivessem a cair um por um. Quando o Viggo F. chega a casa de trombas, maldispuesto, começo de imediato a falar febrilmente, como se para me defender de algo horrível, embora não saiba ao certo de quê. Falo sem parar enquanto comemos, conquanto ele me responda apenas com monossílabos. Estou ansiosíssima, receio que ele diga ou faça algo horripilante, irreversível, algo que ele nunca disse ou fez. Quando lhe atraio a atenção, o meu coração abrande um pouco e consigo, uma vez mais, respirar sem dificuldade. Até surgir nova pausa na conversa. Falo acerca de todas as coisas possíveis e imagináveis, como, por exemplo, o comentário que a Sra. Jensen fez quando lhe mostrei um retrato que o Ernst Hansen fez de mim: Isso foi desenhado à mão? Falo sobre a minha mãe, acerca da sua pressão arterial, agora demasiado alta, embora antes estivesse demasiado baixa. Peroro sobre o meu livro, que foi recusado pela Gyldendal com uma resposta estranha, na qual insinuaram que li demasiado Freud. Nem sequer sei quem é Freud. Entretanto, enviei o manuscrito a uma nova editora que se chama Athenæum, e todos os dias espero com ansiedade que o carteiro me traga a resposta. Uma noite, o Viggo F. repara que estou inquieta e diz que me tornei uma fala-barato. Admito que não me sinto muito bem e que acho que tenho algum problema cardíaco. Que tolice, diz ele, rindo-se, com a tua idade não me parece, deve ser dos nervos, ou ansiedade. Lança-me um olhar de preocupação e pergunta-me se algo em particular me está a perturbar. Garanto-lhe que não se passa nada, que estou bem. Então, diz: Vou ligar ao Geert Jørgensen e marcar uma consulta para ti. É psiquiatra. Já o consultei há muitos anos. É um homem muito sensato.

É assim que me sento face a face com o médico, um sujeito espadaúdo com uns olhos enormes que parecem prestes a saltar das órbitas. Conto-lhe tudo. Falo-lhe do Piet Hein e de não conseguir confessar ao Viggo F. que me quero divorciar. O Geert Jørgensen sorri-me enquanto mexe e remexe num abre-cartas na secretária.

É muito interessante estar entre dois homens, não é?, diz ele.

Sim, digo, surpreendida, porque de facto é.

Tem de se livrar do Møller, diz ele com toda a naturalidade, essa vossa relação é de loucos. Como talvez saiba, sou o diretor de psiquiatria do Hospital de Hareskov. Vou recomendar ao seu editor que fique lá internada por uns tempos. Depois, trado do resto. Os seus problemas cardíacos e a neurose desaparecem assim que deixar de lhe pôr a vista em cima.

Telefona de imediato ao Viggo F., que não tem nada a opor ao internamento. No dia seguinte, faço as malas e vou para Hareskov, onde me atribuem um quarto privado com vista para a floresta. Falo de novo com o diretor, que diz que o Piet Hein não me pode visitar antes de ele tratar de tudo. Vai ligar ao Piet e dizer-lhe que não apareça, que não me tente ver. No hospital psiquiátrico só há mulheres da idade da minha mãe, todas muito aprumadas e elegantes. Sinto-me excluída por conta das minhas roupas velhas, puídas e feias, e penso em todos os conjuntos que o Piet me ofereceu e que ainda não posso vestir. Os dias passam sem que nada de relevante aconteça, e o meu coração regressa ao normal. Alugo uma máquina de escrever a uma loja em Bagsværd, que uso para escrever um poema: «*O Triângulo Eterno*. Neste mundo há dois homens / que incessantemente se cruzam comigo / um deles é o homem que amo / e o outro é a mim quem ama.» Mas, para ser sincera, não sei se amo o Piet Hein, tal qual ele nunca afirmou que me ama. Envia-me chocolates e cartas, e um dia envia-me uma orquídea numa caixa de cartão comprida. Ponho a orquídea num jarro estreito que pouso na mesinha de cabeceira, e não penso mais no assunto. No dia em que vem até cá para falar com o médico, o Viggo F. passa primeiro pelo meu quarto. Ainda mal me cumprimentou quando vê a orquídea. Empalidece e senta-se na borda de uma cadeira. Choca-me ver-lhe o lábio inferior tremer. Aquilo, diz ele em voz trémula enquanto aponta para a orquídea, quem é que te enviou aquilo? Existe outra pessoa?

Oh, não, não, digo eu de imediato, enviaram a flor anonimamente, deve ser de algum admirador secreto.

Quando lhe respondo, penso na minha mãe, cuja capacidade para dar respostas rápidas admirei toda a minha infância.



É outono, e estou a deambular pela floresta com um casaco preto com gola de pele de ocelote vestido. Estou a caminhar sozinha, porque o meu mundo parece ser completamente diferente do das outras mulheres, com quem só tenho conversas superficiais às refeições. O Piet Hein visita-me todos os dias. Traz-me chocolate ou flores, e durante horas passeamos na floresta. Enquanto caminhamos, diz-me que está a procurar uma boa pensão para mim, e que me saí muito bem a livrar-me do Viggo F. Não sinto que me tenha livrado dele só porque já não o vejo, mas não sei como explicar esta situação ao Piet Hein, que é um homem pragmático, terra-a-terra e pouco dado ao sentimentalismo. Paramos sob o abrigo das árvores coloridas, cujas folhas caem lentamente até ao chão, e ele beija-me, satisfeito, como se fosse meu dono. Parece-lhe que não estou tão feliz quanto devia estar. Mostrei ao Piet a carta que o Viggo F. me enviou, mas ele limitou-se a rir e a dizer que não se podia esperar outra coisa de um homem desiludido e amargo. O Viggo F. escreveu: Cara Tove, recebi uma mensagem da editora, que me comunicou que aceitou o teu livro. Remeto em anexo o cheque que te enviaram. Seguia-se tão-só a assinatura de Viggo F. Virei e revirei a carta, mas não havia mais nada. Esta carta perturba-me, embora esteja contente por terem aceitado o meu livro. Perturba-me porque tenho pensado na nossa última noite de comunhão, de amizade, e naquilo que existiu entre nós, na relação que construímos e que está agora irremediavelmente destruída. O psiquiatra diz-me que o Viggo F. não se quer divorciar, porque acredita que me irei arrepender do que estou a fazer com o Piet Hein. O Viggo F. nunca gostou do Piet, porque ele é muito sarcástico, e poucas vezes falaram cara a cara. Recebi também uma carta da Ester. Escreveu-me para me dizer que têm saudades minhas no clube, e

pergunta-me se não me importo que me substitua como presidente na minha ausência. Segundo ela, o Viggo F. recusou dizer-lhe onde estou, mas conseguiu arrancar a informação, à força, do Piet, a quem teve de torcer um braço para que ele lhe desse a minha morada. Se eu estivesse em casa, o Viggo F. ter-me-ia oferecido um jantar num restaurante caro para celebrarmos a ocasião. Mas, da minha parte, não quero convidar o Piet para jantar, porque me parece que devia ser ele a convidar-me. E penso com inquietação no meu futuro, porque as divisões verdes do Viggo F. transmitiam, em boa verdade, uma certa sensação de segurança. Havia alguma segurança na ideia de ser uma mulher casada que ia às compras e preparava o jantar todos os dias, e agora está tudo estragado. O Piet nunca aventou a possibilidade de nos casarmos, e pelos vistos nem lhe interessa saber se o Viggo F. se quer divorciar de mim ou não.

Por fim, o Piet encontra uma pensão adequada, para onde me mudo com a sensação de ser, uma vez mais, uma jovem cuja existência é frágil, fugaz e insegura. Tenho um quarto confortável e airoso, bem mobilado, e sou servida por uma criada que usa uma touca na cabeça. Comprei uma máquina de escrever com o adiantamento de direitos autorais enviados pela editora e estou agora a usá-la para passar a limpo os meus poemas, porque recomecei a escrever poesia. O Piet diz que devia tentar vendê-los a uma das revistas que publicam coisas desse género, mas receio que não os aceitem. À noite, quando o Piet e eu nos deitamos na minha cama estreita para conversar, ocorre-me que é estranhíssimo ele nunca dizer uma só palavra sobre ele mesmo. Tem olhos tão opacos quanto uvas passas, e mostra todos os dentes, brancos e limpos, quando sorri. Ainda não sei se estou apaixonada por ele. Entristece-me pensar que ele só está a brincar comigo, quando na verdade anseio por ter uma casa e um marido e um filho, tal qual todas as outras mulheres da minha idade. A pensão situa-se na Åboulevarden, e os membros do clube de jovens visitam-me quando andam nas redondezas. Primo um botão para chamar a criada e pedir-lhe que nos sirva café. Depois, falamos sobre a palestra do Otto Gelsted no clube. Debruçou-se sobre o empenhamento político dos artistas, mas a discussão não progrediu, porque nenhum de nós produz literatura com ecos políticos. O Morten Nielsen está sentado na borda do meu divã, e apoia a sua grande cabeça angulosa nas mãos como se a embalasse num berço. Diz: Talvez me devesse juntar à resistência. Acho que é uma estupidez, porque as forças de

ocupação são muito fortes, mas não lhe digo que não concordo com a ideia. Quiçá tenha herdado o desprezo do meu pai por Deus, o rei e a pátria, porque não sinto uma necessidade compulsiva de odiar os soldados alemães que patrulham a cidade. Neste momento estou demasiado ocupada com a minha vida, com o meu futuro incerto, para conseguir pensar em patriotismo. Tenho saudades do Viggo F. e até me esqueço de que me enojava estar na mesma divisão que ele. Tenho saudades de lhe mostrar os meus poemas e tenho inveja dos meus amigos que o visitam e lhe mostram o que escrevem. Todavia, o meu psiquiatra diz que o devo deixar em paz. Um dia, a Ester faz-me uma visita e diz que aceitou a proposta do Viggo F. e que lhe vai cuidar da casa. Foi despedida da farmácia onde trabalhava porque chegava sempre atrasada, de maneira que ficou contente com a proposta e com o novo emprego. Escreveu metade de um romance, e agora espera ter tempo de o terminar. Diz que o Viggo F. não suporta ficar sozinho desde que saí de casa.

Estou alojada na pensão há um mês, quando, uma tarde, o Piet me visita. Parece exaltado e um tanto nervoso. Não me beija, como é habitual. Senta-se e põe-se a batucar ao de leve no chão com a bengala com punho de prata que começou a usar recentemente. Tenho de te contar uma coisa, diz ele, olhando-me de soslaio com os seus olhos de uva passa. Pendura a bengala nas costas da cadeira e esfrega as mãos, como se estivesse com frio ou muito satisfeito com alguma coisa. Diz: Vais amparar o golpe com o punho cerrado, não vais? Prometo que sim, vou, mas toda a sua postura me amedronta. Neste momento, parece-me ser um estranho, um homem que nunca me abraçou. Depressa retoma a palavra: Conheci uma jovem há uns dias, é uma rapariga muito bonita, muito rica. Apaixonámo-nos de imediato, e ela convidou-me para ir passar uns tempos a uma mansão na Jutlândia. Propriedade da família. Parto amanhã. Não ficas chateada, pois não? Sinto-me tonta: e agora, como vou pagar a pensão, o que vai ser de mim? Não chores, por favor, diz ele, e abre as mãos num gesto autoritário. Por amor de Deus, com punho cerrado, com o punho cerrado, e sem choradeira! Não tínhamos obrigações um com o outro, pois não? Não estávamos comprometidos. Não consigo responder, mas parece-me que as paredes começam a deslizar, que me estão a encurralar, a sufocar, e quero sustê-las, afastá-las de mim. O meu coração bate descompassado, com violência, como quando me sentia enojada na presença do Viggo F. Antes que consiga

dizer ou fazer o que quer que seja, o Piet já saiu – foge tão depressa que é como se tivesse atravessado a parede. E então não mais consigo reprimir as lágrimas. Deito-me no divã, choro na almofada, penso na Nadja e em como devia ter dado ouvidos aos seus avisos. É-me difícil parar de chorar: estaria mesmo apaixonada por ele?

Ouçõ baterem à porta e a Nadja entra no quarto. Traz vestidos um sobretudo puído e um par de calças compridas. Senta-se calmamente no divã e acaricia-me o cabelo. O Piet pediu-me que cuidasse de ti, diz ela. Não chores, ele não merece. Seco as lágrimas e levanto-me. Tens razão, digo. Aconteceu tal qual me dissesse que ia acontecer. E o punho cerrado?, pergunta ela, rindo-se, pediu-te para amparares o golpe com o punho cerrado? Também me rio, e o mundo parece-me um lugar um pouco mais alegre. Sim, digo, com o punho cerrado, ele é tão engraçado. Sim, é, admite a Nadja, e há algo nele que atrai as mulheres, mas depois não sabem dizer o que viram nele. Depois, só consegues rir dele. O seu rosto benevolente, delineado por feições eslavas bem carregadas, adquire uma expressão pensativa. Escreve boas cartas, diz ela, guardei-as todas. Também te escrevia? Oh, sim, digo, e dirijo-me à cómoda, de onde tiro um maço de cartas que atei com um laço vermelho. Deixa-me lê-las, pede a Nadja. Posso? Dou-lhas, e ela lê algumas frases na primeira carta que abre e de imediato larga a rir, e ri tanto que parece que nunca mais irá parar de o fazer. Oh, céus, diz ela, e lê: Querida pombinha, és a única mulher com quem quero casar. Isto é de loucos, diz ela, ofegante, ele escreveu-me a mesma coisa, ponto por ponto, exatamente como está aqui escrito! Continua a ler e percebe que é, palavra por palavra, uma cópia perfeita da carta que tem em casa. Sabes que mais, diz ela, ele deve ter várias cópias guardadas. Só Deus sabe quantas pombinhas terá pelo país inteiro. Quando abandonar a tal mulher da mansão, vai pedir-te que a consoles. Fico de novo séria e explico à Nadja que não posso continuar a morar ali, porque é demasiado caro e estou falida. Sugere, tal como o Piet, que tente vender os meus poemas, porque acha que seria uma pena se eu tivesse de voltar a trabalhar num escritório. Tenta o *Røde Aftenblad*, diz ela, o Piet vendeu-lhes milhentos poemas, todos os que o *Politiken* não quis. Agora tens de viver do que escreves. Aquela conversa de ser sustentada é uma balela, deve ter sido alguma coisa que aprendeste em casa dos teus pais.

No dia seguinte, trato de ir o quanto antes à sede do jornal. Munida de três

dos meus poemas, conduzem-me ao gabinete do editor, um senhor idoso com uma barba branca muito comprida. Enquanto lê os poemas, dá-me – abstraído e de modo quase mecânico – palmadinhas nas costas. Por fim, diz: Estes poemas são bem bons! Pode passar na contabilidade e levantar trinta coroas. Depois, vendo também poemas à revista do *Politiken* e à *Hjemmet*, e escrevo um pequeno artigo sobre o Clube dos Jovens Artistas para o *Ekstra Bladet*. E assim consigo pagar a minha estada na pensão. Descubro, por meio da Ester, que o Viggo F. tem imensas saudades minhas, e que ele a obriga a sentar-se e a conversar com ele horas a fio todas as noites antes de se deitar. Peço-lhe que lhe pergunte se me quer ver, mas ele não quer. Nem sequer quer que ela mencione o meu nome. Tenho mais saudades dele do que do Piet Hein e, excetuando as visitas esporádicas dos meus amigos do clube, nunca vejo ninguém.

Uma noite, a Nadja visita-me na pensão. Como já é habitual, está vestida como se tivesse acabado de escapar de uma casa a arder. Precisas de um círculo de amigos, diz ela, estás tão sozinha e abandonada. Sei de uns jovens ali da zona do porto sul que adorariam conhecer-te. São todos estudantes da Escola Profissional de Høng, e vão dar uma festa no sábado. Não queres vir? O mais atraente é o filho do diretor. Chama-se Ebbe e parece-se mesmo com o Leslie Howard. Tem vinte e cinco anos, está a estudar economia pelo menos quando não se está a emborrachar. Tive um grande fraquinho por ele, mas nunca se apercebeu, e eu nunca lhe contei. Prefere raparigas poéticas, loiras e de pernas compridas, como tu. Olha lá, digo, agora és casamenteira? Vou à tal festa no sábado, porque tens razão, preciso mesmo de conviver com outros jovens que não sejam artistas. Contento, preparo o meu divã e deito-me com uma ligeira inquietação, porque queria deitar-me com alguém que, ao meu lado, me abraçasse enquanto adormecia. Penso no tal Ebbe antes de adormecer. Com que se parecerá? Será que vai mesmo apaixonar-se por alguém como eu? Os elétricos atravessam a noite em rangidos e gemidos, e é como se me atravessassem a sala de estar. Transportam pessoas que saíram para se divertir, pessoas normalíssimas que sonham com acontecimentos fabulosos entre a hora de jantar e a manhã, quando têm de se levantar para trabalhar. À exceção de escrever, sou também normalíssima, e sonho com um homem normal que se sinta atraído por raparigas loiras e de pernas compridas.



A caminho do porto sul, a Nadja fala-me um pouco sobre o «Clube da Lanterna», nome com que se designam a eles próprios sem que ninguém saiba ao certo porquê. Trata-se de um grupo de estudantes que se mudaram para Copenhaga para se licenciarem na Escola Profissional de Høng; na prática, os membros do dito clube não fazem muito mais do que dar festas, embebedar-se e curar ressacas. Trouxemos as nossas bicicletas, cortamos o vento enquanto pedalamos, está chuva e frio. Trago uma camisola de lã sobre o vestido, por cima da camisola um sobretudo como o da Nadja, e ao pescoço um cachecol vermelho cujas pontas baloçam no ar atrás de mim. É suposto estar na moda este ano. A Nadja está vestida à índia, e as suas calças compridas de seda preta golpeiam com força a proteção da corrente da bicicleta. São todos muito progressivos e enviam-lhes pouco dinheiro de casa. A festa terá lugar em casa do Ole e da Lise, que são casados e têm um filho. O Ole está a estudar para ser arquiteto, e a Lise trabalha num escritório enquanto a mãe dela, que é viúva e mora na casa ao lado, toma conta do bebé. Sobrevivem à base de cogumelos que apanham na lixeira, alega a Nadja, que fica perto da casa. Explica-me também que o jantar será composto por comida levada pelos convidados, mas que as mulheres não têm de levar nada. Não deixam entrar mais homens no grupo, diz ela, mas têm sempre falta de mulheres. Quando chegámos, estão todos sentados à mesa numa sala comprida e bem iluminada, mobilada com peças antigas e de boa qualidade. Estão a comer sanduíches feitas, a maioria delas com «Ramona», uma mistela de cenoura com uma cor venenosa. Estão também a beber «*pullimut*», uma espécie de vinho a martelo, porque é a única bebida alcoólica que qualquer pessoa consegue comprar. O ambiente está já bastante animado, e todos falam ao mesmo tempo. Cumprimento a Lise,



uma rapariga bonita e elegante com cara de madona. Dá-me as boas-vindas e depois entoam uma cantiga que inventaram e que contém referências – que me são ininteligíveis – a todos os membros do clube ali presentes. O Ole levanta-se e profere um discurso. Tem um rosto achatado, moreno, enorme com dois grandes sulcos que lhe correm do nariz à boca e fazem com que pareça muito mais velho do que é. Está sempre a puxar as calças para cima, como se fossem grandes de mais para ele, e não se aprumou como todos os outros. Diz que tem orgulho em acolher uma escritora na sua casa, e que lamenta não podermos contar com a companhia do Ebbe, que ficou em casa da mãe, porque está com 39 graus de temperatura. Apanhou uma gripe à última hora. Então, arrastam a mesa para o lado, e a Nadja e a Lise recolhem a loiça. Ligam o gramofone e começamos a dançar. Danço com o Ole, que se curva acima de mim, puxa as calças para cima, solta um risinho tímido e diz que vai buscar o Ebbe. Ele mora no outro lado da rua, e o Ole diz que estava ansioso por me conhecer. Só tem um bocadinho de febre, diz ele, não tem importância nenhuma. Em seguida, ele e outro sujeito saem para irem buscar o Ebbe. O ambiente está agora um tanto dissoluto, estão todos um pouco tocados. A Lise pergunta-me se quero ver o bebé e conduz-me ao quarto do menino. Tem seis meses de idade, e sinto alguns ciúmes quando ela o embala. Ela não é mais velha que eu, e sinto que tenho desperdiçado o meu tempo, uma vez que ainda não tenho um bebé meu. O menino tem uma pequena concavidade escura na parte de trás do pescoço, logo abaixo da linha de demarcação do couro cabeludo. Pulsa ritmicamente enquanto mama. De repente, a porta abre-se. É o Ole, que estaca no vão da porta e passa os dedos pelo seu cabelo preto e encaracolado. O Ebbe já cá está, diz ele, não o queres cumprimentar, Tove? Acompanho o Ole até à sala de estar, onde está uma barulheira infernal. A capa de um disco está pendurada no candelabro, e há serpentinas de diversas cores espalhadas por todo o lado, entrelaçadas entre a mobília e suspensas dos ombros e do cabelo dos convivas, que estão a dançar plenos de vigor e alegria. No meio da sala encontra-se um homem com um roupão azul, um pijama às riscas e um cachecol gigantesco enrolado, com várias voltas, ao pescoço. Apresento-te o Ebbe!, diz com orgulho o Ole, e dou um passou-bem ao Ebbe, que tem a mão transpirada por conta da febre. Tem um rosto esguio e simpático com feições delicadas, e fico com a impressão de que é o líder do grupo. Bem-vinda ao Clube da Lanterna, diz ele. Espero

que... Depois olha em seu redor com uma expressão de desamparo e perde o fio à meada. Ole dá-lhe uma palmadinha no ombro. Olha lá, não queres dançar um bocadinho com a Tove?, pergunta. O Ebbe fita-me por um segundo com os seus olhos amendoados. Logo me oferece a mão e diz em surdina: *Die Sternen begehrt Mann nicht*. Bravo! Muito bem!, diz o Ole, mais ninguém se lembraria de dizer tal coisa. Seja como for, o Ebbe dança comigo. Encosta uma das faces – que arde de febre – à minha, e dançamos com passos um tanto incertos. De súbito, os outros reúnem-se em volta dele, oferecem-lhe um copo, puxam-lhe pelo roupão, perguntam-lhe se está melhor. Outro sujeito dança comigo, e por um momento perco o Ebbe de vista. O gramofone está a tocar em alto e bom som, e o Ole está sentado num canto a ouvir a emissão da BBC com um rádio caseiro encostado ao ouvido. Agora estão todos embriagados, muitos deles enjoados. A Nadja condu-los um por um à casa de banho e segura-lhes na testa enquanto vomitam. Ela adora fazer isto, comenta a Lise, rindo-se. A Lise está mascarada de columbina, e veem-se-lhe os grandes peitos inchados por baixo dos folhos do vestido. Bem que gostaria de saber se é mesmo verdade que se fica com bons seios quando se dá de mamar. Danço de novo com o Ebbe, que no fim de contas não almeja menos do que as estrelas, porque me sugere fazermos uma pausa e recatarmo-nos noutra quarto. Deitamo-nos numa cama e ele abraça-me sem qualquer subterfúgio, sem recorrer a técnicas insidiosas ou preliminares, como se neste grupo abraçassem mulheres desconhecidas com toda a naturalidade do mundo. Sinto-me feliz e amada pela primeira vez na minha vida. Afago-lhe o cabelo castanho, forte, que se lhe encaracola no pescoço, e olho-o nos seus olhos invulgares, que além de amendoados apresentam estranhas pintinhas castanhas no azul da íris. Ele diz que herdou as manchas castanhas da mãe, que tem olhos castanhos, uma cor que se transmite sempre, de uma maneira ou de outra. Pergunta-me se me pode visitar na pensão, eu respondo que sim. Estica o braço até ao chão para pegar numa garrafa que trouxe para o quarto, e ambos bebemos um gole da zurrapa. Depois adormecemos. Quando acordo de manhã cedo, não sei onde estou. O Ebbe ainda está a dormir, as suas pestanas curtas e muito reviradas tocam ao de leve na fronha da almofada. De repente, vejo outro casal numa cama de criança junto à parede oposta. Estão a dormir abraçados e não me lembro de os ver na noite anterior. No chão há um monte muito diverso de roupas de Carnaval. Levanto-me com

cuidado e dirijo-me à sala de estar, que mais se assemelha a um campo de batalha. A Nadja já pôs mãos à obra e está a limpar vomitado nos cantos da divisão. Parece contente. O raio daquela martelada do *pullimut!*, diz ela. Ninguém o aguenta no estômago. O Ebbe não é um doce de rapaz? Não tem nada que ver com aquele anormal do Piet. A Lise está a dar de mamar sentada no quarto do bebé. Tem cuidado com o Ebbe, diz-me ela com um sorriso, ele é um arrasa-corações.

Visto o meu sobretudo, enrolo o cachecol à volta do pescoço e entro no quarto onde dormi para me despedir do Ebbe. Ai, meu Deus, a minha cabeça!, geme ele. Vou ver-te assim que me livrar desta gripe. Estás doidinha por mim, hã? Digo que sim, e ele pede-me desculpa por não me acompanhar à rua. É notório que tem febre e digo que não há problema nenhum. Regresso a casa de bicicleta e a sós. Ainda não amanheceu de verdade. Os pássaros chilreiam como se fosse primavera e penso, para minha felicidade, que um estudante universitário está apaixonado por mim. Tenho a estranha sensação de que pode ser algo para a vida inteira.

Depois de recuperar da gripe, o Ebbe começa a visitar-me todas as noites, e eu frequento cada vez menos as reuniões do clube, porque anseio por estar com ele. Nunca pernoita na pensão, pois teme a reação da mãe. É a viúva do tal diretor da escola. O Ebbe tem um irmão mais velho que também mora com a mãe e tarda em ganhar coragem para sair de casa, embora já tenha vinte e oito anos. Quando se vai embora, o Ebbe dá tantas voltas ao cachecol que este lhe chega ao nariz – isto porque estamos a passar por um inverno particularmente frio. Sinto pedaços de lã na boca sempre que me dá um beijo de despedida.

Visito amiúde a Lise e o Ole, e também a mãe do Ebbe. É uma mulher de baixa estatura, velha, e fala de tudo como se de uma desgraça. Desde que o meu marido morreu que só me restam os meus dois meninos, diz ela. Fita-me com os olhos negros plenos de vivacidade, aparentemente receosa de que lhe roube um dos meninos. O irmão do Ebbe chama-se Karsten. Está a estudar engenharia e está sempre a pensar numa forma de explicar à mãe que quer sair de casa. Não tem coragem. A mãe do Ebbe é filha de um pastor luterano e pergunta-me se acredito em Deus. Quando digo que não, olha-me com desdém e diz: O Ebbe também não. Espero que vocês os dois retomem o caminho do Senhor. Estes comentários evangelizadores parecem embaraçar sobremaneira o Ebbe.

O Ebbe nunca usa proteção quando dormimos juntos. Disse-lhe que quero ter um bebé, que cuidarei dele. Todos os meses desenho uma cruz vermelha no meu calendário, mas o tempo decorre e não acontece nada. Dá-se então o lançamento do meu romance, e na manhã seguinte a minha senhoria entra a correr no meu quarto com o *Politiken* na mão. A menina vem no jornal de hoje, diz ela ofegante, é sobre um livro, ora leia. Abro o jornal e não acredito no que estou a ver. O Frederik Schyberg escreveu uma recensão de duas colunas ao meu livro, que imprimiram na página mais chamativa do jornal, ao lado da secção «Dia a Dia». A crítica tem como título «Inocência Refinada». Trata-se de uma recensão muito laudatória que me estonteia de alegria. Pouco depois, recebo um telegrama do Morten, que diz o seguinte: Louvados sejam o Schyberg e o génio autêntico! Mais tarde nesse dia, o Morten visita-me em pessoa e, enquanto tomamos um café, diz-me que circulam muitos rumores no clube. Algumas pessoas dizem que usei o Viggo F. durante algum tempo e que o abandonei quando já não precisava dele. Confesso ao Morten que essas acusações têm um fundo de verdade, mas ainda assim sinto-me mal, porque não refletem toda a realidade. No dia seguinte, o *Politiken* publica um *gruk* sobre mim. Diz o seguinte:

Como poeta, não tiro o chapéu  
a qualquer Tove que faça escarcéu,  
mas não há como não ficar comovido.

Com uma estreia tão irrepreensível  
e face ao sucesso agora possível,  
receio que uma criança tenha sofrido.

Claramente ainda pensa na sua pombinha. Porém, casou-se com a mulher da mansão e já não frequenta o clube.

De repente, esqueço tudo isto, nada mais me importa, porque o meu período está alguns dias atrasado. Converso com a Lise, que me aconselha a levar ao médico uma amostra de urina para análise. O médico promete telefonar-me quando receber o resultado da análise, e nos dias que se seguem quase não largo o telefone. Por fim, telefona-me e comunica num tom de voz normalíssimo: O teste deu positivo. Vou ter um bebé. Mal posso acreditar! Um montículo viscoso dentro de mim vai expandir-se e crescer

todos os dias, até eu engordar e ficar tão disforme quanto a Rapunzel ficou quando eu era criança. O Ebbe não fica nem remotamente tão contente quanto eu. Temos de nos casar, diz ele, é melhor contar à minha mãe. Pergunto-lhe se lhe desagrada que nos casemos e ele diz: Não, mas somos muito novos e não temos onde morar, só isso. Adquire uma expressão de desespero quando pensa em tudo o que há a ter em conta e beijo-lhe a boca delicada. Parece-me que tenho força suficiente para nós os três. Depois apercebo-me de que ainda nem estou divorciada, e escrevo uma carta simpática ao Viggo F., na qual lhe peço o divórcio, já que estou grávida. Responde-me ofendido: Só me ocorre dizer uma coisa – já era tempo! Vai a um advogado e trata disso o mais depressa possível. Quando mostro a carta ao Ebbe, ele diz: Este tipo é patético. O que é que viste nele?

Nas semanas que se seguem, o Ebbe visita-me amiúde embriagado. Desenrola o cachecol com gestos lentos, pouco ágeis, e tartamudeia coisas ininteligíveis quando tenta falar. Não presto para nada, diz ele. Mereces alguém melhor. Ainda não contei à minha mãe. Por fim, ganha coragem e conta-lhe o que se passa. Ela chora como se lhe tivesse acontecido uma grande desgraça e diz que já não tem motivos para continuar viva. A Lise diz que o Ebbe não aguenta ver ninguém chorar ou que o repreendam. Afiança que é um homem bom, mas fraco, e que terei de ser eu a tomar as decisões quando morarmos juntos. Embora não tome qualquer medida concreta, não me agrada saber isto. Além do mais, sofro enjoos e vomito todas as manhãs. A Nadja visita-me e é ainda mais franca que a Lise, não medindo as palavras. O Ebbe é um bandalho e um bêbedo, diz ela, não mexe uma palha. É uma doçura de pessoa, mas receio que tenhas de ser tu a sustentá-lo.

Mudamo-nos para um quarto na casa da mãe do Ebbe até o divórcio estar concluído, porque queremos estar sempre juntos. O Ebbe passa as manhãs no Instituto Nacional de Preços, onde muitos estudantes passam o tempo livre e ganham alguns trocos. Trabalha com outro aluno de Economia chamado Victor. O Ebbe tem lá tantos amigos quanto há estrelas no céu, jamais os conhecerei a todos. Quando ele e o Victor chegam ao trabalho de manhã, entoam o salmo do dia, que leem num folheto religioso que depois usam para enrolar tabaco. É muito difícil arranjar tabaco, e às vezes fazem cigarros de sucedâneo de chá. Enquanto isso, vou escrevendo o meu próximo romance. Enviei recentemente a uma editora o manuscrito de uma coletânea de poesia intitulada *Pequeno Mundo*. Foi o Ebbe quem sugeriu o título. Mostra bastante interesse pelo meu trabalho. Queria tirar uma licenciatura em Literatura, mas o pai dele, que morreu há dois anos, disse que essas tretas da literatura não passavam de fantasias de labregos, e agora está a estudar Economia, área pela qual não nutre nenhum interesse. Adora, isso sim, literatura e, quando não conversamos, passa o tempo a ler romances. Dá-me a conhecer livros que nem sequer sabia que existiam. E à tarde, quando regressa do trabalho, pede-me de imediato para ler o que escrevi. As suas críticas, quando as faz, têm sempre fundamento, e sigo à risca os seus conselhos. Hoje em dia pouco vejo a minha família. O meu irmão está a viver com uma mulher divorciada que tem um filho de três anos. O Ebbe e eu visitámo-los, mas ele e Ebbe não têm muito em comum. O Ebbe é um jovem da classe alta, dos subúrbios, e o Edvin um assistente de pintura do centro de Copenhaga, que todos os dias aspira verniz de celulose que lhe corrói os pulmões porque não tem outra escolha. O mundo dos meus pais é também ele muito diferente do do Ebbe. O Ebbe fala sobre

livros com o meu pai, e sobre mim com a minha mãe, tal qual o Viggo F. costumava fazer. No entanto, o Ebbe não se mostra condescendente com eles. Depois de jantarmos com a mãe dele e o Karsten, deitamo-nos na nossa cama e falamos sobre o futuro, o bebé que vamos ter, a vida, o nosso passado, quando ainda não nos conhecíamos. O Ebbe adora as questões abstratas, para as quais não há respostas definitivas. Tem, por exemplo, uma teoria sobre o porquê de os negros serem negros, e outra sobre o motivo de os judeus terem narizes aduncos. Uma ocasião, apoiou-se num cotovelo e fitou-me com uma expressão de intensidade moral. Tenho pensado em juntar-me à resistência, disse ele com solenidade. As coisas estão feias desde que a França capitulou. Digo-lhe que bem pode deixar a resistência para pessoas que não têm mulher nem filhos. Parece desistir da ideia. Sinto-me bem: vou casar-me, vou ter um bebé, estou apaixonada, e em breve teremos a nossa própria casa. Prometo ao Ebbe que nunca o deixarei, e que não aguento a vida quando as coisas se complicam demasiado, como aconteceu recentemente. Ergue-me o queixo e beija-me. Pode dar-se o caso de a tua vida se complicar por tu seres complicada, diz ele.

O divórcio acaba por se concretizar e arrendamos um apartamento na Tartinisvej, perto da casa da Lise e do Ole, e também da mãe do Ebbe. O porto sul localiza-se ao fundo da comprida Enghavevej e mais parece um prego cravado na ponta de um dedo. Este quarteirão é conhecido como «cidade da música», porque a toponímia de todos os arruamentos tem por base nomes de compositores. Os prédios residenciais não são muito altos, e a maioria tem, à frente, pequenos jardins com relvado e árvores. Há uma lixeira entre a última rua e os campos baldios e, quando se levanta vento nesta direção, sentimos o fedor a lixo nos apartamentos, o que nos obriga a fechar todas as janelas. Na Wagnervej, em frente à casa da Lise e do Ole, há muitas cabanas de madeira habitadas todo o ano. A empregada de limpeza que trabalha em casa da Lise mora numa dessas cabanas, e ao sábado a Lise leva os cinco filhos dessa senhora para a casa de banho, onde os esfrega e lava da cabeça aos pés, de maneira que os gritos de desespero das crianças ecoam por todo o apartamento. A Lise faz coisas deste género sem pestanejar, e nesse aspeto lembra-me a Nadja. A Nadja, por seu lado, mora agora com um marinheiro comunista, e está sempre a expressar as suas ideias comunistas, conquanto fosse muito conservadora quando eu

namorava o Piet. Quem me contou tudo isto foi o Ebbe, porque já não saio à noite. Às oito da noite já estou de rastos, a gravidez deixa-me exausta.

O nosso apartamento tem uma assoalhada e meia, e a nossa cama de casal ocupa por inteiro o quatinho. Foi a mãe do Ebbe quem nos deu a cama. A secretária do falecido pai do Ebbe está na sala, juntamente com uma mesa de jantar que comprámos em segunda mão, quatro cadeiras que a Lise nos ofereceu, e um divã que está encostado a uma das paredes. Estendemos uma manta castanha sobre o divã e, num momento de inspiração, o Ebbe pendura outra manta castanha na parede atrás. De um pedaço de feltro vermelho que a Lise lhe deu recortou um coração que cola à manta suspensa da parede. Depois, deu alguns passos atrás para contemplar o seu trabalho. Nunca daremos festas com álcool em nossa casa, diz ele. Por consideração à mãe dele, só nos mudaremos em definitivo para o apartamento quando nos casarmos. Caso contrário, ela diria que expomos em demasia o estado de pecado em que vivemos.

Vamos casar-nos no início de agosto, e de mãos dadas, cada um na sua bicicleta, deslocamo-nos até à Câmara Municipal. Como chegamos cedo de mais, decidimos tomar um café no Frascati. Enquanto bebemos o café sentados a uma mesa, estudo o rosto do Ebbe. Parece-me ter algo de brando e ingénuo, um não sei quê de indefeso, o que me dá vontade de o proteger. De repente, digo: O teu lábio superior é mesmo proeminente. Não o digo num sentido crítico, não o pretendo magoar, de todo, mas fita-me com ar beligerante. Não é mais proeminente que o teu, riposta. O meu não é muito chamativo, digo eu, insultada; já o teu, por outro lado, te cobre quase toda a cara. Enrubesce de raiva. Não fales mal da minha aparência, diz ele, as raparigas na escola eram doidas por mim. A Lise só se casou com o Ole porque eu não estava interessado nela. És tão presunçoso, digo, irritada, e ao mesmo tempo constato, para minha admiração, que estamos a discutir pela primeira vez. O Ebbe paga a conta sem dizer uma palavra. As mangas do casaco escuro assentam-lhe mal, são demasiado compridas, porque pediu emprestado ao irmão o fato que vai usar no casamento. No Clube da Lanterna não usam roupas puídas e velhas porque são pobres, mas porque veem com desprezo quem se apruma e se veste como um janota. O Ebbe passa o indicador pelo colarinho rígido, que também é demasiado grande, e caminha à minha frente com as suas passadas longas. Regressamos à Câmara Municipal em silêncio absoluto, e então ele estaca e afasta o cabelo



da testa. Se não te retratares e pedires desculpa pelo que disseste sobre o meu lábio, não me caso contigo, diz ele, convicto. Rio-me. Não, digo, isso é infantilidade a mais. Vamos mesmo chatear-nos por causa de um lábio? Mas se é por isso, tudo bem, o meu é o mais proeminente, tenho um beijo enorme. Puxo o lábio superior sobre o inferior e tento esbugalhar os olhos para ver o resultado. Olha, tem um quilómetro de comprimento, digo. Anda lá, vamos casar-nos.

Casamo-nos. Mudamo-nos para o nosso apartamento novo e contratamos uma empregada de limpeza, porque começo a ganhar bastante dinheiro. A empregada é a Sra. Hansen e, quando aparece à entrevista, o Ebbe pergunta enfaticamente: Sabe descascar cenouras? Ela responde que, tanto quanto julga, sim, sabe. O Ebbe explica-lhe que as cenouras fazem muito bem à saúde, em particular se tivermos em conta as muitas coisas que agora não conseguimos comprar. Desde então, ri-se jovial sempre que se recorda da entrevista, porque na realidade nunca temos cenouras em casa. Os dias decorrem como o rufar de tambor que antecede um solo. Leio livros sobre gravidez, maternidade e cuidados a prestar a um bebé, e não entendo porque é que o Ebbe não está tão interessado nisto quanto eu. Diz que mal consegue acreditar que vai ser pai. Também lhe parece irreal ver o meu nome impresso no jornal. Não mete na cabeça que se casou com uma pessoa famosa, e não sabe ao certo se a situação é do seu agrado. À noite, o Ebbe senta-se na sala e enrola o cabelo entre os dedos enquanto resolve equações. Fica felicíssimo quando os cálculos lhe correm bem e afirma que talvez devesse ter estudado matemática. Conto-lhe que numa ocasião o Geert Jørgensen me disse que nenhum homem normal alguma vez me acharia atraente. Mas quem é normal?, pergunta o Ebbe enquanto tateia os bolsos em busca do bloco de notas ou da bolsa de tabaco ou das chaves. É muito distraído e está sempre a perder coisas. Caminha com a cabeça puxada para trás, como se tentasse manter o olhar fixo no horizonte e o queixo levantado, e tropeça amiúde nos diversos obstáculos com que depara na rua. Vai com frequência a festas em casa do Ole e da Lise, e acorda-me a meio da noite quando chega a casa bêbedo. Zango-me e repilo-o, porque hoje em dia sinto uma verdadeira necessidade de dormir e repousar. Pede sempre desculpa no dia seguinte. Às vezes visito a minha mãe, outras vezes é ela quem me visita. Converso com ela sobre o parto, ela diz que o Edvin e eu

nascemos numa nuvem de bolas de sabão, porque ingeriu sabão verde para nos forçar a sair. Nunca gostei de crianças, diz ela.

Decorrem dias, semanas, meses. O meu parto terá lugar na clínica privada do Dr. Aagaard, na Hauserplads, e é com ele que tenho as consultas de rotina. É um homem simpático, já de uma certa idade, que me tranquiliza em relação ao parto. Diz-me que devo regressar à clínica quando sofrer contrações a cada cinco minutos. No entanto, a data esperada passa e nada acontece. Comprei um casaco de pele de foca e vou descendo os botões até, por fim, penderem da fímbria do casaco. O Ebbe tem de me apertar os atacadores, porque já não lhes chego. Acho que nunca vi uma grávida tão gorda quanto eu. Temo dar à luz um bebé gigantesco com água no cérebro. Li algures algo sobre isso. Peço amiúde à Lise que me deixe levar o filho dela a passear. O menino é meigo e ri-se imenso, e penso no poema de Nis Petersen: Coleciono sorrisos de crianças pequenas. Por entre todas estas atividades, sou entrevistada para o *Socialdemokraten* pelo Karl Bjarnhof. O título do artigo choca-me deveras: «Quero dinheiro, poder e fama.» Eu disse mesmo isto? A entrevista transmite uma imagem muito pouco laudatória de mim. Sou apresentada como uma pessoa vaidosa, ambiciosa e fútil que só pensa nela própria. Excetuando esta ocasião, os jornalistas sempre me trataram bem, e pergunto-me o que terei feito para antagonizar o Karl Bjarnhof. Lembro-me, então, de que ele é amigo do Viggo F., por isso talvez esteja zangado comigo porque o abandonei.

Este inverno é muito frio e as ruas estão cobertas com uma camada de gelo. Impaciento-me enquanto espero que as contrações se iniciem, e começo a correr de braço dado ao Ebbe para as desencadear. Quando anoitece, arfamos os dois pela casa. Os botões do meu casaco soltam-se sob a pressão. De resto, não acontece nada. Por fim, uma manhã sinto uma dor no estômago e pergunto à Sra. Hansen se serão as contrações. Ela crê que sim, é provável que sejam, e a dor piora ao longo do dia. O Ebbe segura-me a mão quando as contrações regressam. Nessa noite vamos à clínica e ele despede-se com uma expressão triste e desamparada.

\*

É tão feia!, digo, surpreendida, quando olho para a bebé embrulhada em mantas nos meus braços. Tem uma cara com formato de pera, com duas

marcas escuras nas têmporas causadas pelo fórceps. Não tem um único cabelo. O médico ri-se. Só diz isso porque nunca viu um recém-nascido, afiança ele. Nunca são muito bonitos, mas a mãe costuma achar que sim. Vou chamar o seu marido. O Ebbe entra no quarto com um ramo de rosas na mão. Carrega-o de modo estranho, e apercebo-me de repente de que nunca me ofereceu nada. Senta-se ao meu lado e olha para o berço onde deitaram a bebé. É bem rechonchuda, diz ele, e sinto-me ofendida. Só tens isso a dizer?, pergunto. O parto demorou vinte e quatro horas, e jurei que não teria mais nenhum filho. Gritei de dor horas a fio e a única coisa que me sabes dizer é que ela é rechonchuda? O Ebbe retrai-se, embaraçado, e piora a situação quando diz que a menina talvez fique mais bonita quando crescer. Depois pergunta-me quando volto para casa, porque tem saudades minhas. Debruço-me sobre o berço e toco nos dedos minúsculos da minha bebé. Agora somos uma família normal, vulgar, composta por pai, mãe e uma filha, digo. Porque queres tanto ser normal e vulgar?, pergunta o Ebbe. Afinal, toda a gente sabe que não o és. Não sei o que lhe responder, mas quero ser normal desde que me lembro de ser gente.

Aconteceu uma coisa horrível. Não sinto qualquer vontade de ir para a cama com o Ebbe desde que a Helle nasceu e, quando vou, não sinto nada de nada. Menciono este problema ao Dr. Aagaard, que me diz que é uma reação comum. No fim de contas, estou exausta de dar de mamar e de cuidar da menina, trabalho como uma doida e não me restam energias para o Ebbe. No entanto, o Ebbe pensa que a culpa é dele e fica tristíssimo. Conferencia com o Ole, que o aconselha a comprar o *Casamento Perfeito*, de van de Velde. Compra-o e lê-o embaraçado, porque este livro é a bíblia pornográfica do momento. Estuda todas as posições sexuais aí descritas e todas as noites experimenta uma nova. De manhã, acordamos doridos de tantas acrobacias, e no fim o resultado é o mesmo de sempre. Abordo o problema com a Lise, que me confidencia que nunca retirou prazer do sexo antes de ter o Kim. Fita-me, pensativa, com os seus olhos meigos de madona: E se arranjasses um amante?, pergunta. Às vezes os casais ficam mais unidos quando um deles tem um caso. A própria Lise tem um amante, anda enrolada com um jurista que trabalha na esquadra, e todos os dias caminham juntos durante horas. Como desculpa, diz ao Ole que tem de fazer horas extra. O Ole sabe e ao mesmo tempo não sabe o que se passa. O Ole tem um filho de outra mulher e, antes de ele nascer, a Lise pensou seriamente em adotá-lo. Mas o menino nasceu surdo-mudo e ela está feliz por não o ter adotado. Digo-lhe que não quero um amante, porque não conseguirei trabalhar se a minha vida descarrilar de novo. E apercebo-me cada vez mais de que a única coisa em que sou boa e que me cativa de veras é compor frases e combinar palavras, ou escrever quadras simples. Para o fazer, tenho de observar as pessoas de uma certa maneira, quase como se precisasse de as armazenar num arquivo de onde mais tarde as poderei

recuperar para meu uso. E para o conseguir, tenho também de usufruir de determinadas condições de leitura, para que possa absorver por todos os meus poros tudo aquilo de que necessito, e que usarei mais cedo ou mais tarde. Por isso não posso interagir com demasiadas pessoas nem sair demasiado. Não consigo trabalhar se na véspera à noite tiver saído e bebido álcool. De resto, como estou sempre a formar frases na minha cabeça, mostro-me amiúde distante e distraída quando o Ebbe fala comigo, o que muito o entristece. Perante esta minha falta de atenção e aos cuidados extremos que dedico à Helle, não é de estranhar que se sinta abandonado e expulso do meu mundo, do qual costumava fazer parte. Ainda gosta de ler o que escrevi quando chega a casa à tarde, mas os seus comentários são agora inúteis e injustos, como se tentasse atingir-me no meu ponto mais fraco. Um dia, começamos a discutir, porque no meu livro *A Rua da Infância* há uma personagem chamada Sr. Mulvad, que gosta de resolver equações matemáticas. O Ebbe está furioso. Sou eu!, alega. Todos os meus amigos me vão reconhecer e rir-se de mim. Exige que retire o Sr. Mulvad do livro. É verdade que o Sr. Mulvad é um pouco estranho, mas ainda não domino a caracterização de personagens masculinas. No entanto, não o quero eliminar. Não entendo, diz o Ebbe, porque é que não crias as tuas personagens como o Dickens, por exemplo? Retiras as tuas da vida real, isso não é arte. Peço-lhe que pare de ler o que escrevo, uma vez que não percebe nada. Diz que está saturado de ser marido de uma escritora, que ainda por cima é frígida. Fico sem fôlego e irrompo em lágrimas. Não discuto com ninguém desde a minha zanga com o Edvin, éramos nós ainda crianças, e não suporto estar mal com o Ebbe. A Helle acorda a chorar, pego-lhe ao colo. Não pode resolver equações?, pergunto, numa lástima. Porque não sei que mais um tipo como aquele havia de fazer nos tempos livres. O Ebbe abraça-me e à Helle e diz: Desculpa, Tove. Para de chorar, por favor. Ele pode resolver equações, claro, não estava a falar a sério. Só fiquei um bocadinho irritado, como podes compreender.

Uma tarde, não muito depois desta discussão, o Ebbe não chega a casa à hora habitual, e apercebo-me do quão estou dependente dele. Ando de um lado para o outro na sala e não consigo fazer nada de útil. O Ebbe sai amiúde à noite, mas passa sempre por casa. Como se faz tarde, deito a Helle, visto-me e vou a casa da Lise, que acabou de chegar do trabalho. Diz que o Ole também não está em casa, que os dois terão provavelmente saído

juntos. E que também muito provavelmente encontraram outros amigos e perderam a noção das horas. Não seria a primeira vez que acontecia. És tão burguesa e convencional, diz ela com um sorriso. Talvez te devesse ter casado com um daqueles homens que mal saem do trabalho vão direito para casa com o cheque do salário no bolso, e que nunca bebem. Então, falo-lhe da nossa discussão e digo-lhe que a nossa relação já não é tão sólida quanto antes. Confesso-lhe o meu receio de que encontre outra pessoa, uma mulher que não escreva e não seja frígida. É capaz de o fazer por uma noite, sim, diz ela, mas nunca te abandonaria ou à Helle. Tem muito orgulho em ti, é mais do que óbvio sempre que fala de ti. Só tens de perceber que não lhe é assim tão fácil sentir-se inferior. És famosa, ganhas bom dinheiro, adoras o teu trabalho. O Ebbe é só um estudante pobre que está a ser mais ou menos sustentado pela mulher. Está a tirar uma licenciatura de que não gosta, e tem de se embebedar para enfrentar a existência. Mas tudo vai melhorar quando retomarem a vossa vida sexual normal. E hão de retomá-la, só estás cansada de cuidar da bebé. Senta o Kim ao seu colo e começa a brincar com ele. Quando o Ole acabar o curso, diz ela, quero tornar-me psicóloga infantil. Não aguento mais trabalhar em escritórios. A Lise gosta tanto dos filhos das outras pessoas quanto do seu. Adora pessoas em geral, e os seus amigos estão sempre a fazer-lhes confidências que jamais fariam às pessoas que lhes são mais próximas. Quando achas que vai voltar a casa?, pergunto. Não sei, admite. Uma vez, o Ole esteve oito dias desaparecido, mas nessa altura comecei a preocupar-me. Depois de deitar o Kim, a Lise senta-se com as pernas fletidas para cima e o queixo apoiado num joelho. Toda ela irradia serenidade e compreensão, e sinto-me um pouco melhor. Às vezes parece-me que não sei como lidar com as outras pessoas, digo. É como se apenas me conseguisse ver a mim no mundo inteiro. Que patetice, diz a Lise. Tu amas mesmo o Ebbe. Sim, amo, respondo, mas não da maneira certa. Quando se esquece de levar o cachecol, não corro atrás dele para lho levar. Não me esforço um mínimo para lhe preparar pratos bons ou requintados, nem nada do género. Creio que só consigo gostar de outras pessoas se elas estiverem interessadas em mim, é por isso que nunca sofrerei de amor não correspondido. Até pode ser como dizes, admite ela, mas o Ebbe está interessado em ti. Falo-lhe do Sr. Mulvad e das equações, e ela desmancha-se a rir. Não sabia que o Ebbe resolvia equações matemáticas, tem piada. Não, não é isso que queria dizer, realço. O que queria dizer é que não quero

saber de ninguém quando escrevo. Simplesmente não consigo. A Lise diz que os artistas são por natureza egoístas, e que não devia pensar tanto no assunto. No meu regresso a casa, percorro sozinha as ruas da cidade imersas numa escuridão que as estrelas não conseguem penetrar. Ainda bem que me posso apoiar no carrinho de bebé. Ainda não são oito horas, mas estugo o passo, porque há recolher obrigatório. Devemos estar todos em casa às oito da noite. Por conseguinte, hoje o Ebbe não volta a casa; terá de pernoitar onde quer que esteja. Mudo a fralda à Helle, visto-lhe o pijama e aconchego-a na caminha. Tem quatro meses e oferece-me um sorriso desdentado enquanto me agarra o dedo com toda uma mão. Ainda bem que, para já, tanto lhe faz se o pai está ou não em casa.

Na manhã seguinte, o Ebbe chega a casa num estado lastimável. Tem o casaco mal abotoado e o cachecol enrolado até aos olhos, conquanto seja primavera e esteja bom tempo. Tem os olhos vermelhíssimos de muito beber e pouco dormir. Estou tão feliz de o ver regressar são e salvo que nem sequer o repreendo. Para no meio da sala e baloiça para a frente e para trás antes de dar alguns passos desajeitados da assim designada «dança do babuíno», uma dança a solo que executa sempre a dado momento quando embriagado, enquanto toda a gente em seu redor o aplaude. Apoia-se numa só perna e rodopia, mas perde o equilíbrio e tenta apoiar-se numa cadeira. Traí-te, diz numa voz séria. Com quem?, pergunto, tristíssima. Com uma rapariga bonita, diz ele, que não está grávida nem é fri... frígida. Uma tipa que o Ole conhecia do bar Tokanten. Vais voltar a vê-la?, pergunto. Bem, isso depende de muitas coisas, diz ele, sentando-se pesadamente numa cadeira. Se puseres o tal Mulvad a jogar o solitário, então talvez não me encontre outra vez com ela. Caso contrário, não sei, não prometo nada! Aproximo-me dele, afasto-lhe o cachecol da boca e beijo-o. Não te encontres outra vez com ela, digo, num tom firme, faço-te a vontade e ponho o Mulvad a jogar o solitário, pronto. Abraça-me pela cintura e encosta a cabeça à minha virilha. Sou um monstro, tartamudeia, porque queres continuar ligada a mim? Sou pobre e bêbedo, não sirvo para nada. Já tu és famosa e bonita e podias ter quem quisesse. Mas nós temos uma filha, digo eu, convicta, não quero mais ninguém, só a ti. Levanta-se e abraça-me. Estou tão cansado, diz. Não é com bebedeiras que vou resolver os nossos problemas. Aquele cabrão do van de Velde só me trouxe dores de costas. Rimo-nos e ajudo-o a despir-se e a meter-se na cama. Em seguida, sento-me

à máquina de escrever e, enquanto escrevo, esqueço que o meu marido foi para a cama com outra mulher. Esqueço tudo até a Helle começar a chorar de fome.

No dia seguinte, escrevo um poema que começa assim: Porque é que o meu amado caminha à chuva sem casaco nem chapéu? Quando me abandona à noite, é de bradar ao céu. Quando o mostro ao Ebbe, ele diz que está bom, mas que não choveu, e que levou um casaco vestido. Rio-me e falo-lhe da ocasião em que o Edvin leu os meus poemas e disse que eu era uma mentirosa. O Ebbe diz que nunca mais se desencaminhará, já que isso me entristece tanto. É a porcaria do *pullimut*, aquela zurrapa, diz ele. Nos bares só vendem uma cerveja se também se comprar um copo de *pullimut*, e é por isso que as pessoas ficam embriagadas. Num acesso de ciúmes, pergunto-lhe como era a rapariga com quem foi para a cama. Diz que não era, nem de perto nem de longe, tão bonita quanto eu. É daquele género de mulher que persegue artistas e estudantes universitários, diz ele. São tantas que as podíamos dar de comer aos porcos. Se não tivéssemos a Helle, as coisas entre nós ainda estariam bem, acrescenta ele. Há de regressar ao normal, digo, penso que está a melhorar. Mas não é verdade. Havia entre nós algo essencial e sumamente bom e valioso, e esse algo, que não consigo definir, desapareceu para sempre, e para o Ebbe é pior, porque ele não tem como sublimar os problemas e as mágoas por meio da escrita. Nessa noite, antes de adormecermos, olho-o nos seus olhos amendoados e vejo os pontinhos castanhos brilharem à luz do candeeiro. Promete-me que não nos abandonas, a mim e à Helle, aconteça o que acontecer, digo. E ele promete-mo. Vamos envelhecer juntos, diz ele. Vais ficar com rugas e ter uma barbela como a da minha mãe, mas os teus olhos nunca irão envelhecer. Serão sempre os mesmos, terão sempre essa linha preta em volta do azul. Foi por isso que me apaixonei. Beijamo-nos e deitamo-nos abraçados numa castidade fraternal. Findo o período van de Velde, o Ebbe não mais tenta fazer amor comigo, conquanto eu nada tenha a opor e raras vezes o tenha rejeitado.





Um dia, no fim de maio, a Ester faz-me uma visita. Diz que as reuniões do clube andam uma desgraça, em parte por causa do recolher obrigatório, em parte por conta da relutância com que o restaurante nos tem acolhido, uma vez que têm propriamente ganhado fortunas com os nossos encontros. Mas também, em parte, devido aos problemas dos membros do clube e aos conflitos que têm surgido entre eles. A Sonja não tem meio de acabar o seu romance, que o Morten Nielsen já editou inúmeras vezes. Deu também alguns capítulos a ler ao professor Rubow. O Halfdan tem uma coletânea de poesia no prelo, vai ser publicada pela Athenæum, editora que também elogiou o novo romance da Ester, que sairá no outono. De minha parte, entreguei o manuscrito de *A Rua da Infância*, e de momento não estou a escrever nada. Tenho dentro de mim um enorme vazio que nada consegue preencher, é como se tudo entrasse em mim, mas nada saísse. A Lise diz que agora tenho de aproveitar a vida por algum tempo, que o mereço depois de tanto trabalho árduo. Todavia, só sou feliz quando escrevo. Por puro tédio, passo horas com o Arne e a Sinne, que vivem na Schubertsvej. Foram eles quem vi deitados na cama de criança na noite em que conheci o Ebbe. O Arne é, como o Ebbe, estudante de Economia, e os pais enviam-lhe tanto dinheiro que nem tem de trabalhar. A Sinne é filha de um agricultor do Limfjord, e é anafada, ruiva e vivaça. Começou a tirar um curso académico, porque a incomoda saber tão poucas coisas. Digo-lhe que já me habituei à minha própria ignorância e que sou péssima estudante. Confesso-lhe que quando me divorciei do Viggo F. ainda não acabara de ler *A Revolução Francesa*.

A Ester já não mora com o Viggo F. Ela alega que já não o aguentava ouvir lamuriar-se das saudades que tinha de mim, e que ele se tornou

insuportável e amargo depois de eu o deixar. Voltou para casa dos pais, onde não está muito melhor. O pai é um merceeiro falido que leva as amantes para casa, uma atrás da outra. A mãe já se habituou à situação. Sabes que mais, diz a Ester, estou saturada de todo este pensamento livre forçado e pouco natural. Eu também, e pergunto-lhe o que duas esquisitonas como nós deviam fazer quando não estão a escrever. É então que me diz qual o verdadeiro motivo da visita. Conhece, desde os tempos em que trabalhava na farmácia, uma pintora chamada Elisabeth Neckelmann. A tal pintora mora com outra mulher que usa fato e gravata e uma boquilha de âmbar, porque só gosta de mulheres. Ela gosta de mim, diz casualmente a Ester, e convidou-me a morar algum tempo na casa de férias dela. Soa-me bem, mas não tenho como viver lá com o Halfdan, porque não temos rendimentos. Não queres ficar lá comigo? O ar do campo só faria bem à Helle. Como hesito antes de responder, o Ebbe intromete-se na conversa. Acho que devias ir, diz ele, uma separação curta pode revitalizar a relação entre marido e mulher. Afirmo também que terá mais tranquilidade e tempo para estudar sem a Helle a incomodá-lo. Tem os exames marcados para breve e ainda lhe falta muito que estudar. Aceito, portanto, o convite da Ester. Gosto dela, porque é calma, simpática e sensível, e porque tem a mesma missão de vida que eu. O Ebbe promete visitar-me tanto quanto puder, embora a casa fique algures no Sul da Zelândia, longe de Copenhaga. A Ester e eu decidimos ir até lá de bicicleta no dia seguinte, e nessa noite o Ebbe vai comigo para a cama pela primeira vez em muito tempo. Faz amor comigo com fúria, sem carinho, como se o irritasse ainda se sentir atraído por mim. Vai ser diferente, digo, quando deixar de amamentar. Ele suja-se com o meu leite e ri-se. Sim, não é fácil ir para a cama com uma vaca leiteira, diz ele.

\*

A casa situa-se num terreno baixo, tendo por trás um campo de trigo. Na encosta entre a casa e a estrada há erva alta e framboeseiras silvestres; dois pinheiros retorcidos escondem o portão. A casa tem uma grande sala de estar com uma lareira antiquada numa das pontas, e um quartinho com duas camas, onde nos deitamos tão perto uma da outra que ouço a Ester respirar serenamente sempre que acordo, por um momento, durante a noite. Durmo

com a Helle e sinto-me feliz e confortável com o seu corpinho quente ao meu lado. Passa o dia a apanhar sol deitada no carrinho, mas, tal como eu, não adquire um tom bronzeado. Temos ambas uma pele muito pálida. A Ester, por seu lado, fica bronzeada em poucos dias. Os dentes dela parecem até ter embranquecido, e o branco dos seus olhos é como porcelana húmida em contraste com a pele acastanhada. Sou a primeira a acordar de manhã, porque a Ester precisa de dormir mais do que eu. Acendo, com muita dificuldade, o forno com lenha que compramos numa quinta aqui perto, onde também nos vendem leite e ovos. Quando finalmente acendo o forno, é mais o fumo que o lume, e tenho de o reacender várias vezes. Depois faço chá e barro manteiga no pão, e às vezes sirvo à Ester o pequeno-almoço na cama. Vais fazer de mim uma mimada, diz ela, contente, enquanto esfrega os seus olhos castanho-outono para repelir o sono. O cabelo preto, comprido, cobre-lhe a fronte. Os dias decorrem ao sabor de caminhadas longas e das brincadeiras com Helle, a quem acabou de nascer o primeiro dente. Como nunca fiz férias no campo, estou surpreendida com o silêncio, que é diferente de tudo o que já experienciei. Sinto algo que se assemelha a felicidade, talvez seja a isto que chamam aproveitar a vida. À noite, deixo a Helle aos cuidados da Ester e dou um passeio sozinha. As fragrâncias dos campos agrícolas e do pinhal são agora mais intensas do que no dia em que cá chegámos. As janelas iluminadas na quinta são como quadrados amarelos na escuridão, e pergunto-me o que farão as pessoas que ali moram para passar o tempo. O lavrador deve ouvir rádio, a mulher talvez remende meias que tira, uma por uma, de um cesto de vime. Não tardarão a bocejar e a espreguiçar-se e olhar pela janela para ver que tempo faz e a trocar algumas palavras sobre as tarefas que os ocuparão de manhã. Depois, irão em bicos de pés até à cama, para não acordarem os filhos. Os quadrados amarelos desaparecerão. As pessoas fecham os olhos em todo o mundo, as cidades adormecem, as casas adormecem, os campos adormecem. Quando regresso a casa, a Ester tem sempre pronto um jantar simples – ovos ou algo do género, não nos damos a grandes trabalhos na cozinha. Depois acendemos o candeeiro a petróleo e falamos horas a fio, com longas pausas de entremeio, que não são tensas nem incomodativas como o são, hoje em dia, os períodos de silêncio entre mim e o Ebbe. A Ester fala-me da sua infância, do seu pai, um adúltero inveterado, e da sua mãe, uma mulher amável e paciente. Também lhe falo da minha infância, e os nossos

passados ganham vida entre nós como se a secção de uma parede fervilhasse de vida. A tranquilidade dos dias que aqui passamos é apenas interrompida quando o Ebbe e o Halfdan nos visitam. Às vezes vêm juntos, cada um na sua bicicleta, e chegam afogueados e ofegantes. Divertimo-nos quando estão cá de visita, é um facto, mas prefiro ficar a sós com a Ester. Com as suas camisas de manga curta desbotadas e as suas calças compridas e a sua boca pequenina e o lábio arrebitado, mais parece um rapaz.

Quando faz calor de manhã, tomamos banho completo junto ao campo. A Ester tem pele castanha, um corpo roliço e seios grandes e firmes. É um pouco mais alta que eu, e espadaúda. Quando me atira a água fria para cima, grito e arrepio-me, e a minha pele adquire uma tonalidade arroxeadada. No entanto, quando é a sua vez de se lavar, a Ester mantém-se impávida e serena e, estendida na relva como se crucificada, seca ao sol a pele macia, viçosa. Acho que seria capaz de viver assim até ao fim da vida, e inquieta-me sobremaneira pensar no Ebbe e nos nossos problemas constantes.

As espigas de trigo dourado carregadas de grãos balançam delicadamente ao vento. Acordo muito cedo, pois ouço um cuco cucular, ao início perto da casa, logo mais distante, como se retirasse algum prazer de nos provocar. Por fim, uma de nós sai da cama estonteada de sono, abre uma das portadas e bate palmas para o afugentar. Uma hora mais tarde, um agricultor começa a ceifar o campo, e o sol ergue a sua fronte amarela acima do pinhal. Ainda deitada, amamento a Helle e observo a Ester. Ocorre-me que em breve teremos de voltar à cidade, cada uma de nós para junto do seu marido. Penso também na Ruth, a minha amiga de infância, e uma sensação de felicidade leva-me a pensar em mil e uma coisas sem nenhum encadeamento definido. Quando a Ester acorda, pergunto-lhe: Achas que devia deixar de amamentar? Claro, diz ela, sorridente. A Helle parece estar bem, mas não lhe faria mal comer sólidos. Mas, se parares de lhe dar mama, vais perder esse peito tão bonito.

Quando chego a casa, deparo com um Ebbe bronzeado que terminou o primeiro semestre com as notas mais baixas possíveis. Mas passou. Está genuinamente contente por me ver, e, quando me abraça, sinto que a minha frigidez se está a desvanecer. Digo-lhe isto, e ele diz que já nada no mundo nos poderá separar. Sou da mesma opinião. No entanto, nos dias que se seguem penso no rosto ameninado da Ester, na sua boquinha, e concluo que,

de algum modo indecifrável, ela é a razão para o Ebbe e eu nos termos aproximado de novo.



No outono, publico o meu novo livro, que recebe boas críticas em toda a imprensa, exceto no *Socialdemokraten*, onde o Julius Bomholt o trucidava num artigo de duas colunas com o título «Fuga da Rua do Proletariado». Segundo ele, o livro «não apresenta o mais ligeiro vestígio de gratidão». Acrescenta que «também carece de uma descrição dos nossos rapazes, tão jovens e sadios, da DSU». Mas se nunca conheci ninguém da DSU, como é que havia de os descrever?, digo para comigo enquanto bebo sucedâneo de chá. O Ebbe faz os possíveis por me consolar, mas não estou habituada a receber críticas deste teor, e choro como se me tivesse morrido um familiar próximo. Ele costumava ser tão simpático comigo quando eu e o Viggo F. o visitávamos, digo. O Ebbe acha que ele deve estar furioso comigo porque deixei o Viggo F., tal qual o Barnhof ficou, e a recensão parece, de facto, ser um tanto cruel, como se um ódio pessoal a tivesse motivado. O Graham Greene escreveu algures, acrescenta o Ebbe, que olha para o teto, como é seu hábito quando entra em reflexão profunda, que há algo de errado com as pessoas que nunca tiveram um fiasco. Deixo-o reconfortar-me. Recorto todas as recensões – exceto a má, que no fim de contas nem interessa – e levo-as todas ao meu pai. Ele cola-as no meu álbum, que já está cheio até meio. Não podias ter omitido, pergunta ele, em jeito de repreensão, a parte em que apareço a dormir no sofá com o traseiro virado para cima e as calças coçadas? Não estou sempre a dormir, hã, e também não visto sempre calças tão coçadas! Ninguém sabe que és tu, diz a minha mãe. Olha, por exemplo, a mãe que aparece no livro não tem nada que ver comigo. Depois diz-me que emprestou o exemplar deles à mulher da gelataria quando ela lhe perguntou qual era a sensação de ter uma filha famosa. Antes nem sequer olhava para mim, diz a minha mãe.

Vivo um breve período de felicidade. O Ebbe não sai à noite e não bebe demasiado. Por outro lado, as coisas entre a Lise e o Ole não correm bem. Têm discutido imenso, porque estão a enfrentar problemas financeiros graves. O Ole tem um empréstimo universitário por pagar e a Lise auferia um salário relativamente baixo. Morreriam de fome se a Lise não apanhasse, ao cair do dia, cogumelos na lixeira. Ela confia-me que se quer divorciar e casar com o jurista com quem tem um caso. Ele é casado e tem dois filhos. E o Arne quer separar-se da Sinne, porque ela tem um amante que vende produtos no mercado negro e ganha a quantia exorbitante de cinquenta coroas por dia. À noite, deito-me abraçada ao Ebbe e prometemos um ao outro que nunca nos divorciaremos nem nos trairemos.

Digo ao Ebbe que sempre odiei a mudança. Conto-lhe que fiquei tristíssima quando nos mudámos da Hedebygade para a Westend, onde nunca me senti em casa. Digo-lhe que sou como o meu pai. Quando a minha mãe e o Edvin mudavam os móveis de sítio, o meu pai e eu devolvíamos-los sempre ao seu lugar original. O Ebbe ri-se e acaricia-me o cabelo. Saíste-me cá uma reacionária!, diz ele. No fundo, também o sou, embora seja radical. Com a sua voz grave e meiga, recita um sem-fim de palavras de conforto ao meu ouvido. Está a desenvolver as suas teorias, com as quais pretende explicar porque é que os negros são negros e os judeus têm narizes aduncos, e sobre o número de estrelas que existem no céu. São questões para as quais não há respostas e que me fazem adormecer como uma canção de embalar repetitiva a uma criança. Trancamos lá fora o mundo complicado, mau, que não suportamos e que nos quer pôr de lado. Os alemães controlam agora a polícia, e o Ebbe tornou-se membro da CB (Defesa Civil). É suposto ser uma espécie de entidade substituta da polícia. Usam uniformes azuis com chumaços nos ombros, e o chapéu do Ebbe é grande de mais para ele. Acho que parece o bom soldado Švejk quando o enverga, e não o levo a sério quando diz que se devia juntar à resistência.

Aos nove meses de idade, com muito esforço, a Helle põe-se de pé ofegante, pela primeira vez, no seu parque. Agarra-se às barras, balança e guincha de alegria. Quando me curvo para a elogiar, começo a salivar e tenho de correr até à casa de banho para vomitar. Digo para comigo que devo ter comido alguma coisa que me caiu mal, mas as pernas tremem-me só de pensar que posso estar grávida. Tenho perfeita noção de que uma segunda gravidez destruirá em definitivo a minha relação com o Ebbe.

\*

Está com dois meses, diz o Dr. Herborg, o meu médico de família, quando se senta. De repente, a cortina que me separa da realidade adquire um matiz cinzento e uma textura perfurada, como se se transformasse numa teia de aranha. A bata branca e imaculada do médico tem um botão em falta, e de uma das narinas sai-lhe um enorme pelo preto. Mas não quero ter este bebé, digo enfaticamente, foi um erro, devo ter posto mal o meu diafragma. Sorri-me e fita-me com cara de poucos amigos. Santo Deus, diz, quantas crianças acha que nascem por engano? As mães amam-nas à mesma! Não o posso abortar?, pergunto, com cautela, e o sorriso desaparece-lhe de imediato, como se fosse um elástico de borracha que de repente deixa de estar sujeito a pressão e fica flácido. Não faço isso, diz ele com frieza, e a menina deve saber que é ilegal. Então, sigo o conselho da Lise e pergunto-lhe se me pode indicar alguém que o faça. Não, diz ele, isso também é ilegal. Visito a minha mãe, que, estou certa, me compreenderá. Está sentada na cozinha a jogar solitário. Ah, diz ela quando toma conhecimento do motivo que me levou até ali, não é assim tão difícil de o tirar. Vai à farmácia e compra um frasco de óleo de âmbar. Bebe-o inteiro e funciona. Funcionou duas vezes comigo, sei bem do que estou a falar. Compro o óleo de âmbar e sento-me à frente da minha mãe, do outro lado da mesa da cozinha. Quando abro a tampa do frasco, um odor nauseabundo envolve-me e corro até à casa de banho para vomitar. Não consigo, digo, não consigo engolir isto. Como a minha mãe não tem mais conselhos a dar-me, caminho até ao edifício estatal onde a Lise trabalha e espero por ela apoiada à parede. Daqui, vejo o telhado verde da Bolsa, que cintila debilmente à luz do pôr do Sol, e lembro-me dos passeios que dava na cidade, à noite, com o Piet quando saíamos das reuniões do clube e regressávamos a casa. Nessa altura não estava grávida e, se tivesse ficado com o Viggo F., não teria engravidado. As pessoas passam por mim sem se aperceberem da minha presença. As mulheres passam por mim com e sem carrinhos de bebé, sozinhas ou com os filhos pela mão. Parecem relaxadas e introspetivas, e provavelmente não têm a crescer dentro delas algo que não querem que cresça. Lise, digo quando ela caminha na minha direção. Ele diz que não o faz. E agora, o que vai ser da minha vida? Enquanto nos dirigimos à



paragem de elétrico, falo-lhe do asqueroso óleo de âmbar da minha mãe, uma solução de que a Lise nunca tinha ouvido falar. Acompanho-a à casa da mãe, onde vai buscar o Kim. A mãe da Lise é uma mulher autoritária que usa sempre um vestido até ao chão e uma touca na cabeça, porque tem uma careca. Lembro-me de que deu à luz dez filhos, porque o pai da Lise queria que houvesse sempre um bebé em casa, e nunca ninguém lhe perguntou se os seus desejos coincidiam com os do marido. Quando chegamos a casa da Lise, ela diz-me que não posso entrar em pânico, tem de haver uma solução. Promete-me que vai inquirir uma mulher que trabalha com ela no escritório, e que há um ano fez um aborto ilegal. Para meu azar, a dita mulher está de baixa médica; mas a Lise vai arranjar-me a morada da clínica assim que a colega regressar ao trabalho. O Dr. Leunbach não quer fazer abortos agora porque recentemente esteve preso por isso mesmo, diz a Lise. A Nadja talvez conheça alguém, diz, mas não me lembro de onde ela e o marinheiro moram. Seja como for, não posso ficar à espera de braços cruzados, digo eu, desesperada, tenho de fazer alguma coisa. Não consigo trabalhar, e perdi todos os sentimentos pelo Ebbe e pela Helle, é como se não sentisse nada por eles. A Lise diz que talvez haja muitos médicos na situação do Dr. Leunbach. Diz também que se tenho mesmo de fazer alguma coisa, posso tentar, por exemplo, consultar todos os médicos que constam da lista telefónica. Talvez tenha sorte. A colega dela pode, entretanto, melhorar e regressar ao serviço, e não devo perder a esperança. Olha-me pensativa: Achas mesmo que seria assim tão mau se tivessem outro filho?, pergunta. A Lise também não me compreende, afinal. Não quero que me aconteça nada que não quero que aconteça, digo. É como cair numa armadilha. E a nossa relação não aguenta outra fase de frigidez. Agora já nem suporto que o Ebbe me toque. Quando chego a casa, o Ebbe diz-me que entrou em contacto com a resistência e que o vão treinar para ser combatente pela liberdade, tendo em vista o dia em que os alemães capitularem e desocuparem o país. Ninguém acredita que isso aconteça sem lhes dar luta. Mas depois da derrota que sofreram em Estalinegrado, também já ninguém acredita que os alemães irão ganhar. Para mim, tanto me faz, digo-lhe, irritada, podes brincar aos soldadinhos, se é isso que queres. Eu cá tenho mais com que me preocupar. O Ebbe diz que não lhe agrada nada saber que quero abortar. Há quem morra na operação, diz ele. De qualquer modo, não me vai ajudar a

encontrar um médico que o faça. Não vale a pena falar com ele, não me entende, já nem sei o que vi nele.

No dia seguinte, começo a minha odisseia em busca de um médico. Só consigo falar com dois ou três por dia, porque todos dão consulta às mesmas horas. Com o meu sobretudo puído e um cachecol vermelho ao pescoço, sento-me diante de todas estas batas brancas. Olham-me com desdém e incredulidade: Quem diabo lhe deu a minha morada? Minha querida senhora, há mulheres em situações bem piores que a sua. É casada e só tem uma filha. Um deles diz-me: Não quer que eu cometa um crime, pois não? A porta da rua é a serventia da casa, faça o favor de sair. Regresso a casa num estado lastimável, vexada. Vou a casa da mãe do Ebbe buscar a Helle, e dou-lhe de mamar sem lhe prestar atenção. Deito-a na cama e volto a pegar-lhe ao colo. O telefone toca, e, quando atendo a chamada, ouço o seguinte: Estou? Daqui fala o Hjalmar. O Ebbe está? Passo o telefone ao Ebbe, que responde com monossílabos ao tal Hjalmar. Depois veste o casaco que herdou do pai e que tem uma presilha ridícula nas costas. Como está a chover, calça as galochas e enfia até aos olhos um gorro que nunca usa. Leva debaixo do braço, com aparente desconforto, uma mala, e é como se dentro dela transportasse dinamite. Tem o rosto pálido. Tenho um ar suspeito?, pergunto. Não, digo, sem grande emoção, mas até uma criança depressa veria, ao longe, que há nele algo de estranho. Quando se vai embora, examino página por página a lista telefónica. Contudo, encontrar um médico que faça abortos desta maneira é como tentar encontrar uma agulha num palheiro, e desisto da ideia passados dois ou três dias. Tenho noção de que estou a correr contra o tempo, sei que ninguém me fará um aborto se passar dos três meses de gravidez. Não é fácil conversar com a Lise ao fim do dia, porque se encontra com o amante depois do trabalho, e acha que não devíamos pedir conselhos ao Ole, porque ele tem a mesma atitude que o Ebbe. De momento, os homens parecem estar completamente excluídos do meu mundo. São seres estranhos, como se tivessem vindo de outro planeta. Não estão em contacto com os seus corpos. Não têm órgãos macios, membranosos aos quais um aglomerado viscoso se pode fixar como um tumor e, quer eles queiram, quer não, começar a formar a sua própria vida. Uma noite, visito o pai da Nadja e pergunto-lhe onde ela mora com o tal marinheiro. Vivem numa cave de um prédio em Østerbro, e vou de imediato até lá. Estão a comer à mesa, e a Nadja pergunta-me, com

amabilidade, se quero fazer-lhes companhia. Mas, hoje em dia, o cheiro a comida enjoa-me e já mal consigo comer o que quer que seja. A Nadja cortou o cabelo e caminha agora com passos gingões, como se estivesse a bordo de um navio. O marinheiro chama-se Einar e repete as mesmas frases vezes sem conta: É isso mesmo, é assim que fazemos, etc. A Nadja também fala assim. Quando lhe conto o que me trouxe até aqui, diz que me pode arranjar alguns comprimidos de quinina. Foi o método que usou quando fez um aborto. Mas podem demorar alguns dias a fazer efeito, diz ela. Não é assim tão fácil. Mas compreendo-te perfeitamente, diz ela, com empatia. Odeias pensar que está a desenvolver olhos e dedos nos pés e nas mãos, e que não podes fazer nada contra isso. Olhas para as outras crianças e não vês nelas nada que as possa redimir. Só queres ficar outra vez a sós com o teu corpo.

Um pouco aliviada, digo à Lise que a Nadja me prometeu arranjar-me alguns comprimidos de quinina, mas a Lise não se mostra muito entusiasmada. Ouvi dizer que há quem fique cego e surdo ao tomar desses comprimidos. Por meu turno, digo que não me interessa, desde que me consiga livrar disto.

Por fim, a colega da Lise por quem temos esperado regressa ao trabalho e dá-lhe a morada do médico que a ajudou. Sinto-me feliz pela primeira vez em muito tempo quando caminho para casa com o papelinho na mão. O médico chama-se Lauritzen e mora na Vesterbrogade. É popularmente conhecido como «Lauritz do Aborto», portanto, deve ser mesmo ele. Já consigo olhar de novo para a Helle e para o Ebbe. Sento a Helle ao meu colo e brinco com ela, e digo ao Ebbe: Quando saíres para te encontrares com o Hjalmar, não uses gorro, e transporta a mala como se transportasses livros dentro. Não tens jeitinho nenhum, não te sabes disfarçar. Tranquiliza-me ao dizer que é pouco provável que os alemães o apanhem, já que não vai participar em operações de sabotagem. Amanhã a esta hora, estarei o mais feliz que já estive em toda a minha vida, digo.

No dia seguinte, visto o casaco de bombazina que comprei à Sinne, porque começa a fazer frio lá fora. A Sinne fez ela própria o casaco para aproveitar o tecido de algumas peças antigas que pertenciam à família, mas perdeu por completo a vontade de o usar quando toda a gente começou a envergar casacos de bombazina. Visto também calças compridas. Vou de bicicleta até à Vesterbrogade, que já está decorada para o Natal com coroas

de ramo de pinheiro e laços vermelhos no passeio. Disseram-me para não dizer a ninguém onde vou, nem quem me deu a morada. Há muitas pessoas na sala de espera, na maioria mulheres. Uma mulher com um casaco de peles torce e retorce as mãos enquanto caminha de um lado para o outro. Dá uma palmadinha na cabeça de uma menina como se as mãos se mexessem de sua livre vontade, e logo retoma as suas deambulações inquietas. De repente, interpela uma jovem. Posso ir à sua frente, por favor? Tenho muitas dores. Está bem, sem problema, diz a mulher, compassiva, e quando a porta do gabinete de consultas se abre e alguém grita «A seguir!», a mulher corre para dentro da sala e fecha a porta com estrondo. Pouco depois, a mulher sai da sala uma pessoa diferente. Os olhos brilham-lhe, tem as faces rubras e um sorriso estranho, distante. Puxa a cortina para o lado e lança um olhar à rua. Que bonitas que estão as decorações, diz ela. Mal posso esperar pelo Natal. Espantada, vejo-a ir-se embora. O meu respeito pelo médico cresceu sobremaneira. Se é capaz de ajudar uma pessoa com dores atrozes em tão poucos minutos, quem sabe o que poderá fazer por mim?

E então, o que a traz cá?, pergunta o médico, que me fita com os seus olhos cansados, mas amistosos. É um homem já de certa idade, grisalho, e tem um aspeto um tanto indefinido, desleixado. Tem, na secretária, uma sanduíche de mortadela, ambas as pontas do pão estão reviradas para cima. Digo-lhe que estou grávida, mas que não quero ter este filho. Bem, diz ele enquanto coça o queixo, lamento desapontá-la, mas de momento não estou em condições de a ajudar, porque as coisas começam a aquecer para o meu lado.

A minha desilusão é tal, e tão descoroçoante, que enterro a cara nas mãos e irrompo em lágrimas. Mas o doutor era a minha última oportunidade, choramingo, já estou quase nos três meses. Se não me ajudar, mato-me. Isso é o que muitas mulheres dizem, retorque ele com toda a serenidade, e tira os óculos para me observar melhor. Ouça lá, diz ele, a senhora é a Tove Ditlevsen, não é? Admito que sim, mas não vejo que diferença isso possa fazer. Li o seu último livro, diz ele, é bom. Eu também sou de Vesterbro, sabe. Se parar de chorar, diz ele muito lentamente, talvez lhe consiga sussurrar uma morada. Quase o abraço por gratidão quando anota uma morada num papelinho. Pode marcar consulta com o colega, diz ele. Ele limita-se a furar o saco amniótico. Se tiver uma hemorragia, tem de me chamar. E se não tiver uma hemorragia?, pergunto, aflita com a

possibilidade de passar por mais dificuldades do que antevia. Isso não seria muito bom, diz ele, mas normalmente há hemorragia. Mas para já não vale a pena pensar no assunto.

Quando chego a casa, conto tudo ao Ebbe, que me roga que desista do aborto. Não, respondo eu com veemência, preferia morrer a ter mais um filho. O Ebbe parece inquieto, dá voltas e mais voltas na sala enquanto olha para o teto como se procurasse aí argumentos convincentes. Telefono ao médico, que mora em Charlottenlund. Amanhã às seis da tarde, diz ele num tom monocórdico, quase irritado. Pode entrar sem bater, vou deixar a porta aberta. Traga 300 coroas. Digo ao Ebbe que não se preocupe. Se me acontecer alguma coisa, o médico fica em maus lençóis, portanto, decerto terá cuidado. Quando isto estiver resolvido, digo, volta tudo ao normal, Ebbe. É por isso que tenho de fazer isto.

Apanho o elétrico até Charlottenlund. Não quero ir de bicicleta, porque não sei em que estado ficarei depois da consulta. É antevéspera de Natal, e as pessoas carregam caixas embrulhadas em papel colorido. Talvez tenha o problema resolvido na véspera de Natal, e assim poderemos consoar, uma vez mais, em casa dos meus pais. Gostaria muito de passar a noite de Natal com eles. Estou sentada ao lado de um soldado alemão. Uma mulher anafada com embrulhos na mão levantou-se com muito esforço para se sentar do outro lado. Tenho pena do soldado, que provavelmente tem mulher e filhos em casa, na terra dele, onde decerto preferiria estar neste momento, ao invés de andar a mando de outros num país estrangeiro que o seu líder decidiu invadir. O Ebbe ficou à espera em casa, está mais nervoso do que eu. Comprou-me uma lanterna, para que possa encontrar a porta certa no escuro. Consultámos um livro com a esperança de descobrir o que é, de facto, o saco amniótico. Segundo o autor do livro, quando o saco rompe, as águas soltam-se e dá-se início ao nascimento. Mas neste caso é suposto eu sangrar, não que se me soltem as águas. Nenhum de nós entende, de verdade, o mecanismo que subjaz a todo o processo.

O médico cumprimenta-me no átrio, que está iluminado por uma lâmpada sem candeeiro suspensa de um gancho preso ao teto. Parece nervoso e desconfiado. O dinheiro, se faz favor, diz ele sem mais rodeios, e estende-me uma mão. Dou-lhe o dinheiro e ele indica-me o consultório com um meneio do queixo. Tem cerca de cinquenta anos, é baixo e franzino, e tem as comissuras da boca reviradas para baixo, como se nunca tivesse sorrido. Suba para aqui, diz ele quando dá uma palmada numa marquesa equipada com presilhas para as pernas das pacientes. Deito-me e, inquieta, lanço uma olhadela à mesa de apoio onde se vê uma fiada de instrumentos afiados e

brilhantes. Vai doer?, pergunto. Um bocadinho, diz ele, só por um instante. Fala telegraficamente, como se tentasse fazer um uso limitado das suas cordas vocais. Fecho os olhos e uma dor lancinante percorre-me o corpo, mas não emito um único som. Está feito, diz ele. Se tiver uma hemorragia ou febre, ligue ao Dr. Lauritzen. Não vá ao hospital. Não mencione o meu nome a ninguém.

Sinto receio pela primeira vez quando, de regresso a casa, apanho o elétrico. Porque é tudo isto tão secreto e complicado? Porque é que ele não o tirou de uma vez e pronto, assunto arrumado? Dentro do meu corpo reina um silêncio sepulcral, não há qualquer indício de que um instrumento mortífero acabou de perfurar a membrana que deveria proteger o ser que quer viver independentemente do que eu própria quero ou não. Quando chego a casa, deparo com o Ebbe a dar de comer à Helle. Está pálido e nervoso. Conto-lhe o que aconteceu. Não o devias ter feito, diz ele repetidas vezes, puseste a tua vida em risco, não está certo. Passamos quase toda a noite em claro. Não há vestígio de sangue ou qualquer outro fluido, não tenho febre, ninguém me disse o que devia acontecer. Começam então a soar os alarmes de ataque aéreo. Levamos a Helle para o abrigo na cave sem a tirarmos da caminha. As sirenes nunca a acordam. Alguns dos nossos vizinhos já cá estão. Todos eles parecem ensonados. Falo com a vizinha do andar de baixo, está a dar de comer, à força, bolachas ao filho, que tem sono e está rabugento. É uma mulher ainda jovem, tem um rosto débil, imaturo. Talvez também tenha tentado fazer um aborto, com este filho ou outro. Muitas mulheres terão porventura feito o que estou a fazer agora, mas ninguém toca no assunto. Nem sequer disse ao Ebbe como se chama o médico de Charlottenlund, porque não quero que se meta em sarilhos se me acontecer alguma coisa. Ajudou-me no último momento, quando não me restavam outras soluções, e sinto-me solidária com ele, embora seja um tanto antipático.

Resfrio aqui sentada e abotoo o meu casaco de bombazina até acima. Tenho tanto frio que os dentes me começam a bater como castanholas. Acho que tenho febre, digo ao Ebbe. As sirenes antiaéreas param de tocar e voltamos ao apartamento. Meço a temperatura, tenho 40 graus. O Ebbe está ao meu lado. Liga ao médico, diz ele com veemência, tens de ir já para o hospital. A febre dá-me tonturas. Não a esta hora, digo eu, rindo-me, é de madrugada. Se lhe ligar, a mulher e os filhos ficam a saber de tudo. Antes

de adormecer, vejo o Ebbe a passar os dedos, com fúria, pelo cabelo enquanto ciranda pela sala. Não acredito nisto, resmungo ele em desespero, não acredito nisto. O teu contacto na resistência, o tal Hjalmar, também põe a tua vida em risco, digo para comigo.

Cedo de manhã, telefono ao Dr. Lauritzen e digo-lhe que tenho 40,5 graus de febre, mas que não tive nem hemorragia nem perda de fluidos. Mas vai ter, garante ele. Vá já para a clínica, eu vou ligar para lá a avisar que está a caminho. Mas, atenção: não diga nada às enfermeiras, entendido? Está grávida, tem febre, só isso. E não tenha medo. Vai correr tudo bem.

Dirijo-me à clínica situada na Christian IX Gade. É uma boa clínica, e a enfermeira-chefe – uma mulher madura simpática e de modos maternos – recebe-me de imediato. Talvez não consigamos salvar o bebé, diz ela, mas faremos os possíveis. As suas palavras intrigam-me, e, quando me levam para um quarto duplo, apoio-me num cotovelo e fito a mulher que está na cama ao lado e que será cinco ou seis anos mais velha do que eu. Tem um rosto meigo, agradável, e está a usar uma camisa branca. Chama-se Tutti e, para minha surpresa, namora com o Morten Nielsen. É ele o pai do bebé que ela iria ter. A Tutti está divorciada de um arquiteto e tem uma filha de seis anos. Decorrida uma hora, é como se nos tivéssemos conhecido toda a vida. No nosso quarto há uma pequena árvore de Natal com decorações de vidro cintilantes e uma estrela no alto. Parece ridícula, dadas as circunstâncias. Quando era criança, achava que as estrelas tinham mesmo cinco pontas, confesso, toldada pela febre, à Tutti. A luz acende-se e uma enfermeira entra no quarto com dois tabuleiros. Como ainda não suporto olhar ou cheirar comida, não toco no meu. Está a sangrar?, pergunta-me a enfermeira. Não, respondo. Deixa ao meu lado uma arrastadeira e compressas, não vá ter uma hemorragia a meio da noite. Meu Deus, penso eu, desesperada, faz-me perder nem que seja uma gotinha de sangue. Depois de recolherem os tabuleiros, o Ebbe chega, e em seguida o Morten. Então, pá, diz o Morten, surpreso, o que estás aqui a fazer? Senta-se na cama da Tutti, e trocam sussurros quando saem do quarto abraçados. O Ebbe trouxe-me vinte comprimidos de quinina que a Nadja lhe deu. Toma-os só se for preciso, diz ele. Quando ele se vai embora, digo à Tutti que a Nadja conseguiu abortar uma vez ao tomar quinina. Não vê motivos para não tomar os comprimidos, e eu acabo por engolir alguns. A enfermeira de serviço passa pelo quarto, apaga o candeeiro de teto e acende a luz de



cabeceira. O seu brilho azul ilumina o quarto com uma tonalidade surreal, fantasmagórica. Como não consigo adormecer, falo com a Tutti, mas não consigo ouvir a minha própria voz. Tutti, grito, estou surda! Vejo a Tutti mexer os lábios, mas não ouço nada. Fala mais alto, digo. E ela brada: Não tens de gritar, não estou surda. É efeito dos comprimidos, mas acho que é só temporário.

Tenho um zumbido nos ouvidos, que parecem também estar repletos de água e algodão. Talvez tenha ensurdecido de vez, por nenhuma razão em particular, porque ainda não sangrei. A Tutti levanta-se da cama, aproxima-se de mim e grita-me ao ouvido. Só querem ver sangue, é uma formalidade, diz ela. Eu dou-te algumas das minhas compressas usadas, só tens de lhas mostrar amanhã de manhã. Depois, eles arrancam-te isso tudo daí de dentro. Fala mais alto, digo, e consigo por fim compreender o que ela me disse. A meio da noite, acerca-se da minha cama e atira algumas compressas usadas para dentro da minha arrastadeira. Quando passa diante da árvore de Natal, as decorações de vidro chocalham umas nas outras e sei que estão a tilintar, mas não ouço nada. Penso no Ebbe e no Morten e na tristeza patente nos seus rostos, na sua desolação ante este mundo, reservado às mulheres, onde abundam o sangue, a náusea, a febre. E penso nos Natais da minha infância, quando descrevíamos círculos em redor da árvore e cantávamos «Viemos das profundezas», ao invés de entoarmos cânticos cristãos. Penso na minha mãe. Não faz ideia de que estou aqui internada, porque não sabe guardar segredos. Penso também no meu pai, que teve sempre alguns problemas auditivos, é defeito de família. Os surdos devem levar vidas mais limitadas, isoladas. Talvez precise de usar um aparelho auditivo. Mas a minha surdez pouca importância tem comparada com o ato de bondade da Tutti. Elas sabem perfeitamente o que se está a passar aqui, grita-me ela ao ouvido, só têm de fingir que não.

Exausta, adormeço quase ao nascer do dia. A enfermeira entra no quarto e acorda-nos. Oh, céus, sangrou bastante, diz ela com preocupação fingida quando olha para a arrastadeira com a colheita noturna. Receio que não consigamos salvar o bebé, vou já chamar o médico. Apercebo-me, para meu alívio, que recuperei a audição. Está triste?, pergunta a enfermeira. Sim, um pouco, minto, e tento parecer desalentada.

O médico chega à tarde e levam-me de maca até ao bloco de cirurgia. Não fique tão triste, diz ele, pleno de entusiasmo, pelo menos já tem uma filha.

Depois, põem-me uma máscara na cara e o cheiro a éter cobre o mundo inteiro.

Acordo numa cama e com uma camisa branca e limpa vestida. A Tutti sorri-me. E então, pergunta, estás contente? Sim, digo. Não sei o que teria feito sem ti. Ela também não sabe, e diz que isso agora são águas passadas. Diz que o Morten se quer casar com ela. Está perdida de amores por ele e adora os poemas que ele escreve e que acabaram de ser publicados para aclamação geral da imprensa. Excetuando tu, diz ela com tato, é o jovem mais talentoso que temos hoje em dia. Concordo, embora nunca tenha tido uma grande relação de amizade com ele. O Ebbe traz-me flores como se eu houvesse tido um parto. Está felicíssimo, porque a questão está finalmente arrumada. Teremos mais cuidado no futuro, diz ele. Peço ao Dr. Lauritzen que me ensine a colocar o diafragma como deve ser. É, ainda assim, com relutância que aceito esse dispositivo, uma relutância que permanecerá comigo toda a vida. A minha temperatura desce depressa e estou esfomeada, pois já não sinto náuseas, que desapareceram de repente, como se por magia. Tenho saudades do corpo rechonchudo da Helle, das covinhas nos seus joelhos. Quando o Ebbe a traz em visita, penso, horrorizada: e se fosse a ela que acabámos de negar o direito à vida? Deito-a ao meu lado na cama e brinco com ela. Nunca gostei tanto dela.

À noite, o médico entra no nosso quarto sem bata e de mãos dadas a duas crianças que terão entre os 10 e os 12 anos de idade. Feliz Natal, diz ele, alegre, e dá-nos um aperto de mão. As crianças também nos cumprimentam e, quando se vão embora, a Tutti diz: Ele é uma joia de pessoa, devíamos dar graças por alguém se atrever a fazer o que ele faz.

Na véspera de Natal, acordo, tiro um lápis e papel da minha mala, e escrevo um poema à débil luz de presença:

Para ti que procuraste consolo  
com quem é fraco e porfia,  
entoo uma canção de embalar  
entre a noite e o dia...

Embora não me arrependa do que fiz, há, nos recessos escuros e maculados da minha mente, uma leve impressão, como pegadas de uma criança em areia molhada.

Decorrem dias, semanas, meses. Comecei a escrever contos, e o véu que me separa da realidade é de novo sólido e firme. O Ebbe começou a assistir a palestras, e já não fico tão ansiosa quando sai com o Hjalmar. Para meu alívio, já não mostra tanto interesse pelo que escrevo quanto era seu hábito, o que me permite criar em paz as minhas personagens masculinas. No entanto, após o incidente com o Mulvad, tenho ainda o cuidado de não incluir semelhanças óbvias entre as minhas personagens e o Ebbe. À noite, depois de deitarmos a Helle, o Ebbe lê-me poemas de Sophus Claussen ou Rilke. Os poemas de Rilke têm um grande impacto em mim, e nunca os teria descoberto se não fosse pelo Ebbe. De momento, está também interessadíssimo em Viggo Hørup. O Ebbe recita os poemas com uma pose dramática. Com um pé numa cadeira e uma mão no peito, declama com voz grave: «A minha mão levantar-se-á sempre contra a política que considero a mais vil, ou seja, aquela que tenta agrupar os ricos e instigar as classes superiores contra aqueles que pouco podem fazer para evitar que os ricos os esmaguem e transformem em pó.» À noite, quando nos abraçamos na cama, fala-me da sua infância, que foi igual à de todos os outros homens. Há sempre um jardim com árvores de fruto, uma fisga, uma prima ou namorada com quem se deitam no palheiro, uma mãe ou uma tia que entra e estraga tudo quando os apanha estendidos no feno. Uma história que se torna entediante depois de a ouvirmos algumas vezes, mas eles contam-na sempre enlevados. Seja como for, aquilo que dizemos um ao outro não importa assim tanto, desde que as coisas entre nós estejam bem.

Mudámo-nos para um apartamento no rés do chão do prédio onde moram a Lise e o Ole. Tem duas assoalhadas e meia e um pequeno pátio à frente, onde a Helle pode correr e brincar. Tem agora dois anos, e a sua careca deu

de súbito lugar a grandes cachos de caracóis loiros. É uma criança tão dócil que a Lise diz que não temos noção do quanto custa criar um filho. Quando escrevo de manhã, ponho-a a brincar com blocos de madeira e bonecas; ela aprendeu que não me deve incomodar. A mamã está a escrever, diz ela solenemente à boneca, e depois vamos todas passear. Já forma frases completas. Dois ou três dias antes de nos mudarmos para o novo apartamento, a Sra. Hansen chamou-me da cozinha. Os HIPO (Hilfpolizei, força paramilitar dinamarquesa apoiada pela Gestapo) bloquearam a rua, diz ela, olha para ali, acenderam uma fogueira. Abri a cortina e olhei para baixo. Os HIPO estão a atirar móveis, da janela do último andar do prédio em frente, para a rua; depois queimam-nos numa grande fogueira. Ao nível da rua encontra-se uma mulher de braços no ar e apoiada ao prédio. Duas crianças fazem-lhe companhia. Estão as três ali retidas sob a ameaça de homens que lhes gritam ordens e lhes apontam metralhadoras. Coitados, diz a Sra. Hansen, mas infelizmente esta maldita guerra não há de demorar muito a acabar. Quanto estou prestes a abandonar o meu posto de observação, uma mulher dobra a esquina a correr e vejo, para meu horror, que é a Tutti. Um HIPO ordena-lhe que pare e dispara para o ar, e ela desaparece no portal do nosso prédio. Quando lhe abro a porta e a deixo entrar no nosso apartamento, agarra-se a mim e começa a chorar desalmadamente. O Morten morreu, diz ela, e ao início não apreendo por inteiro o significado das palavras. Obrigó-a a sentar, e reparo que está a usar sapatos desirmanados. Morreu como?, pergunto. Estás a falar a sério? Vi-o há dois dias. Por entre as convulsões do choro, a Tutti consegue dizer-me que ele foi vítima de uma bala perdida, de um acidente, de uma parvoíce sem sentido e insuportável. Ele estava sentado à frente de um oficial que lhe ia ensinar a usar uma pistola com silenciador. De repente, a arma disparou e a bala atingiu o Morten em cheio no coração. Ele só tinha 22 anos, diz a Tutti, que me fita desesperada. Amava-o tanto. Acho que nunca vou conseguir superar isto. Tenho bem presente o rosto anguloso e sincero do Morten, e lembro-me de um verso de um dos seus poemas: *Conheço a morte desde que era criança*. É tão estranho ele ter escrito tanto acerca da morte, digo. Eu sei, diz a Tutti, que se acalma um pouco. Era como se soubesse que não teria muito tempo de vida.

Mais tarde nesse dia, recebemos uma visita da Ester e do Halfdan. Estão ambos em choque. Sei que o Halfdan era muito próximo do Morten. Porém,

o que não me sai da cabeça é que podia ter acontecido a mesma coisa ao Ebbe. Agora os seus encontros com o Hjalmar não me parecem de somenos, e fico aflita até que volte a casa. Mudamo-nos para o novo apartamento e visitamos a Lise e o Ole durante o recolher obrigatório. O Ole fez o exame anual à tuberculose obrigatório a todos os estudantes universitários e ficou a saber que «tem alguma coisa no peito», para usar as palavras dele. Assevera que, se não fosse por isso, também teria tentado juntar-se à resistência. O médico determinou que o Ole tem de passar cinco meses numa universidade em Holte para estudantes com tuberculose, mas a Lise não está muito preocupada com a separação. Agora pode adiar o divórcio e encontrar-se em paz com o amante.

Chega então o 5 de maio, o dia da libertação, e as ruas enchem-se com uma multidão em júbilo, como se milhares de pessoas tivessem despontado dos interstícios entre as pedras da calçada. Perfeitos desconhecidos abraçam-se uns aos outros, entoam a canção da liberdade e gritam vivas sempre que por eles passa um carro com membros da resistência. O Ebbe enverga uniforme completo, e estou preocupada com ele, porque não sabemos se os alemães serão rechaçados sem dar luta. Lá em cima, no apartamento da Lise e do Ole, servem *pullimut* pela última vez. A casa está a rebentar pelas costuras e não conhecemos todos os convivas. Dançamos, festejamos e divertimo-nos, mas em boa verdade este acontecimento histórico pouco ou nada me afeta, porque só apreendo as coisas depois de elas acontecerem. Raramente vivo no presente. Arrancamos as cortinas quebra-luz e rasgamo-las em pedacinhos. Agimos como se estivéssemos felizes, mas não estamos. A Tutti ainda chora a perda do Morten, a Lise e o Ole vão separar-se, e a Sinne acabou de deixar o Arne, que está tão deprimido que nem se levanta da cama. A Nadja, que anda sempre à caça de um homem mas apanha sempre quem não lhe convém, anda a arrastar a asa ao Karsten, o irmão do Ebbe – se puder, agarrar-se-lhe-á como uma lapa a um rochedo, já que são perfeitos um para o outro... Da minha parte, ainda penso no aborto que fiz e estou sempre a calcular a idade que o bebé teria agora, caso tivesse nascido. Aconteceu algo de errado a todos nós, e creio que a nossa juventude terminou com o fim da ocupação alemã. A Helle e o Kim estão a dormir no quarto, e quando choram tão alto a ponto de os ouvirmos, apesar da música, a Lise vai até junto deles e adormece-os com uma canção de embalar. Lá fora, a noite primaveril rodopia e a Lua

elegantemente suspensa do céu contempla pessoas exaustas e embriagadas que parecem não ter coragem de voltar para casa.

Dois dias depois, o Ebbe chega a casa pálido e agitado e diz que não mais quer pertencer à resistência. Conta-me como estão a tratar os traidores e colaboradores na Dagmarhus, e depressa despe o uniforme e se veste à civil. Quando dou um passeio com a Helle pela Vesterbro Torv, vejo um grupo de soldados alemães desarmados a marchar sem compasso e com expressão de um cansaço profundo e desesperado. São muito jovens, alguns não terão mais de quinze ou dezasseis anos. Quando chego a casa, escrevo um poema sobre eles. Começa assim:

Soldados alemães, cansados  
marcham numa cidade desconhecida,  
enfrentam o sol da primavera,  
e jamais se entreolham, à espera.  
Cansados, hesitantes, tímidos,  
caminham rumo à derrota  
numa cidade desconhecida.

Um dia, a Lise vem ao nosso apartamento e diz-me que o Ole convidou diversas mulheres para um tal «Baile dos Tísicos», que terá lugar na residência estudantil que dá pelo nome de «Rudershøj». O Ebbe aborrece-se por não ter sido convidado, mas já há homens mais do que suficientes, portanto nem vale a pena pensar no assunto. De minha parte, estou contente por ter sido convidada, porque terminei a minha coletânea de contos e não sei o que fazer quando não estou a escrever. A Lise diz que o filho da mulher do reitor estará presente, por forma a convencer a mãe a deitar-se cedo.

Quando lá chegamos, a festa já está na máxima força. Os convivas estão a dançar ao som de uma banda local, e nenhum dos estudantes parece mais tuberculoso do que o Ole, que é a própria imagem da saúde. Uma mulher com um grande busto corre até nós para nos receber. É, sem dúvida, a mulher do reitor. Danço com muitos homens num salão assoalhado, onde arrastaram as cadeiras de espaldar alto para junto das paredes. A residência situa-se num grande parque, que nesta noite está coberto por uma névoa húmida e surge como uma paisagem esverdeada, preta e prateada sob o

efeito da lua, que espreita por entre as nuvens que ameaçam chuva. Numa espécie de átrio montaram um bar com um balcão, cadeiras altas e um *barman* que está a servir bebidas alcoólicas a sério, e não *pullimut*. Sinto-me, por algum motivo, feliz e livre, e tenho a impressão de que vai acontecer algo especial antes de a noite acabar. Estou a beber uísque e embriago-me, estou alegre e expansiva. A Sinne está ao colo de um jovem sentado numa das cadeiras ao balcão. Sento-me ao lado deles e, como uma boa traidora, digo: Estás a apostar no cavalo errado, ela está noiva de um açambarcador. O jovem repele a Sinne como se ela fosse pó. Não fazia ideia, diz-me ele, de que as poetisas podiam ser tão bonitas. Mexe-se um pouco, afastando-se da sombra, e dou por mim a contemplar-lhe o rosto com a atenção de uma retratista de miniaturas. Tem cabelo ruivo e ralo, olhos cinzentos serenos e dentes tão tortos que parecem formar duas fiadas em cada gengiva. Descubro que é o filho da mulher do reitor, e que terminou o curso de Medicina. Estou surpreendida por conhecer um estudante que acabou, de facto, o curso. Dança comigo e tropeçamos nos pés um do outro até acabarmos por desistir. Rimo-nos e decidimos dar um passeio no parque. As nuvens começam a afastar-se e o ar é como seda húmida. Ele beija-me debaixo de um abeto que brilha como se feito de prata, e de repente a mãe dele corre até nós com o seu busto envolto em seda violeta enquanto esbraceja aflitivamente. Ai, os jovens de hoje em dia..., arfa. Expressa o que lhe vai na mente através de acessos sentimentais em parte ininteligíveis. Em seguida, o filho, que se chama Carl, lembra-se de que prometeu aos estudantes que convenceria a mãe a deitar-se cedo e murmura-me a sua intenção de se encontrar comigo mais tarde antes de ambos entrarem no edifício.

É então que a festa começa a aquecer. Os convivas dançam, bebem e fazem todo o género de tropelias, e par após par sobe as escadas até ao andar de cima e não reaparece. Há muito que não estava tão bêbeda, e, quando regressa, o Carl sugere que o acompanhe ao quarto dele, para que ele possa dormir um pouco. Soa-me bem. Esqueci-me por completo do Ebbe e de que lhe prometi ser-lhe fiel.

De manhã, acordo com uma dor de cabeça terrível. Olho para o homem que está a dormir ao meu lado e apercebo-me de que é bastante feio com aqueles dentes tortos e um maxilar inferior saliente que os torna ainda mais óbvios. Acordo-o e digo-lhe que vou para casa. Estou irritada, apática, lenta

de gestos, e visto-me sem dizer uma palavra. Nunca mais lhe quero pôr a vista em cima, e quando me pergunta se me pode acompanhar até casa, digo que não, obrigada. Prefiro ir sozinha. Desço as escadas, entro no salão de baile, que está de pantanas, e sento-me por um momento numa das cadeiras do bar. A Sinne está a descer as escadas no encalço de um jovem muito alto que traz o sutiã dela numa das mãos. Sem lhes prestar atenção nenhuma, aproxima-se de mim e pergunta: Meu Deus, o que bebemos? Que grande mocada! O tipo era feiíssimo, deve ter dois metros de altura e só metade de um pulmão. Então, arranca-lhe o sutiã da mão e desaparece de vista com um bocejo.

Abandono o campo de batalha e regresso a casa de bicicleta. O Ebbe está furioso porque passei toda a noite fora. Deves ter dormido com alguém, diz ele. Declaro-me inocente, mas acho engraçado vê-lo tão irritado com um assunto tão comezinho. Há outras formas de lealdade muito mais importantes. Quando me deito, apercebo-me de que não usei o meu diafragma. E tenho sido tão cuidadosa desde o aborto... Mas depois ocorre-me que, se me acontecer alguma coisa, o Carl é médico, e que isso provavelmente me facilitará a vida se for impelida a tomar medidas.



Meu Deus, digo. Ele tem uma queixada de meio metro e 64 dentes na boca, em vez de 32! E não sei se é dele ou do Ebbe. O que faço agora, Lise?

Ando de um lado para o outro da sala e a Lise observa-me de cenho franzido. Diabo, mulher, até uma corrente de ar te engravida, diz ela com um suspiro. Mas se ele é médico, devia conseguir tirar-to sem que tenhas de passar pela mesma confusão. Mas tenho mesmo de o ver outra vez?, pergunto. Ele é tão feio, mete medo ao susto... e o que vou dizer ao Ebbe? As coisas entre nós nunca estiveram tão bem como agora. A Lise explica-me, com paciência, que tenho de o ver outra vez. Tenho de ligar à mãe dele e descobrir onde mora. E ao Ebbe posso dizer o que me der na gana: que vou visitar a Nadja ou a Ester, ou então os meus pais. Ele não é desconfiado. Enquanto tomamos café, a Lise confessa-me que também não está a passar por um bom momento. O jurista com quem tem um caso não vai, afinal, divorciar-se, mas quer manter a relação. Estes homens que têm duas mulheres são detestáveis, diz ela. Ambas sofrem, e ele simplesmente não escolhe uma delas. A Lise afasta o seu cabelo castanho, curto, da face e parece tristíssima, e sinto-me mal por estar sempre a despejar-lhe em cima os meus problemas. Quando não escrevo, digo, engravido. Rimo-nos as duas e concordamos que tenho de agir. Tenho de descobrir a morada do Carl e obrigá-lo a fazer-me um aborto.

No dia seguinte, o próprio Carl liga-me e pergunta-me se nos podemos encontrar em breve. Digo que sim, e concordo em fazer-lhe uma visita logo na próxima noite. Mora no Instituto de Bioquímica, onde também trabalha. É um cientista. Digo ao Ebbe que vou visitar a Nadja e vou de bicicleta, a coberto do crepúsculo, até à Nørre Allé, onde as árvores estão imóveis, como numa pintura. É verão e estou a usar um vestido branco de algodão

que comprei à Sinne. O quarto do Carl assemelha-se ao quarto de qualquer outro estudante universitário: está equipado com uma cama, uma mesa, duas cadeiras e algumas prateleiras cheias de livros. Comprou sanduíches, cerveja e aguardante, mas não toco em nada. Quando nos sentamos à mesa, digo: estou grávida e não quero ter outro filho se nem sei quem é o pai. Estou a ver, diz ele, com calma, enquanto me fita com os seus olhos cinzentos, sérios, que constituem o seu único traço fisionómico agradável. Posso ajudar-te, não te preocupes. Podes vir cá amanhã à noite e eu faço-te uma curetagem. Di-lo como se fosse uma tarefa corriqueira, e parece ser o género de pessoa que permanece imperturbada face a toda e qualquer contrariedade. Sorrio de alívio e pergunto: podes anestesiar-me? Vou dar-te uma injeção e não sentes nada. Uma injeção?, pergunto. De quê? Morfina ou petidina, diz ele, mas a petidina é melhor. Muitas pessoas vomitam com morfina. Assim, acalmo-me e acabo por comer e beber com ele. Estou apenas uma semana atrasada, ainda não sinto os meus habituais enjoos matinais. O Carl tem mãos pequenas, esguias, ágeis que me lembram um pouco as do Viggo F. Tem uma voz agradável e boa dicção. Diz-me que andou num colégio interno em Herlufsholm, que a mãe se divorciou tinha ele dois anos, e que tanto quanto se lembra, sempre quis que ela se casasse de novo. Conta-me também que, tanto quanto sabe, o pai está num centro para alcoólicos, mas não tem a certeza, porque não tem contacto com ele desde o divórcio. Conta-me, ademais, que tem lido tudo o que escrevi desde que me conheceu, e acrescenta, com um sorriso, que podíamos ter um filho bonito e inteligente. Gostaria de se casar comigo. Já tenho marido e estou muito satisfeita, digo, e também já tenho uma filhinha adorável, portanto, fica para outra ocasião! Está bem, diz ele, e esfrega o queixo como se cofiasse uma barba inexistente. Seja como for, não devo ser grande partido, diz ele. Tenho uma coisa a confessar-te: sou um bocadinho doido. Di-lo com toda a seriedade, e pergunto o que pretende dizer ao certo. No entanto, não sabe como o explicar. É só uma sensação. Diz que há um grande historial de doenças mentais na família paterna, e que a mãe dele não é propriamente muito inteligente. Rio-me e não penso mais no assunto. Quando me despeço, dá-me um beijo meigo, mas não tenta convencer-me a ir para a cama com ele. Acho que estou apaixonado por ti, diz ele, mas isso pouca diferença fará.

Quando chego a casa, o Ebbe está a ler poemas de Thøger Larsen e a

fumar cachimbo, hábito que adquiriu depois de ler algures que os cigarros podem provocar cancro. Não quer ter uma morte precoce e deixar-me a mim e à Helle sozinhas. Pergunta-me como está a Nadja, e digo-lhe a verdade, ou seja, que está noiva de um estudante da Universidade de Copenhaga, um sujeito com opiniões ultrarreacionárias, como se vivesse antes do reinado de Frederico VI. Ele ri-se e diz que ela devia casar-se e ter filhos. Estamos a ficar velhos, diz ele, e batuca com o cachimbo no cinzeiro. Ele tem 27 anos, eu 25. Quando penso na minha infância, sinto-me como o Thøger Larsen. Ouve só isto:

Contenta-te se te couber um breve reflexo,  
em sonhos, da primavera da tua meninice.  
O sol abençoa-te, o teu pai está no anexo.  
A tua mãe na cozinha, tu na traquinice.

A minha mãe tem mais de cinquenta anos e não a acho nada velha, comento. A minha tem sessenta e cinco, diz ele, e nunca a conheci nova. Faz alguma diferença. Não entendo ao certo o que pretende insinuar quando se afirma velho, e todos os segredos que agora guardo apenas aumentam a distância que nos separa. Quando nos deitamos, digo que estou exausta e que tenho de dormir. Amanhã, digo, quero visitar a Ester e o Halfdan. Quando diz que gostaria de me acompanhar, respondo-lhe que não podemos pedir sempre à Lise que cuide da Helle, e que a mãe dele nem sequer gosta de tomar conta da neta. Todavia, prometo chegar cedo a casa.

Na noite seguinte, enquanto estou sentada num elétrico a caminho da residência do Carl, digo para comigo que na verdade até posso não estar grávida. Pode ser somente uma irregularidade no meu período, algo que não é, de todo, invulgar. Tento convencer-me disto porque não quero que outra sombra surja ao lado da Helle – outra sombra cuja idade terei de calcular até ao fim da vida. Sei que algumas mulheres fazem raspagens só por uma questão de higiene íntima. Quando chego à residência, constato que o Carl arranjou uma mesa alta para a operação. Encontra-se no meio do quarto e tem um lençol branco a cobri-la. Pôs-lhe também uma almofada em cima, para que eu fique mais confortável. Está a usar uma bata branca e, enquanto lava as mãos e esfrega as unhas, pede-me que me ponha o mais confortável possível. Há alguns instrumentos brilhantes na prateleira de livros junto à

mesa. Quando acaba de lavar as mãos, tira uma seringa da prateleira de vidro acima do lavatório e enche-a de um líquido translúcido antes de a pousar ao lado dos instrumentos. Em seguida, aperta uma fita de borracha em volta do meu braço. Vais sentir uma picadinha, diz ele com calma. Quase nada, na verdade. Dá-me uma palmadinha na face interna do meu cotovelo até uma veia azul se tornar visível. Tens boas veias, diz ele. Dá-me então a injeção e sinto uma felicidade extasiante, doce, desconhecida, propagar-se-me por todo o corpo. O quartinho transforma-se num salão radiante e relaxo por completo. Nunca me senti tão feliz. Viro-me de lado e fecho os olhos. Deixa-me em paz, ouço-me dizer, como se sob muitas camadas de algodão. Não tens de me fazer nada.

Quando acordo, o Carl está a lavar de novo as mãos. A sensação de felicidade infinda que me arrebatou ainda não desapareceu, e receio perdê-la se me mexer. Já te podes levantar e vestir, diz ele enquanto seca as mãos. Está feito. Sigo as suas ordens com gestos lentos; não lhe menciono que me sinto felicíssima. Pergunta-me se quero uma cerveja, mas abano a cabeça, não quero. Diz que tenho de ingerir líquidos, e oferece-me uma gasosa, que me obriga a beber. Senta-se ao meu lado na cama e beija-me com ternura. Doeu?, pergunta. Não, respondo. O que tinha naquela seringa?, pergunto. Petidina, diz ele, é um analgésico. Pego-lhe na mão e pouso-a na minha face. Estou apaixonada por ti, digo. Volto em breve. Parece feliz, e naquele instante quase o acho bonito. Tem um rosto sólido, resistente, feito para durar toda a vida. O Ebbe, por seu lado, tem um rosto frágil, maculado em diversos pontos, que pode não lhe durar até aos quarenta anos. É uma ideia estranha e não sei ao certo como a expressar. Quando cá voltar, dás-me outra injeção destas?, pergunto. Ele ri-se e coça o queixo saliente. Claro, diz ele, se fazes assim tanta questão. Seja como for, não tens pinta de drogada. Quem me dera poder casar contigo, digo, e afago-lhe o cabelo macio e ralo. E o teu marido?, diz ele. Posso simplesmente sair de casa, digo, e trazer a Helle comigo. No elétrico de volta a casa, os efeitos da injeção esvanecem-se lentamente – é como se um véu cinzento, viscoso cobrisse tudo aquilo que os meus olhos veem. Petidina, penso, um nome que me faz pensar no canto de uma ave. Decido nunca mais perder de vista o homem que me pode proporcionar uma felicidade tão indescritível.

Quando chego a casa, o Ebbe pergunta-me pela Ester e pelo Halfdan, mas respondo-lhe apenas com monossílabos. Pergunta-me o que se passa, e

digo-lhe que me dói um dente. Na cama, viro-lhe costas e apalpo o cotovelo e sinto o pequeno inchaço causado pela injeção. Penso apenas em repetir a experiência e estou-me nas tintas para o Ebbe ou qualquer outra pessoa. Só o Carl me interessa.



## Segunda Parte

O Ebbe já morreu, mas, quando tento recordar o seu rosto, lembro-me sempre da expressão com que me ouviu dizer-lhe, aquele dia, que havia outra pessoa. Estávamos sentados à mesa com a Helle. Ele pousou a faca e o garfo e afastou o prato. Empalidecera e um nervo numa das faces pulsava ligeiramente; de resto, manteve-se impassível. Em seguida, levantou-se da cadeira, aproximou-se da prateleira, pegou no cachimbo e começou a enchê-lo com todo o cuidado. Logo começou a puxar fumaças violentas enquanto caminhava de um lado para o outro da sala e fitava o teto, como se pudesse encontrar aí uma resposta. Queres divorciar-te?, perguntou ele num tom indiferente, calmo. Não sei, respondi, para já, eu e a Helle podemos sair de casa por algum tempo. Talvez voltemos. De repente, pousou o cachimbo e pegou na Helle ao colo, algo que raras vezes fazia. Papá está triste, disse ela, e ela encostou a cara à do Ebbe. Não, disse ele, fazendo um esforço por sorrir, vá, acaba de comer. Pô-la de volta na cadeirinha alta, pegou no cachimbo e retomou as suas deambulações pela sala. Então, disse: Não entendo porque é que as pessoas sentem tanta necessidade de se casarem ou viverem juntas. É-se obrigado a ver a mesma pessoa todos os dias durante toda uma geração, o que, convenhamos, não tem nada de natural. As coisas talvez nos corressem mais de feição se só nos visitássemos uns aos outros. Quem é o tipo?, perguntou sem olhar para mim. É médico, disse eu. Conheci-o no Baile dos Tísicos. O Ebbe sentou-se de novo e vi que tinha a fronte encharcada em suor. De olhos ainda postos no teto, disse: Achas que ele é capaz de te dar uma visão filosófica da vida? Quando se alterava, o Ebbe dizia sempre as maiores alarvidades. Não sei o que queres dizer com isso, respondi. Penso que as pessoas não andam propriamente por aí a dar visões filosóficas da vida umas às outras.

Quando nos deitámos, o Ebbe abraçou-me pela última vez e depressa percebeu que eu estava distante, distraída. Pois, disse ele, estás apaixonada por outro homem. É algo que acontece a toda a gente e nem sequer é invulgar nos nossos círculos de amigos. Mesmo assim, custa-me a crer que é verdade. E está a destruir-me, a dar cabo de mim, embora não o aparente. É um dos meus problemas, esse de não ter coragem de mostrar o que sinto. Se te tivesse mostrado o quanto te amo, isto talvez nunca tivesse acontecido. Ebbe, disse eu enquanto lhe tocava, com carinho, nas pestanas, vamos continuar a ver-nos, e talvez acabes por fazer amizade com o Carl. Talvez possamos ser todos amigos, no fim. Não, disse ele com súbita veemência, não quero pôr os olhos em cima desse sujeito. Só te quero ver a ti e à Helle. Ergui-me apoiada num cotovelo e contemplei-lhe o rosto bonito, a sua expressão branda, fraca. E se eu lhe contasse a verdade? Se lhe contasse que estava na realidade apaixonada por uma seringa com um líquido translúcido e não pelo homem que tinha acesso à referida seringa? No entanto, não lho disse. Nunca o confessei a ninguém. Era como voltar à infância: os segredos perdiam irremediavelmente todo o seu encanto quando os contava a um adulto. Virei-me para o outro lado e adormeci. No dia seguinte, a Helle e eu mudámo-nos para uma pensão onde o Carl nos reservara um quarto.

\*

Era uma pensão para solteironas. O nosso quarto estava equipado com móveis de vime revestidos de cretone, uma cadeira de baloiço com uma almofada presa às costas, uma cama de ferro alta da década de 1880 e uma pequena escrivaninha que quase se desfez em pedacinhos quando nela pousei a minha pesada máquina de escrever. Até o berço da Helle parecia demasiado robusto num ambiente tão frágil. Isto para não mencionar a própria Helle. No primeiro dia na pensão, deitou a cadeira de baloiço abaixo para brincar aos navios e começou a morder uma estátua de Cristo em tamanho real, horrível de tão feia, que estava pendurada atrás da escrivaninha. Na altura, tinha carência de cálcio. A sua vozinha estridente ecoava pelo silêncio conventual da pensão com uma intensidade provocatória, e as hóspedes, todas elas idosas, batiam-me uma por uma à porta para me pedirem que fizesse pouco barulho. Não sei, sinceramente, porque deixaram que nos alojássemos lá. Quando, no dia seguinte, comecei



a escrever à máquina, gerou-se forte comoção na pensão, e a dona – também ela uma senhora idosa – foi ao meu quarto perguntar se tinha mesmo de fazer tanta algazarra. Todas as suas hóspedes eram pessoas que se haviam retirado da vida, explicou-me ela, e até as respetivas famílias as consideravam já mortas. De qualquer modo, ninguém as visitava, e os parentes esperavam apenas herdar o pouco dinheiro que ainda lhes restasse. Prestei atenção ao que me disse, porque queria continuar alojada naquela pensão. Gostava da localização e do quarto, bem como de ver, pela janela, os dois jovens áceres, entre os quais estava pendurada uma cama de rede cuja corda estava ainda coberta de neve, embora já fosse quase março. A dona da pensão tinha um rosto meigo, mas mortiço e doentio, e olhos bonitos, gentis. Pegou na Helle e sentou-a com cuidado ao seu colo, como se uma menina tão robusta se pudesse quebrar ao mínimo contacto. Concordei em não escrever à máquina entre a uma e as três da tarde, quando as senhoras faziam uma sesta, e prometi fazer-lhes companhia de vez em quando, já que as próprias famílias as tinham abandonado. Gostava de conversar com as senhoras que ainda não estavam completamente surdas nem se tinham tornado demasiado amargas e revoltadas ante o seu triste destino na estação terminal da vida. E entre todas aquelas senhoras havia sempre uma que podia cuidar da Helle à noite, quando me encontrava com o Carl, algo que fazia amiúde. Sentada na otomana de pernas fletidas para cima e de queixo apoiado nos braços, via-o trabalhar em silêncio. Tinha muitos frascos e tubos de ensaio em suportes de madeira por todo o quarto. Provava o conteúdo dos tubos de ensaio e, pensativo, passava a língua por entre os lábios. Depois escrevia as suas observações num caderno de grandes dimensões. Perguntei-lhe o que estava a testar. Mijo, disse ele com toda a calma. Oh, que nojo, disse eu. Ele sorriu e disse: Não há nada tão puro quanto o mijo. Caminhava de modo cuidadoso, estranho, como se tentasse não acordar alguém, e o candeeiro da secretária conferia um tom acobreado ao seu cabelo ralo. Nas primeiras três visitas que lhe fiz, deu-me sempre uma injeção e deixou que me deitasse, relaxada, sem me incomodar. Mas, na quarta visita, disse: Não, é melhor fazermos uma pausa, isto não é propriamente uma guloseima. Fiquei tão desiludida que os olhos se me marejaram de lágrimas.

O Ebbe visita-me a mim e à Helle quase sempre embriagado, e parecia estar tão desesperado e desorientado que não suportava olhar para ele.

Quando me sentava e contemplava os dois áceres, de cujos ramos o sol e o vento se serviam para criar padrões de sombra no relvado, pensava que não era digna de me casar com nenhum homem. O Ebbe brincava um pouco com a Helle, que dizia: Papá é simpático. A Helle não gosta do Carl. Demorou muito tempo a permitir que o Carl tão-só lhe tocasse.

Tinha entregado à editora uma coletânea de contos, e de momento não sentia qualquer necessidade de escrever. Pensava apenas em como convencer o Carl a dar-me outra injeção de petidina. Lembro-me de ele ter dito que era um analgésico. Podia dizer que me doía alguma coisa – mas o quê? À conta de uma antiga otite malcurada, de vez em quando doía-me um ouvido. Então, um dia em que estava deitada na sua cama enquanto ele andava em pezinhos de lã pelo quarto sem parar de falar, ora comigo, ora consigo mesmo, levei uma mão ao ouvido e disse: Ai, dói-me tanto este ouvido. Sentou-se na borda da cama e perguntou, preocupado: Dói assim tanto? Franzi o mais possível o sobrolho para fingir um esgar de dor. Sim, respondi, é insuportável. Acontece-me de vez em quando. Moveu o candeeiro para conseguir espreitar-me para dentro do ouvido. Tem algum corrimento, disse ele, surpreendido. Promete-me que vais a um otorrino, tens de tratar disto. Deu-me uma palmadinha na cara. Relaxa, disse ele, vou dar-te uma injeção. Sorri-lhe, grata, e o fluido entrou-me na corrente sanguínea, elevando-me ao único nível onde queria existir. Deitou-se comigo, como era seu hábito, quando o efeito estava no auge. Tomou-me com brusquidão, sem carinho ou preliminares, e depressa me largou. Não senti nada. A minha cabeça parecia flutuar num mar de ideias adocicadas e leves. Pensei com ternura em todos os meus amigos, que já mal via, e imaginei-me a conversar com eles. Como podes estar apaixonada por ele?, perguntara-me recentemente a Lise. Respondi-lhe que ninguém entende os sentimentos alheios, ninguém sabe ao certo como outrem ama. Permaneci deitada na cama por mais duas ou três horas e, à medida que o efeito da injeção esmorecia, foi-me cada vez mais difícil atingir aquele estado de felicidade pura. Tudo se tornou, uma vez mais, cinzento, feio, asqueroso, insuportável. Quando me despedi, o Carl perguntou-me se a oficialização do divórcio estava para breve. Sim, não demora muito, disse eu. Acreditava que me seria mais fácil convencê-lo a dar-me injeções assim que me casasse com ele. Não gostavas de ter outro bebé?, perguntou ele enquanto me acompanhava à porta. Sim, claro, disse eu de imediato, porque um filho

prendê-lo-ia ainda mais a mim, e eu queria garantir que ele não me fugia até ao fim da vida.

Concluído o divórcio, fiquei com o apartamento, para onde me mudei com a Helle e o Carl. O Ebbe voltou para casa da mãe, onde o visitava sempre que telefonava e me pedia para conversarmos. Nunca mais pôs os pés no nosso apartamento com medo de se cruzar com o Carl. Mas recebíamos visitas da Lise e do Ole, e também da Sinne e do Arne, que moravam de novo juntos, porque o amante da Sinne estava a cumprir pena de prisão por açambarcamento e receptação de bens roubados. Quando morava com o Ebbe, achava graça a visitarmo-nos uns aos outros sem aviso prévio, mas este hábito parecia-me agora detestável, e irritava-me sobremodo. Também irritava o Carl, que tinha ciúmes de todos os meus amigos. Sempre que nos visitava, sentava-se, sorria com timidez e quase não participava na conversa. Ele é um bocadinho estranho, não é?, perguntou-me, um dia, e não sem uma certa cautela, a Lise. Expliquei-lhe, de forma muito sucinta, que ele trabalhava arduamente durante o dia e à noite se sentia exausto. E tu?, perguntou ela. Mudaste, estás diferente desde que o conheceste, perdeste peso e não pareces estar de boa saúde. Ouve lá, respondo-lhe, furiosa, tu só gostas dos estudantes de Høng, e achas sempre estranho quem não é conversador e extrovertido. A minha resposta magoou-a de tal forma que não me falou durante algum tempo.

Uma noite, pouco depois de me casar com o Carl, o Arne e a Sinne convidaram-nos para um grande jantar. Os pais da Sinne enviaram-lhe, da quinta deles, meio porco, e iam dar uma festarola. O Carl disse que não queria ir, e na sua opinião eu também devia ficar em casa. Quando uma pessoa tem um trabalho que exige concentração, disse ele com aquele tom apologético que nunca revelava as suas verdadeiras intenções, não convém sobrecarregar a cabeça com demasiado convívio. Mas eles são meus amigos

há muito tempo, protestei, e não vejo motivo para não ir ao jantar. Se te der uma injeção, ficas em casa?, perguntou ele com toda a gentileza. Estupefacta, e pela primeira vez um tanto assustada, respondi: Sim, claro que fico. Na manhã seguinte, sentia-me tão mal que nem consegui levantar-me para lhe preparar o café. A luz feria-me os olhos, e mal conseguia descolar os meus lábios secos e gretados. Era como se a minha pele não mais suportasse a pressão do lençol e do cobertor. Tudo aquilo em que pousava o olhar me surgia como feio, agreste, afiado. Afastei a Helle com um repelão e um grito, o que a fez chorar. Qual é o problema?, perguntou o Carl. É outra vez o ouvido? Sim, choraminguei, e levei uma mão ao ouvido. Meu Deus, pensei eu desesperada, que ele acredite em mim só mais esta vez. Que não saia para trabalhar sem me dar uma injeção. Deixa-me cá ver isso, disse ele, meigo, e tirou um pequeno otoscópio da prateleira de cima do armário, onde também guardava os instrumentos que usara na curetagem uterina. Parece-me bastante bem, murmurou ele, e como vais ao otorrino duas vezes por semana, deve estar controlado. Enquanto me observava o ouvido, tentei não pestanejar para que os olhos se me marejassem de lágrimas. Começo a preocupar-me, disse ele enquanto enchia a seringa. Se isto continuar assim, talvez tenhas de ser operada. Vou falar sobre isto com o Falbe Hansen. O Dr. Hansen era o otorrino que o Carl me arranjava. Porque estás a dar uma pica à mamã?, perguntou a Helle, que nunca o vira dar-me uma injeção. Estou a dar-lhe uma vacina contra a difteria, disse ele, como aquela que tomaste. Mas não é suposto ser dada no ombro?, perguntou ela. Porque lha estás a dar no braço? É assim que se faz com adultos, disse ele. Apática, distante e relaxada, vi o Carl tomar o seu café e dei à Helle papas de aveia à colher. Indolente e feliz, despedi-me do Carl, mas a ansiedade começou a apoderar-se do meu cérebro enevado. Operação! O meu ouvido não tinha nada de errado. Depois, esqueci-me da ameaça de cirurgia e, deitada, comecei a fantasiar sobre um romance que iria escrever e que teria como título *Pela Criança*. Estava a escrevê-lo mentalmente. Frases longas e belas fluíram por entre os meus pensamentos erráticos enquanto, deitada no divã, fitava a minha máquina de escrever incapaz de dar um só passo na sua direção. A Helle saltitava à minha volta e teve de se vestir sozinha. Disse-lhe para ir ao andar de cima chamar o Kim e convidá-lo a brincar com ela no pátio. Quando o efeito da injeção principiou a esmorecer, irrompi em choro e puxei o edredão até ao queixo, porque

tremia como varas verdes, embora já fosse verão. Isto é horrível, disse para comigo, não aguento mais. Onde é que isto vai acabar? O que devo fazer? Vesti-me com alguma dificuldade, porque me tremiam as mãos e todas as peças de roupa me arranhavam a pele. Pensei em telefonar ao Carl, para que voltasse a casa e me desse outra injeção. As horas que tinha pela frente pareceram-me uma eternidade, e acreditei que não lhes sobreviveria. Tive então uma forte dor de barriga e tive de me trancar na casa de banho. Estava com diarreia e corria para a casa de banho a cada cinco minutos.

Mais tarde nesse dia, senti-me um pouco melhor. Sentei-me inclusive à máquina de escrever e comecei a trabalhar no tal romance que há muito me assombrava. Mas as palavras não me ocorriam com a facilidade e a fluidez que me eram habituais, e foi-me difícil manter a concentração. Não parava de olhar para o meu relógio de pulso, para ver quanto mais tempo teria de esperar que o Carl chegasse a casa.

Por volta do meio-dia, tive uma visita do John. Era amigo do Carl, um estudante universitário com tuberculose que vivia com a minha sogra em Rudershøj. Não gostava dele, porque, sempre que nos visitava, sentava-se num canto e fitava-me com os seus grandes olhos de raios X, como se eu não passasse de um problema difícil que tinha de resolver a qualquer custo. Ele e o Carl conversavam, na minha presença, sobre temas científicos que me eram incompreensíveis, e nunca tinha estado a sós com ele. Gostava de falar contigo, se tiveres disponibilidade, disse ele com toda a seriedade. Deixei-o entrar. O meu coração começou a palpitar com um temor estranho e indefinido. O John sentou-se na cadeira da minha secretária, eu na otomana. Quando se sentou, deu-me a impressão de ser alto, porque tinha um rosto largo e quadrangular, ombros largos e um tronco comprido e um tanto curvado. Possuía, contudo, pernas curtas que não o aumentavam muito de tamanho quando ele se levantava. Ele e o Carl tinham vivido juntos em Regensen, onde se haviam ajudado mutuamente a escrever as respetivas teses de licenciatura. Nada disse durante algum tempo; tão-só torceu e retorceu as suas mãozorras como se tivesse frio. Fitei o chão, pois não suportava o seu olhar perscrutador, senão mesmo inconveniente. Por fim, disse: Estou preocupado com o Carl, e tu se calhar também estás. Porquê?, perguntei eu, de súbito alerta. Está tudo bem entre nós. Curvou-se um pouco para que o olhasse nos olhos, e eu assim fiz, conquanto contrafeita e amedrontada. O Carl nunca te disse, perguntou ele, que estive internado há

um ano? Mas que tipo de internamento foi?, pergunto, não sem um certo desconforto. Esteve internado na psiquiatria, disse ele, teve uma psicose. Porque não falas dinamarquês normal?, retorqui, irritada. O que é uma psicose? É uma doença mental de curta duração, explicou, recostando-se na cadeira. Durou três meses. Estás a dizer-me que ele é doido?, perguntei eu, com um riso forçado. Os doidos ficam internados de vez, presos, não é, porque metem medo. E eu não tenho medo dele. O John parou de me fitar com o seu olhar perturbador, concentrando-se ao invés nas crianças que estavam a brincar no pátio. Há algo de errado, disse ele, tenho a impressão de que está a ficar outra vez doente. Quando lhe perguntei porquê, o John disse que nos últimos tempos o Carl ignorara por completo o trabalho e se dedicara em exclusivo ao estudo de doenças dos ouvidos. No instituto, o Carl estudava pilhas de manuais de anatomia do ouvido e doenças auditivas com o afinho de quem se quer especializar em otorrinolaringologia. É de loucos, disse perentoriamente o John. Tudo isto só porque tens uma dorzinha de ouvido de vez em quando? Qualquer outra pessoa entregaria o caso a um otorrino com a esperança de que um especialista na área fizesse todos os possíveis para resolver o problema. Ora, a questão é que ele gosta muito de mim, disse eu, e senti-me a corar de vergonha. Gosta de mim e quer ajudar-me a melhorar, só isso. Então, ri-me da cara de enterro do John. Saíste-me cá um amigo, disse eu. Onde já se viu um marmanjo destes vir fazer queixinhas à mulher do amigo e dizer-lhe que o marido é doido varrido? Não foi nada disso que eu disse, vá, disse ele, hesitante, só queria que soubesses que ele tem três primos internados no manicómio. Eu cá não te aconselhava a teres filhos com ele. Quando me diz isto, apercebo-me, de súbito, de que tenho o período alguns dias atrasado. Olha, sabes que mais, digo, acho que já avisas tarde de mais. Acho que estou grávida. A perspectiva de estar grávida faz-me feliz, e pergunto ao John se ele quer uma cerveja ou um café, porque não me apetece continuar a ouvir as baboseiras dele. Mas ele não quer tomar nada, pois tem de ir a uma palestra. Acompanho-o à porta e ele estende-me a mão para me cumprimentar, algo que nunca faço com os meus amigos. Vou dar entrada no hospital de Avnstrup daqui a uns dias, diz ele, vão extrair-me um pulmão. Como perceberás pelas minhas circunstâncias, não tomo a saúde como garantida. Hesita um instante antes de sair. E tu, diz ele, tal qual a Lise me disse, não pareces estar tão bem quanto antes. Tens comido o suficiente? Garanto-lhe

que sim, tenho, e respiro de alívio quando finalmente se vai embora. Embora não me tenha pedido que o fizesse, decido não contar ao Carl que ele veio cá.

Quando o Carl chegou a casa, disse-lhe que talvez estivesse grávida. Recebeu a notícia com alegria e revelou-me os seus planos de construir uma casa para a nossa pequena família nos arrabaldes da cidade. Perguntei-lhe se tínhamos dinheiro suficiente para isso, e ele disse que estava à espera de receber uma grande quantia em breve. Assim que tivéssemos a nossa própria casa fora da cidade, poderíamos concentrar-nos no nosso trabalho sem sermos obrigados a ver tantas pessoas; de resto, nunca teríamos de ir a lado nenhum. Pareceu-me uma ideia maravilhosa, porque começava a pensar que nos era necessário viver sem a interferência de terceiros. Quando me perguntou como estava do ouvido, respondi que a dor já tinha passado. A visita do John assustara-me sobremaneira. Depois disse – sem saber ao certo porquê – que tinha sofrido de insónias sempre que estava grávida. Ele refletiu um pouco enquanto coçava o queixo. Sabes que mais, vou dar-te um bocadinho de cloral, é um bom sedativo, não tem efeitos secundários. Sabe muito mal, mas podes misturá-lo com leite.

No dia seguinte, regressou do trabalho com um grande frasco de remédio. É melhor ser eu a doseá-lo, disse, facilmente se usa demasiado. Alguns minutos depois de tomar o medicamento senti-me bem – não como depois de tomar petidina, mas mais como se tivesse ingerido demasiado álcool. Perorei sobre a nossa futura casa, que mobília devíamos comprar, e também sobre o nosso bebé. Porém, adormeci enquanto falava e só acordei na manhã seguinte. Posso tomar aquele medicamento todas as noites?, perguntei. Claro, sem problema, disse ele, mal não faz. Então, ocorreu-lhe algo. Deixa-me só apalpar-te aqui atrás da orelha, disse ele, e pressionou-me um ponto no crânio. Dói?, perguntou. Sim, disse eu. Mentir ao Carl já se tornara de tal modo um hábito que não pude resistir a ludibriá-lo uma vez mais. Mordeu pensativamente o lábio superior. Acho que vou mesmo falar com o Falbe Hansen sobre a tal operação, disse ele. Perguntei-lhe se me iriam anestesiar com petidina. Ele disse que não, mas que no pós-operatório poderia tomar tanta quanto quisesse para mitigar a dor. Depois de ele se ir embora, tranquei-me na casa de banho e olhei-me ao espelho por muito tempo. Era verdade: não estava com bom aspeto. Tinha agora um rosto magríssimo e a pele seca e áspera. Pergunto-me, disse eu ao meu reflexo,



qual de nós os dois é o louco. Depois sentei-me à máquina de escrever, porque essa era, no fundo, a única esperança que me restava num mundo cada vez mais incerto. Enquanto escrevia, pensei que me dariam toda a petidina que eu quisesse, e concluí que pouco ou nada me incomodava ter de me submeter a uma cirurgia para entrar no paraíso.



O otorrino, todavia, recusou operar-me. Depois de fazer as radiografias, o Carl levou-me ao consultório do colega na mota que acabara de comprar. Envergando o seu casaco de couro – que se arrepanhava atrás e lhe parecia conferir algo que se assemelhava a um rabo de pato – e com o capacete numa mão, interpelou o Falbe Hansen, quase o obrigando a ver, com a sua assistência e uma por uma, as radiografias em contraluz. Não vejo aqui nada de anormal, disse o Falbe Hansen. Aproximei-me e estaquei ao lado do Carl. Enquanto falava, o otorrino não desviou de mim, nem por um segundo, os seus olhos cinzentos e frios. Se ela tem dores, deve ser reumatismo, disse ele vagarosamente, e nesse caso não há nada a fazer. Por norma, acaba por passar por si. O Carl falou, em seguida, de ossos, martelos, bigornas, estribos e sei lá que mais, enquanto eu, por outro lado, sentia a terra arder debaixo dos meus pés, porque aquele homem sabia que eu estava a mentir. O Falbe Hansen adquiriu uma postura ainda mais gélida. Nunca na vida vai convencer alguém a operar-lhe o ouvido, disse ele, então já sentado à secretária com ar distraído. Esse ouvido não podia ser mais saudável! Já o analisei o máximo possível, e a sua mulher não precisa de voltar cá.

Não te preocupes, disse com carinho o Carl quando saímos do hospital. Se continuares com dores, encontramos quem te opere. A conversa com o otorrino talvez tenha surtido algum efeito sobre ele, porque, quando chegámos a casa, disse-me: Vou passar-te uma receita de uns comprimidos de um composto chamado butalgina. É um analgésico forte, e depois já não precisas de mim em casa, podes tomá-lo sozinha. Passou a receita numa folha do papel que usava na máquina de escrever, a que depois cortou cuidadosamente os cantos. Contemplei o trabalho dele com um sorriso. Ele

disse: Parece uma receita falsa. Bem, se quiserem confirmar, dá-lhes o meu número no Instituto. O que queres dizer com parecer «falsa»? perguntei. Parece que foi escrita por ti, disse ele entre risinhos. Há drogados a sério que usam esse método. Usa amiúde a expressão «drogados a sério» quando me compara com outras pessoas. Ocorreu-me então que numa ocasião talvez tivesse visto, de facto, uma drogada a sério. Falei-lhe de quando fui ao consultório do Lauritz dos Abortos e vi, na sala de espera, uma mulher a andar de um lado para o outro enquanto suplicava para que a deixassem ser atendida primeiro. Quando saíra do consultório poucos minutos depois, parecia outra pessoa, porque estava contente e comunicativa, e até os olhos lhe brilhavam. Sim, disse o Carl, provavelmente era uma drogada a sério. Quando fiquei sozinha, analisei com mais atenção a receita e pareceu-me que ele tinha razão: de facto, qualquer pessoa a poderia ter escrito. Depois, fui à farmácia e comprei os comprimidos. Tomei-os assim que cheguei a casa, para ver se funcionavam – talvez me livrassem dos enjoos da gravidez. Isto aconteceu num sábado à tarde. A Lise ficou livre ainda cedo e passou por nossa casa para ir buscar o Kim, que quase todos os dias brincava com a Helle. A minha relação com a Lise estava um tanto fria, para não dizer azeda, desde o dia em que ela dissera que o Carl era estranho, mas convidei-a a sentar-se um pouco para que conversássemos como nos bons velhos tempos. Senti-me contente, animada e amistosa, e ela disse que era bom voltar a ver a antiga Tove. Oh, isso é porque estou a escrever, disse eu, é a única coisa que funciona comigo. Fiz café para as duas, e enquanto o tomávamos, perguntei-lhe como passava. Sentia remorsos por a haver negligenciado durante tanto tempo. Não muito bem, disse ela, andar com homens casados é uma merda, mas não me consigo afastar dele. O Ole tivera um ataque de ciúmes a roçar a neurose e consultara uma psicanalista chamada Sachs Jacobsen que, segundo a Lise, não passava de uma incompetente. No último domingo, a Lise comprara, de manhã, uns bolinhos para o pequeno-almoço, porque o Kim estava doente, e o Ole perdera por completo a compostura quando vira a caixinha da pastelaria. No dia seguinte, a tal Sachs Jacobsen telefonara para o escritório onde a Lise trabalhava. Era alemã. Olhe, o seu marido deve *doch* precisar dos seus pães quentes, dissera ela. Rimo-nos à farta à conta deste episódio burlesco e a nossa velha amizade começou pouco a pouco a recompor-se. Como me pareceu que devia retribuir a confiança com algo privado, falei-lhe da

obsessão do Carl com o meu ouvido e de como ele pretendia que me operassem. Isso é horrível, disse ela, claramente chocada. Não faças isso, Tove, podes ensurdecer com uma operação dessas. A sério, aconteceu a uma tia minha. E nunca tinhas tido dores de ouvidos antes de conheceres o Carl. Não, disse eu, mas hoje em dia tenho-as de vez em quando. Depois, lembrei-me da carta importante que o Carl recebera alguns dias antes. Fora remetida por uma rapariga de Skælskør, que pretendia comunicar-lhe que iria ter um filho dele dentro de um ou dois meses, e que não lhe escrevera antes porque pensava que era um tumor. Teria de dar o bebé para adoção, pois vinha de uma família burguesa e muito respeitável. O Carl sugeriu-me que o adotássemos, e eu tinha-lhe dito que sim com pouca convicção, porque já tanto me fazia mais um filho, menos um filho. Além disso, e apesar de não ter confessado este pormenor à Lise, ele dificilmente se separaria de mim se lhe adotasse um filho biológico que ele não tivera comigo. Soa-me bem, disse a Lise que, tal como a Nadja, tinha por hábito salvar e ajudar pessoas, aliviá-las dos seus fardos. Vão ter muito espaço quando se mudarem para a casa nova. Então pronto, está decidido, adoto-o, disse eu, como se falasse de uma simples caminhada na floresta. E o Carl também prometeu arranjar alguém que me ajude em casa. Afinal, não posso escrever e tomar conta de três crianças ao mesmo tempo. A Lise concordou que seria o mais sensato a fazer. Assim também tens alguém que cozinhe para ti, disse ela enquanto batucava com o indicador nos dentes incisivos, que bem precisas. Estás pele e osso, amiga. Isto dito, foi buscar o Kim ao pátio, e depois regressaram a casa. Tranquei-me de novo na casa de banho e tomei mais dois comprimidos. Por fim, sentei-me para escrever, e pela primeira em muito tempo as palavras fluíram-me com naturalidade, como nos velhos tempos, e esqueci tudo à minha volta, incluindo a causa da minha paz de espírito, que se encontrava num frasco na casa de banho.

Em outubro de 1945, trouxemos para casa uma menina recém-nascida, que a mãe dera à luz no Rigshospitalet. Era minúscula e pesava pouco mais de dois quilos. Tinha cabelo ruivo e pestanas loiras e compridas. Nesse dia, tinha tomado quatro comprimidos, porque já não surtiam o mesmo efeito. Achei fantástico ter de novo uma bebé recém-nascida nos braços, e prometi a mim mesma que cuidaria dela como se fosse minha filha. Precisava de mamar um biberão inteiro a cada três horas, fosse dia ou noite, e à noite era o Carl que se levantava da cama para lhe dar o leite, porque eu não tinha

meio de acordar do meu sono profundo, induzido pelo cloral. Quando a minha mãe nos visitou para ver a bebé, lançou uma olhadela ao berço e disse: Bem, não se pode dizer que seja bonita. Parecia-lhe uma insensatez eu cuidar de mais crianças do que as estritamente necessárias. A minha sogra também nos visitou e quase desmaiou de emoção. Meu Deus, disse ela enquanto levava as mãos ao peito, é tão parecida com o Carl! Em seguida, discorreu por muito tempo sobre a traição de que fora vítima, porque a cozinheira que tinha ao seu serviço demitira-se e era difícil encontrar quem a substituísse. Tinha amiúde problemas com as cozinheiras. O que devo fazer quando sinto calores?, perguntou ela ao Carl, que tinha sempre de se embriagar um pouco para suportar as visitas da mãe. Ele sorriu e disse: Parece-me vantajoso, tendo em conta que este verão tem sido demasiado fresco. Nunca a levava a sério e, quando a mãe lhe tentou dar um beijo, ele esquivou-se o mais possível, de forma a que ela não o abraçasse. Depois, no último instante, virou a cara, permitindo-lhe assim que ela lhe desse um beijo. Sempre que a mãe dele nos visitava, o Carl obrigava-me a usar um vestido com mangas compridas para esconder as marcas das agulhas que tinha nos braços. Não que tenha muita importância, mas não tem lá grande aspeto, dizia ele.

E foi assim que a Jabbe se mudou para o nosso apartamento. De momento, teria de dormir no quarto das meninas. A Menina Jacobsen – era esse o seu apelido – era de Grenå, mas, como a Helle lhe chamava Jabbe, todos nós começámos a tratá-la por essa alcunha. Era uma rapariga espadaúda, forte e trabalhadora que adorava crianças. O seu rosto simples e os seus grandes olhos sempre um tanto húmidos, como se constantemente à beira das lágrimas, transmitiam a sensação de que podíamos confiar nela e nas suas capacidades. Acordava cedo de manhã para nos fazer bolinhos para o pequeno-almoço, que me servia na cama, enquanto o Carl dormia ao meu lado. A senhora tem de comer, dizia ela, está muito magra. O meu apetite melhorou um pouco a partir do momento em que deixei de ser eu a cozinhar, e parecia que as coisas começavam a melhorar. Trabalhava bem sob o efeito da butalgina, e contentava-me com uma injeção de vez em quando. O Ebbe ligava-me amiúde quando se embriagava. Vagueava pelos bares da cidade na companhia do Victor, que eu não conhecia, embora muitos dos meus amigos conhecessem. O Ebbe queria desesperadamente que eu conhecesse o tal Victor. Porém, sempre que dizia ao Carl que estava

a ponderar fazer uma visita ao Ebbe, ele sacava da seringa e fazia sexo comigo com os seus modos bruscos e descuidados. Adoro mulheres passivas, dizia ele. Quando aceitou, por fim, que o Ebbe tinha o direito de ver a filha, concordámos que de vez em quando eu a devia deixar com a mãe do Ebbe, que depois a traria de volta a nossa casa.

Dei à luz o Michael numa clínica na Enghavevej, e o Carl ajudou-me no parto. Depois, quando estava deitada num quarto privado com o nosso filho nos braços, ele deu-me uma injeção e ficou por muito tempo sentado à minha cabeceira, de olhos postos no filho dele, que devolveu de imediato ao berço. Vai ser um menino fabuloso, disse ele com orgulho: o filho de uma artista e de um cientista – é uma bela combinação! Estou ansiosa por ver a nossa casa pronta, disse eu com a voz entaramelada enquanto toda aquela ternura familiar me fluía pelo corpo. Ficaremos juntos para sempre, disse, convicto, o Carl. Não vai ser como com os outros. O Viggo F. e o Ebbe não te compreendiam como eu.

Não muito depois, mudámo-nos para a casa nova, que se localizava na Ewaldsbakken, em Gentofte. Era uma moradia de tijolo de dois andares, e fora projetada por um arquiteto de acordo com as nossas especificações. No rés do chão ficava o quarto das crianças, o quarto da criada, a sala de jantar, a casa de banho e a cozinha. O Carl e eu tínhamos cada um o seu quarto no andar de cima. O meu era grande e airoso, e da minha secretária via o bonito quintal da casa com as suas muitas árvores de fruto e um relvado que o Carl aparava ao domingo de manhã. Foi um verão relativamente feliz. Delimitámos a nossa vida com o recurso a uma moldura civilizada naquele que, no fundo, sempre fora um dos meus grandes sonhos. Devia tudo o que tinha ao Carl, que tanto quanto eu sabia geria as nossas economias com destreza e sensatez. Mas um dia, no outono que se seguiu ao verão da felicidade, pedi-lhe uma nova receita de butalgina e ele, enquanto andava de um lado para o outro do quarto com os seus passos temerosos, disse: Paremos a butalgina por uns dias. Tenho medo de que estejas a tomar demasiada. Mais tarde nesse dia, senti-me muito mal – uma sensação que já antes experienciara em algumas ocasiões. Não conseguia parar de tremer, transpirava em profusão e tive diarreia. Senti, ademais, uma enorme ansiedade que fez com que o meu coração batesse descompassado e em pânico. Sabia que tinha de tomar alguns daqueles comprimidos, e depressa descobri uma forma de os tomar. Guardara, por um qualquer

motivo, uma das antigas receitas do Carl, e não tardei a copiá-la. Pedi à Jabbe, que nada sabia acerca do assunto, que fosse à farmácia. Ela regressou a casa com os comprimidos como se estes não passassem de aspirina. Depois de tomar cinco ou seis comprimidos – os necessários nessa altura para obter o mesmo efeito que me proporcionavam, ao início, apenas dois –, apercebi-me, com uma vaga inquietação, de que cometera um crime pela primeira vez. Decidi que nunca o repetiria. Mas não cumpri a promessa que fiz a mim própria. Vivemos naquela casa durante cinco anos, e fui toxicodependente na maior parte desse tempo.



Se não tivesse ido àquele jantar, não teria sido operada ao ouvido, e talvez muitas outras coisas teriam sido diferentes do que na realidade foram. Naquela época, o Carl só me dava injeções de vez em quando. Drogava-me com comprimidos de butalgina, e as marcas de agulhas nos meus braços eram cada vez menos visíveis. Também já não sentia tanta falta da petidina. Sempre que sentia uma súbita vontade de a tomar, lembrava-me de que não conseguia escrever quando sob o seu efeito, e eu estava concentradíssima e ansiosa por terminar o meu novo romance. A vida na Ewaldsbakken adquirira contornos quase normais. Durante o dia, passava bastante tempo na companhia da Jabbe e das crianças, e à noite, depois do jantar, o Carl e eu sentávamo-nos a beber café no meu quarto, onde o Carl lia os seus livros técnicos sem entrar em grandes conversas. Um estranho vazio separava-nos, e a dado momento reparei que não conseguíamos conversar um com o outro. O Carl não tinha qualquer gosto por literatura e parecia interessar-se apenas pela sua área profissional. Sentava-se a ler com o cachimbo preso entre os seus dentes irregulares e com um maxilar inferior tão proeminente que o queixo mais parecia ser a base de suporte do resto da cara. Às vezes parava de ler, olhava-me com um sorriso tímido, e dizia: Então, Tove, sentes-te bem? Ao contrário dos outros homens, nunca me falou da sua infância e, quando lhe perguntava por ela, dava-me respostas vazias, sem sentido, como se tivesse esquecido por completo a sua meninice. Recordava amiúde os discursos noturnos do Ebbe, como ele recitava poemas de Rilke em alemão e fazia interpretações dramáticas de passagens de Hørup. A Lise, que de vez em quando nos visitava, disse-me que ele ainda não recuperara do nosso divórcio e frequentava então o bar



Tokanten e outras tabernas na companhia do Victor, ao invés de terminar o curso.

A Ester e o Halfdan também me visitavam de vez em quando, quando o Carl não estava em casa. Viviam num apartamento na Matthæusgade. Tinham uma filha um ano mais nova do que a Helle, e eram paupérrimos. Perguntaram-me, uma vez, porque tinha abandonado todos os meus antigos amigos e porque já não frequentava o clube. Disse-lhes que estava demasiado ocupada e que a socialização não era benéfica aos artistas. A Ester sorriu com amargura e perguntou: Já te esqueceste de quando íamos à Neckelhuset? Mas a verdade é que sofria de solidão e ansiava por encontrar alguém com quem pudesse de facto conversar. Era membro da Associação Dinamarquesa de Autores, mas, sempre que havia um evento ou uma reunião, o Viggo F. telefonava-me para me perguntar se eu também ia, porque nesse caso ele coibir-se-ia de comparecer, de maneira que eu decidia invariavelmente não ir. Era também membro do P.E.N. Clube, um grupo restrito que tinha como diretor o Kai Friis Møller, um dos críticos que mais me tinha em boa conta. Um dia, perto do Natal, telefonou-me e convidou-me a jantar com ele, o Kjeld Abell e o Evelyn Waugh no Skovriderkroen. Aceitei de imediato o convite. Queria conhecê-los aos três, e quando o Carl me perguntou, como habitualmente, se eu não preferia uma injeção, recusei pela primeira vez a sua oferta tentadora, o que, por estranho que pareça, muito o inquietou. Se se fizer muito tarde, disse ele, vou lá buscar-te. Mas eu disse que decerto conseguiria regressar a casa sozinha e que ele podia ir para a cama. Bem, disse ele com naturalidade, tenta pelo menos tapar os braços. Ah, e aplica algum creme na cara, acrescentou, e passou um dedo por uma das minhas faces. Tens a pele muito seca, talvez não tenhas noção disso.

Ao jantar, sentei-me ao lado do Evelyn Waugh, um jovem baixo e vivaço com rosto pálido e olhos curiosos. O Friis Møller auxiliou-me, com toda a elegância, em todas as barreiras linguísticas, e mostrou-se tão atencioso e simpático durante a refeição que era difícil acreditar que se tratava de um crítico tão contundente nas suas recensões. O Kjeld Abell perguntou ao Evelyn Waugh se tinham escritoras tão novas e bonitas em Inglaterra. Disse que não e, quando lhe perguntei porque tinha ido à Dinamarca, respondeu que viajava sempre para fora do país quando os filhos vinham de férias a casa, porque não os suportava. Para desculpar a minha notória falta de

apetite, disse que tinha sido obrigada a comer com os meus filhos antes de sair de casa. Mas como bebi bastante e tinha tomado um punhado de comprimidos de butalgina antes de sair, estava contentíssima e falei que me desunhei, fazendo rir repetidas vezes as três celebridades. Éramos praticamente os únicos clientes no restaurante. Como estava a nevar, o silêncio era tal que ouvíamos, ao longe, os motores dos navios ribombarem nas águas do porto. Enquanto tomávamos, com deleite, um café e um conhaque, o Friis Møller e o Kjeld Abell olharam, de repente e surpreendidos, para a porta de saída, que eu não conseguia ver do sítio onde estava sentada. Mas quem será aquele sujeito?, perguntou o Friis Møller, que levou o guardanapo à boca. Parece estar a caminhar na nossa direção. Virei-me para trás e vi, para meu horror, o Carl acercar-se da nossa mesa com as suas botifarras de couro, o casaco de couro coberto de neve, o capacete na mão, e o seu característico sorriso tímido, que mais parecia ter-lhe sido pintado na cara. Oh, aquele... é o meu marido, disse eu, confusa, porque se assemelhava a um marciano na presença daqueles três homens tão elegantes, e ocorreu-me então que nunca o tinha apreciado devidamente na companhia de outras pessoas. Abeirou-se de mim e, um tanto tolhido, disse-me: Acho que está na hora de voltares para casa. Boa noite, muito prazer, disse o Friis Møller que logo se levantou da cadeira. O Carl deu um aperto de mão aos três cavalheiros sem dizer uma palavra, e o Kjeld Abell fitou-o com um sorriso sardónico. Levantei-me furiosa e vexada, quase cega de tanto confrangimento. O Carl ajudou-me a vestir o casaco sem me dirigir uma só palavra. Assim que saímos do restaurante, interpelei-o e disse: O que julgas que estás a fazer? Com que direito me fazes isto?! Deixei bem claro que não me devias vir buscar. Envergonhaste-me! Todavia, era impossível discutir com o Carl. Queria deitar-me, disse ele em jeito de desculpa, mas não podia ir para a cama sem te dar o teu cloral. Abriu-me a portinhola do *sidecar* e sentou-se no selim da mota enquanto fechava a capota. Chorei de vergonha e humilhação durante a viagem até casa. Quando abriu a capota para que eu saísse, viu que estava a chorar e disse: O que se passa? Repeti um hábito antigo e levei uma mão ao ouvido, porque queria que ele me reconfortasse. Ai, gemi, este ouvido doeu-me toda a noite, o que achas que será? Ele pareceu genuinamente preocupado. Porém, vislumbrei-lhe também um fugaz olhar de triunfo quando me deu uma injeção numa das veias ainda abertas. Acho que o Falbe Hansen estava

errado, disse ele. Fez sexo comigo com mais brutalidade do que era costume, e depois, imersa em apatia e uma felicidade difusa, passei os meus dedos pelo seu cabelo ralo e ruivo. Enquanto isso, o Carl fitava o teto deitado de costas e com as mãos debaixo da cabeça. Temos de fazer alguma coisa, disse ele, há que dar um arranjo a esse osso. Mas não te preocupes. Conheço um otorrino que nem pode ouvir falar do Falbe Hansen.

No dia seguinte, chegou a casa com os maiores calhamaços sobre otorrinolaringologia que encontrou na biblioteca. Estudou-os enquanto tomávamos café e, sem parar de murmurar algo ininteligível e de desenhar círculos, a vermelho, em volta das ilustrações anatómicas, não se coíbiu de me apalpar atrás da orelha. Reafirmou também que caso eu continuasse a sentir dores ali, falaria com o médico que me referira e tentaria convencê-lo a operar-me. Dói-te agora?, perguntou. Sim, disse eu, e fiz novo esgar de dor, está a doer imenso. Estava desesperada por tomar petidina, já não me controlava. No dia seguinte, escrevi o último capítulo do meu romance, que encapei com uma bonita cartolina, na qual escrevi em letras maiúsculas: *Pela Criança*, romance de Tove Ditlevsen. Depois guardei-o num armário com fechadura no quarto do Carl e, como sempre, senti uma espécie de luto por ter terminado o romance. Como me sentia fisicamente mal, tirei o frasco de comprimidos da gaveta da minha secretária, que fechava à chave e que o Carl não tinha como abrir. Engoli uma mão cheia deles sem contar quantos eram. Tinha sido particularmente cuidadosa ao escrever as receitas. Às vezes assinava o nome do Carl no fundo da página, outras assinava o nome do John, que concluíra o curso no sanatório de Avnstrup. A Jabbe e eu aviávamos alternadamente as receitas, e creio que, de tão ingénua, nunca desconfiou de mim ou sequer imaginou que se passavam coisas suspeitas naquela casa. Guardava, fechadas à chave, a seringa, as ampolas e as agulhas no armário, juntamente com os meus papéis, e Jabbe – muito mais tarde – só por uma vez disse, quando ma trouxe: A farmácia passou-lhe uma conta das grandes, minha senhora! Nessa altura, gastava vários milhares de coroas por mês em comprimidos.

O otorrino era velho, quase surdo e carrancudo. Quando a assistente não lhe entregava de imediato os instrumentos que ele pedia, atirava ao chão o que quer que tivesse na mão e gritava: Raios partam, como posso trabalhar com esta incompetente a ajudar? Ora bem, disse ele ao examinar-me o ouvido, então o Falbe Hansen não quis operar? Bem, bem, veremos. Vamos

tirar algumas radiografias, porque até já pode ter chegado às meninges. Também pensei nessa hipótese, disse o Carl. Acho que ela também teve febre uma vez por outra. Febre?, disse eu, surpreendida. Com que temperatura?, perguntou o médico. Não a medimos, disse com calma o Carl, não quis preocupá-la. Mas muitas vezes parece febril e distraída. Regressámos ao consultório do otorrino poucos dias depois, e o Carl e o médico estudaram minuciosamente as novas radiografias. Há aqui uma sombra, disse, sem se mexer, o otorrino, que não acrescentou mais nada. Em seguida, abanou a sua cabeça calva e disse: Está bem, vamos operar. Posso internar a sua mulher amanhã; ponho-a num quarto privado e operamo-la logo a seguir. Quando chegámos a casa, o Carl deu-me uma injeção e eu pensei que era assim que queria viver. Queria nunca mais regressar à realidade.

Quando acordei da anestesia, tinha a cabeça enfaixada em gaze, e só então soube o que era uma dor de ouvido a sério. Gemi e contorci-me de dores, virando-me ora para um lado, ora para o outro na cama. O médico foi ver-me e sentou-se à minha cabeceira. Tente sorrir, se faz favor, disse ele, e tentei forçar um sorriso. Porquê?, perguntei eu assim que retomei os meus gemidos e as minhas contorções. Tocámos no nervo facial, disse ele, e isso às vezes causa paralisia. Mas tivemos sorte, porque não chegou a esse ponto! Ai, tenho tantas dores, choraminguei, não me pode dar nada para as aliviar? Claro, disse ele, posso dar-lhe aspirina, é o medicamento mais forte que damos aqui na enfermaria. Não contribuímos para a dependência de ninguém, não queremos cá toxicodependentes. Dou-lhe uma aspirina e qualquer coisa para a ajudar a dormir à noite, mais nada. Pode ligar ao meu marido?, perguntei, horrorizada, tenho de falar com ele. Ele está cá de volta não tarda muito, disse o médico, daqui a bocadinho já o tem aqui consigo. Agora, tem de descansar. O Carl chegou, por fim, com a sua pasta castanha, na qual transportava a abençoada seringa. Quando me deu uma injeção na veia aberta, eu disse: Tens de cá vir o máximo possível, nunca tive tantas dores na vida e o médico só me dá aspirina. Se te dessem colherinhas de açúcar, o efeito seria o mesmo, murmurou ele. Tens de falar mais alto, disse eu, não te ouço. Estás surda desse ouvido, disse ele, e vais ficar assim toda a vida, mas pelo menos não vais ter mais dores. Quando a injeção começou a fazer efeito, a dor tornou-se suportável, quase secundária, mas não desapareceu por inteiro. O que será de mim, perguntei eu com uma voz

arrastada, quando a dor voltar e não estiveres cá? Vais ter de tentar aguentar, disse ele, porque eles podem desconfiar se cá vier demasiadas vezes. Regressou ao fim do dia e deu-me mais uma injeção e cloral. Isto depois de eu passar várias horas de suplício e de me aperceber de que até então nunca soubera verdadeiramente o que eram dores físicas. Senti-me apanhada numa armadilha, sem saber ao certo quando os dentes metálicos se me cravariam na carne. Acordei a meio da noite com a sensação de ter a cabeça em chamas. Socorro!, gritei eu no meu quarto, que estava iluminado pelo brilho azul da luz de presença acima da porta. Uma enfermeira entrou no quarto a correr. Vou dar-lhes duas aspirinas, disse ela. Desculpe, mas não podemos dar-lhe nada mais forte, o doutor é muito rigoroso nesse aspeto, disse ela. Foi operado aos dois ouvidos e lembra-se de como teve de aguentar a dor naquela altura. Quando saiu do quarto, vi-me tomada pelo pânico. Não queria passar nem mais um minuto ali. Levantei-me e vesti-me fazendo o menor barulho possível. Ai, ai, gemi para comigo, estou a morrer, ai, mãe, estou a morrer, não aguento mais. Depois de vestir o casaco, abri a porta e espreitei com cautela. Havia uma porta em frente à do meu quarto que, esperava eu, me conduziria a uma saída. Corri até à dita porta e depressa dei por mim, de cabeça enfaixada, envolta pela escuridão da noite numa rua deserta. Fiz sinal a um táxi, e o motorista perguntou-me, preocupado, se eu tinha sofrido um acidente de viação. Quando cheguei a casa, atravessei o jardim a correr e toquei a campainha como uma louca, porque não tinha a chave comigo. A Jabbe abriu-me a porta. O que aconteceu?, perguntou ela, estupefacta. Nada, disse eu, só não quis continuar lá internada. Entrei de rompante no quarto do Carl e acordei-o. Petidina, choraminguei, depressa. Esta dor está a dar comigo em doida.

Aquela dor atroz fez-se sentir durante duas semanas, e o Carl ficava em casa para me dar injeções sempre que eu lhas pedia. Ficava deitada, apática, na cama, e era como se me embalassem em águas verdes, quentes. Nada mais me importava, a única coisa que eu queria era continuar a viver naquele estado de felicidade pura. O Carl disse-me que muitas pessoas são surdas de um ouvido, e que isso não tem problema nenhum. Fosse como fosse, estava-me nas tintas para o ouvido, porque o sacrifício tinha valido a pena. Nenhum preço era demasiado elevado ante a possibilidade de repelir o mundo real, que me parecia intolerável. A Jabbe levava-me tudo ao quarto e alimentava-me à força. Quase não conseguia engolir a comida e suplicava-

lhe que me deixasse em paz. Nem pense nisso, minha senhora, dizia ela com firmeza, não há de ficar sem comer enquanto eu tiver uma palavra a dizer. Não há de morrer de fome. As coisas já estão más que cheguem.

Uma noite, acordei e reparei que a dor já quase desaparecera. Mas estava a tiritar de frio e tão desidratada que só com a ajuda dos dedos consegui separar os lábios um do outro e abrir a boca. O Carl levantou-se a cair de sono e deu-me uma injeção. Não sei o que faremos quando esta veia também se fechar. Talvez encontre uma viável num dos pés.

Enquanto estava deitada, a sós, na cama, apercebi-me de que não via os meus filhos há muito tempo. Desci ao andar de baixo e entrei no quarto deles. Estava tão debilitada que tive de me apoiar na parede para não cair. Acendi a luz e observei-os. A Helle estava a dormir com um polegar na boca e o seu cabelo encaracolado formava uma auréola em redor da cabeça. O Michael estava a dormir com o gatinho dele nos braços – não conseguia dormir sem ele. E a Trine, deitada de olhos abertos, fitava-me em silêncio com o seu rosto inescrutável de criança. Cambaleei até junto da cama dela e acariciei-lhe o cabelo. Tinha ainda pestanas loiras e compridas, e fechou lentamente os olhos enquanto a aflagava. Havia brinquedos espalhados por todo o chão, e um parquezinho no meio do quarto. Já quase não reconhecia aquelas crianças, não fazia parte do seu dia a dia. Tal qual quando uma velhinha se recorda da sua juventude, pensei como, poucos anos atrás, eu era uma jovem enérgica, feliz e saudável a quem não faltavam amigos. Foi, no entanto, um pensamento fugaz, porque logo apaguei a luz, saí do quarto e fechei a porta em silêncio. Demorei muito tempo a alcançar o andar de cima e a minha cama. Deitei-me sem apagar a luz e contemplei as minhas mãos pálidas, descarnadas, enquanto mexia os dedos como se escrevesse à máquina. Depois, pela primeira vez em muito tempo, tive uma ideia lógica, lúcida, clara. Se as coisas derem para o torto, ligo ao Geert Jørgensen e conto-lhe tudo, pensei. Não o faria apenas pelos meus filhos, mas também pelos livros que ainda não escrevera.



O tempo deixa de existir. Uma hora poderia ser um ano, e um ano poderia ser uma hora. Tudo depende da quantidade de petidina na seringa. Às vezes não funciona de todo, e digo ao Carl, que está sempre por perto: Não me deste o suficiente. Coça o queixo com um olhar de sofrimento. Temos de diminuir um bocadinho a dose, diz ele, ou vais acabar por adoecer. Eu fico doente se não tomar o suficiente, isso sim, digo. Porque me deixas sofrer desta maneira? Está bem, está bem, resmunga ele com um encolher de ombros, vou dar-te um pouco mais.

Estou sempre deitada na cama, e preciso da ajuda da Jabbe para ir à casa de banho. Quando se senta ao meu lado para me dar de comer, reparo que tem invariavelmente o rosto húmido, como se alguém lhe tivesse atirado água para cima. Passo-lhe um dedo pela cara e enfio-o na boca, está salgado. Que engraçado, penso eu com uma certa inveja, como será ter empatia por alguém? Não presto atenção à passagem das estações. As cortinas estão sempre fechadas, porque a luz me fere os olhos, portanto, não distingo o dia da noite. Durmo, acordo, estou doente ou sinto-me bem. Olho para a minha máquina de escrever, que me surge tão distante que mais parece que a estou a observar com binóculos virados ao contrário. Do rés do chão, onde de facto se vive, chega-me a vozearia das crianças como se abafada por diversos cobertores de lã empilhados uns sobre os outros. Rostos surgem ao meu lado para logo desaparecerem. O telefone toca e o Carl atende-o. Não, lamento, diz ele, a minha mulher não se está a sentir bem neste momento. Come cá em cima, no meu quarto, e contemplo com pasmo, e inclusive alguma inveja, o seu bom apetite. Vá, tenta comer qualquer coisinha, diz ele com genuíno interesse, está uma delícia, a Jabbe fê-la a pensar em ti. Com o garfo, enfia-me um pedacinho de carne na boca

e vomito outra vez. Vejo-o limpar a mancha no lençol com um pano húmido. Tem a cara perto da minha. A sua pele é macia e delicada, as pálpebras bonitas como as de uma criança. Tens saúde para dar e vender, digo. Tu também hás de ter, diz ele, se aguentares os enjoos por algum tempo, se me deixares cortar-te um bocadinho a dose. Agora sou uma drogada a sério?, pergunto. Sim, diz ele com o seu sorriso tímido, hesitante, agora és mesmo uma drogada a sério. Atravessa o quarto nas pontas dos pés, abre as cortinas e olha lá para fora. Não vai ser uma maravilha voltares a ir ao quintal? As árvores de fruto estão todas em flor. Não lhes queres dar uma vista de olhos? Ampara-me quando me dirijo, aos tropeções, à janela. Já não aparas a relva?, pergunto, só para fazer conversa. A nossa relva está mais alta do que a do vizinho. Está malcuidada e pontilhada de dentes-de-leão, cujas sementes estão a rodopiar ao sabor do vento. Pois, não dá para tudo, diz ele, tenho mais em que pensar. Um dia, senta-se à minha cabeceira e pergunta-me se me sinto bem. Sinto, sim, porque me deu uma dose bem aviada na última injeção. Tenho de falar contigo sobre uma coisa, diz ele. No Instituto, um médico especialista usou 40 mil coroas de uma bolsa que lhe deram para realizar estudos científicos para comprar narcóticos. Descobri-o por acaso. Pensava que já nem lá punhas os pés, digo. Bem, mas ponho, diz ele, vou até lá quando estás a dormir, e apanha um fio invisível do chão, um hábito que adquiriu nos últimos tempos. E então, pergunto, sem grande interesse no assunto, o que tens tu que ver com isso? Tenho estado a pensar, diz ele, e curva-se de novo para apanhar alguma coisa, em ir a um advogado. Ao início, pensei em ir à polícia, mas não achas melhor começar por pedir conselhos a um advogado? Deve ser, sim, respondo com indiferença, provavelmente é melhor ires a um advogado. Mas não te demores muito, preciso de ti aqui quando te chamar.

A minha mãe visita-me e faz-me companhia. Pega-me na mão e dá-lhe palmadinhas carinhosas. O teu pai e eu, diz ela enquanto seca os olhos com as costas da mão, achamos que é o Carl que te está a pôr doente. Não sabemos dizer ao certo como, mas acho que ele não regula bem da cabeça. Soa sempre estranhíssimo ao telefone, e nunca está em casa quando vos visitamos. A Jabbe também diz que ele tem tido comportamentos bizarros. Recentemente, pediu-lhe que ela lhe lavasse as solas dos sapatos, para assim evitar o transporte de germes. Diz que ele a assusta. Não é ele que me está a pôr doente, digo, serena. Pelo contrário: está a tentar curar-me. Agora podes



ir-te embora, por favor? Falar deixa-me exausta. Mas a verdade é que de vez em quando também eu me pergunto se o Carl não se terá tornado um tanto estranho, tendo em consideração todos aqueles fios invisíveis que apanha do chão, o modo como se desloca pela casa nas pontas dos pés e o muito tempo que passa trancado no quarto quando não chamo por ele. De vez em quando pergunto-me, sem grande receio, se estou a morrer e se me deveria recompor e telefonar ao Geert Jørgensen. Contudo, se contar tudo isto a alguém, o Carl deixará de me dar injeções, disso tenho eu a certeza. Se me queixar a quem quer que seja, vai internar-me no hospital, onde me darão apenas aspirina. É por isso que continuo a adiar a decisão. Ademais, o meu estado de deterioração mental é tal que os pensamentos lúcidos, racionais, não se prolongam por muito tempo, sendo ao invés escassos e breves. A Lise faz-me uma visita e aproxima-se a ponto de encostar a cara à minha. Retraio-me com um sobressalto, porque me dói quando me tocam. Não suporto o toque da pele de outra pessoa na minha, e há muito tempo que não me deito com o Carl. Que se passa contigo, Tove?, pergunta ela, séria. Estás a esconder-nos alguma coisa, e deve ser algo horrível. O Carl diz uma alarvidade qualquer sempre que alguém o interroga acerca do meu estado de saúde. É uma doença do sangue, digo, porque foi o que o Carl me instruiu a responder, mas o pior já passou. Agora vai ser sempre a melhorar. Não te importas de ir embora agora? Estou esgotada. Já não escreves?, pergunta. Não te lembras de como adoravas o processo de escrita? Claro que me lembro, digo, e lanço um olhar à minha máquina de escrever, que está coberta de pó. Lembro-me, sim, e há de voltar. Agora vai-te embora, por favor.

Mais tarde, ponho-me a pensar no que ela disse. Será que voltarei a escrever? Lembro-me do tempo, há muito ido, em que as frases e os versos não paravam de me rodopiar pela cabeça assim que a petidina começava a fazer efeito. Mas isso já não acontece, a velha felicidade que sentia nessa época nunca reaparece, e sei que o Carl às vezes enche a seringa de água. Um dia – ou uma noite –, ajoelha-se para me dar uma injeção num pé e constato que tem os olhos marejados de lágrimas. Porque estás a chorar?, pergunto, atónita. Não sei, diz ele, mas quero que saibas que, se fiz algo de errado, serei castigado por isso. Esta foi a única confissão que alguma vez fez. Acho que tens enchido a seringa com água, digo, porque não me importo com mais nada. Vais acabar por te sentir muito mal, diz ele, mas

depois vais melhorar bastante, e no fim vais recuperar a saúde. Mas tens de parar de me atormentar com queixumes, porque nunca suportei ver-te sofrer. Tudo o que faço, faço-o por ti, para que melhores, para que possas trabalhar outra vez e estar presente para os teus filhos. As palavras do Carl aterrorizam-me. Não quero viver sem petidina, grito-lhe, simplesmente não posso passar sem ela! Foste tu que começaste isto, e agora tens de continuar. Não, diz ele com toda a calma, estou a tirar-te o vício aos poucos.

Vivo um verdadeiro inferno na terra. Tirito de frio, transpiro, choro e grito por ele, embora o Carl já tenha saído do quarto. A Jabbe aparece à porta e senta-se ao meu lado. Está a chorar de desespero. Trancou-se no quarto, diz ela, e tenho medo dele. Pouso a comida à porta e ele recolhe-a depois de me ir embora. A senhora não pode chamar outro médico? Está tão doente, e eu não posso fazer nada. Quando os seus amigos passam por cá, ordena-me que não os deixe entrar. Nem a própria mãe quer ver. Se calhar está a enlouquecer, digo, sei que já aconteceu uma vez. Vomito e a Jabbe enche uma bacia com água para me lavar a cara com uma toalhinha. Peço-lhe para procurar o número do Geert Jørgensen na lista telefónica e para o anotar num papelinho. Ela assim faz, e esconde o papel debaixo da minha almofada. Agora nem com cloral consigo dormir. Quando fecho os olhos, vejo cenas horríveis passarem-me por dentro das pálpebras. Uma menina desce uma rua escura, e de repente um homem salta atrás dela. Tem um gorro preto na cabeça e um facalhão na mão. Corre até junto dela e crava-lhe a faca nas costas. Ela grita – eu também – e abro de novo os olhos. O Carl entra no quarto com pezinhos de lã. Tiveste outro pesadelo?, pergunta, e logo se agacha para apanhar fios invisíveis do chão. Já não temos mais petidina, avisa. Devo ter-me esquecido de pagar a última conta, mas podes tomar uma dose extra de cloral. Enche o copo medidor do frasco e rogo-lhe que me dê duas doses, em vez de apenas uma. Bem, diz ele, mal não te fará, e faz o que lhe peço. Sinto-me um pouco melhor e ele acaricia-me a mão, que tem metade do tamanho da dele. É uma questão de nutrição, diz ele com um sorriso idiota, se engordares uns quilos, as coisas melhoram logo. Fita o vazio durante alguns minutos, e então começa, de súbito, a cantar em tom agudo: Fodemos as nossas mulheres quando nos apetece. Aprendi-a nos meus tempos em Regensen, explica. Quando morava lá, era vegetariano. Às vezes imagino que és minha irmã, tartamudeia ele, e curva-se de novo em direção ao chão. O incesto é mais comum do que as pessoas acham. Então,

tenta fazer sexo comigo, e sinto, pela primeira vez, medo dele. Não, digo, e esforço-me por o repelir, conquanto me faltem as forças. Deixa-me em paz, preciso de dormir. Quando se vai embora, desperto por completo. É doido varrido, digo para comigo, e eu estou a morrer. Tento concentrar-me nestas duas ideias, que surgem como duas linhas verticais dentro da minha cabeça, mas perco-as como se fossem algas arrastadas pelas ondas tempestuosas de um mar encapelado. Não me atrevo a fechar os olhos, porquanto receio as minhas visões tenebrosas. Será dia ou noite? Ergo o corpo apoiando-me num cotovelo e deslizo para fora da cama. Apercebo-me de que não tenho forças para me levantar e decido atravessar o quarto de gatas. Por fim, levanto-me apoiada na cadeira da secretária. Sento-me. O esforço foi tal que tenho de pousar a cabeça no teclado da máquina de escrever para descansar. Estou ofegante, arfo e os meus pulmões gemem envoltos em silêncio. Tenho de agir antes que o cloral deixe de fazer efeito. Tenho na minha mão o papel com o número de telefone do Geert Jørgensen. Acendo o candeeiro da secretária, marco o número e espero que alguém atenda o telefone. Estou sim, diz uma voz tranquila, ligou para Geert Jørgensen. Identifico-me. Oh, é você, diz ele. Ligou-me cá a uma hora... acordou-me. Passa-se alguma coisa? Estou doente, digo, ele tem enchido a seringa com água. Qual seringa? A da petidina, digo. Não lhe consigo explicar mais nada. Ele dá-lhe peditina? Isso não é como metadona?, pergunta ele, agora alerta. Há quanto tempo lhe dá isso a tomar? Não sei, sussurro, já a dá há alguns anos, acho, mas agora não quer continuar a dar-ma. Estou a morrer. Ajude-me. Pergunta-me se o posso visitar no dia seguinte, e eu respondo que não. Pede-me então para falar com o Carl, e chamo por ele o mais alto que consigo enquanto pouso o auscultador do telefone na secretária. O Carl assoma à porta com o seu pijama às riscas. O que se passa?, pergunta ele, ensonado. É o Geert Jørgensen, digo, ele quer falar contigo. Ah, sim?, diz ele com toda a tranquilidade, e coça o queixo, que não barbeou. Nesse caso, tenho a carreira arruinada. Di-lo sem amargura, sem nenhum laivo de repreensão, e naquele momento não sei a que se refere. Estou, diz ele ao telefone, e depois fica em silêncio por muito tempo, porque o seu interlocutor está a falar. Apesar de me ter afastado, ouço o quão agitado e furioso está. O Carl diz apenas: Está bem, amanhã às duas. Estarei aí. Sim, explico tudo amanhã. Depois de desligar, sorri-me de forma estranha. Queres uma injeção?, pergunta ele com delicadeza. Desta vez ponho

petidina que chegue, porque isto merece que celebremos. Vai buscar a seringa, e a felicidade e a doçura de há muito tempo fluem-me uma vez mais no sangue. Estás zangado comigo?, pergunto enquanto lhe passo os dedos pelo cabelo. Não, diz ele, e levanta-se. Toda a gente tem de olhar por si. Em seguida, observa tudo em seu redor, demorando o olhar em cada móvel como se pretendesse absorver o quarto e a mobília. Lembras-te, pergunta ele, lentamente, de como estávamos felizes no dia em que nos mudámos para cá? Sim, digo com uma voz arrastada, e podemos estar de novo. Telefonar-lhe foi uma patetice. Não, diz ele, foi a saída que encontrei. Vão internar-te e tudo ficará bem. E as crianças?, pergunto, lembrando-me de súbito delas. Têm a Jabbe, diz ele, não as vai abandonar. E tu, digo, qual é a tua saída? Eu estou acabado, diz ele com toda a calma, mas não te preocupes com isso. Temos ambos de salvar o que nos for possível salvar.

No dia seguinte, regressa da casa do Geert Jørgensen mais calmo do que o via há muito tempo. Tens de ser internada, diz ele enquanto despe o casaco de motociclista, para uma desintoxicação. Começas assim que houver vaga no Oringe, e até lá podes injetar toda a petidina que te apetecer. Não é fantástico? Sim, claro que é, digo, e apercebo-me de que disse a mesma coisa quando ele me propôs ser operada ao ouvido. E tu, pergunto, o que vais fazer? Vou ter problemas com o Ministério da Saúde, diz ele com fingida indiferença, mas dou conta do assunto. Tens mais em que pensar, já tens chatices que cheguem.

A Jabbe entra em êxtase quando lhe digo que vou ser internada. A senhora vai finalmente melhorar, diz ela, e os seus amigos e a sua família também vão ficar felizes, coitadinhos, têm andado tão preocupados. No dia em que serei internada, carrega-me em braços até à casa de banho e lava-me da cabeça aos pés. Também me lava o cabelo, e a água escurece de tanta sujidade. Quando me transporta de volta à cama, diz: A senhora pesa tanto quanto a Helle. O Carl entra no quarto e dá-me uma injeção. Esta é a última, diz ele, mas vou pedir-lhes que façam as coisas com calma. Acompanho-te até lá.

Ponho um braço em volta do pescoço do senhor da ambulância que me carrega pelas escadas abaixo. Parece preocupado e sorrio-lhe. Devolve o sorriso e denoto alguma empatia nos seus olhos. O Carl senta-se ao lado da maca e olha abstraidamente para o vazio. De repente, dá uma risadinha,

como se tivesse tido um pensamento obsceno. Colhe duas partículas de poeira e enrola-as entre as mãos. Nada nos garante, diz ele com toda a naturalidade, que nos voltemos a ver. Depois, acrescenta: Para ser sincero, a tua dor de ouvido nunca me convenceu totalmente. É a última frase que o ouço dizer.



Estou deitada na cama, com a cabeça ligeiramente levantada da almofada, e olho para o meu relógio de pulso. Com a outra mão, limpo o suor que me escorre da fronte. Fito o ponteiro dos segundos, porque o dos minutos não se mexe, e de vez em quando levo o relógio ao meu ouvido bom, porque receio que tenha parado. Dão-me uma injeção a cada três horas, e a última das três horas é sempre mais longa do que todos os anos que vivi neste mundo. Dói-me o pescoço por tanto manter a cabeça levantada, mas, se a pousar na almofada, as paredes começam a fechar-se sobre mim, aproximando-se cada vez mais, até não haver ar suficiente no meu quartinho. Se pousar a cabeça, todas as criaturas maléficas me saltam em cima da coberta da cama – bichinhos asquerosos, minúsculos, semelhantes a baratas, que me correm aos milhares pelo corpo e me entram pelo nariz, pela boca, pelos ouvidos. Acontece o mesmo se fechar os olhos por um só instante. Os bicharocos aparecem de imediato, e não tenho como os repelir. Quero gritar, mas não consigo abrir a boca. Além disso, vi-me, aos poucos, obrigada a admitir que não vale a pena gritar. No fim de contas, ninguém me acode antes da hora estipulada. Estou amarrada à cama com um cinto de couro que se me crava na cintura e me dificulta virar-me para os lados. Eles nunca mo tiram, nem sequer quando trocam os lençóis que tenho por baixo, e que estão sempre cheios de excrementos. «Eles» são uma coisa azul e branca que passa fugazmente defronte dos meus olhos sem jamais adquirir qualquer identidade. Agora são eles quem controla a situação, não vale a pena gritar pelo Carl até perder a voz. São três menos cinco. Às três vêm dar-me uma injeção. Como é possível que cinco minutos pareçam cinco anos? O relógio faz tiquetaque ao meu ouvido ao compasso do batimento tresloucado do meu coração. O meu relógio talvez esteja adiantado, embora

o acertem continuamente a meu pedido. Talvez se tenham esquecido de mim, talvez estejam ocupados com outros pacientes, cujos gritos e gemidos me chegam do mundo desconhecido que se encontra para lá da porta do meu quarto.

Bem, diz uma boca que me parece ir de uma orelha a outra numa cara demasiado grande se comparada com o resto do corpo, está na hora da sua injeção. Dão-me numa coxa, e demora algum tempo a fazer efeito. Só me faz sentir um pouco melhor. Consigo, por fim, pousar a cabeça na almofada, e paro de tremer como varas verdes. O rosto entre o azul e o branco aproxima-se mais. É um rosto tão puro e meigo quanto o de uma freira, e compreendo que esta pessoa não me quer mal. Fale um bocadinho comigo, peço, e ela senta-se ao meu lado e enxuga-me o suor da fronte. Isto há de acabar em breve, vai ver, diz ela. Vamos curá-la, garanto-lhe, mas chegou-nos mesmo no último momento, mais um pouco e já não havia volta a dar. Onde está o meu marido?, pergunto. O Dr. Borberg vem cá falar consigo daqui a pouco, diz ela, esquivando-se à minha pergunta. Mas primeiro temos de a limpar e pôr apresentável. Em seguida, um par de braços fortes erguem-me acima do colchão enquanto mudam o lençol. Lavam-me e vestem-me uma camisa branca, limpa. O pior são os bicharocos, digo. Eu livro-a deles, diz ela, só tem de me chamar quando aparecerem, e eu afasto-os todos. Agora ouça-me: seja uma boa menina e beba o que lhe damos, por favor. Está muito desidratada. Não se apercebe disso? Não tem sede? Ergue-me a cabeça e leva-me um copo aos lábios. Beba, vá, diz ela, claramente preocupada. Bebo o líquido tal qual me pede e até lhe peço mais. Muito bem, diz a voz, portou-se lindamente.

Então chega o Dr. Borberg, a única pessoa neste mundo de tormento que distingo com clareza. É um homem com trinta e tal anos, alto, loiro, com um rosto ameninado e olhos sagazes e simpáticos. Pergunta-me se estou em condições de falar um momento com ele. Depois, diz: O seu marido foi internado no Rigshospitalet, está a passar por um surto psicótico gravíssimo. O Ministério da Saúde abriu um processo contra ele, mas agora talvez o encerrem. E as crianças?, pergunto, horrorizada, sem ele lá, a Jabbe não tem dinheiro. Tenho de voltar já para casa. A senhora só volta para casa daqui a seis meses, diz com firmeza o médico, mas a vossa governanta precisa de dinheiro, como é óbvio. Falei com ela ao telefone, e disse-me que a vem visitar em breve. Vou garantir que fala com ela logo depois de lhe darmos

uma injeção. Ele vai-se embora, e a injeção deixa, aos poucos, de fazer efeito. E, uma vez mais, ergo a cabeça acima da almofada e olho para o relógio, e no mundo só existimos nós os dois: o relógio e eu.

Quando a Jabbe me visitou, dei-lhe a nossa caderneta bancária, que o Carl tinha deixado na maca durante a viagem na ambulância. Pedi-lhe também que tirasse o manuscrito do meu último romance do armário no quarto do Carl, e que o entregasse à editora. Pedi-lhe também que cuidasse das crianças até eu regressar a casa; ela prometeu-mo que assim faria, disse-me para não me preocupar. Sempre fiel, a pobre Jabbe fitou-me de olhos húmidos enquanto me acariciava a mão. Em seguida, perguntou-me se me estava a alimentar como devia ser antes de começar a falar-me das crianças. Eu, no entanto, não consegui prestar atenção ao que me dizia. Agora tem a bondade de te ires embora, Jabbe, disse eu, enquanto transpirava por todo o corpo. Diz às crianças que em breve já estarei boa e que estou ansiosa por vê-las. O seu marido, disse ela com ar amedrontado, não vai regressar a casa de repente, pois não? Não, respondi, acho que ele nunca mais vai regressar a casa.

Os meus sofrimentos foram diminuindo pouco a pouco. Podia, por fim, pousar a cabeça na almofada sem sentir que as paredes se fechavam em redor da minha cama, e deixei de olhar continuamente para o relógio. Não mais constrangida pelo cinto de cabedal, permitiam-me ir à casa de banho amparada por uma das enfermeiras. Havia uma enfermaria, contígua ao meu quarto, repleta de camas; eram tantas e estavam tão próximas umas das outras que havia apenas espaço para se circular entre elas. A maioria dos pacientes estava presa à cama com presilhas e cintos, e alguns deles calçavam também luvas de grandes dimensões. Fitaram-me com olhos vazios, vidrados, e agarrei-me com mais força à enfermeira. Não tenha medo, disse ela, estas pessoas estão muito doentes, mas não fazem mal a ninguém. No entanto, gritavam e gemiam tanto que não conseguíamos ouvir o que nós próprias dizíamos. Porque estou aqui?, perguntei. Não tenho nenhuma doença psiquiátrica. Estamos numa ala reservada, com acesso controlado, disse ela. Quando cá chegou, não havia outro sítio onde a pudéssemos internar. Estou certa de que a vão transferir para uma ala aberta quando melhorar um pouco mais. Venha cá, disse ela, com gentileza, enquanto me conduzia a um lavatório. Lave as mãos, veja se consegue sem a minha ajuda. Quando endireito a cabeça e me vejo ao espelho, levo a mão



à boca para conter um grito. Esta não sou eu, digo, esta cara não é minha. Não é possível. Vejo, no espelho, o rosto desgastado e envelhecido de uma desconhecida com uma pele acinzentada e escamada e olhos inflamados. Pareço ter setenta anos, digo, e choro amparada pela enfermeira, que encosta a cabeça ao meu ombro. Pronto, pronto, está tudo bem, diz ela. Desculpe, devia ter previsto que ia acontecer, mas não chore. Vai melhorar muito quando lhe começarmos a dar insulina. Vai ganhar peso e parecer outra vez jovem. Prometo-lhe. Está sempre a acontecer. De volta à cama, olho para os meus braços e para as minhas pernas, que mais parecem fósforos, e por um instante sinto-me furiosa com o Carl. Depois lembro-me de que também sou, em parte, culpada pelo que aconteceu, e a raiva depressa desaparece.

Cedo na manhã seguinte, deram-me uma injeção de insulina. Dormira mal naquela noite e adormeci de novo. Só voltei a acordar às nove e meia. Estava esfomeada. Não parava de tremer, e vi pontos negros passarem-me pelos olhos. Todo o meu corpo suplicava por comida, tal como antes suplicara por petidina, e corri até ao corredor para chamar a Sra. Ludvigsen, a enfermeira. Estou enjoada, disse eu, pode trazer-me comida? Deu-me o braço e levou-me de volta para o quarto. Habitualmente, disse ela, só lhe servimos uma refeição às dez, mas eu trago-lha já. Não faz mal se for só esta vez. Quando me trouxe a refeição – composta por pão de centeio com queijo e pão de trigo barrado com compota –, lancei-me à comida ainda antes de ela conseguir pousar o tabuleiro. Atafulhei-me de comida, enfiando à bruta o pão na boca. Mastiguei e engoli o pão num ápice e logo me apropriei de mais enquanto uma sensação de bem-estar físico, que me era até então desconhecida, se me espalhava pelo corpo. Sinto-me ótima, disse eu por entre dois tragos de leite. Posso comer tanto quanto me apetecer? A Sra. Ludvigsen riu-se. Sim, disse ela, até nos pode levar à falência, porque é uma maravilha vê-la comer. Levou-me mais pão, que comi como uma louca enquanto me ria de felicidade. Estou tão contente, disse eu. Acho que vou finalmente voltar a ser saudável. Não me vão tirar a insulina, pois não? Só quando tiver recuperado o peso normal, disse ela. Depois vesti uma camisa do hospital e sentei-me numa cadeira junto à janela. Lá fora havia um grande relvado bem cuidado, e entrevi, entre dois edifícios baixos, uma faixa de água azul com espuma branca. Era outono e não faltavam montículos de folhas secas por todo o jardim. Alguns homens com

uniformes às riscas tratavam de as empilhar sem grande entusiasmo. Quando posso sair para dar uma volta?, perguntei à Sra. Ludvigsen, que me estava a pentear. Em breve, prometeu. Uma de nós acompanha-a, porque ainda não está autorizada a sair sozinha.

Seguiu-se um período em que olhava para o relógio para ver se faltava muito para me servirem algo de comer. Estava sempre ansiosa pela próxima refeição e comia como um pedreiro. Engordei, e pesavam-me dia sim, dia não. Quando dei entrada no hospital, pesava 30 quilos, mas depressa cheguei aos 40. Conseguia caminhar sem ajuda, e todos os dias saía e falava sem parar com a enfermeira acerca de tudo e mais alguma coisa, porque estava de excelente humor, e apercebi-me de que me sentia como no já distante período de felicidade que vivera antes de conhecer o Carl. Podia telefonar para casa todos os dias, e até falava com a Helle. Tinha agora seis anos e frequentava a escola. Mãe, porque não te casas outra vez com o pai?, perguntou ela. Não gosto do pai Carl. Ri-me e disse que talvez lhe fizesse a vontade, mas que não sabia se o pai dela me queria de volta. Ele já não bebe, disse ela, esperançosa. Agora vai às aulas. Esteve cá ontem com o Victor. O Victor deu-nos rebuçados e caramelos. Foi muito simpático. Perguntou se eu vou ser poetisa como a minha mãe.

Uma tarde, logo após ter comido, o Dr. Borberg foi falar comigo. Temos de conversar, disse ele quando se sentou, o assunto é sério. Sentei-me na borda da cama e fitei-o expectante. Estou outra vez bem de saúde, disse eu, estou tão feliz. Ele explicou-me então que eu estava a recuperar a saúde física, mas que a situação não era assim tão simples. Haveria um processo de estabilização, e era isso que demorava mais tempo. Eu teria de aprender a levar uma vida tranquila, sem sobressaltos, e aos poucos acabaria por esquecer completamente a petidina. É natural que se sinta saudável, feliz e protegida neste ambiente hospitalar, disse ele. Mas quando regressar a casa e enfrentar adversidades – como todos nós –, vai sentir de novo a tentação. Não sei, disse ele, quando é que o seu marido vai recuperar em definitivo a saúde mental, se é que alguma vez a teve, mas nunca mais o pode ver, aconteça o que acontecer, e vamos garantir que ele nunca mais a irá procurar. O médico perguntou-me se alguma vez tinha consultado outros médicos, e respondi-lhe que não. Perguntou também se o Carl me dera algo além da petidina, e eu mencionei a butalgina. A butalgina é tão perigosa quanto a petidina, disse ele. Nunca mais pode tomar nada disso, entendeu?

Prometi-lhe que nunca mais tocaria em nenhuma das duas drogas, porquanto jamais esqueceria o sofrimento atroz de que padecera por sua causa. Vai esquecer, vai, disse ele, sério, vai esquecer tudo não tarda muito. Se algum dia se sentir tentada a tomar alguma dessas drogas, vai pensar: que mal me pode fazer? Vai acreditar que consegue controlar o desejo e, sem dar por ela, já está outra vez viciada. Ri-me, jovial, e disse: Não me tem em grande conta, pois não? Já tivemos experiências muito tristes com toxicodependentes, disse ele. Só um em cada cem recupera por inteiro. Isto dito, sorriu e deu-me uma palmadinha no ombro. Mas às vezes penso que a senhora é essa pessoa em cada cem, disse ele, porque o seu caso é muito invulgar, e porque, ao contrário de muitos dos viciados que tentamos curar, tem algo por que viver, que a instigue a tentar. Antes de se ir embora, deu-me autorização para passear a sós no jardim uma hora por dia.

O tempo decorreu e já me sentia em casa na minha ala e no bonito parque que cercava o hospital, e onde de vez em quando tinha uma conversa interessante com outro paciente. Sentia-me tão ligada ao pessoal médico que rejeitei uma oferta de transferência para uma ala melhor. A Jabbe levou-me a minha máquina de escrever e as minhas roupas, que estavam em péssimo estado, já que não comprava peças novas há anos. Certificou-se também de que tinha algum dinheiro comigo, e um dia autorizaram-me a ir sozinha a Vordingborg para comprar um casaco de inverno. Tinha apenas o velho sobretudo que comprara quando andava com o Ebbe, e com o qual rapava frio. Fui à cidade ao fim da tarde. Estava quase a anoitecer e no céu já se entreviam algumas estrelas pálidas, cujo brilho se esbatia sob o efeito da iluminação pública. Estava serena e bem-disposta, e não parava de pensar no Ebbe e nos momentos de felicidade que vivêramos juntos. Pensei demoradamente no que a Helle me dissera: Mãe, porque não te casas outra vez com o pai? Tentara por várias vezes escrever-lhe cartas, que acabavam sempre no caixote do lixo. Causara-lhe muita tristeza desnecessária, e ele jamais conseguiria perceber porquê.

Depois de comprar e de vestir o casaco, regressei a pé pela rua principal sem me deter para apreciar as montras das lojas. Tinha fome e estava ansiosa para jantar. Foi então que, de repente, a montra bem iluminada de uma farmácia me atraiu a atenção. Emanava uma luz difusa de recipientes de mercúrio e cilindros de vidro repletos de cristais. Parei para contemplar a montra e a vontade de ingerir pequenos comprimidos brancos – que poderia

obter tão facilmente – foi-se espalhando dentro de mim como se de um líquido escuro se tratasse. Horrorizada, apercebi-me, ainda diante da montra, que o vício existia ainda dentro de mim como podridão dentro do tronco de uma árvore, ou como um embrião que crescesse sem a minha intervenção e sem atentar aos meus desejos. Afastei-me da farmácia com relutância e continuei a caminhar. O vento fez com que o meu cabelo, então comprido, me cobrisse o rosto. Prendi-o com fúria atrás das orelhas e lembrei-me do que o Dr. Borberg me tinha dito: Se algum dia se sentir tentada... Quando cheguei ao hospital, tirei uma folha de papel da resma junto à máquina de escrever e observei-a com minúcia. Ser-me-ia fácilimo recortá-lo com uma tesoura, passar uma receita de butalgina e aviá-la na farmácia. Mas pensei em tudo o que tinham feito por mim ali, e em como o pessoal médico se mostrara genuinamente feliz com a minha recuperação, e senti que não os podia desiludir daquela maneira. Não enquanto estivesse ali internada. Tranquei-me na casa de banho, ganhei coragem e olhei-me ao espelho. Não me via ao espelho desde o dia em que o meu reflexo me chocara. Sorri de felicidade e toquei nas minhas faces cheias e macias. Os meus olhos estavam agora límpidos, o meu cabelo lustroso. Não parecia um dia mais velha do que na realidade era. Porém, quando fui para a cama e me deram a minha dose de cloral, permaneci acordada por muito tempo a pensar na montra daquela farmácia. Pensei em como trabalhara tão bem sob o efeito da butalgina – no fim de contas, teria apenas de não aumentar a dose. Mas depois lembrei-me do sofrimento interminável por que passara durante a desintoxicação e pensei: não, nunca mais me meto nisso! No dia seguinte, escrevi uma carta ao Ebbe para lhe pedir que me visitasse. Recebi a resposta alguns dias depois. Escreveu-me que, se o tivesse chamado meses atrás, teria voltado para mim num abrir e fechar de olhos. Contudo, entretanto conhecera outra mulher, e a vida começava a correr-lhe de feição. Não podes decerto estar à espera, escreveu ele, de encontrar no mesmíssimo lugar em que a viste pela última vez uma pessoa que abandonaste há cinco anos.

Chorei quando li a carta do Ebbe. Nunca nenhum homem me tinha rejeitado. Depois pensei na casa na Ewaldsbakken, no quintal maltratado e nos meus três filhos, que já não conheciam a mãe, tal como eu acreditava já não os conhecer. Quando voltasse a casa, ficaria a sós com eles e com a Jabbe, e parecia-me que tal não se me adequava, que não teria estofo para

viver assim. Durante o resto da minha estada em Oringe, nunca mais voltei à cidade, para assim não ter de ver a montra daquela farmácia.

Já é primavera quando regresso à casa na Ewaldsbakken. Os jardins cheiram a forsítias e magnólias, que se encontram suspensas sobre a nossa sebe, rente à estreita estrada de terra batida. A Jabbe serviu chocolates e bolos caseiros, e as crianças – todas elas aprumadas e limpas – estão sentadas à mesa. No centro da mesa está uma placa de cartão encostada a um jarro com flores, na qual está escrito, em maiúsculas um tanto tortas, *Bem-vinda a casa, Mãe*. A Helle diz que foi ela que o fez sozinha. Fita-me com os olhos amendoados do Ebbe. Aguarda os meus elogios, pela certa. Os dois pequenotes mostram-se tímidos e não abrem a boca, e quando tento afagar a cabeça da Trine, a nossa pequena forasteira, ela afasta-me a mão e, em jeito de repreensão, aproxima-se da Jabbe. Então, não reconheces a tua própria mãe, repreende-a a Jabbe. Ocorre-me que foi a Jabbe quem os ajudou a dar os primeiros passos, quem palrou com eles, brincou com eles e lhes cantou canções de embalar à noite. Só a Helle mostra alguma familiaridade comigo e fala como se eu nunca me houvesse ausentado. Diz-me que o pai dela se casou com uma mulher que, como eu, escreve poesia. Mas tu és muito mais bonita, diz ela num ímpeto de lealdade filial, e a Jabbe ri-se quando me serve uma bebida qualquer. A tua mãe, diz a Jabbe, continua tão bonita quanto da primeira vez que a vi. Quando, mais tarde, as crianças vão para a cama, sento-me na sala a conversar com a Jabbe, que comprou uma garrafa de licor para celebrar o meu regresso. Enquanto falamos e bebericamos o licor, o vazio que carrego dentro de mim como uma saudade indefinível diminui um pouco. É melhor beber um copinho de vez em quando, diz a Jabbe, que está corada, e cujos olhos adquiriram um brilho invulgar, do que meter para dentro toda aquela porcaria que o seu marido lhe dava. Então agora queres fazer de mim uma alcoólica?,

pergunto. É como saltar da panela para o lume! Rimo-nos e estabelecemos que a partir de agora tirará folga todas as quartas-feiras à tarde, e também fim de semana sim, fim de semana não. A pobrezinha não tem férias há anos. Pergunta-me o que deve fazer da vida, e sugiro-lhe que ponha um anúncio no jornal para procurar marido. Penso fazer o mesmo. As pessoas não foram feitas para viverem sozinhas, digo. Muno-me de papel e lápis e divertimo-nos imenso a engendrar dois anúncios, nos quais nos descrevemos como detentoras de todos os atributos que um homem pode desejar. Perdemos-nos em brincadeiras tontas e deito-me tarde. A Jabbe decorou o meu quarto com flores frescas, mas sou de repente tomada de assalto pelas recordações de tudo por que passei nesta divisão e deito-me na cama sem sequer me despir. Julgo entrever um vulto dentro no quarto, uma sombra que caminha de um lado para o outro e apanha fios invisíveis do chão enquanto murmura para consigo algo ininteligível. Onde é que ele estará agora? Vou à janela, abro-a e debruço-me sobre o parapeito. O céu está limpo e estrelado. A pega do Grande Carro está diretamente apontada para mim, e um casal está a abraçar-se na estrada mal iluminada. Beijam-se debaixo de um candeeiro público. Depressa fecho a janela, pois apercebo-me de que me sinto tal qual como quando estava casada com o Viggo F. — quando o mundo inteiro estava repleto de casais de namorados. Pesarosa, dispo-me e meto-me na cama. Só então dou conta de que me esqueci do leite em que devia misturar o cloral. Trouxe um frasco de cloral do hospital, e o Dr. Borberg diz que me vai enviar uma receita para que compre mais quando este acabar. Não quer que eu consulte outros médicos. Quando se despediu de mim, pediu-me que lhe telefonasse se tivesse problemas, ou só para que soubesse como eu estava a passar. Vou à cozinha buscar leite e logo regresso à cama. Tomo três doses, ao invés das habituais duas, e, enquanto o efeito relaxante do medicamento se me propaga pelo corpo, penso que é primavera, que ainda sou nova, e que nenhum homem está apaixonado por mim. Abraço-me e, sem que disso me aperceba, comprimo a almofada e puxo-a para junto de mim, como se fosse um ser vivo.

Os dias decorrem rítmica e regularmente, e passo-os na companhia da Jabbe e dos meus filhos. Sinto-me triste sempre que fico a sós no quarto, e não me apetece, de todo, escrever. As crianças habituam-se a mim, e agora interpelam-me tão amiúde quanto à Jabbe. A Jabbe diz que eu devia sair e conhecer pessoas, quer que retome as visitas à minha família e aos meus

amigos, mas algo me coíbe de o fazer. Talvez seja o meu velho medo de que alguém descubra o que se passou na minha casa. Uma manhã acordo deprimidíssima. Ouço a chuva que cai lá fora e o meu quarto enche-se de uma luz cinzenta, sinistra. A montra da farmácia em Vordingborg surge como uma imagem mental nítida, como se não a tivesse visto apenas uma, mas cem vezes. Vejo a pilha de papel na minha secretária. Só duas doses, penso, duas todas as manhãs, nunca mais do que isso. Que mal podia fazer? Saio da cama e estremeço de desconforto. Depois sento-me à secretária, pego numa tesoura e recorto um retângulo de uma das folhas de papel. Escrevo com cuidado, visto-me, e digo à Jabbe que vou fazer uma caminhada. Assinei o nome do Carl e tenho a certeza de que, esteja onde estiver, ele me cobrirá a falcatrua, se se chegar a tal ponto. Quando regresso a casa, tomo dois comprimidos e fico a olhar para o frasco. Passei uma receita de duzentos comprimidos. Lembro-me de quanto sofri durante a desintoxicação e ouço a voz débil do Dr. Borberg: Não tardará a esquecer. De repente, assusto-me ante as minhas ações e guardo os comprimidos no armário. Sem saber ao certo porquê, escondo a chave debaixo do meu colchão. Os comprimidos fazem, por fim, efeito e invade-me uma felicidade enérgica que me impele a sentar-me à máquina de escrever e a datilografar a primeira estrofe de um poema que há muito tinha em mente escrever. A primeira estrofe flui sempre com facilidade. Quando termino o poema e me dou por satisfeita com o resultado, sinto uma necessidade repentina de falar com o Dr. Borberg. Telefono-lhe e ele pergunta-me como tenho passado. Bem, respondo. O céu é azul e a erva está mais verde do que é habitual. Pausa no outro lado da linha. Então, diz com brusquidão: Ouça lá, o que é que tomou? Nada, minto, só me sinto bem. Porque pergunta? Esqueça, diz ele com uma gargalhada, eu é que sou desconfiado por natureza, só isso. Desço ao rés do chão, entro na cozinha e ajudo a Jabbe a descascar batatas. As crianças correm e saltam à nossa volta. Como é domingo, a Helle não foi à escola. Tomamos café à mesa da cozinha, e depois levo as crianças para o quarto delas, onde lhes leio alguns contos dos irmãos Grimm. Findo o almoço, sinto-me tão abatida e preocupada que a Jabbe me pergunta, inquieta, se se passa alguma coisa. Não, digo, só preciso de fazer uma sesta. Deito-me na minha cama com as mãos debaixo da cabeça e fito o teto do quarto. Mais dois, penso, não fariam mal nenhum, tendo em conta a quantidade que costumava tomar antigamente. Quando entro no quarto do



Carl, constato que a chave do armário não se encontra na fechadura. Onde diabo a terei metido? Não faço ideia, e de repente o pânico apodera-se de mim. Um suor frio, angustiado, humedece-me os sovacos e viro e reviro o quarto até o deixar de pantanas. Procuro a chave como uma louca e lembro-me de que é domingo. Tenho quase a certeza de que a farmácia está fechada. Esvazio as gavetas da secretária em cima da mesa; viro-as ao contrário e apalpo-lhes o fundo, mas não encontro a chave. Preciso daqueles comprimidos, bastam-me dois, e não consigo pensar em mais nada. Desço ao rés do chão. Jabbe, digo, aconteceu-me uma coisa terrível. A chave do armário desapareceu, e tenho lá dentro uns papéis de que preciso agora mesmo. Não posso esperar até amanhã. A Jabbe, sempre pragmática, diz que podemos muito simplesmente chamar um serralheiro. Foi o que ela fez numa ocasião em que saiu de casa e deixou a chave do lado de dentro. Trabalham todos os dias e a toda a hora, diz ela, e encontra o número de um serralheiro na lista telefónica. Corro até ao telefone no primeiro andar e explico ao homem que atende a chamada que perdi a chave de um armário. Dentro do armário tenho um medicamento importantíssimo de que necessito o quanto antes. O serralheiro vai a nossa casa e destranca a fechadura. Aqui tem, minha senhora, já não tem de se preocupar. São vinte e cinco coroas, por favor. Quando ele se vai embora, tomo quatro comprimidos e noto – com a parca lucidez e capacidade de observação que ainda me resta – que já caí outra vez na armadilha, e que só um milagre me poderá salvar. Mas no dia seguinte tomo apenas dois comprimidos de manhã, tal como havia decidido. E quando me sinto tentada a tomar mais, satisfaço-me ao tão-só segurar no frasco. Tenho-o na minha mão e não me vai fugir. É meu e ninguém mo pode tirar.

Algumas noites depois, o toque do telefone acorda-me. Olá, diz uma voz abafada, daqui fala o Arne. A Sinne está em Londres, vamos divorciar-nos quando ela voltar. Mas não é por isso que te estou a ligar. O Victor está aqui em minha casa: estamos a beber um copo e queremos visitar-te. Quase não dá para acreditar que tu e o Victor nunca se viram. Podemos passar por aí? Não, respondo, irritada. Estava a dormir. Mas ele não se cala: Então e que tal amanhã, de dia? Digo que sim só para me livrar dele. De volta à cama, e depois de ter arrancado o cabo do telefone da ficha, lembro-me que a Jabbe tem folga no dia seguinte. Com sorte, não voltam a ligar. De manhã já me esqueci da chamada. Engulo os meus dois comprimidos, desço e tomo o

pequeno-almoço com a Jabbe e as crianças. Depois de a Jabbe sair, o telefone toca de novo. É o Arne, que está ainda mais embriagado do que na noite anterior. Estamos aqui sossegadinhos n'O Verde a tomar uma cervejinha, diz ele. Passamos por aí daqui a meia hora. Assim que desliguei, subi ao primeiro andar e tomei quatro comprimidos, para assim aguentar a provação iminente. Em seguida, vesti os meus filhos e levei-os a dar um passeio na rua. Estava-se em julho e enverguei um vestido azul de verão que comprara numa saída com a Jabbe. No regresso a casa, passou por nós um táxi, em cujo espelho retrovisor vi refletida a cara arredondada e embriagada do Arne. Ao seu lado seguia alguém que apenas vislumbrei e que não consegui identificar. O táxi parou defronte da casa que antecedia a nossa e os dois passageiros saíram com os braços atafalhados de garrafas. Ei, Tove!, gritou o Arne, cá estou eu com o Victor. Cumprimentei-os, e o homem que dava pelo nome de Victor beijou-me a mão. Parecia bastante sóbrio, e a minha irritação desapareceu por completo assim que o vi. Soltei as mãos das crianças, que correram para dentro de casa. Não conseguia ver os olhos do Victor por causa do sol, mas nunca vira lábios tão perfeitos quanto os dele. De resto, todo ele emanava uma certa vitalidade demoníaca e caótica que me fascinava. Convidei-os a entrar e o Arne adormeceu de imediato na cama do Carl. Pedi à Helle que cuidasse dos irmãos mais novos por algum tempo e levei o Victor para o meu quarto. Ele sentou-se e olhou-me sem dizer nada. Sentei-me noutra cadeira, o meu coração quase parecia querer saltar-me do peito. Senti uma mistura de felicidade e pânico. Um pânico semelhante ao que sentia quando, em criança, a minha mãe gritava que não aguentava mais e se ia embora, e o meu irmão e eu não sabíamos o que seria de nós. O Victor ajoelhou-se à minha frente e começou a acariciar-me os tornozelos. Amo-te, disse ele, amo os teus poemas. Quero conhecer-te há anos. Obriguei-o a olhar-me nos olhos e disse: Até agora, pensava que aquela conversa de amor à primeira vista não passava de uma mentira. Segurei-lhe na cabeça com as duas mãos e beijei-lhe os lábios, que eram de facto lindos. Sob os seus olhos cansados havia sombras profundas cor de fumo, e duas rugas marcavam-lhe as faces como se se tratassem de sulcos abertos por lágrimas. Tinha um rosto pleno de sofrimento e paixão. Não me abandones, disse eu, convicta. Nunca mais me deixes só. Foi algo estranho de se dizer a alguém que nunca tinha visto, mas o Victor não pareceu minimamente surpreendido. Não abandono, disse ele, puxando-me para

mais perto dele, nunca mais te deixo sozinha. Depois descemos ao rés do chão, onde encontrámos as crianças, que já o conheciam de visitas anteriores, já que ele tinha ido lá a casa algumas vezes enquanto eu estava em Oringe. Olha, Helle, disse ele, toma lá dez coroas. Vai comprar rebuçados vermelhos para vocês os três. Depois de comermos, a Helle olhou encantada para o Victor e disse: Mãe, não te podes casar com ele para termos outra vez um pai cá em casa? O Victor riu-se e disse: Vou pensar nisso.

Estou perdida de amores por ti, disse eu quando estávamos deitados na minha cama. Passas a noite comigo? Passo, sim, para o resto da vida, disse ele com um sorriso rasgado que deixou à mostra os seus dentes branquíssimos. Então e a tua mulher?, perguntei. Temos a lei do amor do nosso lado, disse ele. Essa lei, disse eu, beijando-o, dá-nos o direito a magoar outras pessoas. Fizemos amor e conversámos quase toda a noite. Falou-me da infância dele, que fora muito semelhante à do Ebbe; no entanto, foi como se a ouvisse pela primeira vez. Falei-lhe dos cinco anos de loucura que partilhara com o Carl e do meu internamento em Oringe. Não sabia que se podia adoecer tanto à conta das drogas, disse ele, surpreso, achava que era como quando bebemos cerveja, algo de que precisamos para conseguir enfrentar a vida. Acabou por adormecer, e eu contemplei-lhe o rosto, as narinas delicadas, a boca deliciosa. Lembrei-me da ocasião em que disse à Jabbe que gostaria de saber como era estar apaixonada por alguém. Agora já sabia, e era a primeira vez que me apaixonava desde que conhecera o Ebbe. Já não estava sozinha, e acreditei piamente que ele não me prometera ficar comigo para o resto da vida apenas por estar embriagado. Tomei o meu cloral e deitei-me bem junto a ele. O cabelo loiro do Victor cheirava a uma criança que tivesse acabado de entrar em casa depois de brincar ao sol no jardim.



Nos tempos que se seguiram, o Victor e eu raramente nos separávamos. Ele só ia a casa quando precisava que a mulher lhe lavasse ou engomasse uma camisa. Eu ria-me e dizia que no futuro talvez me coubesse realizar essas tarefas. O Victor tinha uma filha de quatro anos que adorava, e de quem falava amiúde. Faltava ao trabalho dia sim, dia não, e quando lá ia, ligava-me e falávamos ao telefone horas a fio. Era, tal como o Ebbe, licenciado em Economia e, tal como o Ebbe, também se interessava mais por literatura. O Victor andava de um lado para o outro do meu quarto e fingia ser o príncipe Andrei do *Guerra e Paz*, de Tolstoi, ou o d'Artagnan d' *Os Três Mosqueteiros*. Manejava uma espada invisível e encenava grandes cenas de batalha, nas quais representava todos os papéis. Elegante e ágil, saltava e corria por todo o quarto enquanto declamava passagens das referidas obras. Por fim, esgotado, deixava-se tombar na cama e ria-se. Nasci na época errada, dizia ele, com alguns séculos de atraso. Mas se tivesse nascido naquela altura, nunca te teria conhecido. Depois abraçava-me e esquecíamos que existia um mundo fora daquele quarto. Satisfazíamos o nosso desejo carnal, mas este logo se reacendia, e as crianças ficavam, uma vez mais, ao cuidado da Jabbe. É o que o amor tem de mais terrível, disse eu numa ocasião: perdemos o interesse pelas outras pessoas. Tens razão, concordou ele, e no fim dói sempre tanto. Um dia, chegou a minha casa contentíssimo e contou-me que a mulher dele lhe pedira o divórcio. O Victor mudou-se para minha casa, levando com ele apenas as suas roupas e os seus livros. Não era materialista. Por essa altura, recebi uma chamada de um advogado que o Carl encarregara de tratar do nosso divórcio. O advogado explicou-me que o Carl queria vender a casa para ficar com

metade do valor. Nesse caso, vendemo-la, disse o Victor, e procuramos outro sítio onde morar.

No entanto, uma sombra começou a encobrir os nossos dias de felicidade sem que o Victor se apercebesse de nada. Eu tomava cada vez mais butalgina por medo de adoecer caso não o fizesse. Perdi o apetite e, por conseguinte, peso, e o Victor disse que eu parecia uma gazela que decidira ser comida por um leão. Tomava os comprimidos ao acaso e nunca descobri ao certo de quantos precisava. De vez em quando tinha vontade de telefonar ao Dr. Borberg e de lhe contar o que se passava. Senti-me também tentada a confessar-me ao Victor, mas coibi-me de tocar no assunto por receio de o perder.

Cedo numa manhã de domingo, fomos de bicicleta a Dyrehaven para tomar o pequeno-almoço num cafezinho sossegado onde nos tornáramos clientes habituais. Tinha tomado quatro comprimidos de butalgina antes de sairmos de casa, mas esquecera-me de levar o frasco comigo. Sentámo-nos à mesa sem desviar os olhos um do outro e o empregado sorriu-nos com condescendência. Sabe Deus em que estará a pensar, comentei. O Victor riu-se. Sabes certamente que não há nada de mais patético do que duas pessoas apaixonadas, disse ele. Acha-nos simplesmente graça. O Victor pousou a mão na minha. Pareces uma odalisca, disse ele, que teve de me explicar o que era uma odalisca. O céu estava limpo, não se via uma única nuvem, e os passarinhos cantavam de alegria ante as maravilhas da primavera. Um pintassilgo pousou na nossa toalha aos quadrados vermelhos e começou a debicar migalhas de pão, e esse instante marcou-se-me na memória como uma experiência que poderia, para todo o sempre, reviver, independentemente do que acontecesse no futuro. Passeámos de mão dada pela floresta, e falei ao Victor da minha relação com o Viggo F., e de como nessa época não suportava ver casais de jovens apaixonados. O tempo passou a correr e o Victor sugeriu voltarmos ao café para aí almoçarmos. De repente, senti um calafrio percorrer-me, como se me estivessem a atacar pelas costas, e soube de imediato de que se tratava. Soltei a mão do Victor. Não, disse eu, prefiro ir para casa. Ora, anda lá, deixa-te disso, disse ele, surpreso e um pouco desconfortável. Estamos a divertir-nos tanto, não há necessidade de voltar já para casa. Mantive-me no mesmo sítio e abracei-me para me tentar aquecer. Comecei a salivar e senti-me prestes a vomitar. De súbito, disse: Olha, deixei em casa uns comprimidos que tenho mesmo

de tomar. Não posso ficar aqui sem os tomar. Podemos ir para casa? Preocupado, perguntou-me que comprimidos eram, e eu respondi que ele não saberia de que se tratava se lhe dissesse o nome do composto químico. Então ainda és uma drogada, disse ele, inquieto. Julgava que namorar comigo te bastava. Enquanto voltávamos para casa de bicicleta, disse-lhe que pretendia reduzir a dose aos poucos, porque me queria livrar em definitivo do vício. Só precisava dele, de mais nada, o problema estava em sofrer ainda de uma dependência física que me obrigava a tomar os comprimidos. Enquanto pedalávamos lado a lado, disse-lhe também que iria telefonar ao Dr. Borberg, para lhe perguntar o que devia fazer. Trata disso assim que chegarmos a casa, disse ele num tom autoritário que não lhe conhecia. Quando chegámos a casa, tomei de imediato quatro comprimidos. Em seguida, liguei ao Dr. Borberg. Estou apaixonada, disse eu, estamos a viver juntos e ele chama-se Victor. Parabéns, mas espero que ele não seja médico!, disse o Borberg. Então, falei-lhe das receitas falsas e garanti-lhe que queria largar as drogas, mas que não o conseguiria sem ajuda. Fez-se um momento de silêncio. Depois, disse: Passe o telefone ao Victor, se faz favor. Eu assim fiz, e o Borberg falou com ele durante uma hora. Explicou ao Victor em que consistiam a minha toxicodependência e os meus comportamentos aditivos, e o que teria de enfrentar se de facto me amava. Quando a chamada terminou, o Victor era uma pessoa diferente. O seu rosto irradiava uma vontade férrea, implacável, e estendeu-me uma mão. Dá-me cá esses comprimidos, disse ele. Amedrontada, corri até ao armário e entreguei-lhos. Guardou-os no bolso. Dou-te dois por dia, disse ele, nem mais nem menos. E quando não restar nenhum, acabou-se, minha menina. Não vais falsificar mais receitas, ouviste? Se descobrir que forjaste mais uma que seja, nunca mais me pões a vista em cima. Já não me amas?, perguntei, chorosa. Sim, amo, disse ele. É precisamente por isso.

Sofri bastante nos dias que se seguiram. Mas o mal-estar passou e sentimo-nos de novo felizes. Agora acabou de vez, nunca mais caio nisto, prometi ao Victor. És mais importante para mim do que todos os comprimidos do mundo. Vendemos a casa e mudámo-nos, com a Jabbe e todas as crianças, para um apartamento de quatro assoalhadas em Frederiksberg.

Numa noite em meados do outono, a Helle adoeceu. Entrou no nosso quarto e enfiou-se na cama, deitando-se entre nós os dois. Tremia de febre.

Tinha dores de garganta e medi-lhe a temperatura: tinha mais de 40 graus. Perguntei ao Victor o que devíamos fazer, e ele disse que ia telefonar ao médico de serviço à noite. O médico chegou meia hora depois. Era um homem alto e simpático que observou a garganta da Helle e passou uma receita de penicilina em comprimidos. As crianças têm febre com mais facilidade que os adultos, disse ele, mas, só para jogar pelo seguro, vou dar-lhe já uma injeção. Quando abriu a malinha, deparei com seringas e ampolas, e a minha vontade de tomar petidina, que eu julgava morta e enterrada, reavivou-se e apoderou-se de mim com uma força incontável. O Victor adormecia sempre primeiro que eu; ademais, tinha o sono pesado. Na noite seguinte, esgueirei-me para fora da cama, entrei na sala e, com cuidado, levantei o auscultador do telefone. Marquei o número do médico de serviço e, enquanto esperava, sentei-me numa cadeira com as pernas fletidas debaixo do corpo. Deixei a porta aberta, para que ele não tocasse à campainha. A possibilidade de o Victor me apanhar em flagrante aterrorizava-me, mas o vício foi mais forte do que o medo. Quando o médico chegou, disse-lhe que tinha uma dor de ouvido atroz, e ele observou-me o ouvido que fora submetido a cirurgia. Tolerar a morfina?, perguntou. Não, disse eu, dá-me vómitos. Então vamos experimentar outra coisa, disse ele, e logo encheu uma seringa. Roguei aos céus para que fosse petidina. E foi. Regressei à cama, para junto do meu Victor, que dormia profundamente, e senti a felicidade e a doçura que tão bem conhecia propagarem-se-me pelo corpo. Feliz e com uma capacidade de raciocínio um tanto toldada, ocorreu-me que poderia recorrer àquele procedimento as vezes que me apetecesse. Não comportava grandes riscos.

Contudo, alguns dias depois, enquanto o médico de serviço nessa noite acabava de me dar a injeção, o Victor entrou de rompante na sala. Que raio se passa aqui?, gritou ele, furioso, ao médico assustado. Ela não está doente, não tem problema nenhum! Desapareça já daqui, e que eu não lhe ponha outra vez a vista em cima! Assim que o médico se foi embora, o Victor agarrou-me pelos ombros com tanta força que me magoou. Minha drogada de um raio!, disse ele. Se voltares a fazer isto, juro que acabo com tudo e te abandono.

Mas não me abandonou. Nunca me abandonou. Debateu-se com este rival avassalador com um vigor e uma raiva que me aterrorizavam. Sempre que se sentia tentado a desistir de lutar, telefonava ao Dr. Borberg, cujas

palavras de incentivo lhe davam novo alento. Vi-me obrigada a desistir de chamar os médicos de serviço à noite, porque o Victor já mal se atrevia a dormir. Porém, quando ia trabalhar, eu consultava outros médicos e convencia-os, sem grande dificuldade, a darem-me injeções. A fim de me proteger, falava, à noite, com o Victor e confessava-lhe o que fizera. Ele telefonou a muitos médicos, a quem ameaçou denunciar ao Ministério da Saúde, para que assim não mais os pudesse consultar. Todavia, na minha procura tresloucada por petidina não tardava a encontrar outros médicos. Pouco comia. Perdi novamente peso, e a Jabbe preocupava-se imenso com o meu estado de saúde. O Dr. Borberg disse ao Victor que eu teria de ser internada uma segunda vez se a situação não se alterasse, mas supliquei-lhe que me deixasse ficar em casa. Prometi-lhe que iria mudar, mas quebrei a promessa. Por fim, o Dr. Borberg disse ao Victor que só havia uma solução viável: teríamos de nos afastar de Copenhaga. Nessa altura, não tínhamos muito dinheiro, mas a editora Hasselbalch fez-nos um empréstimo e comprámos uma casa em Birkerød. Havia cinco médicos na freguesia, e o Victor visitou-os a todos assim que nos instalámos lá, proibindo-os terminantemente de me darem consultas. Como se me tornou impossível obter a droga, resignei-me aos poucos e comecei a aceitar a vida como ela era. O Victor e eu amávamo-nos e termo-nos um ao outro e às crianças era quanto nos bastava para sermos felizes. Retomei a escrita e, sempre que a realidade me perturbava, comprava uma garrafa de vinho tinto e partilhava-a com o Victor. Sobrevivi aos meus longos anos de toxicod dependência, mas o antigo vício, que se incrustou bem dentro de mim, ensombra-me sempre que tenho de fazer uma análise ao sangue ou passo diante da montra de uma farmácia. Enquanto for viva, nunca desaparecerá por completo.